



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Yuri Soares Franco

**A INFLUÊNCIA DO FORO DE SÃO PAULO NAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DAS
ESQUERDAS LATINO-AMERICANAS (1990-2019)**

BRASÍLIA-DF

2020

YURI SOARES FRANCO

**A INFLUÊNCIA DO FORO DE SÃO PAULO NAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DAS
ESQUERDAS LATINO-AMERICANAS (1990-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História
Linha de Pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

BRASÍLIA

2020

YURI SOARES FRANCO

**A INFLUÊNCIA DO FORO DE SÃO PAULO NAS ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DAS
ESQUERDAS LATINO-AMERICANAS (1990-2019)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História
Linha de Pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder

Brasília-DF, 10 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal (orientador)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Federico Domínguez Avila
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Martin Léon Jacques Ibanez de Novion
Universidade de Brasília

Agradeço a Deus, a minha família e ao povo brasileiro por financiar a universidade pública. A cada um e cada uma que me auxiliou a realizar esta pesquisa, meu muito obrigado!

*“Meu partido
É um coração partido
E as ilusões
Estão todas perdidas
Os meus sonhos
Foram todos vendidos
Tão barato que eu nem acredito
Ah! Eu nem acredito*

*Que aquele garoto
Que ia mudar o mundo
Mudar o mundo
Frequenta agora
As festas do Grand Monde*

*Meus heróis
Morreram de overdose
Meus inimigos
Estão no poder
Ideologia!
Eu quero uma pra viver
Ideologia!
Eu quero uma pra viver”*

(Cazuza. Ideologia, 1988)

RESUMO

O Foro de São Paulo é uma organização política continental, criada em 1990 por partidos políticos de esquerda e progressistas da América Latina e do Caribe, que ainda está ativa. Na presente dissertação, foi analisada a influência que o Foro teve sobre as estratégias políticas das esquerdas do continente, desde sua fundação até 2019. Em um cenário adverso para as esquerdas, desde a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, em um contexto de hegemonia mundial do neoliberalismo, líderes da esquerda do continente lograram êxito em minimizar as suas diferenças estratégicas, táticas, teóricas, programáticas e organizativas para construir e consolidar um espaço conjunto para o debate e a articulação política continental. Nesta pesquisa buscou-se analisar quais eram as críticas dos partidos integrantes do Foro referentes às organizações internacionais de esquerda que o antecederam, tanto as extintas como a Internacional Comunista ou as ainda existentes, como a Internacional Socialista e a Conferência Permanente de Partidos Progressistas da América Latina. O trabalho busca esclarecer o processo de consolidação e de delimitação geográfica e política do Foro, assim como a elaboração e o funcionamento de suas estruturas internas e processos deliberativos. A partir dessas premissas, o foco principal do trabalho se concentrou em analisar a influência que a organização teve sobre os partidos de esquerda do continente, especialmente no Partido dos Trabalhadores, e o quanto eles influenciaram o próprio Foro.

Palavras-chave: Organizações internacionais partidárias; Partidos políticos; Esquerda; Foro de São Paulo; América Latina; Partido dos Trabalhadores;

RESUMEN

El Foro de São Paulo es una organización política continental, creada por partidos políticos de izquierda y progresistas de América Latina y el Caribe en 1990, que sigue activa. En esta disertación, se analizó la influencia que el Foro tuvo en las estrategias políticas de las izquierdas del continente desde su fundación hasta 2019. En un escenario adverso para la izquierda, desde la caída del Muro de Berlín, la posterior

disolución de la Unión Soviética y en un contexto De la hegemonía global del neoliberalismo, los líderes de las izquierdas del continente han logrado minimizar sus diferencias estratégicas, tácticas, teóricas, programáticas y organizativas para construir y consolidar un espacio conjunto para el debate y la articulación política continental. Esta investigación buscó analizar cuáles fueron las críticas de los partidos con respecto a las organizaciones internacionales de partidos de izquierda que precedieron al Foro, tanto las extintas como la Internacional Comunista, o aquellas que aún existen, como la Internacional Socialista y la Conferencia Permanente de los Partidos Progresistas de América Latina. Además de la creación, se abordó su consolidación y su proceso de delimitación geográfica y política, así como la organización de sus estructuras internas y procesos deliberativos. Con base en estas premisas, se realizó un análisis con respecto a la influencia que el Foro tuvo en los partidos de izquierda en el continente, especialmente en el Partido de los Trabajadores, y cuánto influyeron en el propio Foro, siendo este el objetivo principal de esta disertación.

Palabras clave: Organizaciones internacionales partidárias; Partidos políticos; Política; Izquierda; Foro de São Paulo; América Latina; Partido de los Trabajadores (Brasil).

ABSTRACT

The São Paulo Forum is a continental political organization, created by leftist and progressive political parties from Latin America and the Caribbean in 1990, which is still active. In this dissertation, the influence that the Forum had on the political strategies of the continent's left since its foundation until 2019 was analyzed. In an adverse scenario for the left, since the fall of the Berlin Wall, the subsequent dissolution of the Soviet Union and in a context of global hegemony of neoliberalism, leaders of the continent's left have succeeded in minimizing their strategic, tactical, theoretical, programmatic and organizational differences to build and consolidate a joint space for continental political debate and articulation. This research sought to analyze what were the criticisms of the parties regarding the international organizations of left parties that preceded the Forum, both extinct and the Communist International, or those still

existing such as the Socialist International and the Permanent Conference of Progressive Parties of America Latin. In addition to creation, its consolidation and its geographical and political delimitation process were addressed, as well as the organization of its internal structures and deliberative processes. Based on these premises, an analysis was made regarding the influence that the Forum had on leftist parties in the continent, especially in the Workers' Party, and how much they influenced the Forum itself, this being the main objective of this dissertation.

Keywords: International party organizations; Political parties; Left; São Paulo Forum; Latin America; Workers Party (Brazil).

LISTA DE SIGLAS

AIT -Associação Internacional dos Trabalhadores
CIOSL – Confederação Internacional de Sindicatos Livres
COPPPAL – Conferência Permanente de Partidos Políticos da América Latina
CSBH – Centro Sérgio Buarque de Holanda
CSA – Confederação Sindical das Américas
CSL – Coordenação Socialista Latino-americana
FA – Frente Ampla (Uruguai)
FARC – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
A FSM – Federação Sindical Mundial
O FSM – Fórum Social Mundial
FMLN – Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (El Salvador)
FPA – Fundação Perseu Abramo
FSLN – Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua)
FSP – Foro de São Paulo
IS – Internacional Socialista
MORENA – Movimento Regeneração Nacional (México)
OLAS – Organização Latino-Americana de Solidariedade
PRD – Partido da Revolução Democrática (México)
PRI – Partido Revolucionário Institucional (México)
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (Brasil)
PSUV – Partido Socialista Unido da Venezuela
PT – Partido dos Trabalhadores (Brasil)
URNG – União Revolucionária Nacional Guatemalteca
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
LISTA DE SIGLAS	9
INTRODUÇÃO	11
METODOLOGIA.....	23
CAPÍTULO I	
<i>Contexto da criação do Foro e críticas às entidades predecessoras</i>	38
1.1-O fim da URSS e de uma “retaguarda revolucionária”	50
1.2-As relações internacionais do PT e da CUT.....	52
1.3-Críticas às entidades predecessoras	62
CAPÍTULO II	
Motivações dos partidos do continente para criar o Foro de São Paulo	77
2.1-Os debates estratégicos.....	82
2.2-As correntes políticas internas	103
2.3-As subsecretarias e o Grupo de Trabalho.....	115
CAPÍTULO III	
Os partidos e o Foro: influências recíprocas	118
3.1-As tentativas posteriores de criação de novos fóruns e encontros	149
3.2-Atas do Foro de São Paulo	152
3.2.1-Novas pautas, novos atores.....	162
3.3-Atas do Partido dos Trabalhadores	170
CONCLUSÃO.....	178
REFERÊNCIAS.....	182
ANEXOS	189

INTRODUÇÃO

O Foro de São Paulo (FSP)¹ é um espaço de debate, concertação e convergência que reúne partidos políticos de esquerda e progressistas² da América Latina e do Caribe. Foi fundado em 1990 com a realização de um seminário internacional na cidade de São Paulo (SP), promovido pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Este convidou outros partidos e organizações da América Latina e do Caribe para discutir a conjuntura internacional, o combate ao neoliberalismo e promover a integração latino-americana no âmbito econômico, político e cultural.

Nesta dissertação é resgatada a origem, o crescimento, a consolidação e a influência do Foro ao longo de seus 30 anos de existência, desde o primeiro Encontro de Partidos de Esquerda da América Latina e do Caribe (São Paulo, 1990) até o XXV Encontro de Caracas (2019). Como escopo principal da pesquisa, foram analisadas as influências do Foro sobre o PT e demais partidos do continente, assim como a influência destes sobre o Foro. Esta influência é abordada enquanto processo no qual o diálogo entre ideias pré-existentes é capaz de criar ideias novas.

O foco nas ações do Partido dos Trabalhadores diz respeito ao seu papel na idealização e liderança do Foro. Maior partido de esquerda da maior nação da América Latina o PT conseguiu reunir condições privilegiadas de propor a construção de uma entidade continental como o Foro de São Paulo, organização que persiste até os dias atuais e teve influência considerável na configuração política das esquerdas latino-americanas.

Ao abordar as entidades que fazem parte do Foro, é preciso compreender a pluralidade de opiniões e, portanto, as disputas teóricas e políticas dentro de cada partido, as quais podem transbordar para o debate transnacional. Em diversos momentos da história, a esquerda impulsionou o debate para além das fronteiras nacionais. Isso ocorre desde a fundação da Associação Internacional dos

1 Site oficial do FSP. Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/>. Acesso em: 03 ago. 2019.

2 A delimitação sobre os termos “esquerda” e “progressista” é tema de amplo debate em diversos espaços políticos e acadêmicos. No Foro esses dois conceitos, em resumo, servem para aglutinar partidos que denunciem o imperialismo e a desigualdade social, defendam a soberania nacional, a integração regional, amplas políticas sociais e medidas de distribuição de renda. Não fica clara a fronteira que separa esquerda de progressista, tema para um estudo específico.

Trabalhadores (AIT), em 1864³, estendendo-se até os dias atuais, com a realização de fóruns supranacionais de partidos, sindicatos e movimentos sociais. Esses encontros e organizações foram relevantes na construção de identidades coletivas. Seja uma identidade classista mundial nos tempos da Internacional Comunista, seja uma identidade socialista e progressista latino-americana na contemporaneidade.

Entre as organizações de caráter mundial, cabe citar especialmente a III Internacional – também conhecida como Internacional Comunista ou *Komintern*, criada em 1919 após a Revolução Russa e dissolvida em 1943 no contexto da II Guerra Mundial –, que chegou a realizar uma Conferência Comunista Latino-americana em 1929⁴. Também houve a criação da Internacional Socialista (IS) em 1951, ainda ativa e com uma seção específica que agrega os partidos a ela filiados no continente.⁵

Em 2012 o Partido Social-Democrata da Alemanha fomentou a criação da Aliança Progressista, fruto de crises internas dentro da IS, ainda que muitos partidos que ingressaram na Aliança tenham mantido sua afiliação à Internacional Socialista. A aliança definiu, como objetivo, criar uma frente mundial que unisse todos os partidos progressistas, sociais-democratas, socialistas e trabalhistas⁶. No Brasil, a Aliança

3 Também conhecida como 1ª Internacional ou simplesmente Internacional, a AIT foi a primeira organização operária a superar fronteiras nacionais, ao congregar membros dos Estados Unidos e de todos os países da Europa. A organização abrigou trabalhadores das mais diversas correntes ideológicas de esquerda: de comunistas marxistas até anarquistas bakuninistas e proudhonianos, além de sindicalistas, reformistas, blanquistas, owenistas, lassalianos, republicanos, democratas radicais e cooperativistas. A organização dividiu-se em 1872, após a realização do congresso de Haia, após o acirramento de divergências entre Conselho Geral (dirigido, dentre outros, por Karl Marx) e líder anarquista Mikhail Bakunin, que foi expulso. Bakunin e seus seguidores formaram a Internacional de *Saint-Imier*, que reuniu além dos anarquistas, todos os demais opositores da linha política do Conselho Geral. Após a cisão, o Conselho Geral foi transferido para Nova Iorque e a organização foi dissolvida em 1876, em uma conferência de delegados na Filadélfia, enquanto a Internacional de *Saint-Imier* realizou seu último congresso em 1877, em Verviers (Bélgica). Sobre a I Internacional Cf. MARX, Karl Heinrich. *The First International and After*. Londres: New Left Review, 1974.

4 MARIÁTEGUI, José Carlos. "Punto de vista antiimperialista". In: LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo 1999, p. 114-119.

5 O sítio da Internacional Socialista possui uma seção específica para o Comitê Para América Latina e Caribe. Disponível em: <<https://www.internacionalsocialista.org/comites/america-latina-y-el-caribe/>>. Acesso em 07 jun. 2019.

6 Progressive Alliance: A Network of Progressive Forces for the 21st Century. Disponível em: <https://progressive-alliance.info/basic-document/>. Acesso em 15 set. 2020.

Progressista é representada pelo PT e pelo PSB. Em 2016, o PT foi anfitrião de um seminário da organização em São Paulo⁷.

Em âmbito regional, há a Conferência Permanente de Partidos Progressistas da América Latina (COPPPAL), fundada em 1979⁸. Em 1967, sob a inspiração da Revolução Cubana, chegou a ser realizado o primeiro e único congresso da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), que não logrou se estruturar de forma permanente, mas que influenciou a criação de diversos focos guerrilheiros no continente e já apontava para a necessidade de um diálogo: “O intercâmbio de opiniões, a elaboração de uma linha comum e a criação de um organismo permanente de solidariedade constituem importante passo de estímulo e impulso à luta revolucionária na América Latina”.⁹

Por algum motivo, os partidos de esquerda e progressistas consideraram insuficientes as organizações continentais preexistentes ainda em funcionamento (COPPPAL e seção da Internacional Socialista) e decidiram criar um instrumento novo: o Foro de São Paulo. Até o presente momento, as tentativas de articulações de partidos que lhe são posteriores ainda não lograram o mesmo êxito do Foro. Não basta uma convocatória ser feita, como tentou Hugo Chávez em 2009, ao defender a criação de uma V Internacional, durante um encontro de partidos de esquerda no congresso do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) em Caracas. O chamado de Chávez foi ignorado pelos demais partidos de esquerda do continente e do mundo¹⁰. O líder venezuelano já vinha demonstrando insatisfação com os espaços de articulação existentes desde o Fórum Social Mundial de Caracas, em 2006¹¹.

As articulações internacionais são realizadas por vários tipos de movimentos e partidos. Os sindicalistas possuem a Confederação Sindical dos Trabalhadores das Américas (CSA), assim como uma série de organizações por categorias laborais,

7 Cf. o Artigo “Lula Promises to Fight Rousseff’s Impeachment at Progressive Alliance Seminar”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/internacional/en/brazil/2016/04/1764754-lula-promises-to-fight-rousseffs-impeachment-at-progressive-alliance-seminar.shtml>. Acesso em 15 set. 2020.

8 Sítio da COPPPAL está disponível em: www.copppal.org. Acesso em 07 de jun. 2019.

9 Cf LÖWY, Michael. op. cit., 1999, p. 304.

10 Cf. Chávez y la internacional. Disponível em: <http://www.resumenlatinoamericano.org/2016/07/06/chavez-y-la-v-internacional/>. Acesso em 11 jun. 2019.

11 Cf. FRENCH, John D. *Understanding the Politics of Latin America’s Plural Lefts (Chávez/Lula): social democracy, populism and convergence on the path to a post-neoliberal world*. Revista Third World Quarterly, vol. 30, n. 2, p. 349-370, 2009.

como é o caso da Internacional da Educação¹². Movimentos do campo de vários países se organizam na Via Campesina. Movimentos feministas formaram em nível global a Marcha Mundial das Mulheres¹³. As entidades estudantis do continente debatem dentro da Organização Continental Latino-Americana e Caribenha dos Estudantes. Há também os encontros transversais, como é o caso do Fórum Social Mundial¹⁴ onde se reúnem movimentos sociais, populares, indígenas e Organizações Não Governamentais (ONGs). Há uma infinidade de outros fóruns, jornadas e congressos mais ou menos permanentes, com os mais variados recortes geográficos e temáticos.

Desde 1990, a fundação do Foro de São Paulo criou um espaço específico de debates dos partidos de esquerda e progressistas. Mesmo que os espaços transnacionais de movimentos sociais tenham uma concepção suprapartidária e não sejam de esquerda por definição, os partidos políticos também atuam de forma indireta nestes espaços. Essa participação ocorre seja por meio dos dirigentes e militantes destes movimentos que são filiados a partidos políticos, seja pela presença de líderes partidários nestes encontros. A partir desses debates internacionais, frutificaram formulações teóricas e alianças que influenciaram os rumos da política continental em diversos níveis. Os líderes e os partidos de cada país se influenciam mutuamente, compartilhando experiências e estratégias políticas.

Com a queda do Muro de Berlim, a dissolução da União Soviética e a ascensão do neoliberalismo, houve uma grande crise de identidade que atingiu as esquerdas. O modelo de Estado implantado pelos regimes socialistas do leste europeu havia ruído. O Foro nasceu em meio a esse contexto hostil, e foi por ele influenciado. Muitos ideólogos deixaram de possuir um modelo concreto e alternativo de governo e se viram impelidos a reunir, em seus países, ao menos núcleos de contraponto ao capitalismo. Para tais segmentos revolucionários, a relação com o passado, o presente e o futuro teve que ser profundamente modificada.

12 A Internacional da Educação abrange organizações de professores em todo o mundo. Disponível em: https://www.ei-ie.org/en/detail_page/15179/origins-and-history. Acesso em 10 abr. 2019.

13 A Marcha Mundial das Mulheres foi criada em 2000. Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/mmm/>. Acesso em 04 de nov. 2020.

14 Cf. VON BÜLLOW, Marisa (org). *Fórum Social Mundial: a transnacionalização da sociedade civil brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

Alguns setores progressistas-reformistas, antigos críticos da URSS, se convenceram de que a década de 1990 inaugurava um ciclo de transformações capaz de criar um novo modelo/sistema político, aliando a social-democracia, o capitalismo e a democracia ocidental com políticas sociais. A queda da União Soviética alterou a balança de poder no mundo, na medida em que seus opositores mais ferrenhos advogaram em prol da supremacia de um sistema capitalista cada vez mais radical, o chamado neoliberalismo. Grande parte das lideranças liberais assumiram o comando de governos e não precisavam mais refrear suas propostas e ações com receio da “ameaça comunista”. A janela para a obtenção de concessões econômicas e sociais para os mais pobres estava cada dia mais estreita. As esquerdas em crise precisavam, portanto, repensar seus discursos, práticas e modelos organizativos.

Ao longo de seus 30 anos de história, o Foro de São Paulo passou por diversos momentos, muitos inclusive de crise interna, próximos a uma ruptura. A maioria das entidades que compunham o FSP estavam nas oposições em seus países e o Foro era pouco conhecido fora dos seus círculos internos, o que fomentou posteriores teorias conspiratórias. A partir dos anos 2000, após vários partidos membros assumirem a Presidência de governos latino-americanos¹⁵, o Foro se torna assunto recorrente nos debates públicos. Jornalistas e lideranças das mais variadas correntes ideológicas se debruçaram sobre a importância e a capacidade de atuação e coordenação regional, continental e mesmo mundial do Foro e sobre sua contribuição para a guinada à esquerda vivenciada por boa parte da América Latina e Central, conhecida como “maré rosa”.¹⁶

Entre os principais críticos do FSP, o mais famoso é o escritor Olavo de Carvalho que chegou a afirmar que a organização “ocultou sua existência e a natureza de suas atividades durante dezesseis anos”¹⁷, denúncia improcedente dado que o

15 Entre os políticos esquerdistas e progressistas latino-americanos que foram eleitos como Chefes de Estado nas últimas duas décadas destacam-se: Hugo Chávez e Nicolás Maduro (Venezuela), Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (Brasil), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador), Fernando Lugo (Paraguai), José Mujica e Tabaré Vázquez (Uruguai), Ricardo Lagos e Michele Bachelet (Chile), Ollanta Humalla (Peru), Néstor Kirchner, Cristina Kirchner e Alberto Fernández (Argentina), dentre outros. Nem todos são afiliados ao Foro, como é o caso dos peronistas argentinos.

16 Cf. ARAÚJO, Víctor; CUNHA, Lucas. *Sistemas políticos na América do Sul no contexto da “Maré Rosa”*: Democracia, Estabilidade e Governança no Século XXI. Revista Eletrônica de Ciência Política, vol. 5, n. 2, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/37501>. Acesso em 13 de out. 2020.

17 CARVALHO, Olavo de. *Por que alguém gosta do Foro de São Paulo?*. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/por-que-alguem-gosta-do-foro-de-sao-paulo/>. Acesso em: 03 ago. 2019.

Foro, desde o início, divulgou abertamente sua existência. Tal fato pode ser comprovado por sua repercussão na imprensa que publicou diversas reportagens como a do jornal *O Estado de São Paulo*, veiculada no dia seguinte à abertura do primeiro Encontro, a notícia da Gazeta Mercantil de 5 de julho e a entrevista de Lula em 1991 ao jornal *Folha de São Paulo*, bem como a matéria sobre as preparações do encontro de 1995 com Marco Aurélio Garcia¹⁸. As teorias sobre a suposta falta de publicidade da existência do Foro também foram divulgadas por acadêmicos, como é o caso do professor doutor Carlos Ardissonne, que declarou que muita gente demorou tempo demais para levar o Foro a sério e para admitir que ele sequer existia¹⁹.

A divulgação do Foro no país também pôde ser verificada no discurso feito pelo deputado Matheus Schmidt (PDT-RS) em 2 de junho de 1995, quando o parlamentar fez um pronunciamento na Câmara dos Deputados sobre sua viagem a Montevideú para um Encontro do Foro. Em 7 de agosto de 1997, o deputado Valdeci Oliveira (PT-RS) também falou sobre o Encontro do Foro que ocorrera em Porto Alegre²⁰. Essas foram as duas primeiras declarações parlamentares encontradas sobre o FSP.

Já em 1990, a imprensa não somente noticiou a criação do FSP, como foi espaço para polêmicas sobre ele²¹. O jornal *O Estado de São Paulo* teceu críticas ao fato de o primeiro Encontro não permitir que a imprensa acompanhasse todos os debates, limitando-se a realizar uma coletiva de imprensa ao final do dia para apresentar as sínteses. Essa é uma prática recorrente na política, independentemente da posição ideológica dos agrupamentos. Para citar um exemplo, em julho de 2019, o Presidente da República, Jair Bolsonaro, participou do evento evangélico Conferência Global das Nações em Brasília, o qual foi fechado à imprensa.²²

Olavo de Carvalho chegou a falar que o Foro possuiria um plano de fundação de uma suposta “URSAL” (que seria a sigla de “União das Repúblicas Socialistas da América Latina”) em artigo publicado no Jornal Diário do Comércio no dia 1º de maio

18 Cf. matérias no Anexo D.

19 ARDISSONE, Carlos Maurício. Entrevista ao Jornal da Cidade. Disponível em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/17117/o-problema-do-foro-de-sao-paulo-e-que-muita-gente-levou-tempo-demais-para-admitir-que-ele-existia-veja-o-video>. Acesso em: 3 nov. 2019.

20 Cf. matérias no Anexo D.

21 Cf. matérias no Anexo D.

22 “Bolsonaro participa de evento evangélico em Brasília”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/07/23/bolsonaro-participa-de-evento-evangelico-em-brasilia.htm>. Acesso em: 27 set. 2019.

de 2006²³. Todavia, sabe-se que a sigla foi criada em 2001, pela socióloga Maria Lucia Victor Barbosa, por meio de um comentário irônico que criticava os pronunciamentos de políticos de esquerda contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), durante o Encontro do Foro em Havana²⁴. Maria Lúcia explicou que “A URSAL foi uma brincadeira que virou uma teoria conspiratória”. A estudiosa chegou a receber e-mails que mencionavam a URSAL, mas sempre tratou de explicar que ela havia inventado o termo e a associação jamais existiu²⁵. Em 2018 a sigla voltou à mídia após ser mencionada pelo candidato à Presidência da República pelo Patriota, Cabo Daciolo em debate político transmitido ao vivo pela TV Bandeirantes. Apesar das negativas reiteradas de Maria Lúcia, uma pesquisadora crítica aos movimentos de esquerda, o tema ganhou nova força nos círculos dos adeptos das teorias da conspiração, sendo retroalimentado e citado mutuamente, sem pesquisa ou qualquer aprofundamento sobre o assunto.

O FSP chegou a ser tema do discurso do Presidente Jair Bolsonaro na abertura da 74ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2019, quando sustentou que a entidade era “uma organização criminosa criada em 1990 por Fidel Castro, Lula e Hugo Chávez para difundir e implementar o socialismo na América Latina, ainda continua vivo e tem que ser combatido”²⁶. Cabe aqui o registro de que Hugo Chávez não figura entre os fundadores da entidade, tendo participado pela primeira vez do VI Encontro em San Salvador no ano de 1996. Naquele espaço, ele teve sua solicitação de fala ao plenário negada pelos organizadores do evento²⁷, devido a articulação frustrada de golpe contra o governo de Carlos Andrés Pérez em

23 Disponível em: <http://www.olavodecarvalho.org/os-inventores-do-mundo-futuro>. Acesso em 13 out 2020.

24 BARBOSA, Maria Lúcia. *Os companheiros*. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/opiniaos/os-companheiros-372991.html>. Acesso em: 13 de out 2020

25 “Termo URSAL foi criado como brincadeira e agora alimenta teorias conspiratórias”. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/termo-ursal-foi-criado-como-brincadeira-e-agora-alimenta-teorias-conspiratorias/>. Acesso em: 18 set. 2019.

26 Em discurso que remete à Guerra Fria, Bolsonaro ataca comunismo, Cuba, Venezuela, França e mídia na ONU. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro/em-discurso-que-remete-a-guerra-fria-bolsonaro-ataca-comunismo-cuba-venezuela-franca-e-midia-na-onu/>. Acesso em: 25 set. 2019.

27 POMAR, Valter; REGALADO, Roberto. *Foro de São Paulo*. Construindo a integração latino-americana e caribenha. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 78.

1992²⁸. Tal postura indica que o Foro não aceitava quaisquer métodos e estratégias para a chegada ao poder.

O Foro se posicionou de maneira crítica a Bolsonaro em seu encontro de 2019, realizado em Caracas, nos seguintes termos:

A situação política no Brasil se complica a cada dia, a popularidade de Bolsonaro declina e para uma parte da população a “oferta enganosa” que surgiu em torno de sua candidatura começa a ficar clara. Hoje o Brasil vive um retrocesso em suas conquistas sociais e democráticas. O Partido dos Trabalhadores e todo o campo popular brasileiro têm pela frente um imenso desafio, como a formação de um movimento político e social muito amplo, por meio do qual se recupere a democracia e a posição integracionista e soberanista desenvolvida pelos governos dos camaradas. Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. (tradução nossa).²⁹

Nem todos os críticos possuem as mesmas opiniões sobre a importância do Foro. O pensador liberal Denis Rosenfield, professor de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e fundador do Instituto Millenium afirmou o seguinte, em entrevista à BBC Brasil:

O Foro de São Paulo hoje é muito mais uma necessidade da extrema-direita do que da esquerda. Olavo de Carvalho e sua turma vão brigar com quem? Com o Rodrigo Maia? O pensamento deles funciona com base nessa conspiração, em que há um grande projeto de dominação das esquerdas cujo centro de comando é o Foro. É contra esse inimigo que essas pessoas se orientam e se unem.³⁰

Mesmo não se afiliando diretamente, por se tratar de entidade estritamente continental, partidos de esquerda e progressistas de outros continentes enviam regularmente delegações para acompanhar os seus encontros. Os partidos que

28 DULCI, Luiz. Entrevista concedida para esta pesquisa [13 mai. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo mp3 (2:48 min.). O autor pediu para não divulgar a entrevista na íntegra.

29 No original: “La situación política de Brasil se complica día a día, declina la popularidad de Bolsonaro y para una parte de la población comienza a quedar clara la “oferta engañosa” que se levantó alrededor de su candidatura. Brasil vive hoy un retroceso en lo que se refiere a sus conquistas sociales y democráticas. El Partido de los Trabajadores y todo el campo popular brasilero tienen un inmenso reto por delante, como es la conformación de un amplísimo movimiento político y social, mediante el cual se recupere la democracia y la posición integracionista y soberanista que desarrollaron los gobiernos de los compañeros Luiz Inácio Lula da Silva y Dilma Rousseff”. Documento Base del XXV Encuentro del Foro de São Paulo. Disponível em: <https://forodesaopaulo.org/wp-content/uploads/2019/08/Doc-Base-Versio%CC%81n-DEF.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2020.

30 Por que o Foro de São Paulo é mais importante para a direita do que para a esquerda?. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49093277>. Acesso em 03 ago. 2019.

integram o Foro³¹ exercem os mais variados níveis de influência nos rumos da política em seus países. Em alguns momentos, ocorreram “ondas”, ou movimentações em bloco de mudanças de governos, tanto para a esquerda quanto para a direita. O fato é que, seja no governo ou na oposição, esses partidos seguem possuindo destacada relevância. Um dos objetivos desta pesquisa é investigar qual foi a influência do FSP nos partidos de esquerda da América Latina, com foco especial no PT, e o quanto as formulações teóricas, o programa e as estratégias políticas dos partidos foram sendo transformados a partir do diálogo com seus congêneres de outros países.

Não há limitação para a quantidade de entidades de cada país a integrar a organização e, em geral, ela busca congrega o máximo de partidos de um mesmo país, respeitando os vetos dos partidos que já o integram. Em 2020, o Brasil possui 3 partidos integrantes: PT, PCB e PCdoB. O PSB, PDT e o PPS também já o integraram, mas saíram.³² A partir do momento em que os partidos que compõem o Foro chegaram ao poder em vários países, se iniciou o questionamento sobre a possibilidade deste crescimento da esquerda ser fruto de uma ação pensada e executada pelo Foro, de uma forma centralizada. Além da imprensa, o Foro é tema de discussão nos parlamentos, debates eleitorais, pesquisas acadêmicas e chegou a ser objeto de estudo em círculos militares. Em 2018, o coronel Marcos Gomes Paulino analisou o FSP em seu trabalho de especialização³³, chegando a conclusões contraditórias, ao superestimar o papel do Foro:

O FSP teve seu apogeu entre os anos de 2003 e 2010, quando elegeu 15 presidentes, modificou constituições, fez acordos e patrocinou ditaduras no Oriente Médio e África, além do que elevou a ditadura dos Castros a um patamar nunca antes imaginado.³⁴

Para, em seguida, amenizar sua atuação:

31 No primeiro encontro, em 1990, participaram 48 delegações de 14 países. Em novembro de 2020 o Foro é composto por 122 partidos e movimentos de 26 países e territórios. Disponível em: <http://forodesaopaulo.org/partidos/>. Acesso em 4 nov. 2020.

32 Apesar do site oficial do Foro ainda listar estes partidos como integrantes, isto se deve a uma desatualização do site. O PSB e o Cidadania (antigo PPS, tendo mudado de nome em 2017) romperam com o Foro como pode ser verificado nesta entrevista: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/nao-tinhamos-uma-identidade-no-foro-de-sp-afirma-carlos-siqueira> e nesta postagem: <https://cidadania23.org.br/posicionamentos/>. Acessos em 18 dez. 2020.

33 Trabalho de conclusão de curso de especialização em Política, Estratégia e Alta Administração Militar, no âmbito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

34 PAULINO, Marcos Gomes. *O Foro de São Paulo e as suas influências no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2018, p. 18

Ao mesmo tempo, a ampla variedade da composição dos partidos políticos integrantes do Foro, somada às distinções gritantes entre os países partícipes, acabou por conferir um caráter muito mais idealizado do que efetivo das resoluções. Ainda que haja uma convergência em torno de temas gerais que podem-se caracterizar como progressistas, a realidade de cada país, com suas lutas políticas domésticas singulares acabaram por conferir um traço muito mais discursivo do que efetivo às decisões.³⁵

Essa última afirmação é muito parecida com uma declaração feita pela pesquisadora Sara Basílio de Toledo em 2015:

A excêntrica variedade da composição dos partidos políticos integrantes do Foro, somados a distinções gritantes entre os países partícipes, acabou por conferir um caráter muito mais idealizado do que efetivo das resoluções. Ainda que haja uma convergência em torno de temas gerais que podemos caracterizar como progressistas, a realidade de cada país, com suas lutas políticas domésticas singulares acabaram por conferir um traço muito mais discursivo do que efetivo às decisões.³⁶

O Foro também chamou a atenção de pesquisadores dos Estados Unidos do *think tank* “RAND Corporation”, ligado ao Departamento de Defesa dos EUA. Em relação aos métodos e objetivos do Foro, eles alegam que “embora o método de luta fosse o processo democrático, o objetivo do fórum continua sendo a revolução” (tradução nossa)³⁷. Também veem nele um empecilho aos objetivos estratégicos dos EUA no continente:

A meta do governo cubano e de seus aliados no Fórum de São Paulo de reverter as chamadas reformas neoliberais na América Latina concentra-se atualmente em descarrilar a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), que remove barreiras comerciais entre todos os países do hemisfério ocidental exceto Cuba (...). Havana e seus aliados anti-ALCA estão bem posicionados para obstruir ou reverter o

35 Ibid., p. 56.

36 TOLEDO, Sara Basílio de. A pauta da política externa brasileira para a América Latina no Foro de São Paulo durante os governos Lula (2003-2010), e sua influência sobre os processos decisórios em política externa no Brasil. *I Encontro Internacional de Política Externa Latino-Americana: Mapeando a Política Externa do Cone Sul*. Foz do Iguaçu, 14-16 set. 2015, p. 142.

37 No original: “Although the method of struggle was to be the democratic process, the forum’s goal remains revolution”. RABASA, Angel *et. al.*, *Antiglobalizations Movements. Beyond al-Qaeda*. Part. 2. The outer rings of the terrorist universe. Santa Monica: Rand Corporation, 2006, p. 95.

movimento em direção à ALCA, o objetivo mais importante da política dos EUA no hemisfério. (tradução nossa).³⁸

O FSF declaradamente não exerce uma ação direta na política interna dos países, mas sim os seus partidos integrantes. Sua contribuição seria, portanto, indireta. Além de investigar os desdobramentos dessa contribuição, um dos propósitos desse trabalho é compreender como, com o apoio do Foro, tais partidos resistiram à avalanche do discurso neoliberal do então chamado 'Consenso de Washington' e conseguiram formular propostas na tentativa de construir um modelo de globalização contra-hegemônica.

Tendo o Foro um propósito declarado de diálogo e articulação entre as esquerdas do continente, uma análise mais detalhada de seus encontros e documentos pode esclarecer qual a sua efetiva capacidade de formulação e de ação. Uma hipótese é que o Foro seja algo diferente tanto do que afirmam seus críticos quanto do que dizem seus defensores.

Por tratar-se de uma organização com apenas 30 anos e ainda em atividade, a análise histórica das origens do Foro não atende as exigências rígidas de longo distanciamento temporal, como poderiam apregoar alguns historiadores mais tradicionais. No entanto, autoras como Angélica Müller (2018) e outros estudiosos corroboram com a ideia de se trabalhar com uma temporalidade mais curta e temas mais recentes. Analisar a história do tempo presente é um trabalho complexo, pois o objeto de pesquisa está em constante mutação e a conjuntura se altera com facilidade. Ademais, é preciso considerar que o Foro sempre abrigou diferentes posições ideológicas, teóricas, táticas, programáticas e estratégicas que construíram, e ainda constroem, diferentes narrativas, muitas vezes divergentes. Como lembra Olgária Matos, “na narrativa, o passado entrecruza-se com o presente, o já-sido com a trama do atual”.³⁹

O Foro configura-se, portanto, como um espaço plural, construído por entidades lideradas por pessoas com as mais variadas histórias, origens, tradições,

38 No original: “The goal of the Cuban government and its allies in the São Paulo Forum of reversing the so-called neoliberal reforms in Latin America currently focuses on derailing the Free Trade Area of the Americas (FTAA), which would remove trade barriers among all Western hemisphere countries except Cuba (...). Havana and its anti-FTAA allies are well poised to obstruct or reverse movement toward the FTAA, the most important U.S policy objective in the hemisphere”. Ibid., p. 96.

39 MATOS, Olgária. *A narrativa: metáfora e liberdade*. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/a-narrativa-metáfora-e-liberdade/>. Acesso em 4 nov. 2020.

identidades socioculturais e vertentes políticas. Os indivíduos e suas organizações constroem sociedades e fazem a história enquanto sujeitos múltiplos. É compreendendo essa diversidade que, nesta pesquisa, são abordadas “as esquerdas”, no plural.

Ao observarmos a América Latina vemos um espaço múltiplo, com suas variadas culturas e povos originários anteriores à chegada dos europeus, seus territórios, processos de colonização realizados por várias metrópoles europeias, a vinda forçada de povos africanos oriundos de diversas regiões, migrações internas e externas e diversos processos de desenvolvimento econômico e social. Dentro dessa pluralidade, no entanto, cabe refletir sobre a existência de uma identidade coletiva, semelhanças geopolíticas, econômicas e culturais que aproximariam esses povos. Algo que permita uma aproximação e leve cada um desses povos a olhar o outro e se reconhecer nele. De alguma forma os proponentes do Foro viram alguma proximidade que permitisse um trabalho conjunto continental.

Nesta pesquisa foram comparadas fontes de diversos tipos: documentos finais de encontros e congressos de partidos, de encontros do Foro; entrevistas de história oral temática e entrevistas e matérias de veículos midiáticos. Foram analisadas as consonâncias e dissonâncias dos conteúdos destas fontes.

Apesar das diversas crises enfrentadas ao longo de sua trajetória, o FSP se encontra consolidado, assim como o esforço contínuo de seus integrantes em encontrar soluções para evitar o seu fracionamento e garantir a sua continuidade. Tanto que, em julho de 2019, o XXV Encontro de Caracas foi realizado com sucesso e as reuniões de trabalho seguem sendo realizadas normalmente em 2020⁴⁰.

40 Cf. Reunião de trabalho realizada a 13 de outubro de 2020. Disponível em: <https://forodesaopaulo.org/reunion-del-grupo-de-trabajo-13-de-octubre-2/>. Acesso: 14 out. 2020.

METODOLOGIA

O pesquisador como sujeito histórico

Não é novidade, no meio acadêmico, a participação de atores políticos em pesquisas. No entanto, creio ser relevante apontar a posição a partir da qual o pesquisador analisa seu objeto. A transparência auxilia o leitor a realizar uma leitura crítica. Sou filiado ao PT desde 2007, tendo participado dos debates internos do partido desde então. Também compus direções de diversos movimentos, destacando-se o Diretório Central dos Estudantes da UnB (2009-2010), o Sindicato dos Professores no DF (2016-2019) e a CUT Brasília (2015-2019).

Esse tipo de envolvimento cria uma série de questões sobre a relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, com problemas e dificuldades que devem ser observados a todo instante. Dito isso, me sinto livre para realizar um olhar crítico sobre o tema a partir das minhas experiências políticas e acadêmicas, aliadas à diversas análises de historiadores, sociólogos e outros pesquisadores que acompanham o desenvolvimento das esquerdas na América Latina e o papel do PT neste contexto. As produções acadêmicas sobre o PT normalmente abordam as disputas internas, enquanto cresce no partido a importância dada aos debates parlamentares e de alianças eleitorais. Como afirma Valter Pomar, “a pesquisa acadêmica acerca do Partido dos Trabalhadores dialoga consigo mesma”.⁴¹

O fato de não ter atuado diretamente na área de relações internacionais do partido, seja em espaços de direção ou como teórico, afastou-me de polêmicas sobre posições e ações diplomáticas, evitando possíveis ressentimentos que pudessem criar qualquer tipo de empecilho à pesquisa, assim como defesas de posições pessoais sobre tais ações. Como filiado, sempre mantive distância das polêmicas centrais aqui apresentadas, já que minhas áreas de militância eram outras.

Uma abordagem contemporânea parte das teorias, métodos e técnicas criadas ao longo do tempo, aperfeiçoando-as e utilizando-as de forma articulada. Também se faz necessário evitar manuais e soluções prontas, permanecendo aberto às mudanças e adaptações comuns em todo e qualquer processo de pesquisa.

41 POMAR, Valter. *A metamorfose*. São Paulo: Editora Página 13, 2016, p. 30.

Ainda que não tenha sido a primeira vitória eleitoral das esquerdas do continente (Hugo Chávez foi eleito em 1998), a eleição de Lula, em 2002, marcou um ponto de virada do Foro, com importantes mudanças em seu discurso e funcionamento. O processo brasileiro não foi o primeiro na chamada “onda vermelha” (ou “onda rosa”) de partidos de esquerda chegando aos governos nacionais, tampouco foi o primeiro a representar a chamada “onda conservadora” de partidos de direita chegando aos governos no final da primeira década do século XXI⁴². Ainda assim, pelo tamanho (econômico, geográfico, demográfico) do país no continente, e pela importância do PT dentro do Foro, a análise das fontes indica terem sido importantes recortes temporais nas discussões deste.

Entrevistas: História Oral em tempos de pandemia

Ao trabalhar uma história que envolva personagens ainda vivos, abre-se a possibilidade de entrevistá-los diretamente, o que não ocorre sem problemas e armadilhas. É preciso reconhecer que esses personagens também possuem interesses diversos nas disputas políticas em andamento, e que determinadas narrativas são construídas em função desses conflitos. Em artigo denominado “*Historia del presente, historia oral y memoria de la izquierda en México*”, Gerardo Necochea Gracia traz uma série de precauções a serem tomadas ao trabalhar com fontes orais:

O historiador não apenas faz a pergunta clássica sobre como o passado produziu o presente, mas também como o presente produz uma visão do passado. As entrevistas de história oral nos tornaram particularmente cientes de como a memória molda as memórias para se ajustarem ao presente, criando assim uma certa sensibilidade sobre como ver o passado. Essa sensibilidade tem a ver com a cultura do presente. Os depoimentos autobiográficos criam uma convenção sobre como perceber certos acontecimentos do passado - seleção de uma tradição - que se torna uma visão natural e, como tal, é recebida pelo historiador, que assume que os traços centrais daquela tradição constituem as características homogêneas de um determinado período, e a partir deles é que ele lê e analisa documentos históricos.

42 Em 2009, um golpe de Estado promovido pelo Exército hondurenho afastou o presidente Manuel Zelaya da presidência da nação centro-americana. Em 2012, Fernando Lugo foi deposto pelo parlamento paraguaio em um processo que durou menos de 24 horas. Em 2015, Mauricio Macri venceu as eleições presidenciais na Argentina. Já em 2019, Evo Morales foi afastado da presidência da Bolívia, também denunciando um Golpe de Estado.

Focar a memória no presente ajuda-nos a compreender como se dá a seleção e construção desta tradição unilinear, ao mesmo tempo que nos fornece elementos para desmontar os termos e recompor a complexidade dos próprios acontecimentos.(tradução nossa).⁴³

Ao relatar suas experiências com entrevistas em seu início de carreira, Hobsbawm reconhece que não conseguiu obter novas informações a partir delas⁴⁴. Garcia, por sua vez, reconhece que as entrevistas não devem ser vistas prioritariamente como fontes das quais se possam obter informações novas sobre fatos ainda não conhecidos, mas importantes para compreender como se formam as narrativas através do tempo.⁴⁵

As entrevistas de história oral abriram uma série de possibilidades analíticas, especialmente quando confrontadas entre si e com as demais fontes. Ao longo do século XX, por diversos momentos, a aceitação acadêmica desse tipo de fonte variou entre a desconfiança e uma postura que a elevava moralmente frente às demais. A escritora Beatriz Sarlo, em seu livro “Tempo passado”, comentou que “só uma confiança ingênua na primeira pessoa e na lembrança do vivido pretenderia estabelecer uma ordem presidida pelo testemunhal. E só uma caracterização ingênua da experiência exigiria para ela uma verdade mais alta”.⁴⁶

A história oral quando comparada com outras fontes e ferramentas pode auxiliar na pesquisa, como apontado por Verena Alberti

43 No original: “El historiador no únicamente hace la pregunta clásica acerca de cómo el pasado ha producido el presente, sino que interroga también cómo el presente produce una visión del pasado. Las entrevistas de historia oral nos han hecho particularmente conscientes de cómo la memoria moldea los recuerdos para encajar en el presente, y por lo mismo crea una cierta sensibilidad respecto de cómo ver el pasado. Esta sensibilidad tiene que ver con la cultura en el presente. Los testimonios autobiográficos van creando una convención respecto de cómo percibir ciertos sucesos del pasado – selección de una tradición – que se convierte en una visión natural, y como tal es recibida por el historiador, que asume que los rasgos centrales de esa tradición constituyen las características homogéneas de un determinado periodo, y a partir de ellas es que lee y analiza los documentos históricos. Enfocar la memoria en el presente nos ayuda a entender cómo ocurre la selección y construcción de esa tradición unilinear, a la vez que nos provee de elementos para desmontar los términos y recomponer la complejidad de los sucesos mismos”. GRACIA, Gerardo Necochea. Historia del presente, historia oral y memoria de la izquierda en México. *In*: GONÇALVES, Janice (org.). *História do Tempo Presente: oralidade – memória – mídia*. Itajaí: Casa Aberta, 2016, p. 27.

44 HOBBSAWM, Eric. O presente como história. *In*: HOBBSAWM, E. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 248.

45 GRACIA, Gerardo Necochea. op. cit., p. 20.

46 SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 48.

A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, estas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início.⁴⁷

As entrevistas representaram um processo dinâmico na pesquisa, auxiliando desde o levantamento de novas questões que anteriormente não haviam sido levantadas pelo pesquisador, quanto para a elaboração de novas perguntas para os demais entrevistados. Nenhuma fonte específica é detentora de um status superior, mas a comparação entre os conteúdos, ausências, contradições e silêncios entre as diversas fontes pode ser um importante caminho a ser trilhado pelo pesquisador.⁴⁸

É preciso levar em consideração a diferença entre os tipos de testemunha. Entrevistar um líder político de um grande partido não é o mesmo que entrevistar uma liderança comunitária. A característica de cada pesquisa também muda o enfoque a ser dado. Um tema político é muito distinto de uma abordagem cultural. São áreas distintas, com referenciais teóricos e metodológicos próprios. Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas de história oral temática.

Também é imprescindível haver uma preocupação ética com o depoente. Esse, inclusive, é um assunto ainda carente de uma formulação mais ampla e profunda no fazer historiográfico. Na ausência de uma regulamentação específica sobre a questão, cada historiador atua de uma forma, geralmente buscando apoio e normatização em outras áreas do conhecimento.

Sobre a especificidade do depoimento de militantes, Danièle Voldman aponta que:

O exemplo mais patente é o dos militantes, que associam a força da convicção à disciplina em face da organização e à fidelidade aos seus compromissos. Isso dá ao seu testemunho uma coerência e uma estruturação rígidas que exigem, se quisermos superar o discurso reconstruído ou mesmo estereotipado, muita cautela, pois o indivíduo que aceita dar seu depoimento ao historiador está consciente de ter uma mensagem a transmitir.⁴⁹

47 ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p. 81.

48 Os roteiros individuais estão nos Anexos F.

49 VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 257.

Danièle trata dos militantes que aceitam conceder entrevistas. No entanto, cabe também nos questionarmos sobre as motivações daqueles que se recusam. Pode perceber grande reticência por parte de alguns dirigentes petistas em falar a respeito do Foro. Muitos negaram ou mesmo não responderam às solicitações de entrevistas, mesmo aqueles que ainda estão ativos politicamente e que concedem entrevistas constantes a respeito de outros temas. Talvez por considerarem o assunto polêmico ou julgarem que uma entrevista acadêmica tenha menos relevância que as concedidas para veículos midiáticos. São recusas difíceis de decifrar, pois normalmente não vêm acompanhadas de justificativas, mas sim por um incômodo silêncio.

Optou-se por colher o depoimento de alguns dos atores envolvidos diretamente na criação e consolidação da entidade dispostos a conceder entrevistas. São eles: José Dirceu⁵⁰, José Genoíno⁵¹, Luiz Dulci⁵², Valter Pomar⁵³ e Iole Ilíada⁵⁴, todos com papel destacado na articulação internacional do PT. Cabe lembrar que as fontes orais não são produtos diretos da época que relatam. Como aponta Grele:

Os documentos que produzimos não são produto da época que investigamos, e sim do aqui e agora. Como Frisch corretamente observou a respeito de *Hard Times*, não se trata de um acervo de documentos dos anos 30, e sim de dados sobre o que os anos 60 lembram ou pensam da vida nos anos 30. Como tal, é impossível não ser influenciado pela memória e pela forma com que a experiência da Depressão é explicada por membros da cultura dos anos 40 e 50.⁵⁵

50 Dirceu foi deputado federal por São Paulo nas seguintes legislaturas: (Congresso Revisor) 1991-1995; 1999-2003; 2003-2005. Foi Ministro-chefe da Casa Civil do Governo Lula entre 2003 e 2005. Presidiu o PT de 1995 a 2002.

51 Genoíno foi deputado federal por São Paulo nas seguintes legislaturas: 1983-1987; Deputado Federal (Constituinte) 1987-1991; Deputado Federal - 1991-1995, 1995-1999, 1999-2003, 2007-2011 e 2013. Integrou a Direção Nacional do partido em diversos momentos, tendo presidido o PT entre 2003 e 2005.

52 Dulci foi deputado federal por Minas Gerais de 1983 a 1987. Integrou a Direção Nacional do PT desde a fundação do partido. Foi ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência da República no Governo Lula entre 2003 e 2011. Atualmente é vice-presidente do partido.

53 Pomar é graduado, mestre e doutor em História pela Universidade de São Paulo. Atuou no Instituto Cajamar, fazendo parte da equipe responsável pela formação política. De 1997 até 2005, foi terceiro vice-presidente nacional do PT. Foi secretário de Cultura na cidade de Campinas (SP) de 2001 a 2004. Entre 2005 e 2009 foi Secretário de Relações Internacionais do PT. Foi Secretário Executivo do Foro de São Paulo entre 2005 e 2013.

54 Ilíada foi diretora da Fundação Perseu Abramo, responsável pela cooperação internacional entre 2009 e 2012. Foi Secretária de Relações Internacionais do PT entre 2011 e 2012.

55 GRELE, Ronald J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 276.

A entrevista de José Genoíno, por exemplo, foi realizada no período do VII Congresso do PT em 2019, momento em que ele fazia um giro político aliando-se com os setores mais radicais do partido. A crítica mencionada por ele na entrevista em relação ao taticismo e rebaixamento político do partido já vinha sendo feita publicamente em outros espaços. O contexto que Genoíno vivenciava influenciou bastante em seu depoimento e ele pareceu ser sincero e aberto. Sua fala foi permeada por críticas e autocríticas de decisões estratégicas tomadas pela direção majoritária do partido⁵⁶.

O final desta pesquisa foi realizado no contexto da Pandemia da COVID-19, o que criou alguns empecilhos adicionais e impossibilitou o acesso ao arquivo da Secretaria Executiva do Foro de São Paulo, cuja resposta à solicitação somente ocorreu após iniciada a pandemia. As circunstâncias também impediram o acesso à Biblioteca Central da UnB, a partir de abril de 2020. Por fim, não foi possível realizar presencialmente as entrevistas com José Dirceu, Luiz Dulci, Valter Pomar e Valério Arcary, que estavam agendadas. Elas foram realizadas por meio virtual, o que significou uma série de dificuldades e contratempos.

A princípio, relutei em tomar a decisão de realizar entrevistas por meios virtuais, ciente de que boa parte da comunicação de uma entrevista é não verbal. Fraser e Gondim diferenciam as duas modalidades:

Há duas modalidades mais gerais de entrevista: a face a face e a mediada. A primeira se refere àquela modalidade em que entrevistador e entrevistado se encontram um diante do outro e estão sujeitos às influências verbais (o que é dito ou perguntado), às não-verbais (comunicação cronêmica –pausas e silêncios-, cinésica – movimentos corporais-, e paralinguística –volume e tom de voz), e às decorrentes da visualização das reações faciais do interlocutor. A segunda modalidade inclui as entrevistas feitas por telefone, por computador e por questionários, que também estão sujeitas às mesmas influências verbais e não-verbais, mas de modo diferenciado, em especial quando não permitem a visualização das reações faciais do interlocutor.⁵⁷

56 Quando cito a direção majoritária cabe destacar que o PT é composto de forma proporcional. Cada chapa ocupa assentos na Direção Nacional na proporção da sua votação entre os filiados. Mesmo as chapas minoritárias ocupam assentos na direção do partido.

57 FRASER, Márcia; GONDIM, Sônia. *Da fala do outro ao texto negociado*: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 2004, 14 (28), p.143.

Foram realizadas entrevistas nas modalidades face a face e mediada. Na mediada, de duas formas: videochamada e por telefone. Foi perceptível a diferença entre elas. Cada uma apresenta vantagens e desvantagens, que podem inclusive variar de acordo com o entrevistado. A entrevista com José Genoíno⁵⁸, realizada no escritório em sua casa, cercado por objetos e livros de sua trajetória política, permitia que o entrevistado se lembrasse de determinado evento ou discussão ao observá-los. Ao final da entrevista, ganhei alguns livros dele que auxiliaram a compreensão do contexto histórico.

Já a entrevista realizada com José Dirceu⁵⁹, por videochamada, foi permeada por interrupções de funcionários da casa onde ele estava. No caso de Luiz Dulci⁶⁰, o que se perdeu em comunicação visual, pude perceber que se ganhou em energia do entrevistado. Uma videochamada, justamente pela necessidade de manutenção das expressões e atenção visual, se revelou muito mais cansativa para ambos do que uma ligação telefônica. Pesquisadores atentam para as dificuldades da comunicação virtual:

Estar em uma videochamada requer mais foco do que um bate-papo cara a cara, diz Petriglieri. Os chats de vídeo significam que precisamos trabalhar mais para processar pistas não-verbais como expressões faciais, o tom e o tom da voz e a linguagem corporal; prestar mais atenção a eles consome muita energia. “Nossas mentes estão juntas quando nossos corpos sentem que não estamos. Essa dissonância, que faz com que as pessoas tenham sentimentos conflitantes, é exaustiva. Você não pode relaxar na conversa naturalmente. (tradução nossa).⁶¹

58 Realizada em 20 de novembro de 2019, com 1h13m de duração. O entrevistado assinou um termo de autorização e cessão de direitos sobre a entrevista.

59 Realizada por Skype em 11 de maio de 2020, com 1h13m de duração. O entrevistado autorizou por vídeo a gravação e utilização acadêmica da entrevista.

60 Realizada no dia 13 de maio de 2020, por telefone, com 2h48m de duração. Não foi possível fazer a conexão via Skype ou outras ferramentas de videochamada por problemas técnicos. O entrevistado autorizou a gravação e utilização acadêmica da entrevista, solicitando revisar trechos utilizados nesta pesquisa antes de sua publicação.

61 No original: “Being on a video call requires more focus than a face-to-face chat, says Petriglieri. Video chats mean we need to work harder to process non-verbal cues like facial expressions, the tone and pitch of the voice, and body language; paying more attention to these consumes a lot of energy. “Our minds are together when our bodies feel we're not. That dissonance, which causes people to have conflicting feelings, is exhausting. You cannot relax into the conversation naturally”. The Reason Zoom calls drain your energy. Disponível em: <https://www.bbc.com/worklife/article/20200421-why-zoom-video-chats-are-so-exhausting>. Acesso em: 26 set. 2020.

Além das questões objetivas sobre as dificuldades comunicacionais que o diálogo virtual traz, pude perceber também as dificuldades subjetivas. A ausência de encontros presenciais não diretamente ligados à pesquisa, como um encontro casual em um café da biblioteca, nos corredores da universidade ou mesmo em uma mesa de bar, muitas vezes oferecem a possibilidade de importantes momentos de diálogo com outros pesquisadores.

A falta de conhecimento prévio sobre as tecnologias de informação e comunicação criou alguns contratemplos, como a perda da gravação de duas entrevistas: a de Valter Pomar e a de Valério Arcary. Mesmo com o fim da pandemia, creio ser importante que os cursos de graduação e pós-graduação em história devam dedicar mais espaço nos seus currículos à discussão teórico-metodológica tanto de entrevistas orais presenciais quanto à distância. Ao término desta dissertação pretende-se arquivar as entrevistas em algum acervo público de história oral para futuras pesquisas.

O recorte temporal do objeto e a História do tempo presente

A definição sobre o que seria o tempo presente é polêmica. A historiadora Luisa Passerini pondera o caráter subjetivo das origens históricas que variam a cada país⁶². Vejamos Cuba, por exemplo, que ainda vive sob um embargo dos Estados Unidos originado na Guerra Fria, período aliás que serve de subsídio para disputas de narrativas políticas no Brasil e em vários outros países do continente e do mundo. Angélica Müller e Francine Iegelski propõem que, no caso brasileiro, 2016 é o ano em que houve o desfecho de um processo iniciado em 1985, com a redemocratização:

O impacto de períodos de crise e rupturas são os que mais estimulam os historiadores do tempo presente, e, desta maneira, podemos dizer que se abriu um novo capítulo para pensarmos a história do Brasil República, uma vez que o golpe de 2016 aparece também como o desfecho de um processo, marcado por tensões e lutas políticas, que começou em 1985, com o processo de redemocratização do país depois dos duros anos de ditadura militar.⁶³

62 PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 211.

63 IEGELSKI, Francine; MÜLLER, Angélica. O Brasil e o Tempo presente. In: *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p. 22.

O pesquisador Marcos Napolitano aponta que, primeiramente, é necessário perceber que nem todo golpe de Estado leva à ditadura, e que nem toda ditadura se origina de um golpe de Estado⁶⁴. Napolitano ainda afirma que:

No nosso sistema presidencialista, impeachment é um instrumento constitucional, frequentemente utilizado como recall ou voto de desconfiança ao chefe do Poder Executivo por parte do Parlamento (Perez-Liñan, 2007). Além disso, o “crime de responsabilidade” que derrubou Dilma Rousseff, as famosas “pedaladas fiscais”, eram praticadas sem maiores traumas pelos antecessores, o que por si enfraquece a matéria técnico-jurídica que levou ao processo de deposição, dada a falta de isonomia na matéria julgada, e o reforça como opção política discricionária e direcionada⁶⁵.

O posicionamento teórico desses autores é importante, pois embasa o presente estudo, tanto sobre as polêmicas políticas recentes, quanto sobre a possibilidade de trabalhar-se com a história do tempo presente.

É grande a divergência em torno do conceito de golpe de Estado e de golpismo na América Latina do século XXI. Atores políticos e acadêmicos se debruçam sobre as semelhanças e diferenças dos golpes do século XX e XXI. Os militares de 1964 chamavam o Golpe de Revolução. Outros teóricos o chamam apenas de Regime. O atual presidente da República, Jair Bolsonaro, caracterizou o 31 de março como “Dia da Liberdade”, evitando a palavra revolução, talvez por esse conceito ser rechaçado pela extrema-direita recente. Definições como “golpe branco”⁶⁶, “golpe parlamentar”, “golpe jurídico”, “golpe jurídico-parlamentar” e “golpe de novo tipo” são cada vez mais comuns. Segundo Fabrício Silva:

Se deve entender, então, o neogolpismo como formas de golpe de Estado legais na aparência, e que buscam seu processamento preferencialmente por meio das instituições vigentes e do cumprimento de ritos formais. O ponto principal é que são formas mais processuais e mais sutis no uso concentrado da força, pois é isso o que dificulta sua condenação aberta pela comunidade internacional – e por contraste facilita seu reconhecimento pelos governos estrangeiros que esperaram ou apoiaram essas mudanças de regime. Todos os golpes de Estado historicamente necessitaram de uma institucionalidade para legitimá-los antes e depois de sua consecução,

64 NAPOLITANO, Marcos. Golpe de Estado: entre o nome e a coisa. Estudos Avançados, vol. 33, nº 96, São Paulo, Maio-Agosto, 2019, p. 404.

65 Ibid. p. 411.

66 Cf. Golpes brancos, a nova tendência na região. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/559664-golpes-brancos-a-nova-tendencia-na-regiao>. Acesso em 14 jul. 2020.

e em geral produzem suas institucionalidades próprias no processo de construção de seu novo regime.⁶⁷

Quanto ao continente, podemos questionar sobre o que seria o último ponto de recorte. Estaríamos ainda vivendo o período aberto com a dissolução da URSS? Os processos de redemocratização dos países latino-americanos após a sequência de ditaduras “preventivas” contra o avanço do “perigo vermelho” no continente representam um recorte relevante em cada país? A eleição de partidos de esquerda ligados ao Foro determinou um novo contexto histórico? Com a subsequente subida ao governo de presidentes liberais, ultraliberais e conservadores, podemos afirmar que o ciclo histórico aberto pelo Foro se encerrou e foi empurrado para o passado?

Foram muitas as mudanças ocorridas no Brasil, na América Latina e no mundo, desde a crise financeira de 2008 que abalou as mais diversas áreas como economia, política, sociedade e cultura. O *status quo* construído após a dissolução da URSS não existe mais. Há uma crise do multilateralismo, com constantes questionamentos de suas organizações por parte de governos e movimentos políticos.

As inovações trazidas pelo avanço das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) mudaram a forma de fazer e ver a política nos últimos anos. Os atores políticos dos processos de redemocratização, sejam eles de esquerda, direita ou centro, demonstram dificuldades em se adaptar a esta nova realidade. Mesmo os veículos tradicionais de imprensa se encontram em uma crise de identidade, frente à ascensão das mídias sociais.

Para Dirceu:

O final da década de 90 abre um outro período histórico para a América Latina, como agora abriu outro, nós estamos vivendo outro período histórico, de ciclo político. As bases sociais que deram origem ao PT, culturais e econômicas não existem mais no Brasil. O PT está vivendo do legado dele e das bases sociais nordestinas hoje, do que de suas bases sociais originais. A transformação do mundo do trabalho foi brutal no Brasil nos últimos sete ou oito anos.⁶⁸

67 SILVA, Fabricio Pereira. O fim da Onda Rosa e o Neogolpismo na América Latina. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 4, n. 2, 2018, p. 171.

68 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo de vídeo (1:13 min.).

Alguns dados detalhados sustentam a hipótese de Dirceu a respeito das profundas mudanças ocorridas nos últimos anos que influenciam a política e a esquerda de uma forma mais ampla. A taxa de sindicalização de trabalhadores, que era de 19,5% em 2002⁶⁹, caiu para 11,2% em 2019⁷⁰. A reforma trabalhista de 2017 gerou um grande impacto nas finanças de sindicatos, federações, confederações e centrais de trabalhadores pois proibiu a cobrança obrigatória do imposto sindical, principal fonte de financiamento dessas organizações. Somente a Central Única dos Trabalhadores (CUT) passou por uma diminuição de receitas oriundas do imposto sindical de R\$ 66,2 milhões em 2017 para R\$ 442 mil em 2019. Com menos recursos e menos filiados, o movimento sindical enfrenta dificuldades para financiar grandes mobilizações em conjunto com outros movimentos sociais e partidos políticos. Também se tornou mais complicado o financiamento de atividades de solidariedade de classe em parceria com outros movimentos.

Ainda que as novas tecnologias da informação e comunicação não tenham inventado as notícias falsas, o fato é que elas inovaram em dois aspectos. Em primeiro lugar a velocidade. Uma notícia falsa hoje pode atingir milhões de pessoas por todo o território nacional quase instantaneamente. Em segundo lugar, talvez mais importante por seu impacto político, as plataformas de redes sociais do presente prescindem de intermediários físicos para distribuir mensagens, diferentemente dos panfletos apócrifos do passado.

A nova extrema-direita não necessita mais dialogar com líderes políticos locais para fazer chegar à população sua mensagem. Tampouco restringe sua atuação de massas ao período eleitoral, transformando seu eleitorado em base social militante, alimentada constantemente por meio de um bombardeio de informações que são enviadas a todo instante.

A desigualdade no Brasil cresce há 4 anos seguidos, segundo a Fundação Getúlio Vargas confirmada pelo Banco Mundial⁷¹. Segundo o estudo, “nem mesmo em

69 PICHLER, Walter Arno. Tendências recentes do associativismo sindical no Brasil: uma perspectiva setorial. Disponível em: <http://www.dmtemdebate.com.br/tendencias-recentes-do-associativismo-sindical-no-brasil-uma-perspectiva-setorial/>. Acesso em 13 jul. 2020.

70 Taxa de sindicalização cai a 11,2%. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28667-taxa-de-sindicalizacao-cai-a-11-2-em-2019-influenciada-pelo-setor-publico#:~:text=A%20taxa%20de%20sindicaliza%C3%A7%C3%A3o%20caiu,menos%20531%20mil%20pessoas%20sindicalizadas>. Acesso em 26 set. 2020.

71 Ver Anexo A.3.

1989, que constitui o nosso pico histórico de desigualdade brasileira, houve um movimento de concentração de renda por tantos períodos consecutivos”.⁷²

Como o final do período pesquisado foi o ano de 2019, cabe perguntar se a pandemia de Covid-19 – com impactos na saúde pública, na economia e nas legislações e normas a respeito dos processos produtivos e de serviços por todo o mundo –, é ou não um grande evento a separar um período histórico de outro. De qualquer forma, boa parte da pesquisa foi realizada antes da pandemia e um dos referenciais teóricos utilizados foi de história do tempo presente.

É preciso compreender que as memórias das lideranças que construíram o Foro de São Paulo foram sendo transformadas ao longo do tempo. A memória é viva e vai sendo reinterpretada e ressignificada a todo instante e novas questões surgem, tanto pela influência dos personagens políticos envolvidos, quanto dos estudiosos. É necessário realizar um trabalho criterioso para evitar dogmatismos e um processo analítico aprofundado para perceber contradições e mudanças de discurso e mesmo o silenciamento de alguns temas.

Quando investigamos um acontecimento histórico, não basta apenas relatar datas, fatos e listar personagens, é preciso produzir uma reflexão e interpretação a partir das fontes. É esta interpretação concomitante ao processo de pesquisa que produz um discurso coerente. Segundo Rüsen:

A própria pesquisa já produz sentido em seu procedimento de interpretação. (...) Mesmo com o entendimento de que o contexto histórico possui um outro estatuto ontológico do que o fato obtido das fontes, a interpretação não deixa de ser uma operação especificamente científica.⁷³

Sobre a pesquisa bibliográfica e a escolha das fontes

Uma série de fontes foram analisadas, referentes aos encontros do FSP, entre 1990 e 2019, e as reuniões nacionais e congressos do PT entre 1979 e 2017. Entre

⁷² Desigualdade de renda não para de subir há 4 anos no Brasil, diz FGV. Disponível em <https://exame.com/economia/pais-vive-mais-de-4-anos-com-aumento-ininterrupto-da-desigualdade-diz-fgv/>. Acesso em 13 jul. 2020.

⁷³ RÜSEN, Jörn. *História Viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010, p. 27.

essas fontes podem-se destacar: vídeos, fotos, atas, resoluções e entrevistas⁷⁴. Alguns documentos foram publicados nos livros listados na bibliografia. Outros foram acessados em repositórios virtuais na internet e nos arquivos do Centro Sérgio Buarque de Holanda (CSBH), da Fundação Perseu Abramo, mantida pelo PT e sediada em São Paulo. Todos os documentos consultados constam nas referências finais deste trabalho.

É farta a bibliografia sobre o Partido dos Trabalhadores e neste presente estudo não busquei esgotá-la. O Foro de São Paulo é tema tratado apenas lateralmente quando se aborda a história do partido. As mudanças nos discursos do PT e suas lideranças antes e depois dos encontros do FSP foram analisadas na tentativa de perceber o impacto do Foro nos partidos de esquerda do continente, com especial foco no PT. Para tanto, foi feita uma abordagem quantitativa, pesquisando-se numericamente e problematizando-se os termos e conceitos referentes ao Foro e à conjuntura latino-americana nos documentos partidários.

É importante destacar que a análise recorrente das ideias de Marco Aurélio Garcia e Valter Pomar justifica-se pelo fato dele ter ambos terem ocupado o cargo de secretário de relações internacionais do partido e secretário-executivo do Foro de São Paulo. No caso de Garcia ele também foi assessor internacional da Presidência da República nos mandatos de Lula e Dilma. Ou seja, Marco Aurélio e Valter Pomar são personagens centrais que representam a articulação dessa ponte entre o PT e o FSP. A investigação dos textos e relatos de ambos foi essencial para entender de que maneira o Foro influenciou a política externa dos governos petistas e vice versa.⁷⁵

Fiz uma extensa busca no acervo do Centro Sérgio Buarque de Holanda de Documentação e História Política⁷⁶. Foram analisados documentos referentes ao Diretório Nacional do PT entre 1980 e 2019, referentes aos Encontros Nacionais e Congressos do partido, além de documentos da Secretaria de Relações Internacionais do partido disponíveis na internet e no CSBH.

74 As imagens do primeiro encontro de 1990 estavam disponíveis na internet, assim como discursos parlamentares e entrevistas a respeito do tema. Um trecho da fala de Lula na abertura do encontro se encontra disponível no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=CR2kvoBm0a0>. Acesso em 05 de junho de 2019.

75 RUIVO, Mariana Maia. ALMEIDA, Giordano Sousa. TOLEDO, Sara. "O Foro de São Paulo e a Política Externa do Partido dos Trabalhadores: convergências ou divergências nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff. Disponível em: <https://www.rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/263>. Acesso em 07 de junho de 2019.

76 Site do CSBH Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/o-csbn/>. Acesso em: 4 de jun 2020.

Como parte do acervo do CSBH destaca-se o Fundo PTDN (Diretório Nacional do PT) - com documentos referentes aos Encontros Nacionais do partido realizados entre 1981 e 2001 (I ao XII) e referentes ao I e II Congresso do partido (1991 e 1999)⁷⁷ - e as coleções Movimentos Sociais, Acervo Popular e Organizações Político-Partidárias. Esta última,

contempla documentos produzidos por diversas organizações político-partidárias de praticamente todos os continentes, constituindo uma amostra do universo de agrupamentos com os quais o PT manteve relação ao longo de sua história. Composto basicamente por publicações periódicas, inclui também teses, resoluções, cadernos de textos e ofícios.⁷⁸

Ainda que durante a pesquisa no arquivo do CSBH tenha se percebido a ausência de alguns documentos tanto nas plataformas digitais quanto no acervo físico, ou da guarda em pastas e caixas diferentes das citadas no guia do acervo, em geral estas falhas foram pontuais. Não creio que estes problemas específicos, que foram devidamente comunicados à equipe do CSBH, tenham gerado grandes distorções nos resultados desta pesquisa. Cabe aqui um agradecimento à equipe do centro, excelentes profissionais com grande conhecimento dos materiais lá armazenados.

Foi fundamental neste processo de pesquisa tanto a contribuição teórica sobre arquivos obtida ao longo dos anos de graduação e pós-graduação quanto a experiência profissional do período em que trabalhei no Centro de Documentação do Correio Braziliense. Creio que a experiência prática em arquivos deveria ser mais valorizada nos currículos dos historiadores.

Também analisei diversas matérias publicadas pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* entre 1990 e 2019. Esta escolha foi feita por estes serem dois grandes periódicos diários de circulação nacional, sediados na cidade onde se localiza a sede nacional do PT e onde o primeiro encontro foi realizado. Os dois jornais também possuem notória cobertura dos assuntos políticos nacionais e internacionais.

⁷⁷ Vale registrar que os documentos relacionados às moções do Encontro Nacional de 1990 não foi encontrado digitalizado nem nas pastas do fundo. Também não foi localizado o documento denominado "Contra o continuísmo e o pacto social" (1985). Alguns documentos também estavam arquivados em pastas fora do seu ano, o que foi comunicado à equipe do Centro.

⁷⁸ Guia do Acervo do CSBH. Disponível em: https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/guiadoacervo_CSBH.pdf. Acesso em 30 mai. 2020.

Identifiquei três livros publicados sobre o tema. A obra *Foro de São Paulo: construindo a integração latino-americana e caribenha*, de autoria de Valter Pomar e Roberto Regalado, disponibiliza as resoluções finais e moções dos primeiros encontros do Foro. A outra obra foi escrita apenas por Roberto Regalado e se chama *Una mirada desde el Foro de São Paulo: encuentros y desencuentros de la izquierda latinoamericana*⁷⁹. Regalado é professor da Universidade de Havana e representante do Partido Comunista Cubano junto ao Foro entre 1990 e 2010. Também foi secretário executivo adjunto da COPPPAL e editor da revista *Contexto Latinoamericano*. Consegui ter acesso a parte⁸⁰ da tese de doutorado de Regalado que trata do Foro por meio da diretora do Instituto de Filosofia de Havana⁸¹. Foi feita uma solicitação de entrevista a Regalado por aplicativo de mensagens e o autor pediu que as perguntas fossem enviadas por *e-mail*. Não obtive resposta até a finalização da pesquisa. Uma terceira obra intitulada *Foro de São Paulo: construindo la esperanza* foi escrita pelo uruguaio Carlos Baráibar mas não foi localizada na internet e tampouco nos arquivos e bibliotecas consultados.

A Secretaria-Executiva do Foro de São Paulo possui um arquivo próprio e obtive resposta positiva de que poderia visitá-lo após a pandemia, mas a reabertura não ocorreu até a conclusão deste trabalho. Também não pude ter acesso ao acervo pessoal de Marco Aurélio Garcia (1941-2017), que foi professor do Departamento de História da Unicamp e secretário de relações internacionais do PT na década de 1990. O acervo se encontra sob guarda do Arquivo Edgar Leuenroth⁸² mas ainda não foi disponibilizado para consulta.

79 REGALADO, Roberto. *Encuentros y desencuentros de la izquierda latino-americana*. Uma mirada desde el Foro de São Paulo. Cidade do México: Ocean Sur, 2008.

80 O Instituto informou que a tese completa ainda está em processo de revisão para publicação.

81 REGALADO, Roberto. *La teoría de la revolución y la izquierda latinoamericana en el siglo XXI: exámenes desde la filosofía política*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Filosóficas) - Instituto de Filosofia, Universidade de Havana, Havana, 2007.

82 Cf notícia publicada no sítio da universidade. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/05/07/unicamp-recebe-acervo-de-marco-aurelio-garcia>. Acesso em 05 de junho de 2020.

CAPÍTULO I

Contexto da criação do Foro e críticas às entidades predecessoras

O mundo que surgia após o fim da Guerra Fria era marcado pela unipolaridade. Os Estados Unidos se consolidavam como única grande potência mundial, cuja hegemonia se estendia por todo o globo, especialmente fortalecida no continente latino-americano. Aos outros países cabia, no máximo, lutar por hegemonias regionais. O imperialismo norte americano havia triunfado. A Europa Ocidental desmontava seu Estado de bem-estar social, enquanto a Europa Oriental pós-comunista desmoronava.

Os países subdesenvolvidos se encontravam dispersos, sem as tradicionais formas de diálogo, embates e negociações Norte-Sul antes permitidas pela conjuntura da Guerra Fria. Segundo Amado Luiz Cervo, “o Terceiro Mundo desintegrou-se, deixando de existir como frente unida diante da ordem bipolar para esfacelar-se em Estados entregues à própria sorte”⁸³. As instituições fundadas nesse contexto passavam por uma crise de identidade. A ONU estava relegada a um papel secundário, tanto pelas ações unilaterais dos Estados Unidos quanto pela emergência de foros paralelos como o G7. O FMI era criticado por ingerências nas políticas dos países menos desenvolvidos e falta de democracia em seus espaços internos.

Em um mundo turbulento que vivia mudanças rápidas e profundas, as esquerdas estavam em crise. Após a queda do Muro de Berlim chegou-se mesmo a questionar a própria validade da divisão dos grupos políticos entre esquerda e direita. Nesse debate dos anos de 1990, Norberto Bobbio escreveu um livro para defender que tal categorização seguia válida. O pensador alerta:

O historiador também deve se dar conta de que, para compreender, descrever e ordenar a realidade de fato revelada pelos documentos, não pode abrir mão de conceitos abstratos, cujo significado, saiba ou não saiba, lhe é fornecido pelos fanáticos da análise.⁸⁴

83 CERVO, Amado Luiz. O final do século XX e o início do XXI: dificuldades para construção de uma ordem global. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *História das relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2008, p. 319.

84 BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda*. Razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Ed. Unesp, 1995, p. 15.

Todas estas transformações tiveram um forte impacto socioeconômico na América Latina. Entre 1960 e 1990 a população passou de 219 milhões para 441 milhões segundo o Banco Mundial⁸⁵. O número de pessoas que viviam em situação de extrema pobreza subiu de 112 milhões, em 1980, para 184 milhões, em 1990. A população das cidades aumentou mais de 10 vezes e uma quantidade considerável desse contingente incrementou o exército de desempregados.⁸⁶

A América Latina não só acabara de passar pela chamada década perdida dos anos 80 como adentrara os anos 90 em recessão. Nos anos 80 a renda média *per capita* diminuiu cerca de 0,8% ao ano e a desigualdade de renda piorou. Houve deterioração das relações de troca da região, com a queda do valor real das exportações, a diminuição das entradas de capital em relação às remessas de lucros e os dividendos e a queda dos empréstimos com a crise da dívida. Também houve aumento da pobreza, de 41% para 46% entre 1980 e 1990⁸⁷. Na transição entre essas duas décadas, em termos globais, a parcela do Produto Nacional Bruto (PNB) destinada ao mundo subdesenvolvido, que representava 75% da população mundial, caiu de 23% para 19%. A participação da América Latina no comércio mundial caiu de 7% para 4% e a acumulação da dívida externa ultrapassou os 430 bilhões de dólares⁸⁸. O investimento externo era baixo e concentrado, basicamente, em três países: Brasil, México e Argentina⁸⁹.

Em 1990, os salários mínimos estavam um terço abaixo do nível de 1980 e houve diminuição de 7% do PIB médio *per capita*. A violência se agravou em vários países do continente, com o aumento da população indigente de 19% para 22% no período. A esse cenário econômico deteriorado vinha se somar a diminuição dos gastos públicos na área social⁹⁰.

Problemas como a violência, o tráfico de drogas, degradação ambiental e fluxos migratórios chamavam cada vez mais a atenção das forças políticas e ganhavam

85 Cf. Anexo A.2.

86 MERRICK, Thomas W. La población de América Latina. In: BETHELL, Leslie (org.) *História de América Latina V. 11: Economía y sociedad desde 1930*. Barcelona: Crítica, 1997, p. 165.

87 FRENCH-DAVIS, Ricardo; MUÑOZ, Óscar; PALMA, José Gabriel. Las economías latino-americanas, 1950-1990. In: BETHELL, Leslie (org.), op. cit., 1997, p. 154.

88 Cf. informe Anual 1990 do Sistema Econômico para América Latina (SELA). ROBINSON, William I. The São Paulo Forum: is there a new Latin American Left?. *Monthly Review*, vol. 44, n. 7 dez. 1992, p. 08.

89 HOBBSAWM, Eric. op. cit., 1998, p. 411.

90 FRENCH-DAVIS, Ricardo; MUÑOZ, Óscar; PALMA, José Gabriel. op. cit., 1997, p. 154. Sobre o crescimento do PIB da América Latina no período pesquisado ver Anexo A.1.

relevância no debate público, ainda que não fossem questões novas. A política americana de “Guerra às Drogas”, iniciada por Nixon na década de 70, cresceu e firmou parcerias com os governos locais apresentando resultados questionáveis, sob vários os aspectos.

Marco Aurélio Garcia explica os impactos desse contexto:

Os efeitos dessa nova ordem para o Sul incluem recessão (mais especificamente desindustrialização); agravamento da grave situação social interna, com processo de concentração de riqueza (como vem ocorrendo em toda a América Latina, cujo resultado visível são as distintas epidemias que reaparecem, o aumento do analfabetismo, a degradação das condições de vida etc); aprofundamento do *gap* tecnológico entre os países do Sul e os países capitalistas centrais; desengajamento de responsabilidades históricas na formulação e implementação de políticas econômicas e sociais; renúncia a projeto industrial, quando não a um projeto econômico como parte de um processo mais amplo de perda da soberania nacional (em alguns países da América Latina essa perda se traduz na presença ativa de tropas sob o pretexto de combater o narcotráfico).⁹¹

Crises se originavam ou reverberavam no continente, como a mexicana (1995), a asiática (1997) e a russa (1998). A resposta a essas crises estava longe de ser estrutural e sistêmica. Cada país buscava de forma isolada a melhor forma de reagir a esses espasmos. Uma grande parte dos países do continente se encontrava em um período de transição de ditaduras para democracias, cada um com suas peculiaridades próprias. A permanência de problemas sociais e econômicos, assim como a reedição de políticas econômicas muito parecidas com as aplicadas durante os regimes autoritários, dificultava a consolidação dos processos de transição.

Em um contexto político instável, onde a democracia em alguns países foi a exceção e não a regra, a esquerda muitas vezes se viu alijada da disputa política institucional, apelando para estratégias revolucionárias. Nos estertores das ditaduras da América do Sul, os altos comandos militares buscavam controlar ao máximo os processos de transição para governos civis e garantir para si anistias e prerrogativas nos regimes vindouros. Segundo Juan Linz e Alfred Stepan, somente o Uruguai logrou construir uma democracia consolidada, ainda que propensa a riscos, enquanto no

91 GARCIA, Marco Aurélio. *Construir o amanhã: reflexões sobre a esquerda (1983-2017)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019, p. 158-159.

Chile, Argentina e Brasil tal processo ainda não havia se consolidado na metade da década de 1990⁹².

Tanto para José Genoíno, entrevistado nesta pesquisa, quanto para Marco Aurélio Garcia, na maioria das vezes, os processos de transição não foram marcados pela emergência de fortes movimentos sociais e partidos de esquerda que pudessem disputar os seus rumos e a política das nascentes democracias. Não somente a antiga esquerda do continente se encontrava derrotada como os países e o continente haviam mudado profundamente. Segundo Garcia:

Na maioria dos países – e aí, o Brasil foi, uma vez mais, exceção –, o fim das ditaduras não se fez acompanhar pela emergência de um poderoso movimento de massas. Partidos de esquerda, sindicatos e movimentos populares haviam sido duramente golpeados não só pela repressão como pelos efeitos sociais das políticas econômicas conservadoras postas em prática na maioria dos países da América do Sul durante os governos militares. Essas políticas alteraram profundamente a configuração da economia e da sociedade de muitos países. Nesse contexto, as ideias ultraliberalizantes, esboçadas no Consenso de Washington, não encontraram inicialmente grandes resistências sociais, menos ainda intelectuais, no continente.⁹³

Os partidos se encontravam sob democracias ainda não consolidadas, o que resvalava para o debate político partidário. Se alguns setores da esquerda radicalizaram o discurso, a maioria buscou alianças com o centro e até com a direita, moderando suas falas para evitar “provocar” os militares. Tais setores também suavizaram o discurso para tentar eleger governos civis, democráticos e liberais de coalizão. Para estes setores esse seria o avanço possível para o período. O plano era emplacar governos de transição até que uma nova situação política se configurasse, tornando possível adotar reformas mais estruturais alinhadas à esquerda.

Nem todas as ações dos governos latino-americanos da década de 1990 foram criticadas pelas lideranças de esquerda, como pôde ser constatado nas palavras do representante da Frente Ampla do Uruguai (FA), Carlos Baraibar: “o neoliberalismo trouxe de positivo a disciplina nas contas públicas e o controle da inflação”⁹⁴. Em 1995

92 LINZ, Juan J; STEPAN, Alfred C. *A transição e consolidação da democracia* – a experiência do sul da Europa e da América do Sul. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 185.

93 GARCIA, Marco Aurélio. op. cit., 2018, p. 108-109.

94 Cuervo embala o sonho de revanche dos derrotados. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/12/brasil/21.html>. Acesso em 17 set. 2019.

Marco Aurélio Garcia, então secretário de relações internacionais do PT, também elogiou a imagem de Fernando Henrique Cardoso no contexto mundial: “seu desempenho pessoal no exterior foi excelente”⁹⁵. Essa não era uma avaliação unânime. Outros setores de esquerda acreditavam e trabalhavam para radicalizar as posições e ações partidárias. Eles criticavam as alianças firmadas com o centro e propunham uma ruptura, se não com o sistema econômico, ao menos com o *status quo* vigente e o modelo governamental da classe política dominante.

Enquanto isso, os tratados entre países latinos ganhavam cada vez mais força. Em julho de 1990, os Presidentes do Brasil e da Argentina, Fernando Collor e Carlos Menem, assinaram a Ata de Buenos Aires dando continuidade ao processo de integração econômica iniciado por Sarney e Alfonsín em 1985. No ano seguinte nasce o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), fruto do Tratado de Assunção firmado entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai⁹⁶. Segundo Amado Luiz Cervo, no final do século XX a América Latina “integra-se mais intensamente com o mundo”⁹⁷, uma integração política, por meio dos processos de democratização, e econômica e comercial.

Em 1994, após a assinatura do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio, mais conhecido como NAFTA, o presidente americano George Bush propôs a criação de uma Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Apesar da integração comercial ser vista de forma positiva por parte da mídia e da população⁹⁸, a proposta foi inviabilizada por movimentações políticas internas e externas. As esquerdas do continente criticaram duramente a integração puramente comercial por evidenciar a manutenção de políticas protecionistas desiguais que beneficiariam primordialmente os interesses norte-americanos. Não que se opusessem a ela *per se*, mas questionavam a forma como seria realizada. Propunham uma integração alternativa, com espaço para a integração política e cultural, e o Foro de São Paulo acabou por se tornar um laboratório para isso. Sobre o sucesso do Foro nesse aspecto, a

95 FHC para exportação tem aplausos até da oposição. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/31/brasil/33.html>. Acesso em 17 set. 2019.

96 Em 1960 foram fundados o Grupo Andino (hoje Comunidade Andina) e Associação Latino-Americana de Livre Comércio (atual ALADI) que antecederam o MERCOSUL na tentativa de integração econômica continental.

97 CERVO, Amado Luiz. O final do século XX e o início do XXI: dificuldades para construção de uma ordem global. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). op. cit., p. 322.

98 DEUTSCHMANN, Emanuel; MINKUS, Lara. *Swinging Leftwards: Public Opinion on Economic and Political Integration in Latin America, 1997-2010*. Bremen: Jacobs University. 2017.

pesquisadora Anna Novichkova afirmou que ele “tornou-se uma ferramenta para promover coletivamente uma mudança tanto na cultura estratégica quanto nas atitudes públicas dos países da região (o conceito de integração alternativa)”. (tradução nossa).⁹⁹

Inicialmente, o Foro dedicou poucas linhas ao Mercosul, realizando oficinas específicas sobre o tema mas logo passou a apoiar a existência do bloco e de outras comunidades regionais como uma forma de resistir aos grandes conglomerados como a ALCA. Assim, o FSP atuava junto aos parlamentos para propor cláusulas sociais e ressalvas trabalhistas na integração continental. Em 1997, o Grupo de Trabalho do FSP, responsável por sua coordenação, propôs um extenso documento, posteriormente recusado pelo plenário¹⁰⁰, que afirmava a importância da regionalização:

O mundo em que vivemos não é totalmente globalizado, mas regionalizado em blocos econômicos. A regionalização continuará a ser uma tendência poderosa e também necessária para os países do Sul, seja para conter as ambições expansivas dos estados e corporações transnacionais mais desenvolvidos e poderosos e/ou para compensar os desequilíbrios e desigualdades contraditórios no curso atual das coisas. no mundo ou melhorar as condições e possibilidades de cada um deles em sua inevitável imersão na globalização.(tradução nossa).¹⁰¹

Já em 2002:

99 No original: “became a tool to promote collectively a change both in strategic culture and the public attitudes of the countries in the region (the concept of alternative integration”. NOVICHKOVA, Anna. *Assessing the role of the São Paulo Forum in Brazilian foreign policy. A neoclassical realist perspective*. Master tesis. Faculty of Social Sciences. Praga: Charles University, 2018, p. 60.

100 No subcapítulo a respeito do Grupo de Trabalho esta polêmica será abordada com mais profundidade.

101 No original: “El mundo en que vivimos no está totalmente globalizado, sino regionalizado en bloques económicos. La regionalización continuará siendo una poderosa tendencia y además es necesaria para los países del Sur, ya sea para frenar las ambiciones expansivas de los Estados y corporaciones transnacionales más desarrollados y poderosos y/o para compensar los contradictorios desequilibrios y desigualdades del actual curso de las cosas en el mundo o mejorar las condiciones y posibilidades de cada uno de ellos en su inevitable inmersión en la globalización”. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Documento central do VII Encontro do FSP, Porto Alegre, 1997 *In: Compilação das Atas do FSP*, p. 108. Disponível em: http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/da/web/reforma-politica/forum?p_auth=e2q4CITs&p_p_id=19&p_p_lifecycle=1&p_p_state=exclusive&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_pos=1&p_p_col_count=2&_19_struts_action=%2Fmessage_boards%2Fget_message_attachment&_19_messageId=2029622&_19_attachment=007_atas_foro_sao_paulo.pdf. Acesso em: 18 ago 2020.

Orientamos nossos esforços partindo de considerar o Mercosul, a CAN e os distintos esforços de integração regional e sua inter-relação como uma base de grande valor para a integração latino-americana, enquanto avançamos a formas mais profundas para enfrentar os projetos de dominação e de integração dependente como a ALCA e outros, tal como são apresentados pelos Estados Unidos.¹⁰²

Nem sempre a postura do Foro em relação às grandes potências e aos próprios governos era somente de denúncia. Em muitas situações, este se pronunciava pela abertura de negociações ou propondo mudanças de posturas aos seus governantes, como no III Encontro do Foro de São Paulo em Managuá, Nicarágua, no ano de 1992.

Consideramos imprescindível impulsionar a criação de uma frente comum de negociação latino-americana frente às grandes potências e blocos. Demandamos aos Chefes de Estado e de Governo, em ocasião da Cúpula em Madri, a necessidade imperiosa de assumir este objetivo sobre uma base unitária sem qualquer ingerência externa.¹⁰³

No entanto, a integração proposta pelas esquerdas se diferia daquelas propostas pela direita em um ponto central: eram restritas à América Latina. Cabe também registrar o recorte conceitual realizado pelos petistas na definição de América Latina para a de América do Sul. Esse parece ter sido influenciado por Celso Amorim¹⁰⁴. Sobre a disputa entre esses dois conceitos geopolíticos, Paulo Roberto de Almeida aponta que América do Sul seria um conceito “geograficamente mais inclusivo” enquanto América Latina seria mais ambíguo¹⁰⁵. Ainda que a maioria do PT tenha feito esse recorte após a chegada ao governo, em 2002, o mesmo não pode ser dito sobre a formulação de todas as esquerdas do continente, muitas das quais ainda preferiam a concepção de abrangência latina.

102 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração da reunião do Grupo de Trabalho do FSP, Quito, 2002 *In: Compilação das Atas do FSP*, p. 557. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 10 set. 2020.

103 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do III Encontro dos Movimentos e Partidos Políticos do FSP, Managuá, 1992 *In: Compilação das Atas do FSP*, p. 100. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 21 ago 2020

104 AMORIM, Celso. Entrevista para monografia *In: CALIMAN, Daniel Wanderley. O Partido dos Trabalhadores e o Foro de São Paulo: “laboratório” de hegemonia política partidária na América Latina. Monografia (Graduação em Relações Internacionais), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019, p. 149.*

105 ALMEIDA, Paulo Roberto de. CERVO, Amado Luiz. As duas últimas décadas do século XX. *In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). op. cit., p. 311.*

Também houve uma mudança na forma como os Estados intermediavam a inserção econômica de cada país no mundo. Sobre essa transformação, Robert W. Cox aponta que:

Na segunda metade e o século XX, mudou a relação dos Estados com a economia política mundial. Antigamente, o papel do Estado era concebido como uma fronteira de defesa da economia nacional contra influências exógenas prejudiciais. Ultimamente, o papel do Estado tem sido entendido mais como um instrumento de ajuste da economia interna às exigências da economia mundial. “Competitividade” é a palavra-chave que expressa essa mudança de perspectiva. O Estado é tributário de algo maior do que ele: “internacionalizou-se”, passou a ser uma correia de transmissão da economia mundial para a economia nacional.¹⁰⁶

Vale reforçar que as esquerdas da América Latina e Caribe passavam por um momento difícil antes da criação do FSP. Em 1988, no México, o candidato do PRD, Cuauhtémoc Cárdenas, fora derrotado em eleições presidenciais questionadas sob muitas acusações de fraudes¹⁰⁷. Em 1989, Luiz Inácio Lula da Silva perdeu as eleições para Collor, a esquerda uruguaia ficou em terceiro lugar nas eleições com a Frente Ampla, houve a queda do Muro de Berlim e a União Soviética se encontrava em grave crise, cortando muitas das parcerias comerciais e financeiras com Cuba. No mesmo ano Fukuyama publica seu artigo “O fim da história?”¹⁰⁸, em que advoga uma vitória final do modelo liberal, e economistas do FMI, Banco Mundial e do Departamento de Tesouro dos Estados Unidos publicam documentos que ficariam conhecidos como “Consenso de Washington”. Essa teoria afirmava que os setores de esquerda que defendiam estímulos keynesianos via déficits públicos, eram uma espécie quase em extinção. Williamson apresentava as seguintes diretrizes em artigo publicado no ano de 1990:

Os 10 tópicos em torno dos quais o documento está organizado tratam de instrumentos de política em vez de objetivos ou resultados. São

106 COX, Robert W. Rumo a uma conceituação pós-hegemônica da ordem mundial: reflexões sobre a relevância de Ibn Kaldun. In: ROSENAU, James N., CZEMPIEL, Ernst-Otto (org.). *Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 198.

107 Ex-President in Mexico Casts New Light on Rigged 1988 Election. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2004/03/09/world/ex-president-in-mexico-casts-new-light-on-rigged-1988-election.html>. Acesso em 5 mar. 2020.

108 FUKUYAMA, Francis. The end of history? *The National Interest* (16): p. 3–18. 1989.

pelos instrumentos de política econômica que considero "Washington" como importante bem como sobre os quais existe algum consenso. Em geral, presume-se, pelo menos na Washington tecnocrática, que os objetivos econômicos padrão de crescimento, inflação baixa, balanço de pagamentos viável e distribuição de renda equitativa devem determinar a disposição de tais instrumentos de política. (tradução nossa).¹⁰⁹

Os 10 tópicos abordados por Williamson são: déficit fiscal; prioridades de despesas públicas; reforma tributária; taxa de juro; taxa de câmbio; política comercial; investimento estrangeiro direto; privatização; desregulamentação e direitos de propriedade. Uma defesa do capitalismo de livre-mercado e do Estado mínimo como única solução possível para os problemas do continente. Essa opinião era compartilhada pela maioria dos governantes e dos grandes veículos de mídia do continente.

Em fevereiro de 1990, a Frente Sandinista de Libertação Nacional perdeu as eleições presidenciais na Nicarágua, pondo fim ao governo revolucionário sandinista. No mesmo ano estourou a guerra civil na Guatemala e em El Salvador, cujos movimentos guerrilheiros também estiveram na fundação do Foro: *Unidad Revolucionaria Nacional Guatemalteca* (URGN) e *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional* (FMLN). A crise na América Central seguia sem solução após os insucessos das negociações do Grupo de Contadora (1983)¹¹⁰ e Grupo do Rio (1986)¹¹¹. Ambas as guerrilhas se encontravam em uma situação defensiva e sob forte pressão, mas ainda detinham força militar e política considerável em seus países, assim como a solidariedade de vários setores da esquerda continental que não haviam abandonado a ideia de uso da força militar como estratégia de disputa pelo poder. O conflito armado travado entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e o governo prosseguia sem resolução desde 1967.

109 No original: "The 10 topics around which the paper is organized deal with policy instruments rather than objectives or outcomes. They are economic policy instruments that I perceive "Washington" to think important, as well as on which some consensus exists. It is generally assumed, at least in technocratic Washington, that the standard economic objectives of growth, low inflation, a viable balance of payments, and an equitable income distribution should determine the disposition of such policy instruments". WILLIAMSON, John. *What Washington Means by Policy Reform*. Washington: Peterson Institute for International Economics, 1990.

110 O Grupo de Contadora foi proposto em 1983 pelo governo do México para a Colômbia, Panamá e Venezuela para promover a paz na América Central, que estava em meio a conflitos armados.

111 O Mecanismo Permanente de Consulta e Acordo Político (Grupo do Rio) foi criado em dezembro de 1986 como resultado do trabalho político e diplomático do Grupo de Contadora e Grupo de Apoio (Argentina, Brasil, Peru e Uruguai), a favor da paz na América Central.

Mesmo alguns setores que não utilizavam ou enxergavam a insurreição armada como via política estratégica, mantinham laços de solidariedade com alguns grupos guerrilheiros, como é o caso do Partido dos Trabalhadores com a URNG e a FMLN. Ao longo da década, em diversas situações, o FSP realizou esforços no acompanhamento dos acordos de paz da Guatemala e de El Salvador. Também realizou oficinas de negociação e processos de paz sobre a Colômbia e o México.

Nesta pesquisa adoto a distinção entre esquerda e direita proposta por Bobbio, na qual a esquerda acredita em uma sociedade igualitária, que demanda reformas estruturais para eliminar as desigualdades, e a direita crê em uma sociedade inigualitária, onde as desigualdades são vistas como naturais e, portanto, não podem ser eliminadas.

O elemento que melhor caracteriza as doutrinas e os movimentos que se chamam de “esquerda”, e como tais têm sido reconhecidos, é o igualitarismo, desde que entendido, repito, não como a utopia de uma sociedade em que todos são iguais em tudo, mas como tendência, de um lado, a exaltar mais o que faz os homens iguais do que o que os faz desiguais, e de outro, em termos práticos, a favorecer as políticas que objetivam tornar mais iguais os desiguais.¹¹²

Avançando no debate, é preciso reconhecer que definições binárias e excludentes não configuram uma divisão única e imutável no tempo, havendo uma série de matizes entre um e outro, como bem pontua o próprio Bobbio. Há setores da esquerda que defendem uma ruptura total com o capitalismo. Há aqueles que advogam por reformas sociais dentro dos marcos capitalistas. Há outros que defendem o igualitarismo em questões de gênero, raça e orientação sexual sem necessariamente reivindicar mudanças nas estruturas econômicas e tantas outras combinações possíveis¹¹³. Há concordâncias e divergências tanto sobre os objetivos a serem alcançados quanto sobre os métodos para atingi-los.

Há que se diferenciar a radicalidade estratégica e programática da radicalidade tática. A Guerra Fria no continente ajudou a colocar em um mesmo bloco setores heterogêneos da política, cuja unidade se dava unicamente em oposição aos governos ditatoriais. Mesmo quando analisamos com um olhar atual a trajetória de ex-

112 BOBBIO, Norberto. op. cit., 1995, p. 110.

113 Cf. FRASER, Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. *American Affairs*, v. 1, n. 4, 2017, p. 46-64.

esquerdistas que se opuseram aos regimes de exceção, não é surpreendente que alguns deles posteriormente tenham se deslocado não somente para o centro, mas também para a direita liberal após o fim desses regimes. A motivação política muitas vezes não se dava pela necessidade de uma revolução socialista, mas antes disso, pelo direito de rebelar-se contra um governo ilegítimo. O liberalismo radical, ainda que não expressamente citado, parece ter animado boa parte dos setores médios urbanos que se insurgiam contra as ditaduras ao longo do século XX. Cabe lembrar de Fidel Castro, líder estudantil e depois guerrilheiro cujas influências primeiramente se assentam em José Martí e outros liberais radicais para, somente depois da vitória da Revolução Cubana, declarar-se comunista. A diversidade de atores sociais que se opunham aos regimes autoritários, descontrói o discurso difundido pela maioria dos governos militares, especialmente na Argentina, Uruguai e Brasil, de que todos os opositores eram “comunistas subversivos”. Não que todos tivessem mudado de posição nos processos de redemocratização, mas a própria régua da política havia se movido ou mesmo sido trocada.

Para o pesquisador William Robinson, as esquerdas que fundaram o Foro de São Paulo compartilhavam o comprometimento de repensar a revolução e a mudança social na nova situação de 1990. Ainda que distantes da elaboração de um projeto alternativo ao neoliberalismo, algumas linhas gerais poderiam ser vistas em seu início: 1) Revolução e democracia são indivisíveis; 2) Projetos revolucionários podem se desdobrar no contexto de competição cívica e eleitoral; 3) O fetichismo militar está ultrapassado; 4) Movimentos revolucionários devem se mover da ideologia para políticas enraizadas nas realidades específicas da nação; 5) Mudanças progressistas e revolucionárias não são projetos de uma só classe; 6) As relações entre o Estado, a sociedade civil e o poder devem ser reestruturadas; 7) Os dias do vanguardismo e verticalismo estão acabados, a autonomia dos novos movimentos sociais devem ser respeitadas e encorajadas.¹¹⁴

Novas esquerdas surgiam, não mais com a formulação somente da tradicional aliança entre operários e camponeses, mas incluindo as pautas específicas de novos atores políticos como indígenas, negros, mulheres, religiosos ligados à teologia da libertação, movimentos ecológicos e associações comunitárias em favelas. Nem tudo

114 ROBINSON, William. *The São Paulo Forum: is there a new Latin American Left?*. Monthly Review, vol. 44, n. 7 dez. 1992.

na conjuntura era obstáculo para a política das esquerdas do continente. O cenário de crises econômicas e sociais criava contradições e brechas pelas quais discursos questionadores se infiltravam e ganhavam força. Marco Aurélio Garcia enumerou os dilemas fundamentais com os quais as esquerdas tiveram que se deparar naquele momento:

Essas dificuldades se traduzem de forma brutal no plano social: desemprego, aumento da pobreza, migrações incontroláveis, marginalização de jovens, velhos e mulheres, destruição do meio-ambiente, movimentos racistas, fundamentalismo religioso, nacionalismo exacerbado.¹¹⁵

Voltando ao Partido dos Trabalhadores, parte da liderança que ele exercia no continente pode ser explicada por sua ascensão ao longo da década de 1980. O crescimento do PT e dos movimentos sociais no Brasil não foi acompanhado pela grande maioria dos países latinos, o que colocou a esquerda brasileira em posição de destaque em relação ao resto do continente. Essa avaliação foi compartilhada tanto por José Genoíno, em sua entrevista para esta pesquisa, quanto por Marco Aurélio Garcia, em artigo escrito em 2005, para quem “a ‘década perdida’ do ponto de vista econômico havia sido absolutamente ‘ganha’ do ponto de vista político”¹¹⁶.

O segundo lugar de Lula nas eleições de 1989, com 31 milhões de votos, era o coroamento de um processo político anterior, amplo e profundo. A ascensão do PT ocorreu como processo dialético dessa situação deteriorada, sobre a qual o partido soube atuar, inclusive se afastando dos governos e das lideranças de centro e centro-direita que capitaneavam o processo de redemocratização política do país. Estas, ao não lograrem apresentar resultados concretos na economia e nas condições objetivas de vida da maioria da população, terminaram por cair em descrédito, abrindo espaço para um PT que havia se oposto, de forma veemente, tanto à ditadura militar quanto ao governo Sarney.

115 GARCIA, Marco Aurélio. op. cit., 2018, p. 172.

116 Ibid., p. 247.

1.1-O fim da URSS e de uma “retaguarda revolucionária”

A queda do socialismo real foi recebida com euforia pelos ideólogos liberais, mas pouco tinha a oferecer aos países latino-americanos afundados em dívidas e hiperinflação. A narrativa dominante era a de que não haveria alternativa. Os pobres, excluídos e marginalizados que se conformassem com sua falta de mérito e se esforçassem mais.

Ainda que possuindo uma política externa pragmática, a URSS servia como uma espécie de “retaguarda revolucionária”. Esta se diferenciava de uma vanguarda por não fomentar processos revolucionários pelo continente, mas ainda assim servia como território seguro onde revolucionários de todo o mundo podiam buscar asilo político em situações extremas e se reconectar com redes internacionais de solidariedade, bem como com partidos e movimentos políticos de outros países.

Sobre a atuação soviética no continente, Napolitano afirma:

Mesmo a aliança cubano-soviética não chegou a ser a afirmação inequívoca da geopolítica soviética no continente, pois logo depois de 1962 as relações entre os dois países esfriaram, normalizando-se somente após 1970 com o recuo do castrismo no apoio às guerrilhas continentais. O fato é que para os soviéticos não interessava a elevação das tensões com os Estados Unidos na América Latina, e a resolução da Crise dos Mísseis foi uma sinalização neste sentido. Tratava-se mais de uma movimentação tática para criar uma agenda antiamericana no continente do que propriamente uma intervenção direta ou indireta em processos revolucionários e a criação de novos países-satélites. A hesitação dos partidos comunistas latino-americanos na organização de movimentos armados era a contraface dessa geopolítica da URSS, particularmente forte após a queda de Krushev, em 1964.¹¹⁷

Sobre os impactos do fim da URSS, aponta Marco Aurélio Garcia:

O fim da URSS – a despeito de nossa crítica radical ao Estado soviético – e a evolução pragmática da política externa da China – independentemente da condenação a seu regime político – contribuíram para a preeminência absoluta dos Estados Unidos. Esta situação é nova. Bastaria lembrar o que significou no passado, a despeito de todas as ambiguidades da política soviética, ou da China, o apoio político e militar de um desses países (ou dos dois) à luta no

117 NAPOLITANO, Marcos. op. cit., p. 394.

Vietnã, aos processos de libertação nacional na África e Ásia, à Revolução Cubana etc.¹¹⁸

Daniel Aarão Reis vislumbra uma nova situação, que afetava a todas as esquerdas:

A virada iria se acentuando em fins dos anos 80, com a queda do Muro de Berlim, em 1989, a desagregação do socialismo na Europa Central, a crise do socialismo de bem-estar em Cuba, e, pouco depois, em 1991, para culminar, o surpreendente desmantelamento da antes considerada inexpugnável União Soviética. Uma vertigem. As esquerdas em todo o mundo, mesmo os setores não identificados com o socialismo realmente existente, passavam para uma posição de defensiva estratégica.¹¹⁹

O PT manifestou apoio ao processo de transformação no Leste Europeu quando afirmou, em resolução aprovada no VII Encontro Nacional em 1990, que “está convencido de que as mudanças ocorridas e ainda em curso nos países do chamado socialismo real têm um sentido histórico positivo”¹²⁰. Essa formulação foi aprofundada no 1º Congresso do partido, em 1991, ao assinalar que na região estavam ocorrendo “verdadeiras revoluções democráticas”¹²¹.

Sobre a China, o PT aprovou uma moção no VI Encontro Nacional em 1989, denominada “Não ao Massacre do Povo Chinês”, condenando a repressão aos protestos da Praça da Paz Celestial e efetivamente rompendo relações com o Partido Comunista da China. Segundo Genoíno, essas relações partidárias só foram reestabelecidas no contexto do governo Lula¹²².

Na década de 90 a China não era analisada profundamente nos documentos do Foro, talvez por se tratar de tema polêmico e “extracontinental”. A posição crítica do PT ao governo chinês não era consenso no continente, principalmente entre os

118 GARCIA, Marco Aurélio. op. cit., 2018, p. 163-164.

119 REIS, Daniel Aarão. *O Partido dos Trabalhadores—trajetória, metamorfoses, perspectivas*. REIS, Daniel Aarão. *O Partido dos Trabalhadores—trajetória, metamorfoses, perspectivas*. 2007, p. 09. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/culturaspoliticas/files/daniel4.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

120 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. *O Socialismo Petista. Resolução aprovada no VII Encontro Nacional do PT, São Paulo, 1990*. In: CSBH. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018, p. 127. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/CSBH/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

121 Disponível em: https://fpabramo.org.br/CSBH/wp-content/uploads/sites/3/2018/05/91_1CongressoNacional_socialismo.pdf. Acesso em: 20 out, 2020.

122 Entrevista de Genoíno para esta pesquisa. Ver Referências para detalhes.

partidos comunistas. Apenas em poucas situações a China era mencionada por seu “vasto programa de reformas econômicas com a abertura de suas fronteiras ao ingresso maciço de capitais internacionais e com a crescente adoção de mecanismos de livre mercado”¹²³. Somente entre 2005 e 2006, com seu crescimento econômico e reposicionamento global, o país asiático aparece de forma mais destacada nos documentos. Em 2007, o Foro deliberou um posicionamento em consonância com a política do Partido Comunista da China, quando aprovou uma resolução em que constava a defesa do princípio de “Uma Só China” e pela reunificação do país.¹²⁴

No decorrer do século XX, os regimes do Leste Europeu já não eram vistos como referência por amplos setores das esquerdas da América Latina, mesmo entre os comunistas. Aqueles que lamentavam o fim da bipolaridade e de uma “retaguarda” política reconheciam as debilidades econômicas e políticas de tais governos.

Além do fim dos apoios diretos vindos de potências socialistas, a própria mudança na balança geopolítica global criava um contexto em que o continente latino-americano se via ainda mais atrelado aos Estados Unidos. A preocupação das esquerdas não era somente com o fim da bipolaridade. Também eram fonte de grandes preocupações as transformações trazidas pela revolução técnico-científica ou terceira revolução industrial. Mudanças na divisão internacional do trabalho, nas redes globais de produção e mesmo dentro das fábricas impactavam tanto a qualidade de vida dos trabalhadores quanto a atuação dos sindicatos e a estrutura das sociedades.

1.2-As relações internacionais do PT e da CUT

As esquerdas brasileiras historicamente foram muito mais ligadas à Europa que a seu próprio continente. Isso se deve tanto ao fato de o continente Europeu ser a origem das teorias políticas que chegaram ao Novo Mundo quanto à tradicional ligação e inspiração das elites intelectuais locais com a Europa, independentemente

123 No original: “vasto programa de reformas económicas con la apertura de sus fronteras al masivo ingreso de capitales internacionales y con la adopción creciente de mecanismos de libre mercado”. Foro de São Paulo. Documento Central do VII Encontro do FSP, Porto Alegre, 1997 *In*: Compilação das Atas do FSP, p.107. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>.

124 Foro de São Paulo. Resolução do XIII Encontro FSP, San Salvador, 2007 *In*: Compilação das Atas do FSP, p.14. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>.

das inclinações políticas. A esquerda do início do século XX não fugia à regra e as dificuldades logísticas só aumentavam esse distanciamento. Apesar dos esforços da Internacional Comunista e, posteriormente, dos próprios partidos, o intercâmbio político entre as esquerdas latinas foi pontual durante a primeira metade do século XX.

No contexto das ditaduras do Cone Sul essa realidade mudou, com a construção de redes de solidariedade entre os partidos e militantes de esquerda do continente. Seja em Santiago do Chile, Montevideu, Havana ou na Cidade do México, militantes se encontravam, se ajudavam e dialogavam sobre o passado, o presente e o futuro das lutas, aproximando-as. Esses laços se fortaleciam quando eventualmente essas lideranças se encontravam em Paris, Moscou ou em outras cidades europeias e auxiliaram o processo de transição para a democracia, em seus respectivos países.

A história de vida de Marco Aurélio Garcia é apenas uma, entre tantas outras, que exemplifica esses laços. Em 1962, na gestão de Aldo Arantes na União Nacional dos Estudantes (UNE), Marco foi vice-presidente de relações internacionais da entidade. Na década de 70, esteve exilado primeiro no Chile de Salvador Allende depois em Paris, retornando ao Brasil após a Anistia de 1979. As relações e os conhecimentos adquiridos por ele e tantos outros auxiliaram a aproximação dos partidos latinos durante as décadas de 1980 e 1990.

Outro ponto de contato internacional que precede o Foro e mesmo o PT são as relações internacionais construídas pelos sindicalistas. Antes mesmo da fundação da CUT, o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC se filia à Federação Internacional dos Metalúrgicos (FITIM). Em um Brasil cuja economia era cada vez mais integrada à economia global, os sindicalistas enxergavam como estratégica essa articulação, como se pode ver nas palavras de Lula em 1991:

Começamos a discutir, naquela época, que seria importante termos uma maior inserção internacional, principalmente porque nossa luta era basicamente com multinacionais. Por que quando vamos fazer um acordo coletivo com a Volkswagen, não trazemos um representante do sindicato alemão para sentar na mesa de negociação junto com a gente? Esta é uma forma de atuação internacional efetiva. Isso fomos descobrindo em função das poucas experiências que começávamos a

desenvolver (...). A FITIM ajudou a gente na greve. Quando fomos cassados em 80, a FITIM deu uma ajuda para o fundo de greve.¹²⁵

Luiz Dulci lembra que também havia setores do novo sindicalismo ligados à igreja progressista, especialmente à Ação Católica Operária. Esses setores tiveram participação relevante em algumas oposições metalúrgicas, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, e em certos movimentos de trabalhadores rurais, como por exemplo no Pará. Por meio da Ação Católica Operária, o sindicalismo cristão de países europeus apoiou algumas iniciativas do novo sindicalismo brasileiro.

Dulci também ressalta a pluralidade do diálogo do novo sindicalismo brasileiro com o movimento sindical internacional, que se traduziu em relações bastante diversificadas e em apoios variados a iniciativas transformadoras no Brasil. Cita como exemplo que duas escolas de formação da CUT, o Instituto Cajamar em São Paulo e a Escola 7 de Outubro em Belo Horizonte, foram construídas graças à solidariedade da CISL italiana, central sindical de inspiração cristã; que a Escola Sindical de Santa Catarina teve apoio da DGB alemã, de orientação social-democrata; e que outros órgãos da CUT, inclusive na área de saúde do trabalhador, contaram com apoio da CGIL italiana, de tradição comunista e socialista. Lembra também que o novo sindicalismo brasileiro, inclusive com a participação pessoal de Lula, buscou dialogar com os setores mais abertos e democráticos do sindicalismo dos Estados Unidos.

Tendo viajado com Lula para a Itália na década de 1980, Dulci pontua que ambos mantiveram contatos tanto partidários quanto sindicais com os comunistas, socialistas, social-democratas, verdes e cristãos. Afirma que executavam uma política internacional deliberadamente diversificada.

As relações internacionais da CUT, inclusive, eram tema de acalorados debates dentro do PT, mais até do que as relações internacionais do partido. O próprio Foro de São Paulo, em diversos momentos, só foi citado e entrou nas resoluções partidárias via emendas unitárias. Já a filiação da CUT a alguma confederação sindical mundial era tema recorrente de diversas contribuições e divergências. Esse não era um tema menor, já que a filiação a esta ou àquela confederação era vista como composição com o sindicalismo social-democrata, representada pela Confederação Internacional

125 SILVA, Luís Inácio Lula da. *A CUT e o movimento sindical internacional*. Rio de Janeiro/São Paulo: CEDI, 1991, p. 22.

de Sindicatos Livres (CIOSL) ou com o sindicalismo comunista da Federação Sindical Mundial (FSM). Havia ainda a vertente democrata-cristã, representada pela Confederação Mundial do Trabalho (CMT). A CIOSL e a CMT se fundiram em 2006, dando origem à Confederação Sindical Internacional (CSI).

Esse tema é relevante, pois as esquerdas consideravam a política em suas diversas frentes. O que acontece no movimento sindical reverbera e influencia o debate partidário e vice-versa.

A despeito de gerar debates tensos no seio do PT, as relações internacionais da CUT eram orientadas essencialmente pela política da chamada Articulação dos 113, que possuía uma grande hegemonia na central sindical, muito mais do que dentro do partido. Tendências da esquerda petista que possuíam uma capacidade de incidência muito maior nas deliberações do partido não tinham apoio suficiente do movimento sindical para evitar as movimentações propostas pela Articulação Sindical, braço sindical da Articulação dos 113. Mesmo os outros partidos, como é o caso do PCdoB cuja Corrente Sindical Classista entrou na CUT em 1991, possuíam pouca capacidade de influir nas relações internacionais da central.¹²⁶

Inicialmente, a CUT adota uma postura independente quanto às centrais internacionais, com críticas a todas elas. Por fim, a entidade se filia à CIOSL em sua V Plenária Nacional em 1992. Esta aproximação do chamado novo sindicalismo brasileiro com o sindicalismo socialista e social-democrata pode ter ajudado a melhorar as relações do PT com os partidos socialistas e social-democratas, tanto da Europa quanto da América Latina.

A CIOSL possuía um braço específico para o continente, chamado Organização Regional Interamericana de Trabalhadores (ORIT), ao qual a CUT dará especial prioridade em sua consolidação e crescimento após sua filiação. Segundo Hermes Augusto Costa, com a filiação da CUT à CIOSL houve uma intensificação da relação com a América Latina e um aprofundamento das relações bilaterais com as centrais sindicais europeias.¹²⁷

126 A Corrente Sindical Classista permaneceu na CUT até 2007, saindo para fundar a Central dos Trabalhadores do Brasil – CTB, que é filiada à Federação Sindical Mundial (FSM).

127 Cf. COSTA, Hermes Augusto. O sindicalismo, a política internacional e a CUT. Lua Nova Revista de Cultura e Política, (64), 129-152, 2005.

A partir de afluentes sindicais, intelectuais e religiosos, era esperado que o PT mantivesse fortes laços e uma política internacional atuante. Os intercâmbios de ordem acadêmica ocorreram primeiro via Fundação Wilson Pinheiro (1981) e depois com sua sucessora, a Fundação Perseu Abramo (1996).

Ainda que boa parte dos intercâmbios sindicais petistas não tenha sido aproveitada pelo Foro, por serem com sindicatos de outros continentes, o movimento de cooperação internacional articulado pelo meio sindical ajudou o partido a perceber, desde o seu nascedouro, a importância das relações exteriores. Vale também lembrar que o FSP é umas das principais e mais estratégicas ferramentas das relações internacionais do PT, mas não constitui o todo das relações internacionais do partido, que participa de vários outros fóruns interpartidários, assim como os demais partidos do Foro. Além dos fóruns e organismos internacionais, há também as relações diretas entre um partido e outro.

José Dirceu, por exemplo, chama a atenção para a importância do intercâmbio do PT com organizações internacionais católicas que apoiavam à luta contra a ditadura e aos movimentos sociais brasileiros, como é o caso da Cáritas. O historiador e ex-dirigente do PT Valério Arcary, define esse pluralismo do partido como um conjunto de

relações internacionais híbridas que uniam o apoio de uma parcela da hierarquia católica via Holanda e Alemanha (com relações institucionais minoritárias no Vaticano), o apoio de uma parcela da social-democracia internacional (via PS francês e SPD alemão), o apoio de uma parcela do aparelho estalinista internacional (via Cuba e, posteriormente, da Alemanha Oriental); e, finalmente, mas não menos importante, com uma ala esquerda muito fragmentada em diversas organizações, porém, com a peculiaridade da presença de alguns milhares de trotskistas.¹²⁸

Já No Boletim Nacional do PT de maio de 1981 as balizas para as relações internacionais do partido foram apresentadas por José Álvaro Moisés, então dirigente responsável pela pasta:

A linha de seus contatos deve ser dirigida a todas aquelas forças operárias e democráticas que se mostrem dispostas a jogar um papel

128 ARCARY, Valério. Do petismo ao lulismo. Disponível em: <https://blog.esquerdaonline.com/?p=2037>. Acesso em 28 nov. 2019.

de efetiva solidariedade com a luta dos trabalhadores e de apoio concreto e não apenas retórico à luta pela democracia do País.¹²⁹

O partido via a importância de uma pasta específica para a área a fim de obter apoios internacionais no processo de institucionalização do PT, colaborar com os outros partidos fora do país e preparar subsídios para a tomada de decisões da direção partidária nos assuntos da política internacional que exigissem pronunciamentos, assim como organizar a atuação dos núcleos do partido no exterior. É preciso lembrar que no início da década de 80 a solidariedade internacional era especialmente importante para um partido que buscava legalizar-se e cujos dirigentes ainda eram enquadrados na Lei de Segurança Nacional:

A Secretaria enviou recentemente cópias da sentença e do recurso dos advogados com relação ao julgamento dos sindicalistas - vários deles membros do PT - na 2ª Auditoria Militar de São Paulo a todas as organizações de direitos humanos, partidos políticos e sindicatos estrangeiros que manifestaram solidariedade para com os companheiros enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Além disso, enviou também telex informando como estas organizações, partidos e sindicatos devem agir para obter licença para entrar no Brasil na qualidade de observadores internacionais para acompanharem o novo julgamento no Superior Tribunal Militar.¹³⁰

Os debates internacionais do partido não estavam restritos ao ambiente interno. No Jornal dos Trabalhadores, voltado ao público externo, a situação internacional também era debatida mas havia uma falta de consenso a respeito dos temas internacionais, como no caso da Guerra das Malvinas, em que posições diametralmente opostas foram veiculadas.

Desde o início da década de 80, as experiências das prefeituras governadas pelas esquerdas na América Latina e Europa eram compartilhadas. Questões relativas a alianças políticas e sociais, à elaboração e implementação de políticas públicas nas mais variadas áreas e aos problemas de governabilidade. Posteriormente, o Foro daria continuidade a esses intercâmbios. Os pontos de diálogo e de atrito entre os executivos municipais, os mandatos parlamentares e os movimentos sociais e os partidos eram fonte de grandes preocupações. Encontros entre representantes de

129 PARTIDO DOS TRABALHADORES. Boletim Nacional do PT. Ano 1, n. 2, mai. São Paulo, 1981, p. 03.

130 Ibid.

mandatos parlamentares e executivos municipais comandados por políticos de esquerda eram realizados já no início da década de 1980.

José Genoíno enxerga no PT um rebaixamento doutrinário na medida em que o partido passa a administrar governos locais:

O PT começou a ganhar governos locais. E os governos locais se transformaram em laboratórios avançados de como fazer Orçamento Participativo, conselho deliberativo, políticas sociais. A partir daí, qual foi a tendência diante do quadro da crise do Socialismo Real? Saímos de uma posição, vamos chamar assim, doutrinária declaratória, para uma posição de rebaixar o que chamávamos de socialismo.¹³¹

Cabe destacar que o PT já administrava prefeituras desde o início da década de 80, assim como outros partidos do Foro, o que fortalece as teorias de que uma estratégia centrada em eleições por parte do partido teria ocorrido ainda nessa década. Entretanto, no 1º Congresso de 1991, fica claro que as lideranças do partido reconheciam os perigos reais de assumir governos, sob o risco de se deixar corromper pelos antigos vícios da engrenagem política.

A democracia e as relações internas no Partido, nas prefeituras que dirigimos e nos movimentos sociais de que participamos devem ser analisadas e criticadas abertamente por nós. É preciso reconhecer que no “petismo real” existem, em quantidade exagerada e perigosa, fenômenos como o aparelhismo, o sectarismo, as manobras espúrias, a falta de democracia.¹³²

No final do século XX, o mundo passava por transformações nas relações internacionais, com o paradigma Estado-centrado sendo questionado, enquanto novos atores ganhavam relevância nas relações internacionais de entes não estatais. Robert W. Cox inclusive preferiu utilizar o conceito de “política global”, ao invés de “relações internacionais”, para questionar as implicações ontológicas que terminam

131 GENOÍNO, José. Entrevista concedida a Luana Soncini, Gustavo Codas, Rogério Chaves e Sérgio Honório. In: CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018, p. 43. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

132 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Resolução sobre o Socialismo. I Congresso Nacional do PT, 1991 In: CSBH. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018, p. 127. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

por equacionar nação e Estado¹³³. Política global seria um termo mais flexível e mais amplo. Ainda que formulado sobre movimentos religiosos, ONGs e companhias multinacionais, creio que pode-se aplicar também para os partidos o conceito de “redes transnacionais”, usado por Marie-Claude Smouts¹³⁴. Ainda nessa seara, Ariel Colonomos afirma:

As redes proliferam em uma dupla direção. De um lado, elas investem maciçamente nas lógicas de mobilização de recursos paralelamente às esferas oficiais e públicas: essas organizações drenam recursos econômicos e simbólicos, organizam fóruns destinados a seus membros, multiplicam os contatos com novos adeptos. De outro, quando suas forças lhe permitem, as redes transnacionais emergem no interior dos diferentes espaços públicos a fim de exprimir e de fazer entender sua voz. Essa tensão singular entre o desvio e a participação diz respeito a um bom número de atores do cenário internacional.¹³⁵

Raymond Aron afirmou que os fenômenos transnacionais “atravessam fronteiras e, em certa medida, escapam à autoridade ou ao controle dos Estados”¹³⁶. Entretanto, segundo Aron, crenças, ideologias e descobertas científicas não ignoram as fronteiras. Isso significa dizer que, mesmo que organizações como a Igreja Católica ou a Terceira Internacional não estão imunes aos contextos nacionais próprios.

A prática da solidariedade internacional é recorrente entre personalidades, partidos e organizações nacionais de esquerda, exercida tanto por meio da troca de experiências nos mais variados campos quanto para auxiliar a disputa dos rumos da política interna de cada país. Uma vez que uma campanha internacional é lançada sobre determinada pauta move-se uma série de mecanismos de pressão política. Em sua entrevista, Iole Ilíada afirma que todas as campanhas internacionais do Foro referentes a cada país sempre ocorrem com a proposição e anuência dos partidos locais, respeitando-se o princípio da não interferência externa.¹³⁷

133 COX, Robert W. op. cit., 2000, p. 184.

134 SMOUTS, Marie-Claude (org). *As novas relações internacionais - práticas e teorias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, p. 26.

135 COLONOMOS, Ariel. O ator em rede colocado à prova do internacional. In: SMOUTS, Marie-Claude (org). op. cit., p. 213.

136 ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as nações*. São Paulo: WMF Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 2018, p. XII-XIII.

137 ILÍADA, Iole. Entrevista concedida para esta pesquisa [15 jul. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo de vídeo (1:38 min).

Essa mobilização ocorre desde a realização de manifestações de rua, debates acadêmicos, campanhas de boicotes, denúncias ou elogios nos parlamentos, entrevistas em veículos de mídia ou da abertura de canais de diálogo com interlocutores junto a organismos internacionais. Em determinados momentos, são realizadas visitas de lideranças estrangeiras a determinado país, o que pode gerar grande impacto, a depender do status dos líderes, das declarações feitas e de outros fatores¹³⁸. Os partidos e movimentos utilizam, portanto, o seu capital político para dar visibilidade e apoiar as pautas de seus aliados em outros países, assim como desgastar e combater as políticas de seus adversários.

Se “não existe nenhum ato político exterior que não tenha um aspecto de política interna” como afirma Duroselle¹³⁹, o mesmo pode ser dito a respeito dos grupos políticos que estão na oposição interna, construindo suas redes e posicionamentos sobre os temas externos.

A ação de atores não governamentais na conformação do espaço internacional têm sido alvo de estudos. Não somente os governos atuam diretamente no tabuleiro global defendendo interesses de Estados. Como afirma Estevão Rezende Martins:

A reconfiguração do tempo histórico contemporâneo das relações internacionais ganha, com isso, o reconhecimento da irrupção de novos fatores e novos atores. Esses personagens deixam de ser meras criaturas de Estado e atuam por si enquanto expressão da vontade social autônoma em um mundo cada vez mais consciente de sua emancipação e do eventual afastamento de seus interesses próprios daqueles porventura enunciados ou defendidos pelas instituições formais.¹⁴⁰

Amado Cervo faz análise parecida:

Atores não estatais agem não necessariamente contra o Estado, mas exigem mudanças de sua conduta tanto em termos de políticas internas quanto externas. Exigem que o Estado considere a comunidade internacional, uma vez que a interdependência e os

138 Um exemplo foram as visitas de líderes internacionais à sede da Polícia Federal quando o ex-presidente Lula esteve preso. “Entre catadores, sem terra, um prêmio Nobel e ex-presidentes: quem visitou Lula na prisão”. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/entre-catadores-sem-terra-um-premio-nobel-e-ex-presidentes-quem-visitou-lula-na-prisao/>. Acesso em 10 nov. 2020.

139 DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, p. 57.

140 MARTINS, Estevão C. Resende. As teias da memória e as redes de poder. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org). op. cit., 2008, p. 09.

problemas globais são responsabilidades de todos (...). As sociedades tornam-se sistemas confederados cuja identidade é solapada; a democracia é arrancada do território porquanto os cidadãos do mundo têm direitos sobre todas as democracias.¹⁴¹

As posições de Martins e Cervo se aproximam das de José Flávio Sombra Saraiva, para quem “a abordagem dos problemas internacionais na perspectiva histórica deixou de adotar a atuação dos Estados e dos sistemas de Estados como sua única referência”.¹⁴²

Os movimentos sociais, cada qual à sua maneira, aproveitam as brechas da ausência de regulamentação sobre os contatos entre agentes não estatais, como observa Robert W. Cox: “Os movimentos sociais, como a defesa do meio ambiente, o feminismo e o pacifismo, transcendem as fronteiras territoriais; e a cooperação transnacional entre os povos indígenas aumenta sua força dentro de cada Estado”.¹⁴³

As ideias também circulavam de forma cada vez mais dinâmica, seja qual fosse o campo político, auxiliadas pela maior circulação das pessoas e pelos avanços das ferramentas de tecnologia da informação e comunicação. Javier Santiso pesquisou a importância das posições ocupadas por pensadores com afinidades teóricas e metodológicas:

Essas difusões, antes e depois, apresentam vários aspectos distintivos. Formuladas por um economista (Keynes ou Prebisch), elas são transmitidas por um ou vários grupos, cujas posições e as funções no interior de instituições nacionais ou internacionais asseguram-lhes um maior ou menor alcance difusor.¹⁴⁴

Além de apontar que as ideias são transformadas quando receptadas e apropriadas em cada especificidade nacional, Santiso também alerta para a diferença de temporalidade entre uma narrativa revolucionária ou uma ucronia autoritária e uma democrática. Na democracia há o governo temporário, em que o presente entre as eleições é mais central do que o futuro: “Em torno desse mesmo tempo político vão gravitar propostas e estratégias. No interior de uma mesma instituição, o tempo torna-

141 CERVO, Amado Luiz. op. cit. *In*: SARAIVA, José Flávio Sombra. op. cit., p. 324.

142 SARAIVA, José Flávio Sombra. op. cit., p. 02.

143 COX, Robert W. op. cit., 2000, p. 199.

144 SANTISO, Javier. Circulação das idéias e relações internacionais. *In*: SMOUTS, Marie-Claude (org). op. cit., 2004, p. 225.

se um elemento de conflito, um desafio de apropriações semânticas e estratégicas”¹⁴⁵. Nos tempos em que vivemos, com o crescimento de distopias autoritárias, cabe e questionar se elas não crescem se alimentando de um cansaço das pessoas e sociedades em viver em um eterno presente sem utopias de futuro, ao mesmo tempo em que se mitifica um passado ao qual se deseja retornar.

Apesar do cenário desafiador, parecia haver certa dose de otimismo dos líderes em relação ao futuro das esquerdas latino-americanas. Acreditava-se que bastava aos partidos e movimentos saber analisar corretamente a conjuntura e estudar cada sociedade e sua formação econômica, social e cultural. A partir dessas premissas seria possível elaborar um programa político de esquerda, compreensível pela população e exequível dentro das possibilidades. Um programa que permitisse às esquerdas atuar politicamente dialogando e organizando diversos setores da sociedade para formar um núcleo e agregar novos atores a partir das alianças políticas bem articuladas. O resultado esperado: viabilizar a chegada ao governo pela via eleitoral.

Os líderes de esquerda enxergavam uma parcela da população mais explorada dispersa e, muitas vezes, apoiando os projetos neoliberais ou, pelo menos, se abstendo de participar das disputas políticas. Tais grupos estariam mais propícios a seguir os líderes e partidos que melhor soubessem incluí-los em suas pautas, propondo-lhes soluções concretas e imediatas para seus problemas.

1.3-Críticas às entidades predecessoras

Desde o século XIX, a esquerda enxerga como estratégica a articulação internacional. O Manifesto Comunista encerra com a consigna: “proletários de todos os países: uni-vos!”¹⁴⁶. Não temos aí apenas uma formulação teórica abstrata, mas um chamado à ação.

Ao se debruçar sobre a história do internacionalismo comunista e socialista, Michael Löwy aponta duas questões para explicar os motivos pelos quais ele é estratégico. Uma de ordem filosófica já que “o comunismo é um movimento

145 Ibid., p. 230.

146 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial. 2005, p. 69.

internacionalista em razão do caráter universalista e humanista de seus objetivos” e outra, de ordem materialista, pois “ele tira sua força política de condições objetivas, concretas e materiais (...): a unificação econômica do mundo pelo sistema capitalista”¹⁴⁷. Löwy avança dialogando com Lukács sobre a análise dialética da totalidade não permitir uma separação do “nacional” e do “internacional” como parâmetro de pesquisa e de ação. O autor também analisa a importância do Foro: “graças a seu caráter democrático, “policêntrico” e pluralista, o Fórum conseguiu, pela primeira vez, reunir a grande maioria das correntes progressistas da América Latina, incluindo forças tão diversas (...)”.

A história das organizações internacionais de esquerda é marcada por uniões e divisões. Fundada em 1864, a pioneira Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), posteriormente chamada de I Internacional, se divide em 1872 com a expulsão de Bakunin e dos anarquistas, em uma polêmica essencialmente a respeito das estratégias para derrubar a burguesia e o papel do Estado. Ela termina por ser dissolvida em 1876. A sua sucessora, conhecida como Segunda Internacional, foi criada em 1889 e reuniu comunistas, socialistas e reformistas até sua polêmica dissolução na Primeira Guerra Mundial. À época, houve divergências a respeito do apoio aos governos nacionais em seus esforços de guerra, tendo a maioria de suas seções nacionais aprovado essa linha, com exceção da seção russa, da seção sérvia e de setores minoritários nos demais partidos que seguiram defendendo o internacionalismo proletário e o antimilitarismo. Antes de seu fim, a II Internacional deixou importantes legados como a deliberação, em 1889, de convocar anualmente, no 1º de maio, manifestações do Dia do Trabalhador pelas 8 horas diárias de trabalho e a decisão, em 1910, de realizar manifestações mundiais do Dia da Mulher.¹⁴⁸

A II Internacional deliberou sobre a participação política dos trabalhadores, um tema controverso até os dias atuais. Na época, eram difusas as diferenciações entre sindicato e partido. A Internacional decidiu que os trabalhadores deveriam disputar o poder nos países onde tivessem direito a voto, apoiar candidatos dos partidos

147 LÖWY, Michael. LÖWY, Michael. Por um novo internacionalismo. *Revista Lutas Sociais*, n.5, 2º semestre 1998, PUC-SP, p. 98. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/lis/article/view/18897>. Acesso em: 12 jun. 2020.

148 FRENCIA, Cintia; GAIDO, Daniel. As origens operárias e socialistas do Dia Internacional da Mulher. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/as-origens-operarias-e-socialistas-do-dia-internacional-da-mulher/>. Acesso em 15 jul. 2020.

socialistas e lutar para obter o direito ao sufrágio onde ainda não o tivessem¹⁴⁹. Sobre a relação entre o partido e os sindicatos, um exemplo de divergência ocorreu posteriormente, também na Rússia soviética, onde Trotsky e Lênin discordaram sobre a militarização dos sindicatos e a submissão ou não destes ao Estado, com a posição de Lênin sendo vitoriosa a respeito da necessidade de independência sindical¹⁵⁰.

A II Internacional levantou questionamentos que perpassaram todo o século XX dentro dos partidos, sindicatos e movimentos sociais: Devem os trabalhadores se envolver com a política partidária? Em caso positivo, como deve ser esse envolvimento? Qual deve ser a relação entre partido e movimento sindical?

Muitas denúncias, em diversos momentos, foram feitas contra o aparelhamento dos movimentos sociais. Isso ocorre quando os dirigentes de determinado sindicato ou movimento, antes de atuarem como representantes de determinada categoria, colocam aquela entidade à serviço do partido, em detrimento dos interesses dos seus representados. Também pode ocorrer quando determinado partido tenta tomar para si a liderança de algum movimento ou manifestação pública os quais ele pouco ou nada ajudou a construir, até aquele momento.

No entanto, cabe discutir também quais os objetivos daqueles que tentam analisar a história dos partidos, sindicatos e movimentos sociais de forma separada, sem levar em conta que essa fronteira, em muitos momentos, se mostrou difusa. Uma análise unilateral teria imensa dificuldade em explicar o processo de consolidação das esquerdas no Brasil, em que o PT, a CUT e o MST surgem em um mesmo contexto, envolvendo basicamente as mesmas lideranças, e na Argentina, onde os sindicalistas peronistas vão e vêm de sindicatos para o partido e para os governos. O fato é que a história de sindicatos, partidos e movimentos se entrecruzam tal como pode-se constatar na fala do vice-presidente da Bolívia, Álvaro Garcia Linera, ao citar o relato de um sindicalista boliviano durante discurso proferido na abertura do XX Encontro do FSP em La Paz:

149 SASSOON, Donald. One hundred years of socialism. Londres: Fontana Press, 1996. In: JAKOBSEN, Kjeld. *A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea*. Brasília: Secretaria de Relações Internacionais do PT, 2008, p. 13.

150 10º Congress. On the Role and Tasks of Trade Unions. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/ussr/government/party-congress/10th/16d-abstract.htm>. Acesso em 31 out. 2019.

Hoje no governo da Bolívia, mais do que um partido, mais do que o MAS, temos algo que quero ilustrar com uma linda frase do companheiro Damián Condori, da CSUTCB: “Nós, como confederação camponesa, não somos do MAS, o MAS é nossa criatura, é nosso filho”. E nesse sentido eles controlam a direção, o comando e as linhas estratégicas do partido. Esta é uma contribuição continental, a organização social, as estruturas sociais diversas como força e como bloco de poder que se traduz eleitoralmente em partidos políticos, em organizações políticas que alcançam a vitória nas eleições.¹⁵¹

Há que se questionar, portanto, não somente a dificuldade de compreender os processos políticos e partidários descolados das dinâmicas dos movimentos sociais (e vice-versa), mas também o interesse daqueles que buscam fazê-lo, interpondo uma barreira na qual os movimentos não deveriam se envolver, nem com partidos e nem nas disputas políticas eleitorais. Estas dinâmicas dialéticas movimento-partido tiveram grande relevância no Foro, que, em seus debates e resoluções, sempre incluiu as mobilizações dos movimentos sociais e incentivou os partidos do continente a ampliar o espaço de diálogo com estes.

Linera, assim como outros intelectuais e dirigentes da esquerda latino-americana, defende que o foco estratégico dos movimentos sociais deve ser, a fundação de partidos para disputar e vencer eleições, e não a promoção de insurreições visando à derrubada do Estado. Tampouco tais movimentos deveriam se resignar a um papel meramente reivindicativo.

Em seu pronunciamento durante a abertura do XX FSP, Linera também ressignificou o conceito de revolução ao afirmar que “uma revolução é sempre um porvir, sempre deve oferecer à sociedade novos horizontes que mobilizem a alma, o espírito, a inteligência, o sacrifício”¹⁵². Já para Lula, revolução é assegurar que as pessoas comam três vezes ao dia. Tal concepção é rejeitada pelos setores mais radicais, que as enxergam como simples reformismo. A dicotomia reformistas *versus* revolucionários precisa ser analisada sob um prisma mais aprofundado. Mesmo entre aqueles que se dizem revolucionários há de se questionar que tipo de revolução se propõem e o que compreendem como uma revolução.

151 LINERA, Álvaro Garcia. Discurso de abertura do XX Encontro do Foro de São em La Paz, 2014. Disponível em: <https://forodesaopaulo.org/discurso-do-vice-presidente-da-bolivia-alvaro-garcia-linera-na-inauguracao-do-xx-encontro-do-foro-de-sao-paulo/>. Acesso em: 21 out 2020.

152 Ibid.

Mesmo o debate sobre o que seria o socialismo é prolífico. Há os que defendem que ser socialista é algo que diz respeito essencialmente ao campo econômico. Mesmo nesse caso há ainda a divisão entre aqueles que defendem a socialização dos meios de produção e aqueles que advogam por políticas sociais de distribuição de renda e diminuição da desigualdade. Há também aqueles que defendem o socialismo como porvir e como processo, um sentimento de coletivismo moral, no qual a solidariedade é a mola que impulsiona a construção de governos que advogam os direitos difusos dos explorados e das minorias. Aqui também não cabe uma divisão pura, pois todas essas opiniões acabam se influenciando mutuamente e perpassando de forma transversal os mais diversos agrupamentos políticos internos dos partidos. Não há um consenso no Foro sobre o que seja revolução e sobre o que seja socialismo.

Após a dissolução da II Internacional, os comunistas se reuniram e fundaram em Moscou, no ano de 1919, a Internacional Comunista, também conhecida como III Internacional. O ingresso em suas fileiras passava por um crivo central e o partido ingressante deveria cumprir uma série de condições.

A III Internacional Comunista foi dissolvida por Joseph Stálin em 1943. Não que o seu fim tenha significado uma ausência de articulação internacional dos comunistas, mas agora ela ocorria de forma mais pontual. Hobsbawm afirmou que “o que restava do movimento internacional comunista centralizado em Moscou desintegrou-se entre 1956 e 1968”, com o rompimento da China e o afastamento progressivo de diversos governos socialistas¹⁵³. Tampouco as forças dissidentes teriam logrado êxito, conformando-se em “sínodos sectários rivais”¹⁵⁴.

Durante o período de vigência da III Internacional (1919-1943) e da Internacional Trabalhista e Socialista (1919-1940), esta última fundada pela social-democracia, ocorre a separação do movimento sindical internacional da sua contraparte política, mas também influenciada pelos rchas dali oriundos. Os social-democratas organizaram, em 1913, a Federação Sindical Internacional, que funcionou até 1945, enquanto os comunistas criaram, em 1923, a Internacional Sindical Vermelha, que fora dissolvida em 1939 pela mesma razão que esfacelou a III

153 HOBBSAWM, Eric. op. cit., 1998, p. 435.

154 Ibid, p. 436.

Internacional: permitir a reunião de antifascistas, comunistas e social-democratas na formação das frentes populares.

Após a II Guerra Mundial, a divisão do movimento sindical internacional se acirrou ainda mais. Tanto os sindicalistas comunistas quanto os social-democratas se uniram para fundar, em 1945, a Federação Sindical Mundial (FSM). Em 1948 ocorreu novo racha, e as centrais sindicais mais próximas da social-democracia criaram a Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres (CIOSL). Segundo Jakobsen, “o divisor de águas foi o apoio da maioria dos sindicatos europeus ao Plano Marshall”¹⁵⁵. A FSM passava, portanto, a ser totalmente controlada pelos comunistas.

León Trotsky chegou a fundar, em 1938, a IV Internacional, sem grande sucesso. A iniciativa conseguiu atrair apenas setores minoritários dos movimentos de trabalhadores pelo mundo, advogando pela estratégia da chamada revolução permanente, de caráter mundial, que seria uma guerra em movimento. Também se criticavam as “frentes populares”¹⁵⁶ como rebaixamento programático. Essas críticas foram a base de formulações mais radicais, também no final do século XX, pois havia forte presença trotskista em partidos da chamada Nova Esquerda, como era o caso de várias tendências internas da chamada esquerda do PT.

Após a morte de Trotsky, a IV Internacional sofreu uma série de divisões que geraram várias pequenas representações. Löwy chega a alegar que a IV Internacional como “único agrupamento internacional orgânico de formações revolucionárias que partilham uma mesma orientação programática geral”¹⁵⁷. Tal formulação é questionável, dada a existência de outras “quartas internacionais” formadas por outros partidos, cada uma reivindicando para si a mesma afirmação feita pelo intelectual sobre o que se convencionou chamar de “Secretariado Unificado”. Também é questionável a importância dada a uma organização internacional que congrega partidos ultraminoritários em seus países.

Os socialistas e social-democratas fundaram, em 1951, a Internacional Socialista (IS), no Brasil representada pelo PDT desde 1989, ano em que Leonel

155 JAKOBSEN, Kjeld. *A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea*. Brasília: Secretaria de Relações Internacionais do PT, 2008, p. 36.

156 Segundo a tradição trotskista, as frentes populares são governos burgueses nos quais os partidos operários participam de forma minoritária e subalterna, construindo estratégias de colaboração de classes.

157 LÖWY, Michael. op. cit., 2008, p. 104. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18897>. Acesso em: 12 jun. 2020.

Brizola obteve 16% dos votos no primeiro turno, ficando pouco atrás de Lula, que obteve 17%. Ainda em 1989, Brizola foi eleito vice-presidente da Internacional Socialista¹⁵⁸. O PDT já possuía um assento na IS, como observador, desde 1979. O PT surgiria como crítico do trabalhismo representado por Brizola e o PDT, visto como uma “herança atrasada da Era Vargas a ser superada”.¹⁵⁹

Apesar de Lula ter ultrapassado Brizola, por pequena margem, no primeiro turno das eleições presidenciais de 1989, e da expressiva campanha realizada durante o segundo turno, é questionável o momento em que o PT efetivamente se consolidou como alternativa hegemônica da esquerda nacional em âmbito institucional. Cabe lembrar que, em novembro de 1990, foram realizadas eleições para governadores, Câmara dos Deputados e um terço do Senado. O PT aumentou sua bancada de deputados de 16 para 35, elegeu Suplicy senador por São Paulo e não elegeu nenhum governador. O PDT aumentou sua bancada na câmara federal de 24 para 46, além de eleger Darcy Ribeiro e Leonel Brizola, respectivamente, como senador e governador do estado do Rio de Janeiro. Nas eleições municipais de 1992, o PT elegeu prefeitos nas seguintes capitais: Belo Horizonte, Goiânia, Porto Alegre e Rio Branco. O PDT elegeu prefeitos em: Aracaju, Curitiba, Cuiabá e João Pessoa¹⁶⁰. Cada partido, portanto, com 4 capitais.

Antes do Plano Real e do lançamento da candidatura de Fernando Henrique Cardoso à presidência, em 1994, o PDT era retratado nos documentos petistas como maior ameaça à hegemonia do partido no campo da esquerda. O PSDB era visto como um partido em disputa, cujo apoio deveria ser buscado, enquanto a busca por apoios no PMDB dividia opiniões.

Em um cenário incerto como esse, a arena internacional era um importante espaço de disputa de legitimidade perante o mundo e setores da própria esquerda

158 Brizola também foi eleito presidente honorário da IS em 2003, durante o XXII Congresso da entidade realizado em São Paulo, meses antes de falecer. Disponível em: <https://www.internacionalsocialista.org/noticias/in-memoriain/leonel-brizola-1922-2004-758/>. Acesso em: 3 out. 2019.

159 FREIRE, Américo; CARVALHO, Alessandra. As eleições de 1989 e a democracia brasileira: atores, processos e diagnósticos. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016 (1985-2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.136.

160 BETHELL, Leslie; NICOLAU, Jairo. Política no Brasil (1985-2002). BETHELL, L.; NICOLAU, J. *In*: *História da América Latina- A América Latina após 1930: Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2018, p. 556.

nacional que se referenciavam nos líderes e partidos de outros países. Os resultados eleitorais de 1994 consolidaram a hegemonia petista no campo da esquerda brasileira.

Voltando à questão das entidades internacionais, sabe-se que IS era criticada por muitos setores da esquerda europeia e latino-americana, mesmo sendo considerada a maior e mais antiga organização de partidos do mundo ainda em funcionamento. Segundo Löwy, vários componentes da IS estavam muito “comprometidos com a ordem de coisas existente”¹⁶¹, sem a perspectiva de apoiar as transformações desejadas por muitas organizações de esquerda. Jakobsen analisa que “a IS sempre foi favorável ao reformismo democrático e era profundamente anti-comunista. As tentativas dos comunistas do sul da Europa como os italianos, de inserir alguma terminologia marxista na Declaração de Princípios, foram rechaçadas”¹⁶². A isso se somavam outros problemas que incomodavam a esquerda latino-americana, como o apoio de membros da IS à política colonialista de seus países, em especial na Inglaterra e na França, e a proibição de alianças com comunistas, como ocorrera na Itália, que impediu a filiação do Partido Socialista Italiano à IS até que este deixasse de ser aliado do Partido Comunista local.

Até a presidência de Willy Brandt (1976-1992), a IS possuía poucos membros fora da Europa Ocidental. Ela se abriu aos outros continentes, inclusive à América Latina, justamente em um contexto de crise interna. Com essas características, era pouco provável que a IS pudesse vir a se tornar um espaço de unidade das esquerdas latino-americanas, muitas delas assumidamente marxistas.

Apesar dessas contradições, a IS apoiou a Revolução Sandinista em 1979 e aceitou o ingresso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) em suas fileiras, onde permaneceu até 2019, quando foi expulsa¹⁶³. Problemas comuns como a dívida externa, hiperinflação, pressão americana e a imposição de ajustes estruturais, pelo FMI e Banco Mundial, ajudaram a solapar a popularidade dos governos liderados por integrantes da social-democracia latino-americana no final da década de 80 e início da 90. Foram os casos de Carlos Andrés Pérez, na Venezuela, Alan Garcia, no Peru, Daniel Ortega, na Nicarágua, Raúl Afonsin, na Argentina, e as

161 LÖWY, Michael. op. cit., 1998, p. 8.

162 JAKOBSEN, Kjeld. op. cit., 2008, p. 48-49.

163 Internacional Socialista apoia Guaidó e expulsa partido sandinista. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/54734/internacional-socialista-apoia-guaido-e-expulsa-partido-sandinista>. Acesso em 31 out. 2019.

posições adotadas pelo (MIR), da Bolívia, ao apoiar a eleição do ex-ditador militar Hugo Banzer.¹⁶⁴

Cabe salientar que a análise que Jakobsen faz da IS é de 2008, realizada como subsídio para a participação do PT no Congresso da entidade em Atenas. O fato de tal análise ter sido publicada pela Secretaria de Relações Internacionais do PT, sem qualquer questionamento de membros do partido, demonstra que esta não se tratava meramente de uma visão pessoal. As críticas ali expostas eram a opinião majoritária do partido no início da década de 90. Como afirma Jakobsen:

A necessidade de conciliar posições e interesses muito diversos, devido às origens dos partidos ou do norte ou do sul, às diferenças culturais e às táticas eleitorais de momento, normalmente produz resoluções de pouca ênfase e praticidade.¹⁶⁵

Mais adiante ele esclarece que:

As diferenças políticas a serem enfrentadas neste contexto não são apenas as diferenças ideológicas de quem está mais à esquerda ou mais à direita ou mais ao centro, mas a superação das assimetrias entre o norte e o sul, bem como o resgate da verdadeira solidariedade socialista.¹⁶⁶

Sobre as divergências com o PT, Jakobsen discorre que “há posicionamentos da IS que se diferenciam muito das posições do PT, como a justificativa para se opor ao bloqueio econômico contra Cuba”¹⁶⁷. A Internacional Socialista se opôs ao bloqueio para facilitar uma transição no país, ao contrário do PT que não coloca condicionantes em sua solidariedade ao país caribenho.

Fernando Pedrosa esclarece que as decisões dos partidos podem estremecer as relações com os demais partidos integrantes das chamadas Organizações Internacionais Partidárias. O autor cita como exemplo a decisão do Partido Trabalhista britânico sobre a invasão do Iraque ou a expulsão de partidos que se aliaram à

164 Esta listagem foi feita por em seu livro sobre a Internacional Socialista entre as páginas 57 e 59. Creio ser, no mínimo, questionável colocar o governo sandinista de Daniel Ortega como integrante do meio social-democrata latino-americano somente pela afiliação da FSLN à IS. No entanto, não poderia deixar de citar a lista da forma completa como foi feita pelo autor.

165 JAKOBSEN, Kjeld. op. cit., 2008, p. 68.

166 Ibid. p. 78.

167 Ibid. p. 68-69.

extrema direita em seus países¹⁶⁸. Dirceu diz que “A Internacional Socialista é hegemônica pelos partidos europeus que aderiram ao social-liberalismo” e que “o sucesso do Foro de São Paulo também é resultado da virada dos partidos social-democratas para um programa social-liberal”.¹⁶⁹

Segundo José Genoíno o PT concebia as organizações prévias como envelhecidas e burocratizadas. Apesar disso, a postura interna do partido era de participar de todos os fóruns, mas sem colocá-los como estratégicos: “não se negava esses espaços que existiam, cada país e cada partido podia participar, se respeitava, mas ao mesmo tempo o pessoal percebeu que era necessário algo mais avançado”¹⁷⁰. Para Genoíno, “a Internacional Socialista já nessa época não tinha muito prestígio”.¹⁷¹

Aqui cabe um parêntese a respeito do contato do PT com grupos guerrilheiros. Conforme a análise dos relatos de dirigentes partidários, das atas do Foro e das posições políticas de seus membros, conclui-se que esses contatos eram realizados com o intuito de estabelecer pontes de diálogo, rumo a possíveis acordos de paz, e apoiar a criação de partidos políticos legais. Não significava livre apoio às ações clandestinas ou o recebimento de financiamento irregular advindo de movimentos armados, como acusam os setores mais conservadores.¹⁷²

Apesar do momento de dificuldades e da defensiva teórica e estratégica na era Reagan e Thatcher, Genoíno relata que o Brasil vivia um momento dinâmico nas lutas populares, com debates intensos. Em sua entrevista para essa pesquisa ele ressalta que a experiência da Frente Ampla do Uruguai ajudou muito na formação do Foro de São Paulo e lembra que, no início, o PT atuava com “um pé na legalidade e um na ilegalidade”. A declaração foi posteriormente reformulada para “uma perna no social

168 PEDROSA, Fernando. Los partidos políticos y sus relaciones internacionales. ¿Internacionalismo o sólo un asunto más de política interna?. Disponível em: <http://blog.pucp.edu.pe/blog/wp-content/uploads/sites/262/2010/03/PARTIDOS-POLITICOS-Y-SUS-RRII-2010.pdf>. Acesso em 24 out. 2019.

169 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020] ...

170 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo mp3 (1:13 min.).

171 Ibid.

172 Reinaldo Azevedo foi um dos principais jornalistas a comentarem esta hipótese em seu blog na Revista Veja: “Relações Perigosas: as FARC, o PT e o Governo Lula”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/relacoes-perigosas-as-farc-o-pt-e-o-governo-lula/>. Acesso em 14 jul. 2020.

e outra no institucional”¹⁷³, esclarecendo que, uma vez no governo, a atuação do partido era primordialmente institucional.

Genoíno esclarece que a chamada esquerda do PT, ainda que minoritária, influenciava muito o debate internacional do partido, por ser muito dinâmica. O partido também levava muito em consideração, nesses debates, a opinião pública, buscando não se isolar em seus posicionamentos.¹⁷⁴

Em entrevista concedida ao portal Opera Mundi, durante sua prisão na sede da Polícia Federal em Curitiba, Lula afirma que “a Internacional Socialista tem a cara da Europa” e “nós temos que criar uma coisa nossa, e o Foro de São Paulo é essa coisa que a gente pode criar se a gente quiser”. Na mesma entrevista Lula já cita a criação do recente Grupo de Puebla, fundado em 2019 no México com o propósito de reunir lideranças políticas da esquerda latino e ibero-americana. O Grupo possui integrantes do Brasil como o próprio Lula, Dilma Rousseff e Fernando Haddad, demonstrando que suas iniciativas não são conflitantes com as do FSP.

Lula também comenta em tom autocrítico que, no geral, os presidentes participaram pouco do Foro de São Paulo durante seus mandatos, o que teria levado a um enfraquecimento da organização. Aí podemos perceber que, se boa parte das políticas de integração regional aplicadas durante a chamada “maré rosa” foram reflexo das discussões prévias no âmbito do Foro, ao que tudo indica, este teve menos influência operativa governamental do que muitas vezes é alardeado por alguns jornalistas e lideranças políticas de direita. Essa avaliação de Lula encontra eco em diversas avaliações internas do próprio Foro, presentes em suas atas, também em tom de autocrítica.

Para tentar aprofundar a análise do papel do FSP na América Latina é preciso fazer uma pequena retrospectiva das organizações continentais de esquerda, muitas aqui já citadas na introdução. Como desdobramento da Revolução Cubana, em 1966 foi fundada a pioneira Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), logo após a realização da Conferência Tricontinental de Havana. Foi em uma mensagem dirigida à OSPAAAL que Ernesto Che Guevara enviou a famosa carta na qual coloca o imperialismo como sistema mundial, expondo a necessidade de um confronto direto contra tal sistema. Guevara relega as greves

173 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019] ...

174 Ibid.

gerais pacíficas e mobilizações de rua a uma posição secundária, colocando em primeiro plano a organização de guerrilhas¹⁷⁵. Essa mensagem teve grande repercussão e influência no continente americano. A OSPAAAL seguiu existindo, mesmo após a maioria das guerrilhas do continente deporem as armas, com outras atribuições e formas de intercâmbio. A entidade foi dissolvida somente em junho de 2019¹⁷⁶, mas havia muito tempo que não possuía mais relevância.

Também convocado pelos cubanos, foi realizado em Havana, no ano de 1967, o único congresso da OLAS que foi boicotado pelos partidos comunistas do Brasil, da Venezuela e da Argentina. Segundo Löwy, “as teses da OLAS causaram um profundo impacto em toda a América Latina, particularmente no Brasil, onde aceleraram a crise interna do Partido Comunista. Entretanto, a organização nunca conseguiu se estruturar em escala continental”.¹⁷⁷

A já mencionada COPPPAL, criada em 1979 por iniciativa do PRI mexicano, competia com a Internacional Socialista pela influência na América Central. Segundo Wolf Grabendorff, a IS era, muitas vezes, vista como uma ingerência europeia em assuntos do continente, ainda que o autor discorde dessa tese. Grabendorff também assinala que a Coordenação Socialista Latino-americana (CSL), criada pelo Partido Socialista do Uruguai em 1986, era formada, em sua maioria, por pequenos grupos dissidentes que não desempenhavam um papel significativo em seus respectivos espectros de partidos¹⁷⁸. Para o pesquisador, o fato de os maiores partidos contemporâneos da Argentina e do Brasil não terem tido origem no espectro político europeu impediu que a IS exercesse influência no processo de democratização desses países na década de 1980.

Com dificuldades de inserção no Brasil, na Argentina e no México, assim como a proposital distância com os setores comunistas que ainda tinham grande relevância no continente, era frágil a posição tanto da Internacional Socialista quanto da CSL no Continente. O PT chegou a ser eleito para o Secretariado Socialista Latino-americano

175 LÖWY, Michael. op. cit., 1999, p. 285-288.

176 Cuba: Tras 53 años de solidaridad com los pueblos del Tercer Mundo se disuelve la OSPAAAL. Disponível em: <http://www.resumenlatinoamericano.org/2019/06/20/cuba-tras-53-anos-de-solidaridad-con-los-pueblos-del-tercer-mundo-se-disuelve-la-ospaaal/>. Acesso em: 6 out. 2019.

177 LÖWY, Michael. op. cit., 1999, p. 303.

178 GRABENDORFF, Wolf. International Support for Democracy in Contemporary Latin America: The Role of the Party Internationals. In: WHITEHEAD, Laurence. *The International Dimensions of Democratization*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 208.

da CSL durante a 3ª Conferência realizada em Lima, em 1988, mas sua incorporação foi incompleta, enquanto PSB e PDT já eram membros efetivos da organização.

Em relação à COPPPAL, sua ligação com seu partido o Partido Revolucionário Institucional (PRI) do México, gerava problemas tanto para o Partido da Revolução Democrática (PRD) mexicano, que nasceu criticando duramente os governos e a política do PRI, quanto para os setores de esquerda do continente que comungavam dessas críticas. O PRI se apresentou como o partido herdeiro da Revolução Mexicana (daí o nome Partido Revolucionário Institucional), possuindo ligações históricas com muitos setores da esquerda continental, tendo sido o governo mexicano o único da América Latina a nunca romper relações diplomáticas com Cuba. Apesar dessas credenciais, o PRI sofreu um desgaste interno e externo pela aplicação de medidas econômicas liberais, assim como por ser alvo de repressões políticas nas suas últimas décadas de governo. Para Dirceu “a COPPPAL era quase de centro”¹⁷⁹ e representava o nacional-desenvolvimentismo e o nacionalismo progressista dos anos 70 e 80, ou seja, uma década, um período histórico e um programa superados.

Essas divergências, no entanto, não impediam que tanto PRI quanto PRD convivessem dentro da Internacional Socialista ou que o PRI e o Partidos dos Trabalhadores do México, integrassem a COPPPAL, junto com o Partido Comunista de Cuba. O PT do México também organiza, desde 1996, o seminário anual “Os Partidos e uma Nova Sociedad”, para o qual convidava partidos de todo o mundo, tendo, em março de 2019, realizado sua XXIII edição¹⁸⁰.

No entanto, nem tudo eram críticas às experiências históricas das esquerdas no continente. Se, em âmbito internacional, as tentativas de organização continental eram consideradas insuficientes, algumas experiências nacionais serviam como exemplo, especialmente, no que se chamava de “nova esquerda” que nos anos 80 e 90 buscava diferenciar-se do que eles denominavam de “velha esquerda” trabalhista e comunista das décadas anteriores, cuja estratégia e programa consideravam superados. A grande exceção, provavelmente, era a Frente Ampla do Uruguai (FA), fundada ainda no início da década de 70 antes do golpe militar no país. A FA chegou

179 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020] ...

180 Inauguración del XXIII Seminario Internacional “Los Partidos y una Nueva Sociedad”. Disponível em: <http://partidodeltrabajo.org.mx/2017/inauguracion-del-xxiii-seminario-internacional-los-partidos-y-una-nueva-sociedad/>. Acesso em 7 nov. 2019.

a obter 18% dos votos nas eleições de 1971 e participou do processo de redemocratização uruguaio. Já no retorno à democracia, ela obteve 20% dos votos nas eleições de 1984, ficando em terceiro lugar e ocupando espaços no parlamento. A Frente Ampla conviveu, desde seu início, com tensões entre as esquerdas marxistas e não marxistas, algo que posteriormente também se verá no seio do Foro de São Paulo.

Sobre a influência da Frente Ampla na fundação do FSP, Carlos Baraibar afirma que:

Quando o FSP foi constituído, a Frente Ampla observou que as forças políticas que o compõem; o seu programa, a sua estratégia, a sua organização foram uma projecção a nível latino-americano da experiência que desde 1971 - apesar das dificuldades já mencionadas - [a Frente] promoveu no nosso país. Duas dezenas de colegas de quase todos os setores, entre os quais eu estava representando a Liber Seregni na qualidade de secretário da Presidência da Frente, que era o general, viajou a São Paulo para participar do Fórum. (tradução nossa).¹⁸¹

Além das entidades supracitadas, já em 1984, o PT impulsionou a realização da “IV Reunião dos Partidos Políticos Democráticos e Populares do Sul da América”, com a participação de representantes de cinco países e oito partidos. Não foram encontrados nos arquivos documentos sobre as reuniões anteriores ou posteriores ao referido evento.

Uma vez criado o Foro de São Paulo, ele foi pouco comentado, fora dos circuitos da própria esquerda, durante anos. Ainda que sua fundação tenha atraído alguma atenção da mídia no início, esta diminuiu com o tempo. Observando-se os dados da ferramenta de pesquisa Google¹⁸², dois dos períodos de maior interesse dos usuários a respeito do Foro compreendem as eleições presidenciais do Brasil em outubro de 2014 e outubro de 2018. Os países com mais interesse proporcional nas

181 No original: “Cuando se constituyó el FSP el Frente Amplio observó que las fuerzas políticas que lo integran; su programa, su estrategia, su organización eran una proyección a nivel latinoamericano de la experiencia que desde 1971 – a pesar de las dificultades ya mencionadas- impulsaba en nuestro país. Una veintena de compañeros de casi todos los sectores, entre los que me encontraba representando a Liber Seregni en mi condición de secretario de la Presidencia del Frente, que ejercía el general, viajamos a San Pablo para participar en el Foro”. BARAIBAR, Carlos. El compromiso del FA con la democracia. Disponível em: <https://www.republica.com.uy/fa-con-la-democracia/>. 2014. Acesso em 12 nov. 2019.

182 Cf. Anexo A.

pesquisas do Google, em relação ao total de pesquisas feitas pela ferramenta a respeito do FSP, são, nesta ordem: Cuba, Brasil, Uruguai, Chile e Bolívia. O período pesquisado na ferramenta Google foi de 2004 até setembro de 2020.¹⁸³

Os dados da plataforma indicam que o Foro não despertou grande interesse no povo mexicano. Isso talvez se deva ao fato de a ferramenta *Google Trends* só retornar dados a partir de 2004, quando o PRD mexicano passava por um período de dificuldades internas e externas. No México o PRD deixou de ser a principal oposição ao PRI, vendo o Partido da Ação Nacional (PAN) quebrar a hegemonia de sete décadas do PRI e chegar à presidência, com Vicente Fox, em 2000.

Apesar de críticas explícitas ou veladas a outros encontros e organizações de partidos, o FSP e seus partidos integrantes realizam uma série de parcerias com outros grupos, seja com a COPPPAL, a CSL ou mesmo com a IS. Alguns partidos, inclusive, são filiados a várias dessas organizações, simultaneamente.

¹⁸³ O Google não retorna dados anteriores a esse período.

CAPÍTULO II

Motivações dos partidos do continente para criar o Foro de São Paulo

Avaliando-se a necessidade de se criar um espaço específico e continental para congregar e debater questões comuns da esquerda latino-americana foi umas das razões que motivou a criação do Foro de São Paulo. O fato é que, como já foi dito, o PT e outros partidos latinos não se viam totalmente representados pelas organizações internacionais ou pelas entidades locais já existentes.

No início da década de 1990 o PT chegou a ser convidado a se filiar à Internacional Socialista, tendo sua direção deliberado participar dos encontros apenas como observador, como pode ser visto no relato de Lula à *Folha de São Paulo*, em 1991:

A direção executiva nacional do PT adotou uma resolução dizendo que gostaríamos de participar, como observadores, nos encontros da IS, como participamos do Congresso da FSLN ou do Congresso do PC cubano. No ano passado, fomos convidados a ingressar na IS. Por unanimidade, a executiva decidiu que não nos filiaríamos, até porque o PT tem só 11 anos, e não tem nada com os conflitos seculares entre as Internacionais.¹⁸⁴

Na mesma entrevista Lula comenta sobre os primeiros encontros do FSP:

Nós estamos fazendo uma coisa inovadora, por exemplo, já fizemos o 2º Encontro da Esquerda Latino-Americana. Estamos num momento muito rico da participação democrática da esquerda. Por exemplo, o M-19 na Colômbia. Grupos que passaram 10, 15 ou 20 anos na luta armada, optaram pela luta democrática.¹⁸⁵

Nessa entrevista Lula responde de forma direta, quando perguntado se é leninista: “não, sou torneiro mecânico”. Tal afirmação deixa claro que as afiliações a determinadas linhas políticas históricas não eram tão importantes para ele, mas que não as rechaçava por completo. Negava ser leninista ao mesmo tempo em que não renegava os leninistas. Uma saída pela tangente.

184 SILVA. Luís Inácio Lula da. [Entrevista concedida a José Arbex]. *Folha de São Paulo*, Ano 71, N. 11.395, p. 10, 20 jul. 1991.

185 *Ibid.*

Ao longo da segunda metade do século XX diversos movimentos de esquerda pelo mundo tinham uma postura crítica em relação ao controle político exercido pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS) sobre os partidos comunistas do mundo. Líderes das mais variadas vertentes e países, reclamavam da falta de independência dos partidos comunistas nacionais na deliberação das suas táticas. Também denunciavam a pouca influência que detinham nas deliberações do movimento comunista internacional. Apesar desse afastamento deliberado do modelo teórico-organizativo soviético, nem toda a formulação do Komitern foi abandonada. A teorização leninista sobre o imperialismo continuou sendo utilizada por amplos setores das esquerdas, mesmo entre os não marxistas.

Além de críticos do modelo soviético, vários fundadores do PT e de outros partidos de esquerda do continente também possuíam uma série de divergências com a esquerda socialista e social-democrata europeia, e buscaram constituir partidos descolados desses dois paradigmas. Na polêmica sobre as rupturas e continuidades que o PT representava, em relação aos partidos que o precederam no Brasil e no mundo, Marco Aurélio Garcia aponta que:

É ilusório pensar que o PT é um fenômeno isolado no mundo. Ele faz parte deste processo de transição da esquerda mundial. Neste sentido, é um partido pós-social-democrata e pós-comunista. Constrói sua identidade não combatendo estas correntes, mas dialogando criticamente com elas, voltado para novos (e velhos) desafios que seus ancestrais não puderam responder.¹⁸⁶

Além de um socialismo entendido como processo e não como modelo de sociedade a ser implementado imediatamente, também havia a defesa de “reformas revolucionárias” do poder – não como algo a ser tomado, mas sim construído – e, ainda, a defesa de um republicanismo democrático. Essas não eram posições consensuais no PT, mas representavam amplos setores da direção e das bases.

Era exatamente a crítica comum aos paradigmas das organizações históricas internacionais e a abertura para novas vertentes conceituais, sem classificação teórica rígida, que motivou a criação do Foro de São Paulo. Imprimindo suas próprias

186 GARCIA, Marco Aurélio. Terceira via: A social-democracia e o PT. Revista Teoria & Debate Ed. 11, out-dez 1990. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1990/11/02/a-social-democracia-e-o-pt/3/>. Acesso em 12 nov. 2020.

características e a de outros partidos do continente em suas articulações internacionais, o Foro procurou superar a dicotomia e a animosidade entre socialistas de perfil social-democrata e comunistas, abrigando ambos em seu seio. A entidade construiu consensos entre outras correntes integrantes, como os nacionalistas de esquerda, trabalhistas e desenvolvimentistas. Criou ainda um campo mais amplo que reunia os setores chamados de *progressistas*, categoria de difícil caracterização, que consolidou o FSP um espaço mais abrangente e democrático. Genoíno relata que o Foro “nasceu de uma articulação política, e não de uma elaboração teórica, de documento, como era a tradição das internacionais. Estas eram frutos de grandes debates e grandes documentos, sendo o fruto de um processo empírico e intuitivo”.¹⁸⁷

Muitas das tensões e discussões que aconteciam na esquerda europeia também ocorriam dentro dos partidos latino-americanos, seja pela tradicional influência da intelectualidade do Velho Mundo, seja porque vários movimentos políticos brasileiros e de outros países possuíam suas próprias relações internacionais. Entre esses movimentos podemos destacar a Democracia Socialista (DS), uma das maiores tendências internas do PT. Fundada ainda em 1979 o agrupamento integrou durante anos a IV Internacional (pós-reunificação), conhecida como Secretariado Unificado, do chamado trotskismo pablista. Outra importante vertente interna do PT é o grupo denominado “O Trabalho”, criado em 1978 e ainda hoje vinculada a IV Internacional (1993) e representante do denominado trotskismo lambertista.

Vários agrupamentos que posteriormente saíram do PT e fundaram o PSTU (antiga tendência interna de Convergência Socialista) e o PSOL (tendência Força Socialista) também possuíam suas afiliações e relações internacionais. Outros grupos, ainda que sem a tradição de afiliação formal do trotskismo, possuíam acúmulo teórico, contatos externos e opiniões a respeito das polêmicas que se desenvolviam no continente europeu. De alguma forma essas polêmicas podem ter influenciado os debates dentro do Foro. Também as experiências do PT e da Frente Ampla em lidar com diversos agrupamentos internos e correntes teóricas comunistas, trotskistas, stalinistas e reformistas, serviram como aprendizado para a construção de um espaço plural como o Foro.

187 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019] ...

Marco Aurélio Garcia comenta sobre os critérios de seleção das parcerias internacionais do PT:

A escolha de seus interlocutores nacionais e internacionais está vinculada a esta preocupação de construir um projeto socialista para o Brasil levando em conta as ricas, e às vezes dramáticas, experiências do socialismo internacional. Abre-se fundamentalmente para uma nova esquerda que se constitui (ou se reconstrói) politicamente na América Latina e que enfrenta vicissitudes semelhantes às nossas. Com ela, se dispõe a construir um novo caminho no continente, como ficou evidente no Encontro de São Paulo, em julho último.¹⁸⁸

Os debates internos sobre como deveriam se articular as relações internacionais do partido vinham desde a sua fundação. Constituir e fortalecer relações com partidos afins nos diversos continentes era considerado estratégico. Dulci recorda que, já no ato oficial de fundação do partido, 15 embaixadores da América Latina, Europa e África estiveram presentes.¹⁸⁹ As parcerias internacionais era uma das pautas previstas no roteiro preparatório para os debates do VII Encontro Nacional, documento elaborado pelo Diretório Nacional e enviado aos diretórios municipais e estaduais. Em seu discurso nesse encontro, Lula já comenta abertamente que a opinião dos delegados estrangeiros presentes era levada em conta nos debates internos, quando diz que:

Ontem, eu almoçava em São Bernardo do Campo com os companheiros representantes dos países estrangeiros e partidos amigos que estavam aqui presentes. Tentava explicar-lhes por que o Lula deixava de ser candidato a Deputado Federal ou qualquer outro cargo eletivo nas eleições de 1990, tentando fazer com que eles compreendessem que não havia nenhum gesto maluco na minha decisão, que eu não estava fora da realidade política.¹⁹⁰

Sobre os objetivos para a criação do PT - ainda que fossem vários pois cada liderança e tendência interna tinha suas concepções próprias revelando uma construção identitária em disputa-, vale analisar as palavras de Lula em um seminário

188 GARCIA, Marco Aurélio. A social-democracia e o PT. *Revista Teoria e Debate*, n. 12, out/dez 1990, p. 3.

189 DULCI, Luiz. Entrevista concedida para esta pesquisa [13 mai. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo mp3 (2:48 min.). O autor pediu para não divulgar a entrevista na íntegra.

190 Discurso de Lula ao VII Encontro do PT, 1990.

realizado pelo Instituto Cajamar, em 1987. Nesse mesmo encontro, Lula demonstra certo nível de irritação com a vanguarda revolucionária, que acirrava os debates no partido e na CUT. Ele também comenta sobre a falta de cumprimento de decisões tomadas em congressos partidários e da central, quando propostas por grupos que conseguiam reunir maior *quórum*, mas não possuíam uma hegemonia permanente, as chamadas maiorias eventuais.

Qual era a ideia original? Era a ideia de um partido que pudesse ter dentro de si o conjunto da classe trabalhadora. O nosso objetivo era que esse partido ocupasse espaços a nível municipal, estadual, federal, inclusive os espaços institucionais; a fim de que, através da ocupação desses espaços, nós levássemos a classe trabalhadora a concluir que não seria através das formas convencionais que ela iria tomar o poder.¹⁹¹

Em suas palavras Lula dá a entender que, a despeito das diferenças entre as várias categorias, uma das motivações para a criação do PT era o de ocupar diferentes espaços visando a união da classe trabalhadora em torno de objetivos comuns.

Para além da complexidade identitária do PT e demais partidos, a organização do Foro de São Paulo enfrentou dificuldades impostas pelo tamanho e força de cada partido fundador. Apesar de se consolidar como o maior partido de esquerda da América Latina, o PT não possuía elementos objetivos para assumir uma liderança mundial. Seria pouco provável que os centenários partidos da esquerda europeia, tão acostumados a liderar ideológica e filosoficamente, aceitassem renunciar ao papel hegemônico do qual dispunham dentro da IS.

Outra restrição enfrentada pelo FSP era de caráter subjetivo. Nem o PT ou seus congêneres da nova esquerda da América Latina se propuseram a elaborar uma filosofia política global, que ultrapassasse as fronteiras do próprio país e do continente latino-americano. A concepção de socialismo petista é vaga enquanto processo. O fato é que tanto o comunismo como a social-democracia, criticados pelas esquerdas latino-americanas, são correntes filosóficas que representam tentativas de uma

191 SILVA, Luís Inácio Lula da. A relação partido e sindicato. *Caderno de debates*. Cajamar: Instituto Cajamar, 1988, p. 25.

construção ideológica universalizante, com princípios válidos para qualquer país e cultura.

É importante ter a clareza da diferença da liderança internacional do PT e do próprio Lula para a consolidação do FSP ao longo dos anos 2000. Lula logrou constituir-se como liderança global. Sua história de retirante nordestino e dirigente sindical metalúrgico o diferenciava, radicalmente, não só dos presidentes brasileiros anteriores, mas de boa parte dos líderes de outros países. Ao chegar ao governo do maior país do continente e realizar uma série de políticas públicas de diminuição da pobreza e ampliação de direitos sociais para a maioria da população, Lula atraiu para si uma atenção mundial, mas centrada em sua pessoa.

No entanto, há uma diferença entre a liderança pessoal de um governante popular e a liderança coletiva de um partido político, principalmente em âmbito global. Nessa esfera não basta um empirismo com políticas públicas internas bem-sucedidas, ainda que elas sejam uma boa ferramenta de convencimento.

O PT, mesmo em conjunto com os demais partidos de esquerda do continente, carecia e segue carecendo de condições objetivas e subjetivas para criar uma organização aos moldes de uma Internacional. Mesmo que alguns setores tivessem a proposta de internacionalizá-lo, esta ideia não prosperou. Dentre as condições objetivas, podemos citar a condição periférica dos países do continente. Nas condições subjetivas, a ausência de uma teoria política estruturada que pudesse ser traduzida para além do continente, assim como a possibilidade de rupturas por causa das divergências acerca dos processos políticos de outros continentes.

2.1-Os debates estratégicos

Quando se analisa a política partidária é imperioso discutir o poder e as estratégias para sua conquista. Na história das esquerdas por todo o mundo, um dos principais debates que gerou a criação, a fusão, as transformações e as rachas de partidos e movimentos foi sobre as estratégias de disputa do poder. Essas polêmicas também estiveram presentes no Foro, como afirma Regalado:

A interação das várias correntes políticas e ideológicas da esquerda latino-americana no Foro é complexa porque não pressupõe que as

contradições históricas sobre objetivos, estratégias e táticas de luta desapareçam. Às vezes abertamente e outras de forma velada, às vezes de maneira consciente e outras inconsciente, às vezes no debate político e outras camufladas pela adoção de acordos organizacionais e procedimentais, e às vezes com enfrentamentos explosivos ou com diálogos menos polarizantes, o Foro de São Paulo não refreava a polêmica entre reforma e revolução.(tradução nossa).¹⁹²

No final dos anos de 1980 e início da década de 1990, o debate entre reforma e revolução ainda era um dos eixos principais das divergências sobre a disputa do poder nas esquerdas latino-americanas. Partidos eleitorais, como o PT (Brasil) e a Frente Ampla (Uruguai), conviviam dentro do Foro com movimentos guerrilheiros da Guatemala e de El Salvador, além do unitário e centralizado Partido Comunista Cubano.

Esse não era um debate restrito aos dirigentes políticos. Em 1988, a Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH) de São Paulo organizou um encontro regional para discutir os temas sobre reforma e revolução. É longo o debate sobre como o paradigma de cada revolução influencia, ou até domina, o pensar e agir dos revolucionários no período subsequente da ascensão ao poder até a irrupção de uma nova revolução¹⁹³. O tema já havia sido abordado por Marx, que discutia a influência do passado sobre o presente:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem estar empenhados em transformar a si mesmos e as coisas, em criar algo nunca antes visto, exatamente nessas épocas de crise revolucionária, eles conjuram temerosamente a ajuda dos espíritos do passado, tomam emprestados os seus nomes, as suas palavras de ordem, o seu figurino, a fim de representar, com essa venerável roupagem

192 No original: “La interacción de las diversas corrientes políticas e ideológicas de la izquierda latinoamericana en el Foro es compleja porque no presupone que desaparezcan las contradicciones históricas sobre objetivos, estrategias y tácticas de lucha. A veces de manera abierta y otras encubierta, a veces de manera consciente y otras inconsciente, a veces en el debate político y otras camuflada tras la adopción de acuerdos organizativos y de procedimiento, y a veces con enfrentamientos que casi lo hacen estallar y otras con diálogos menos polarizantes, en el Foro de São Paulo no recesa la polémica entre reforma y revolución”. REGALADO, Roberto. op. cit., 2008, p. 241.

193 GARCIA, Marco Aurélio. Op. cit. 2019, p. 107-108.

tradicional e essa linguagem tomada de empréstimo, as novas cenas da história mundial.¹⁹⁴

Ao discutir estratégia é preciso reconhecer que este é um conceito originalmente militar que remonta às batalhas na Grécia Antiga. Em seu livro *Da Guerra*, Clausewitz afirma:

A estratégia é o uso do engajamento para atingir o propósito da guerra. O estrategista deve definir, portanto, uma meta para todo o aspecto operativo da guerra, que deverá estar de acordo com o seu propósito. Em outras palavras, ele esboçará o plano de guerra, e o propósito determinará a série de ações pretendidas para atingi-lo: ele irá, na realidade, conceber cada campanha e, dentro dessas campanhas, decidir como realizar cada engajamento.¹⁹⁵

Marco Aurélio Garcia chega a alegar que “a fronteira entre reforma e revolução não existe” e que esta ausência “pode ser *historicamente* detectada na trajetória do movimento operário”¹⁹⁶. Essa fronteira varia não somente de acordo com a época, mas também de acordo com a posição política de quem a analisa.

Um reflexo do pensamento estratégico aplicado à prática ocorre quando um partido decide dar atenção especial à determinada frente de atuação, em detrimento de outras. Clausewitz afirma que “a melhor estratégia é sempre ser muito forte. Primeiro de uma maneira geral e, em seguida, no ponto decisivo”¹⁹⁷. Utilizando essa teoria na política, um partido deve possuir várias frentes de atuação (social, jurídica, eleitoral, entre outras). A depender da estratégia, uma se torna central e, as outras, secundárias, a serviço da principal.

No campo das esquerdas, estratégia e tática possuem uma certa proximidade de concepções a respeito de longo prazo e curto prazo, reverberando questões relativas a debates sobre a diferença entre alianças estratégicas e alianças táticas. A avaliação do estágio de desenvolvimento econômico de um país geralmente fundamenta decisões partidárias. Boa parte dos partidos comunistas do continente avaliaram, ao longo do século XX, que seus respectivos países ainda se encontravam

194 MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25-26.

195 CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 199.

196 GARCIA, Marco Aurélio. op. cit., 2019, p. 126.

197 Ibid. p. 232.

em uma espécie de semi-feudalismo. Para superar essa etapa¹⁹⁸, seria necessária uma aliança estratégica entre o movimento operário e setores mais avançados do empresariado industrial, com base em um programa de desenvolvimento nacional anti-imperialista e antilatifundiário. Essa também era a aliança desejada por nacional-desenvolvimentistas e nacionalistas de esquerda, correntes que também se encontravam em crise.

Esse era um debate que dizia respeito ao movimento comunista mundial, que deitava raízes no início do século XX, quando da realização do VI Congresso da Internacional Comunista, realizado em Moscou, em 1928, e da I Conferência Comunista Latino-americana, realizada em Buenos Aires, em 1929. Nesses espaços, a posição do Partido Comunista da União Soviética, que concebia o continente latino-americano como semifeudal, não era unânime entre os demais partidos comunistas da região.

Na segunda metade do século XX, os setores trotskistas rejeitavam essa formulação, assim como os maoístas e outros setores comunistas não alinhados com Moscou. Ruy Mauro Marini, expoente da teoria marxista da dependência, afirma a esse respeito:

É por isso que não se pode falar de uma dualidade estrutural dessa economia, tal como se a entende, ou seja, como uma oposição entre dois sistemas econômicos independentes e hostis, sem que a questão resulte seriamente controvertida. Ao contrário, o ponto fundamental é reconhecer que a agricultura de exportação foi a base mesma sobre a qual se desenvolveu o capitalismo industrial brasileiro. Mais que isso, e de um ponto de vista global, a industrialização foi a saída que o capitalismo brasileiro encontrou no momento em que a crise mundial, iniciada com a guerra de 1914, agravada pelo “crack” de 1929 e levada a seu paroxismo com a guerra de 1939, transformava o mecanismo dos mercados internacionais. Esse raciocínio conduz também à rejeição da tese de uma revolução permanente da burguesia, visto que se tem de demarcar sua revolução no período 1930-1937. O “Estado Novo” não apenas significou a consolidação da burguesia no poder: representou também, a renúncia dessa classe a qualquer iniciativa revolucionária, sua aliança com as velhas classes dominantes, contra as alas radicais da pequena-burguesia, assim como das massas proletárias e camponesas, e o processamento do desenvolvimento

198 LÖWY, Michael. *Revolução burguesa e revolução permanente em Marx e Engels*. Discurso, (9), p. 129-152, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/37849>. Acesso em 12 nov. 2020.

capitalista nacional pela via traçada pelos interesses da coalizão dominante, e de que ele é expressão.¹⁹⁹

Analisando a historiografia, assim como as fontes, a formulação que apresenta o Brasil e os demais países do continente como capitalistas parece ser a mais próxima da realidade. Essa avaliação, compartilhada por muitos setores do PT e do Foro, foi o que permitiu a adoção de estratégias não mais subordinadas a setores das burguesias nacionais para a formação de governos de frente ampla encabeçados por liberais. Assim, os partidos de esquerda optaram por liderar eles próprios os processos políticos nacionais²⁰⁰. Uma avaliação desse tipo sobre a formação econômica de um país e de uma região não implica necessariamente na adoção da mesma estratégia. Enquanto alguns setores acreditavam na possibilidade de frentes policlassistas lideradas por partidos de esquerda com a participação subordinada de liberais, outros setores acreditavam na impossibilidade de conciliar interesses de classes distintas.

Ainda que a concepção semifeudal já não fosse tão influente no final do século XX, a proposta de uma aliança estratégica baseada nesse tipo de análise seguia viva, mesmo que não mais fundamentada em uma avaliação marxista da formação econômica dos países.

Mesmo que alguns partidos de esquerda aceitassem alianças pontuais com setores da burguesia industrial nacional, tais acordos eram sempre vistos como concessões táticas, sem influências profundas nos programas dos partidos. A aliança estratégica seria entre operários e camponeses por meio da realização de programas populares.²⁰¹

É preciso registrar que as estratégias possíveis das esquerdas não se restringem à rigidez do binarismo revolução *versus* reforma. Dentro do campo reformista, há aqueles que advogam por reformas de cunho estrutural que promovam

199 MARINI, Ruy Mauro. A dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil. 1985, p. 25. Trabalho publicado em Ruy Mauro Marini, Subdesarrollo y revolución, México, Siglo XXI, 12ª edición, 1985, p. 2-105. Digitalizado com base na versão em português constante do livreto “Problemas e perspectivas do desenvolvimento brasileiro”, Editorial Vesper, S. Paulo, dez/1971. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/141546457/Dialetica-do-Desenvolvimento-Capitalista-no-Brasil>. Acesso em 12 nov. 2020.

200 Aqui é abordada a posição em uma aliança policlassista, se subordinada ou dirigente. Um partido de esquerda pode liderar um processo político, eleitoral e encabeçar um governo em aliança com setores da burguesia.

201 Em 2020 as esquerdas discutem a polêmica em torno da necessidade de uma “Frente de Esquerda” ou de uma “Frente Ampla” para disputar eleições. Não é o objeto deste estudo, mas para compreender que a discussão acerca de qual o projeto e quem deve encabeçá-lo segue sendo central.

transformações nas estruturas econômicas, jurídicas e políticas de um país. Quando convocam uma Assembleia Constituinte tais grupos, questionam a institucionalidade do sistema vigente sem, no entanto, fazer um chamado às armas. O plano é realizar essas mudanças por meio de eleições.²⁰²

Nessa seara podemos trazer para o debate as interpretações de Gramsci feitas por Perry Anderson. O historiador britânico alerta para as dificuldades encontradas pelo pensador italiano na sua escrita, entre elas o fato de ter trabalhado conceitos radicalmente novos, com uma terminologia antiga usada para outros fins e épocas. Segundo Anderson, a questão mais complexa, muitas vezes subestimada, é o fato de Gramsci ter redigido parte de sua obra enquanto estava preso e sob forte censura, o que o obrigou a utilizar uma escrita muitas vezes pouco clara e objetiva. Anderson relembra que Gramsci²⁰³ utilizou um vocabulário essencialmente militar para diferenciar a guerra de posição e a guerra de movimento.

Mesmo alertando para o fato de o próprio Gramsci jamais ter sido um reformista, Anderson aponta que sua construção de pensamentos incompletos e, muitas vezes, contraditórios, deixou um caminho aberto para a apropriação, por reformistas, de sua teoria da estratégia de guerra de posição e conquista de hegemonia, ainda que de forma mal utilizada e deformada²⁰⁴. Esse tipo de leitura de Gramsci foi amplamente utilizada nas discussões estratégicas tanto das esquerdas europeias quanto latino-americanas, entre o final do século XX e o início do século XXI, para fundamentar estratégias cada vez mais focadas no processo eleitoral.

No contexto do Foro, o conceito de revolução aparece sempre permeado por uma estratégia institucional pela qual defende-se, abertamente, a importância de se “conquistar o apoio ativo das grandes maiorias, bem como a imputação de políticas autênticas e flexíveis de alianças que possibilitem amplos consensos sociais”²⁰⁵. Um amplo consenso social seria o oposto de uma estratégia de combate e luta de classes.

202 Cf. BOITO, Misa. Por que uma constituinte?, Disponível em: <http://otrabalho.org.br/por-que-uma-constituente/>. Acesso em 12 set. 2019.

203 ANDERSON, Perry. Antonio Gramsci. In: ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002, p. 18.

204 Ibid.

205 No original: “ganar el apoyo activo de las grandes mayorías, así como del impulso de auténticas y flexibles políticas de alianzas que possibiliten amplios consensos sociales”. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do VIII Encontro, Cidade do México, 1998. In: Compilação das Atas do FSP, p. 380. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 27 ago 2020.

Nosso objetivo é a revolução, ou seja, uma transformação profunda da sociedade, que deverá ser alcançada reafirmando e recriando a democracia, aspecto essencial de qualquer projeto alternativo. A cada dia se torna mais evidente a necessidade de reformular, ampliar e aprofundar a democracia na América Latina e no Caribe, o que acontece, essencialmente, para abrir mais e melhores canais de participação para todos os segmentos da população, especialmente aqueles que continuam marginalizados do processo de tomada de decisão. O avanço de uma nova democracia passa por alcançar maior poder político para o povo e devolver às instituições do Estado-nação a capacidade de tomada de decisão que lhe permite cumprir suas funções de mediação social. A validade e consolidação de um sistema político-institucional democrático são substanciais para o projeto alternativo. A liberdade, a justiça e a participação efetiva da população devem convergir para ela simultaneamente. (tradução nossa).²⁰⁶

Esses debates, fomentados dentro do FSP, estavam na ordem do dia à época, como pode ser observado na fala do sociólogo Emir Sader, em 1997:

A esquerda precisa de definições sobre uma série de questões, entre as quais destacamos as que nos parecem mais relevantes: posições em relação ao Estado; em relação à integração latino-americana; às dívidas internas e externas; à natureza da relação com o mercado internacional e à colocação da questão da soberania; sobre a base social desse poder; sobre o socialismo que deseja construir; sobre as *estratégias de poder*".²⁰⁷

As estratégias de disputa política eram um tema antigo entre as esquerdas conceituado, dentre outros, por Lenin e Gramsci. Para Gramsci o partido era o moderno príncipe, cuja tarefa principal seria constituir hegemonia na sociedade. Essa polêmica atravessou todo o século XX.

Em sua análise sobre as tarefas de um partido socialista moderno, Aldo Fornazieri afirma que este deve constituir um programa hegemônico a partir da

206 No original: "Nuestra meta es la revolución, es decir, una profunda transformación de la sociedad, la que habrá de realizarse reafirmando y recreando la democracia, aspecto esencial de todo proyecto alternativo. Cada día se hace más notoria la necesidad de reformular, ampliar y profundizar la democracia en América Latina y el Caribe, lo que pasa, esencialmente, por abrir más y mejores canales de participación de todos los segmentos de la población, sobre todo de quienes continúan marginados del proceso de decisiones. El avance de una nueva democracia pasa por lograr mayor poder político para el pueblo y por restituirle a las instituciones del estado-nación la capacidad decisoria que le permita cumplir sus funciones de mediación social. La vigencia y consolidación de un sistema político-institucional democrático es sustancial para el proyecto alternativo. En él deben confluír simultáneamente la libertad, la justicia y la participación efectiva de la población". Ibid., p. 379.

207 SADER, Emir. O Poder, cadê o poder?. São Paulo: Boitempo, 1997, p. 125.

articulação de diversas esferas e níveis da política, contemplando os diversos setores sociais marginalizados e destituídos de direitos e poder:

A luta pela hegemonia impõe aos partidos do socialismo que adotem, além da luta pelos valores do socialismo, lutas de caráter mais particular tais como: assumir a defesa das reivindicações concretas justas dos explorados e oprimidos; articular as questões particulares de caráter nacional com o programa revolucionário socialista; abordar numa perspectiva socialista, as lutas sociais específicas tais como a defesa da ecologia, a luta pelo desarmamento nuclear e pela paz mundial, a luta das mulheres e a questão feminista, a luta contra a discriminação racial, contra a discriminação de orientação sexual, as questões urbanas, os direitos e liberdades individuais, etc.²⁰⁸

Em um contexto de crise das esquerdas, especialmente do paradigma fundamentado unicamente no economicismo, os partidos se abriram cada vez mais para a discussão de pautas transversais sem, no entanto, abandonar por completo as discussões econômicas classistas. Podemos citar como exemplos especialmente o PT, no Brasil, a Frente Ampla, no Uruguai, e o PRD, no México.

Fornazieri também alerta para algo muitas vezes esquecido pelos intérpretes de Gramsci: o fato de que se os Estados e as sociedades latino-americanas não são parecidos com a Rússia de antes de 1917, tampouco são semelhantes aos países da Europa ocidental sobre os quais o pensador italiano formulou sua estratégia da guerra de posição:

A adoção de uma estratégia, portanto, implica no conhecimento do caráter do Estado e da sociedade civil especificamente nacionais, e de como cada expressão nacional se situa no âmbito das linhas de força internacionais. Pode-se afirmar que, de um modo geral, os Estados na América Latina caracterizam-se por especificidades próprias (latino-americanas), diferentes tanto do antigo Estado russo como dos modernos Estados europeus. Na própria América Latina há diferenças substanciais entre os vários Estados.²⁰⁹

Aqui é preciso questionar se um dos motivos pelos quais a social-democracia não deitou raízes profundas no continente se deveu, justamente, pela tentativa de se implantar um modelo teórico e organizativo europeu em nações latino-americanas.

208 FORNAZIERI, Aldo. Considerações sobre a sociedade civil, o Estado e a Estratégia. *Teoria & Política*, São Paulo, número 9, Editora Brasil Debates, 1988, p. 41.

209 Ibid, p. 67.

Fornazieri indica que uma estratégia socialista implicaria na adoção de três vértices estratégicos: em primeiro lugar, a disputa de hegemonia na sociedade civil, articulando suas reivindicações; em segundo, a disputa da hegemonia cultural e moral, com a preparação teórica e cultural; em terceiro, a disputa e o confronto com o Estado. No caso do Estado a disputa institucional de natureza parlamentar e o confronto, seriam as posturas e o caráter das ações e mobilizações de massa, questionando a ordem e as legalidades atualmente existentes.

Muitos anteviam a abertura de novas oportunidades para a social-democracia europeia, com a queda do Muro e a dissolução da União Soviética, agora livres do peso do socialismo soviético e suas contradições. Essa perspectiva otimista pode ser constatada na argumentação geral de Michael Mann, apresentada por Perry Anderson:

Na Europa Ocidental, reveses temporários podem ter entravado o seu avanço na década de 80, quando o capital internacional se sobrepôs cada vez mais aos governos nacionais; mas a proporção do produto nacional absorvido em gastos públicos não caiu qualitativamente, e o advento de uma União Europeia Federal criará as condições para que seja reatada a marcha avante. Marxismo e totalitarismo finalmente enterrados, a democracia social emerge em suas verdadeiras cores como o único socialismo real desde o começo.²¹⁰

Apesar de tanto social-democratas quanto trotskistas acreditarem na abertura de novas janelas de oportunidade, colocadas com a dissolução do bloco soviético, o que se viu foi uma crise sem precedentes para toda a esquerda. Em seu notório artigo "O fim da história", Fukuyama defendeu que o término da Guerra Fria e advento da democracia liberal significava o fim da história em si, com o triunfo definitivo das ideias ocidentais na economia e na política, de forma inseparável:

Mas o século que começou cheio de autoconfiança no triunfo final da democracia liberal ocidental parece estar quase voltando ao ponto inicial: não para um "fim da ideologia" ou uma convergência entre capitalismo e socialismo, como antes previsto, mas para uma vitória descarada do liberalismo econômico e político. (tradução nossa).²¹¹

210 ANDERSON, Perry. *O fim da história*: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 91.

211 FUKUYAMA, Francis. op. cit., 1989, p. 3.

Independente das origens e legitimidade das bases filosóficas e ideológicas que fundamentavam o pensamento de Fukuyama²¹², o contexto político global era dominado por essa ideia. Meios de comunicação e grupos políticos majoritários expressavam esse tipo de pensamento.

É longo o debate sobre a concomitância ou não entre democracia e economia liberal, não sendo esse o objetivo deste estudo. Perry Anderson comenta o contraste entre a amplitude intercontinental da democracia política e a base regional da expansão da prosperidade capitalista²¹³. Vale lembrar apenas que uma série de pensadores e atores políticos alertaram para um hiato cada vez maior entre estes dois sistemas.²¹⁴

Hoje a China é uma potência aliando economia de mercado com forte intervenção estatal macroeconômica, ao aliar o controle do câmbio e do fluxo de capitais com a propriedade estatal da terra e de várias empresas e um forte mercado privado. Some-se a isso o fato de não representar uma democracia ocidental, sendo considerada um governo de transição política, ou sistema intermediário, entre comunismo e capitalismo/liberalismo que muitos analistas seguem de perto, aguardando ansiosamente que a realidade, em algum momento, se adapte às teorias²¹⁵. O economista Luis Antonio Paulino alerta para não se confundir a economia de mercado chinesa com a economia capitalista, defendendo sua caracterização como *socialismo chinês*.²¹⁶

212 Fukuyama era representante do pensamento conservador, sendo ideólogo do governo de Ronald Reagan e um dos mentores intelectuais da líder britânica Margaret Thatcher. Além disso, Perry Anderson chega a questionar as traduções dos conceitos de Hegel. ANDERSON, Perry. op. cit., 1992, p. 18.

213 Ibid. p. 148.

214 SERRANO, Pedro Estevam. Trump e o fim do casamento entre democracia e capitalismo neoliberal. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/trump-e-o-fim-do-casamento-entre-democracia-e-capitalismo-neoliberal>. Acesso em 23 set. 2019.

215 Segundo alguns teóricos e ideólogos, uma burguesia com poder econômico necessariamente terminaria por buscar o poder político através da constituição de uma democracia nos moldes ocidentais. Cf. CHEN, An. Capitalist Development, Entrepreneurial Class, and Democratization in China. *Political Science Quarterly*, Vol. 117, No. 3 (Autumn, 2002), p. 401-422; MILANOVIC, Branko. *Will the Bourgeoisie Ever Rule in China? Applying Marx's theories to today's Communist China*. Disponível em: <https://www.theglobalist.com/china-democracy-society-capitalism-xi-jinping/>. Acesso em 12 nov. 2020.

216 PAULINO, Luis Antonio. A economia chinesa como alternativa ao Consenso de Washington. Entrevista concedida a IHU On-Line. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/588928-a-economia-chinesa-como-alternativa-ao-consenso-de-washington-entrevista-especial-com-luis-antonio-paulino. Acesso em 23 set. 2019.

Devido ao sucesso econômico do país asiático, assim como a sua forte interlocução com a América Latina, os intelectuais e dirigentes dos partidos de esquerda do continente têm aumentado sua atenção para o modelo chinês, o que veremos inclusive mais adiante na análise quantitativa das atas do FSP.²¹⁷

Também se vê hoje a ascensão de discursos nacionalistas a criar fissuras no livre mercado global, com o acirramento de guerras comerciais e protecionismos, assim como a deterioração dos espaços diplomáticos multilaterais construídos após a 2ª Guerra Mundial. Fukuyama afirma que o nacionalismo já havia sido um inimigo do liberalismo no passado, mas nega ao nacionalismo um possível papel de oposição estruturada no futuro. Se os nacionalismos populistas do século XXI irão se tornar um contraponto global à ordem estabelecida no Pós-Guerra Fria é uma dúvida que ainda paira²¹⁸. Também fica a expectativa sobre se estar às vésperas ou não de uma armadilha de Tucídides entre China e EUA.²¹⁹

Seja qual for o desenrolar dos acontecimentos nos próximos anos, o que se tem visto até o presente momento já é suficiente para pôr em xeque a afirmação de Fukuyama, com a contradição de ser o próprio governo dos EUA um dos principais agentes de instabilidade e questionamento da ordem, construída por eles no passado. Também é possível questionar a dificuldade de pensadores de diversas áreas quando buscam realizar prognósticos, como as previsões comuns nos anos de 1990, sobre o provável domínio econômico japonês no século XXI²²⁰ ou de um futuro fortalecimento político, cada vez maior, da União Europeia. Ambas as previsões não se confirmaram.

No século XX, cunhou-se o termo “socialismo real”, criado para nomear as experiências socialistas do período, mesmo com contradições que as afastavam do que as teorias preconizavam. Talvez fosse o caso de discutir o que seria um “capitalismo real”, para conceituar tanto o neoliberalismo na América Latina, na década de 1990²²¹, quanto os atuais defensores de políticas que se dizem “liberais na economia e conservadores nos costumes”, na década de 2010-2020.

217 POMAR, Wladimir. *O enigma chinês*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

218 Vladimir Putin diz que o liberalismo ‘se tornou obsoleto’. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/07/vladimir-putin-diz-que-o-liberalismo-se-tornou-obsoleto.shtml>. Acesso em 24 set. 2019.

219 O historiador da Grécia Antiga que ‘previu guerra inevitável’ entre EUA e China. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47792909>>. Acesso em 24 set. 2019.

220 O próprio Foro abordava essa possibilidade em seus encontros.

221 POMAR, Valter. *Notas sobre a política internacional do PT*. São Paulo: Secretaria de Relações Internacionais do PT, 2012, p. 34.

Esse não é um debate deslocado neste estudo, dado que o chamado etapismo foi, e segue sendo, tema de debates acalorados no seio das esquerdas. Alguns setores defendem uma revolução por etapas, na qual o papel da esquerda seria aliar-se à burguesia nacional para realizar primeiramente uma revolução burguesa de cunho nacional, supondo que os países do continente ainda não possuem o capitalismo totalmente implementado. Outros setores acreditam que a divisão internacional do trabalho já teria implementado completamente o capitalismo e integrado à ordem global até mesmo os países mais atrasados. Para estes setores não existem contradições ou erros de execução entre o que previam as teorias liberais e o que realmente foi feito no continente, mas sim a execução de um bem elaborado plano. Ao adotar-se uma ou outra premissa mudam-se a estratégia, o programa e os aliados.

Vale esclarecer novamente que uma série de combinações políticas podem ser adotadas pelos indivíduos e organizações: liberalismo econômico com defesa da liberdade individual, no que se convencionou chamar de agenda de costumes, na qual se situam as feministas liberais e os LGBTIs liberais. Defesa de socialização da economia com conservadorismo moral, sendo o stalinismo e seus herdeiros os maiores exemplos. Socialização da economia com liberdade nos costumes, defesa do modelo social-democrata com economia liberal e políticas compensatórias. São muitas as mesclas possíveis, inclusive nas estratégias de chegada ao poder. Apenas no campo estrito da esquerda, segundo Pomar:

A discussão sobre o carácter da revolução latino-americana (socialista, democrática, etc.) sempre foi simultânea ao debate sobre o caminho da revolução: violenta ou pacífica, guerrilha ou insurreição, etc. Novamente, diferentes combinações foram estabelecidas: de "etapistas", adeptos das formas mais radicais de violência, até socialistas imbuídos do mais forte compromisso com a "transição pacífica". (tradução nossa).²²²

Toda essa miscelânea termina por ser resumida em conceitos como comunista, socialista, social-democrata, social liberal, liberal, neoliberal, etc. O rótulo varia,

222 No original: "La discusión sobre el carácter de la revolución (socialista, democrática etc.) latinoamericana fue siempre simultánea al debate sobre la vía de la revolución: violenta o pacífica, guerrilla o insurrección, etc. Nuevamente, diferentes combinaciones fueron establecidas: desde "etapistas" adeptos de las formas más radicales de la violencia, hasta socialistas imbuidos del más firme compromiso con la "transición pacífica". POMAR, Valter. op. cit., 2012, p. 28.

inclusive, de acordo com o observador. Para o PSTU, o PSol é apresentado como um partido moderado, advogando para si o que seria a linha justa²²³. Para o PCdoB o PSTU e o PSol são agrupamentos esquerdistas, utilizando o conceito cunhado por Lênin para atacar os setores ultrarradicais, comparando-os a uma doença infantil²²⁴. Para Olavo de Carvalho e Bolsonaro, todos os partidos citados anteriormente, juntamente com o PT, seriam comunistas. Setores da extrema-direita forjam áudios para apresentar o Foro de São Paulo como sendo o espaço de uma conspiração internacional.²²⁵

Analisando a *Guerra dos Camisards*, de 1703, e a Proclamação da II República francesa, em 1848, Lefebvre aponta que:

Em 1848 como em 1703, além do sentimento de insegurança que a situação econômica e as circunstâncias políticas despertavam naturalmente, encontramos na origem dos pânicos a ideia de que um partido ou uma classe social ameaçava a vida e os bens da maioria da nação, por vezes com ajuda estrangeira. É esse temor universal, e por toda a parte idêntico, que dá aos alarmes locais, cuja ocasião e importância são variáveis, seu valor emotivo e sua força de expansão.²²⁶

Ao longo dos séculos XIX e XX, espalharam-se mitos de conspirações internacionais maçônicas, jesuíticas ou judaicas, estas últimas posteriormente se desdobrando em conspirações judaico-comunistas. Como discorre Motta em seu estudo:

Qual seria a motivação a impulsionar a obra destrutiva do judaísmo? A explicação se encontraria em seu desejo de dominar o mundo. Os judeus precisavam destruir as bases da civilização cristã para tornar possível a implantação de seu reinado, que passaria pelo domínio completo e pela escravização da humanidade. A conspiração judaica,

223 ALMEIDA, José Maria de. As escolhas postas para a esquerda do Psol. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/fala-ze-maria-as-escolhas-postas-para-esquerda-do-psol/>. Acesso em 23 set. 2019.

224 REZENDE, Luciano. O papel do esquerdismo no golpe de 2016. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=8009&id_coluna=26. Acesso em 23 set. 2019.

225 Áudio no WhatsApp inventa conspiração do Foro de São Paulo para desestabilização política em meio à pandemia. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/audio-no-whatsapp-inventa-conspiracao-do-foro-de-sao-paulo-para-desestabilizacao-politica-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em 27 jul. 2020.

226 LEFEBVRE, Georges *O Grande Medo de 1789*. Rio de Janeiro: Campus, 1979, p. 64.

na essência, seria motivada por intenções maléficas, conduzida por forças do mal.²²⁷

No mito da conspiração judaica, presente nos documentos forjados dos Protocolos dos Sábios de Sião²²⁸, os judeus seriam responsáveis: pela derrubada da monarquia e instauração de repúblicas em vários países; pela corrupção das mentes dos jovens através do ensino subversivo; pela destruição da família e da Igreja; pelo estímulo à procura por vícios; por criar ódio entre as classes; pela disseminação de vírus de várias enfermidades e por criar o caos²²⁹. Excetuando-se a derrubada de monarquias, as demais denúncias são infundadas assim como as feitas pela direita ao Foro de São Paulo hoje, ou à China, no caso da pandemia de Covid-19.

O fato é que historicamente as esquerdas são alvo de teorias conspiratórias mirabolantes como a imagem clássica do comunista “comedor de criancinha”, gestada pelo marcarthismo²³⁰, até a mais recente utilização genérica de termos como “marxismo cultural”, muito difundida na mídia e nas redes sociais. A própria imagem do FSP está muito associada a estes termos na mídia.²³¹

Voltando ao caso da América Latina, ao analisar os movimentos sociais no continente no final do século XX, Santos chega à conclusão de que eles foram capazes de construir um tipo de globalização contra hegemônica pois,

se medirmos sua influência e sucesso à luz dos próximos quatro níveis - criando tópicos e estabelecendo um programa; mudanças na retórica de quem decide; mudanças institucionais; impacto efetivo nas políticas concretas - há fortes indícios de que tem conseguido enfrentar a globalização hegemônica nos dois primeiros níveis de influencia. (tradução nossa).²³²

227 MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. *Revista de História* 138. 1998, p. 97.

228 Documento antissemita falsificado na Rússia czarista para combater as ideias liberais e socialistas.

229 BARROSO, Gustavo (org.). *Os Protocolos dos Sábios do Sião*. 1989, p. 51.

230 O termo foi cunhado para descrever a patrulha anticomunista promovida pelo senador americano Joseph Mc Carthy na década de 1950, acarretando uma onda de perseguições e repressão a milhares de americanos acusados de subversão política. Posteriormente a expressão ganhou um significado mais amplo sendo utilizada genericamente para caracterizar acusações infundadas e ataques demagógicos contra qualquer indivíduo concebido como adversário político das ideias direitistas.

231 Foro de São Paulo, o maior inimigo do Brasil. Disponível em: <https://esquerdopatia.wordpress.com/2014/11/08/conheca-o-foro-de-sao-paulo-o-maior-inimigo-do-brasil/> Acesso em: 27 out 2020.

232 No original: “Si medimos su influencia y éxito a la luz de los cuatro siguientes niveles –creación de tópicos y establecimiento de un programa; cambios en la retórica de quienes deciden; cambios institucionales; impacto efectivo en políticas concretas–, existe fuerte evidencia para afirmar que ha tenido éxito en confrontar la globalización hegemónica en los dos primeros niveles de influencia”.

Apesar dos movimentos sociais e partidos políticos não se enquadrarem na mesma categoria, não se pode esquecer das influências recíprocas que existem entre eles.

A cartilha elaborada em 1980 pelo Instituto Cajamar, entidade voltada para a formação política de dirigentes e militantes sindicais e partidários, Wladimir Pomar resgata a análise e aplicação dos conceitos de estratégia e tática desenvolvidos por Clausewitz:

O conceito de tática passou a ser empregado na política quando a luta de classes assumiu um caráter amplo e profundo, exigindo dos seus contendores o uso de movimentos que até então eram exclusivos da guerra: avanços e recuos, ofensiva e defensiva, manobras e retiradas, acumulação e desgaste de forças e assim por diante. Isto só acontece na sociedade burguesa, quando a divisão social colocou frente a frente dois inimigos bem delineados – burguesia e proletariado – e quando a luta de classes transformou-se numa luta de massas.²³³

Segundo Wladimir, Marx não teorizou diretamente sobre esses conceitos e Engels, posteriormente, enxerga o Manifesto Comunista como uma tática. Os bolcheviques russos formularam mais sobre estratégia, assim como Gramsci. A Cartilha ainda explicita as relações entre estratégia, hegemonia e programa:

A estratégia trata das questões da hegemonia. Isso se deve ao fato objetivo de que, mesmo nas sociedades capitalistas mais adiantadas, não existem somente os trabalhadores assalariados e a burguesia. Para os trabalhadores é fundamental, para que o processo revolucionário desemboque no socialismo, alcançar a hegemonia sobre as camadas intermediárias. (...) A sistematização das tarefas de uma revolução, com o fito de unificar na luta revolucionária as classes cujos interesses se opõem aos interesses das classes dominantes é feita pelo programa. Nesse sentido, é preciso distinguir o programa máximo, isto é, sua perspectiva geral de construir o socialismo como etapa transitória para ingressar na sociedade comunista, de seu programa mínimo, que é determinado pela condição concreta de existência da classe em cada país.²³⁴

SANTOS, Boaventura Sousa. *Nuestra América. Hegemonia y contra-hegemonia en el siglo XXI*. Tareas n. 128, enero-abril 2008, p. 13.

233 POMAR, Wladimir. *Estratégia e Tática*. Cidade: Cajamar. Instituto Cajamar, 1990, p. 4.

234 Ibid., p. 5-6.

Ainda que esta seja uma elaboração revolucionária *stricto sensu*, esse modo de encarar a estratégia na política aparenta ser muito próximo ao adotado pelos setores mais moderados dos partidos de esquerda do continente (hegemonia, acumulação de forças, programa máximo *versus* programa mínimo).

Durante o processo de redemocratização dos países sul-americanos na década de 1980, os setores mais moderados ganharam força ao focar no trabalho de base junto às massas e à organização de sindicatos e movimentos sociais. A defesa da democracia, mesmo que fora dos moldes teóricos historicamente adotados pela esquerda, aparecia como possibilidade de um trabalho político mais amplo, de garantias e da abertura de espaços institucionais para a disputa política.

A despeito das antigas hierarquizações que parte da esquerda estabelecia entre a democracia social e a democracia política, Marco Aurélio Garcia acredita que elas estão no mesmo patamar, sem valorizar a primeira em detrimento da segunda. Garcia defende que “a democracia política é um fim em si. Um valor estratégico e permanente. Se esta tese é social-democrata, paciência: sejamos social-democratas”²³⁵.

Marco Aurélio Garcia não considerava a si ou ao PT como sendo afiliados à social-democracia, como esta fala provocativa possa fazer parecer. Na antiga polêmica entre reforma e revolução, os reformistas ganhavam cada vez mais espaço, mas essa disputa ainda não estava encerrada quando da fundação do FSP. Ao analisar esse período, Ansaldi observa que:

A social-democracia aparece hoje, para alguns, como um elemento do passado e, no caso da América Latina, como uma utopia descartável (senão descartada), quase tanto quanto a revolução. Por outro lado, há uma ênfase muito forte na democracia política, entendida em sua forma clássica de democracia liberal representativa, democracia formal ou democracia capitalista, em particular a reconquista das liberdades fundamentais (democracia como uma “salvaguarda contra” a arbitrariedade da violência estatal e, posteriormente, democracia como o “direito à liberdade de expressão e, portanto, à liberdade de imprensa”) e os direitos de cidadania política (“à participação nas instituições ligadas à condução do Estado”).²³⁶ (tradução nossa).

235 GARCIA, Marco Aurélio. op. cit., 1990, p. 3.

236 No original: “La democracia social aparece hoy, para algunos, como un elemento del pasado y, en caso de América Latina, como una utopía desechable (si no desechada), casi tanto como la revolución. Hay, em cambio, un énfasis muy fuerte en la democracia política, entendida en su forma clásica de democracia liberal representativa, democracia formal o democracia capitalista, en particular la reconquista de las liberdades fundamentales (democracia como “resguardo de” la arbitrariedad de la

Daniel Aarão Reis, no seminário realizado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), em 1986, afirmou que a democracia possui três dimensões: social, nacional e política, tendo a esquerda historicamente privilegiado as duas primeiras e pouco formulado a respeito da última, tanto por escolhas quanto por determinantes conjunturais. Destacou ainda, a importância de se evitar explicar a evolução do comunismo no país em função das orientações de Moscou ou de Havana.

Coutinho, nesse mesmo debate, analisa: “acho que houve a opção por um modelo, por um tipo de organização (...). Não é que o Gorbachev ligue para o Giocondo e diga: “faça isso ou aquilo”. É uma forma de pensar a política e a organização partidária”²³⁷. Até o presente momento, essa parece ser uma hipótese plausível também para o Foro de São Paulo. Não é que líderes como Fidel Castro ou Lula tivessem autoridade suficiente para “mandar” este ou aquele partido mudar sua orientação, mas significa que os partidos do continente acabavam seguindo este ou aquele modelo que, à época, parecia destinado ao sucesso.

Segundo Castañeda,

as políticas conservadoras postas em prática na América Latina – passada a crise da dívida externa – alargaram a tal ponto a brecha entre ricos e pobres que é outra vez imaginável uma explosão social. De novo, vislumbra-se um mal maior que aumenta a única verdadeira vantagem da esquerda moderada: ser um mal menor.²³⁸

Essa alegação, feita em 1994, entra em contraste com outra, dita pelo mesmo autor, quando afirma que: “na América Latina de hoje, toda esquerda é inevitavelmente reformista”²³⁹. Se, ao longo da maior parte do século XX, foi a ameaça de uma revolução que permitiu aos reformistas lograr avanços econômicos e sociais, dentro dos marcos do capitalismo, torna-se difícil compreender que, em meados da

violencia estatal y, luego, democracia como “derecho a la libre expresión y por lo tanto a la libertad de prensa”) y de los derechos de ciudadanía política (“a la participación em las instituciones vinculadas a la conducción del Estado”)

ANSALDI, Waldo. *La democracia em América Latina, un barco a la deriva*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007, p. 93.

237 COUTINHO, C. N. Exposição. In.: GARCIA, M. A. (Org.) *As Esquerdas e a Democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: CEDEC, 1986, p. 47.

238 Castañeda, Jorge G. *Utopía desarmada: Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 335.

239 Ibid. p. 10.

década de 1990, a esquerda moderada pudesse ser vista como um “mal menor” a conter uma explosão social.

É preciso fazer algumas reflexões sobre o tempo como processo histórico. Esse é um assunto sobre o qual o historiador não pode deixar de refletir. As dificuldades aumentam quanto mais recente é o recorte temporal. Hobsbawm afirmou que as diferentes visões que ele e outros historiadores da mesma idade tinham sobre a Segunda Guerra Mundial eram influenciadas pelas suas vivências pessoais. Também alertou que a percepção sobre o tempo e a contemporaneidade divergiam ainda mais entre pessoas de idades distintas.

Em momentos de crise, percebe-se uma permanência dos debates públicos a respeito de determinados períodos. O historiador Henry Rousso comenta sobre a “História que não passa”, ao abordar as implicações políticas, no presente, das controvérsias teóricas na França e Alemanha, a respeito da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra Civil na Espanha²⁴⁰. Creio que o mesmo pode ser dito sobre a Guerra Fria que, ainda que tenha terminado, segue como tema de debates por todo o mundo. O FSP nasce um ano antes do fim oficial da Guerra Fria, mas sem se desvincular da lógica de uma disputa política de embates entre direita e esquerda, liberalismo e socialismo.

O Foro de São Paulo não nasceu com este nome, tampouco com a intenção expressa de ser permanente. Quando foi realizado o Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e Caribe, seus participantes convocaram uma segunda edição para o ano seguinte, a ser realizada na Cidade do México. Somente nesta edição a organização, que então passou a se reconhecer enquanto um bloco/grupo permanente, recebeu o nome de Foro. Segundo Regalado, esse processo só se consolidou totalmente no IV Encontro, em Havana (1993).²⁴¹

A própria designação do Foro foi consequência de uma polêmica sobre o nome dado pelo PT ao I Encontro, quando alguns setores tentaram tirar a palavra esquerda, querendo rebatizá-lo de Encontro de Partidos e Organizações Democráticas e

240. ROUSSO, Henry. Sobre a história do tempo presente: entrevista com o historiador Henry Rousso. In: AREND, Silvia Maria Fávero; MACEDO, Fábio. *Tempo e Argumento*, v.1, n.1, Florianópolis, 2009, p. 208.

241 REGALADO, Roberto. El Foro de São Paulo: reacción de la izquierda latinoamericana frente a la caída del Muro de Berlín. In: Kersfeld, Daniel (ed.). *Desde sus cenizas: Las izquierdas em América Latina a 25 años de la caída del Muro de Berlín*. Quito: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015, p. 420.

Populares da América Latina e Caribe²⁴². Pelos relatos, a indicação do nome Foro de São Paulo parece ter sido um meio termo que evitava vetos de ambos os setores: omitia a expressão *esquerda*, como desejavam os mais moderados, ao mesmo tempo em que contemplava os mais radicais ao fazer referência a declaração do I Encontro em São Paulo, de caráter socialista. Essa mudança não ocorreu sem protestos: o Partido Obrero da Argentina criticou "a modificação sem consulta do nome original (Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda e Antiimperialistas da América Latina) pelo de 'Foro de São Paulo'".²⁴³

Cabe aqui uma análise sobre o recorte histórico continental apresentado por Regalado, um dos mentores intelectuais do FSP, que propõe que o período de organização das esquerdas revolucionárias no continente teria se iniciado com a Revolução Cubana, em 1959 e terminado com a Queda do Muro de Berlim, em 1989: "*cuya característica principal fue el choque entre la insurgencia revolucionaria y la contrainsurgencia reaccionaria*"²⁴⁴.

A direita realmente operou em vários países durante essa época, sob uma mentalidade contrainsurgente e a realização de sucessivos golpes de Estado. No entanto, é questionável caracterizar a esquerda latino-americana, durante todo esse período, como sendo insurgente e revolucionária. Os Partidos Comunistas do continente, assim como os trabalhistas, na maior parte do período supracitado buscavam realizar alianças policlassistas com base em programas reformistas. Essa linha política veio a gerar uma série de rachas e o nascimento de grupos guerrilheiros que, embora chamassem muita atenção, ainda assim eram minoritários se comparados com os principais partidos de esquerda.

O PT não foi o único partido do continente a convocar seus congêneres ao debate no período, como pode ser lido nas palavras de Roberto Regalado, em sua tese de doutorado:

Na medida em que a Perestroika, a Glasnost e a nova mentalidade de Gorbachev apontavam para uma reordenação abrupta e drástica do sistema de relações internacionais, nos partidos e movimentos políticos da esquerda latino-americana choveram convocatórias para

242 Ibid.

243 FREIRE, Alipio. Foro de São Paulo – A dissidência argentina e Análises de Montevideú. *Revista Teoria & Debate*, ed. 29, jul. 1995.

244 Ibid, p. 414.

conferências, seminários, workshops e reuniões de todos os tipos, com a finalidade de analisar as causas e consequências das mudanças em curso e decifrar quais seria seu impacto nas condições e nos sujeitos das lutas populares da região. Dentre tantas iniciativas similares, a que teve maior acolhida foi a realizada pelo PT do Brasil para celebrar o Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e do Caribe, por ter sido respaldada pelo prestígio acumulado por aquele partido ao longo do seus dez anos de existência, pelo fato de ter nascido da convergência de movimentos populares combativos e colhido resultados expressivos nas eleições de novembro de 1989, inclusive com a passagem de seu candidato ao segundo turno, em dezembro do mesmo ano, Luiz Inácio Lula da Silva. (tradução nossa).²⁴⁵

Ao analisar as palavras do representante do Partido Comunista de Cuba, podemos ver não apenas o destaque dado ao papel do Foro como o respeito que os partidos do continente tinham pelo PT. Tal respeito pode ser entendido não somente pela quantidade de militantes ou de movimentos nos quais o PT atua, mas também por sua grande estrutura como maior partido de esquerda da América Latina²⁴⁶. O fato do Foro ser convocado por um partido com amplo leque de correntes internas, que tinham pontos de contato com diversos setores de esquerda e progressistas continentais, contribuiu para a adesão de muitas entidades.²⁴⁷

O caráter cada vez mais eclético e abrangente dos membros do FSP, no entanto, não seria bem aceito por alguns de seus integrantes iniciais. Os representantes do Partido Obrero da Argentina romperam com o Foro, em 1995, após críticas a uma série de políticas ali deliberadas e à atuação de outros partidos, culminando com a tentativa infrutífera de expulsar o Movimento Bolívia Livre do FSP,

245 No original: “En la medida en que la Perestroika, la Glasnost y la nueva mentalidad de Gorbachov apuntaban a un abrupto y drástico reordenamiento del sistema de relaciones internacionales, en los partidos y movimientos políticos de la izquierda latinoamericana llovían las convocatorias a conferencias, seminarios, talleres y reuniones de todo tipo, con el fin de analizar las causas y consecuencias de los cambios en curso, y descifrar cuál sería su impacto en las condiciones y los sujetos de las luchas populares en la región. Entre tantas iniciativas similares, la que mayor acogida recibió fue la efectuada por el PT de Brasil para celebrar el Encuentro de Partidos y Organizaciones de Izquierda de América Latina y el Caribe, debido a que la avalaba el prestigio acumulado por ese partido a lo largo de sus diez años de existencia, por el hecho de haber nacido mediante la convergencia de combativos movimientos populares y cosechado resultados impresionantes en los comicios de noviembre de 1989, incluido el paso a la segunda vuelta, en diciembre de ese mismo año, de su candidato, Luiz Inácio Lula da Silva”. REGALADO, Roberto. op. cit., 2007.

246 Há várias formas de se medir o tamanho de um partido: sua presença em espaços institucionais, sua capacidade de se inserir e liderar movimentos, grupos e classes sociais, o número de filiados, o tamanho da estrutura financeira e burocrática, dentre outras. Creio que a forma mais correta de analisar o tamanho de um partido é observar todos estes aspectos em conjunto.

247 REGALADO, Roberto. op. cit., 2015, p. 419.

por sua participação no governo de Sánchez de Lozada (1993-1997). Eis uma das críticas dos argentinos:

Nenhum companheiro das organizações pertencentes ao Foro poderá negar que a despolitização – nesse caso consciente - possa resultar em outra coisa que não o encobrimento de políticas objetivamente direitistas. De fato, a reivindicação inicial do socialismo, sem dúvida realizada de forma abstrata, deu lugar, mais ou menos imediatamente, à reivindicação da 'economia de mercado com justiça social', isto é, a uma política pró-capitalista e pró-imperialista, enfeitada pela demagogia social.²⁴⁸

No I Encontro, em 1990, a palavra estratégia surgia em três oportunidades, para criticar a “privatização de empresas públicas e estratégicas”, para afirmar que “revisamos as estratégias revolucionárias da esquerda”, e, por último, para apontar a importância da democracia e soberania:

Mas também definimos aqui, em contraposição com a proposta de integração sob domínio imperialista, as bases de um novo conceito de unidade e integração continental. Ela passa pela reafirmação da soberania e auto-determinação da América Latina e de nossas nações, pela plena recuperação de nossa identidade cultural e histórica e pelo impulso à solidariedade internacionalista de nossos povos. Ela supõe defender o patrimônio latino-americano, pôr fim à fuga e exportação de capitais do sub-continente, encarar conjunta e unitariamente o flagelo da impagável dívida externa e a adoção de políticas econômicas em benefício das majorias, capazes de combater a situação de miséria em que vivem milhões de latino-americanos. Ela exige, finalmente, um compromisso ativo com a vigência dos direitos humanos e com a democracia e a soberania popular como valores estratégicos, colocando as forças de esquerda, socialistas e progressistas frente ao desafio de renovar constantemente seu pensamento e sua ação.²⁴⁹

Em relação aos participantes do Foro, segundo Regalado, as disputas entre os diversos setores se acirraram, causadas por divergências entre as delegações do I Encontro:

Não houve alí uma participação equilibrada que refletisse a força e a inserção social de cada uma das vertentes da esquerda. A presença

248 FREIRE, Alipio, op. cit., 1995.

249 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do I Encontro do FSP, São Paulo, 1990. In: Compilação das Atas do FSP, p. 75. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 07 mai 2020.

socialista foi maior, gênese de confrontos posteriores entre os interessados em manter a identidade e a estrutura original do espaço nascente e aqueles que se propunham a mudá-lo para uma composição predominantemente social-democrata e progressista. (tradução nossa).²⁵⁰

No II Encontro, em 1991, o documento final aponta a necessidade de alianças não somente com a pequena e média burguesia, no que mesmo os setores mais radicais tinham concordância. Está presente também a possibilidade de alianças com o empresariado nacionalista, sem excluir a possibilidade de que pudessem inclusive ser grandes empresários. Isso não teria sido meramente uma falha ou esquecimento, mas para mostrar abertura:

Em dito processo deverão ter participação fundamental os setores afetados pelo modelo neoliberal, ou seja, os trabalhadores da cidade e do campo, a pequena e média burguesia, os empresários nacionalistas, amplos setores de mulheres e jovens, as nacionalidades e etnias oprimidas, assim como os setores mais desprotegidos da sociedade.²⁵¹

Analisando as posições relativas aos debates estratégicos e sobre alianças, podemos perceber a existência de múltiplas posições, que em determinados momentos se agrupam para defender posicionamentos. Ainda que não conformem blocos permanentes, uma posição defendida por um grupo de partidos ganha mais força do que aquela defendida por determinado partido de maneira isolada. Aí reside a força do FSP enquanto espaço aglutinador de ideias semelhantes defendidas por grupos tão distintos.

2.2-As correntes políticas internas

250 No original: “No hubo allí una participación equilibrada que reflejase la fuerza y la inserción social de cada una de las vertientes de la izquierda. Fue mayor la presencia socialista, génesis de los choques posteriores entre los interesados en mantener la identidad y la estructura original del naciente espacio, y quienes se proponían cambiarla por una composición mayoritariamente socialdemócrata y progresista”. REGALADO, Roberto. op. cit., 2015, p. 418.

251 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Documento central do II Encontro do FSP, Cidade do México, 1991. *In*: Compilação das Atas do FSP, p. 80. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 18 ago 2020.

Como antes mencionado, algumas entidades fundadoras do Foro ainda eram armadas, como a União Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG) e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador. Já as relações entre as FARC e o Foro eram polêmicas. Lincoln Secco afirma que “o Foro traria problemas para o PT com organizações que ainda eram armadas, como as Farc na Colômbia”²⁵². Valter Pomar assegurou em entrevista que “As FARC nunca participaram do Foro de São Paulo”²⁵³. Hugo Chávez disse ter conhecido Raúl Reyes, um dos líderes das FARC, em um encontro do Foro em San Salvador²⁵⁴. Genoíno afirmou que “em alguns momentos do Foro de São Paulo as FARC não participavam”.²⁵⁵

Segundo Dirceu, o PT buscava auxiliar o processo de paz na Colômbia, mas sem trazer as FARC para dentro do Foro, o que implicaria trazer as formas de atuação da guerrilha para dentro do mesmo, sobre as quais não havia concordância²⁵⁶. Marco Aurélio Garcia alegou que “era uma época que todo mundo recebia as Farc, e eles participaram do Foro uma única vez”²⁵⁷. Garcia garantiu que ele foi um dos que pressionaram para que as Farc saíssem do Foro por ser “um movimento completamente equivocado, que optou pelo sequestro e pela ligação com o narcotráfico”. Já Gleisi Hoffmann, presidente do PT desde 2017, assegurou que “o ingresso das Farc se deu só após a conversão em partido legal, a Fuerza Alternativa Revolucionaria del Común, no âmbito do acordo de 2016”.²⁵⁸

Para Roberto Regalado,

os “ataques” da “direita” do Fórum de São Paulo contra a sua definição original, anti-imperialista e anti-neoliberal, e para “expurgar” as organizações insurgentes colombianas, sobretudo as Forças Armadas

252 SECCO, Lincoln. *História do PT*. Cotia: Ateliê, 2011, p. 150.

253 Entrevista ao Estado de São Paulo. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/radar-politico/as-farc-nunca-participaram-do-foro-de-sao-paulo-diz-valter-pomar/>. Acesso em 17 set. 2019.

254 Conforme transmissão da televisão estatal venezuelana. Nenhum dos vídeos publicados explicita a data exata, tampouco foi possível encontrá-lo no site da própria emissora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BRW-fdcaMfM>. Acesso em 17 set. 2019.

255 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019]...

256 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020] ...

257 GARCIA, Marco Aurélio. O formulador emotivo. Entrevista a Consuelo Dieguez na Revista Piauí. Edição 30, mar. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/marco-aurelio-garcia/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

258 É o Foro de São Paulo que defende a democracia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/07/e-o-foro-de-sao-paulo-que-defende-a-democracia.shtml>>. Acesso em: 17 set. 2019.

Revolucionárias da Colômbia - Exército Popular (FARC- EP) e, em segundo lugar, o Exército de Libertação Nacional (ELN), bem como sua pressão para incorporar forças políticas de centro-esquerda e centro, e impedir a entrada de novas forças socialistas, provocaram crises constantes que mantiveram sua existência em perigo constante. (tradução nossa).²⁵⁹

Segundo Rodrigo Granda, porta-voz internacional das FARC, o PT e outros partidos teriam buscado vetar a participação de representantes da guerrilha:

De fato, alguns partidos não viam com bons olhos nossa participação, como o PT e a Frente Ampla, mas não se trata do gosto pessoal de um ou outro partido. O Foro nasceu para coordenar trabalhos e intercambiar opiniões. Sempre discordamos quando governos eleitos o usaram como plataforma de sua política exterior. É um espaço de interlocução.²⁶⁰

Uma análise posterior da atuação do Foro em defesa de um processo de paz na Colômbia e do acordo finalmente efetivado, entre o governo e o grupo guerrilheiro colombiano, em 2016, demonstram que a estratégia insurrecional dos guerrilheiros não vinha dando resultados. Somente quando se optou pela realização de uma mesa de negociação em Havana foi possível o desarme do maior grupo de guerrilha colombiano, o que foi motivo de comemoração pelo Foro.

Na entrevista concedida para este estudo, Valter Pomar afirmou que as FARC não participaram nenhuma vez dos encontros do Foro durante o período em que ele esteve à frente da secretaria executiva. Também disse que as FARC não podiam comparecer em atividades públicas em quase nenhum país do continente, mesmo que quisessem. Ele ainda ressalta que havia impedimentos políticos para o envolvimento maior do Foro no conflito colombiano: “Não eram apenas duas posições antagônicas, mas cinco ou seis”.²⁶¹

259 No original: “los ‘ataques’ de la ‘derecha’ del Foro de São Paulo contra su definición original, antiimperialista y antineoliberal, y para ‘purgar’ a las organizaciones insurgentes colombianas, ante todo a las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia – Ejército del Pueblo (FARC EP) y, en segundo lugar, al Ejército de Liberación Nacional (ELN), así como su presión para incorporar a fuerzas políticas de centroizquierda y centro, y evitar el ingreso de nuevas fuerzas socialistas, provocaron constantes crisis que mantuvieron su existencia en constante peligro”. REGALADO, Roberto. op. cit, 2007.

260 PT e outros partidos tentaram vetar representantes das FARC no Foro de SP. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/pt-outros-partidos-tentaram-vetar-representantes-das-farc-no-foro-de-sp-diz-ex-chanceler-da-antiga-guerrilha-23820664>. Acesso em 17 set. 2019.

261 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. Arquivo de áudio perdido. Trechos retirados de anotações do entrevistador.

Segundo as análises das fontes realizadas por essa pesquisa o papel do Foro no diálogo com as FARC e a construção do processo de paz foi periférico e eventual. Efetivamente, foram os governos cubano e norueguês que intermediaram as negociações entre as FARC e as autoridades colombianas. Pomar relata que, somente em 2013, com a instalação oficial da comissão de negociação em Havana, o Grupo de Trabalho do Foro se reuniu com representantes das FARC. Mesmo essa reunião teria tido um caráter muito superficial, até por reticências de dirigentes das FARC causadas por posicionamentos críticos de partidos integrantes do FSP.

Em relação à URNG e a FMLN, estas já acenavam que estavam dispostas a negociar com os governos da Guatemala e de El Salvador, antes mesmo da existência do Foro. Não foi necessário convencê-las sobre a necessidade de uma mudança de estratégia. Os membros do Foro apenas ajudaram a intermediar o diálogo entre os grupos guerrilheiros e as respectivas autoridades dos países de origem, em busca de uma solução pacífica.

Ao buscar parcerias para integrar o Foro de São Paulo, o PT explicitou, já em seu primeiro Encontro Nacional, sua intenção de construir de um novo internacionalismo a partir de alianças do Cone Sul:

O PT, que vem desenvolvendo um esforço de articulação dos partidos de esquerda no Continente – com os Encontros de São Paulo e da Cidade do México – deve prosseguir com estas iniciativas, abrindo um novo espaço de articulação partidária e sindical no Cone Sul. Nesse sentido, devemos lutar pela construção de um novo internacionalismo, fundado em novos valores, em novos sujeitos e agentes políticos, que estejam empenhados em constituir uma nova civilização.²⁶²

Aqui é importante ressaltar que a preocupação do PT não era somente com o contexto partidário, mas também com a articulação sindical e dos demais movimentos sociais. Havia na época um debate sobre quais confederações sindicais, continentais e mundiais os petistas que atuavam na CUT deveriam incentivar a central a se filiar. Isto deveria ser feito a partir de consultas às bases, assim como a importância de um Encontro Continental de Organizações Comunitárias que seria realizado no Brasil.

262 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. *O socialismo nas resoluções...* 2018, p. 119. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

O FSP foi mencionado em uma resolução partidária no documento “Por um Governo Democrático e Popular”, aprovado no VIII Encontro Nacional do PT, em 1993:

Ao impulsionar o Foro de São Paulo – a maior articulação de organizações de esquerda da história da América Latina – o PT e outros partidos-irmãos do continente criaram uma instância fundamental para articular o debate e as iniciativas políticas das forças renovadoras, [e as] propostas para um projeto alternativo, democrático e socialista.²⁶³

Em 1995, em seu X Encontro Nacional, o coletivo da Secretaria de Relações Internacionais do PT, elaborou um documento interno enviado a todos os delegados, que classifica as disputas eleitorais no continente como sendo majoritariamente dominadas pela bipolaridade direita *versus* centro-esquerda. O documento partidário reconhece que a globalização é um fenômeno objetivo. No mesmo Encontro o partido aprovou uma resolução sobre conjuntura nacional, descrevendo o Foro nos seguintes termos:

O Foro de São Paulo, criado em 1990 por iniciativa do PT, é uma instância privilegiada de nossa atuação externa, que deverá ser fortalecida política e organicamente, com o aprofundamento do debate no seu interior, a multiplicação de iniciativas que desenvolvam a solidariedade continental dos trabalhadores e das esquerdas e a constituição de instâncias que permitam maior fluidez e eficácia de seu funcionamento.²⁶⁴

Refletindo-se sobre a resolução apresentada, cabe perguntar se o Foro careceria de organicidade, fluidez e eficácia em seu funcionamento uma vez que a resolução destacou tais pontos a serem fortalecidos. A essas perguntas se soma outra sobre as contradições internas citadas no documento “Resoluções Políticas”, aprovado no XI Encontro Nacional de 1997:

O 7º Foro de São Paulo, criado por iniciativa do PT, realizado em Porto Alegre, revelou-se um espaço com contradições internas, mas

263 Por um Governo Democrático-Popular. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/04-porumgovernodemocratico.pdf>. Acesso em 25 set. 2019.

264 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Conjuntura Nacional. Resolução aprovada no X Encontro Nacional do PT, Guarapari, 1995. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/02-conjunturanacional.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

importante para a articulação de forças democráticas e progressistas da América Latina e do Caribe, para construir uma alternativa ao neoliberalismo.²⁶⁵

Segundo Regalado, os partidos pertencentes ao Foro não conseguiu formar uma maioria sobre qual a melhor estratégia durante muito tempo.

Nenhuma corrente político-ideológica havia demonstrado - ou acreditado demonstrar - a validade de seu projeto específico, de modo que o debate sobre objetivos, estratégias e táticas de luta manteve-se em termos menos conclusivos.(tradução nossa).²⁶⁶

Para o Partido Comunista de Cuba, o Foro de São Paulo representava um espaço de apoio estratégico para enfrentar o isolamento político. Por meio do Foro os cubanos estabeleceriam novos contatos e poderiam angariar uma solidariedade mais ampla. Não que esse apoio se desse sem problemas. Segundo Genoíno, muitos partidos do próprio Foro possuíam restrições a Cuba²⁶⁷. No entanto, apesar dessas divergências, manifestações de defesa ao governo cubano e contra o embargo dos Estados Unidos são constantes nos encontros, desde o seu início:

Por isso, reafirmamos nossa solidariedade com a revolução socialista de Cuba, que defende firmemente sua soberania e suas conquistas; com a revolução popular sandinista, que resiste aos intentos de desmontar suas conquistas e reagrupa suas forças; com as forças democráticas, populares e revolucionárias salvadorenhas, que impulsionam a desmilitarização e a solução política à guerra; com o povo panamenho – invadido e ocupado pelo imperialismo norte-americano, cuja imediata retirada exigimos – e com os povos andinos que enfrentam a pressão militarista do imperialismo.²⁶⁸

Inicialmente representada por 11 entidades em 1990, a participação Argentina é um caso muito específico. A principal força política do país, o peronismo, não

265 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA Resoluções Políticas. Resolução aprovada no XI Encontro Nacional do PT, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/03-resolucoespoliticas.pdf>. Acesso em 25 set. 2019.

266 No original: “Ninguna corriente político ideológica había demostrado –o había creído demostrar– la validez de su proyecto específico, por lo que el debate sobre objetivos, estrategias y tácticas de lucha se mantenía en términos menos concluyentes”. REGALADO, Roberto. op. cit., 2015, p. 421.

267 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019] ...

268 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração Final do I Encontro do FSP, São Paulo, 1990. In: Compilação das Atas do FSP, p. 75. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 30 mar 2020.

participou da criação do Foro e teve sua posterior solicitação de ingresso recusada por divergências com os demais agrupamentos argentinos fundadores. O Partido Justicialista, com sua complexa composição interna, representava ponto de discordâncias radicais. Segundo Genoíno, se procurava não entrar no mérito nem se intrometer nas divergências internas nos países. A forma de driblar esses vetos era abrir para a participação de lideranças e personalidades de forma individual.²⁶⁹

Para alguns partidos importantes do continente o Foro era visto, à princípio, como mais um espaço continental sem relevância em relação aos grupos já existentes. Em 1991, o documento de Princípios e Programa Político apresentado no I Congresso da FSLN, por exemplo, citou a COPPAL e a IS, mas não mencionou o Foro de São Paulo.²⁷⁰

É preciso destacar que os sandinistas buscavam parcerias geopolíticas distintas e mais abrangentes com o intuito de construir “laços de amizade e cooperação entre a Nicarágua e a Comunidade Econômica Européia, Japão, Cuba e os países emergentes do Pacífico e outros países, sempre baseados em premissas de respeito mútuo”²⁷¹. Também almejavam novas relações com os EUA e defendiam a unidade da América Central.

Apesar do III Encontro do FSP ter se realizado em 1992, na capital nicaraguense de Manágua, ainda em 1994 a FSLN não citava o Foro como organização estratégica em suas publicações.

Em entrevista concedida para a revista sandinista Barricada Internacional, o então diretor de Relações Internacionais da Frente, Victor Hugo Tinoco, fez referências à Internacional Socialista e à COPPAL e mencionou uma viagem realizada para encontros de solidariedade nos Estados Unidos, mas não teceu nenhum comentário acerca do Foro²⁷². A postura sandinista em relação à importância do FSP modificaria com o tempo, tanto que, no ano 2000, a revista da FSLN publicou uma extensa matéria a respeito do Foro.

269 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019] ...

270 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Coleção Organizações Político-Partidárias. Disponível em: <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/organizacoes-politico-partidarias>. Acesso em: 09 fev. 2020.

271 Ibid.

272 Revista Barricada Internacional, Ano XIV, edição 375, jul. 1994. Anexo D.6.

Os encontros iniciais do FSP também foram ignorados pelo FMLN que, em seu boletim de julho de 1990, apenas citou atividades de solidariedade internacional no Peru e no Equador²⁷³ e por Schafick Handal, - citado em diversos discursos e teses como um dos principais arquitetos do Foro –que comentou sobre a IS e a COPPPAL, mas não falou sobre o Foro, em artigo escrito para a revista *Tesis Internacional* em 1992²⁷⁴. No boletim *Venceremos*, de 1993, a FMNL publicou a fala de Handal, feita no IV Encontro do FSP, realizado em Havana.²⁷⁵

O documento “Informe ao 43º Congresso do Partido Socialista Equatoriano”, feito pela Secretaria-Geral, em 1991, citou a CSL mas não mencionou o Foro. A URNG falou sobre o Foro, pela primeira vez, em seu boletim n. 2 de julho de 1991, com um texto introdutório, enquanto o PS do Chile somente registrou a reunião em seu calendário de atividades.²⁷⁶

Na análise das atas do Foro e das declarações públicas dos envolvidos nos processos de paz da Guatemala e de El Salvador²⁷⁷, percebe-se uma atuação mais proeminente da COPPPAL, enquanto o PT e outros membros do Foro aparecem de forma coadjuvante. Na década de 1990 o FSP ainda se encontrava em uma fase inicial, buscando afirmar-se, enquanto a COPPPAL já era uma organização pluripartidária consolidada, nascida a partir de uma articulação do PRI mexicano, um partido com muita força política na América Central. Essa talvez seja razão que explica a influência limitada do FSP na região que, segundo José Dirceu, “vivia sob a órbita do México, via PRI, e dos Estados Unidos”.²⁷⁸

O PCdoB sequer citou o Foro de São Paulo nas resoluções dos Congressos de 1992, 1997, 2001, 2005 e 2009. Somente em seu XIII Congresso, em 2013, o Foro foi citado pela primeira vez:

O Foro de São Paulo é hoje uma das mais importantes articulações de partidos de esquerda no mundo, e é importante exemplo de trabalho unitário de forças plurais, com base em plataforma antineoliberal e

273 Ibid.

274 Revista Tesis 11 Internacional, Ano I, N. 4. abr-mai. 1992. Ver Anexo D.6.

275 Boletim Venceremos, N. 32, out-nov. 1993. Ver Anexo D.9.

276 Todos estes documentos integram a Coleção Organizações Político-Partidárias, do Centro Sérgio Buarque de Holanda-Fundação Perseu Abramo. Alguns estão na seção de Anexos D. Cf. CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Coleção Organizações Político-Partidárias. Disponível em: <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/organizacoes-politico-partidarias>. Acesso em: 09 fev. 2020.

277 SAAVEDRA, Daniel Ortega. *Combatendo por la paz*. México: Siglo veintiuno editores, 1989, p. 59.

278 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

anti-imperialista, e de defesa da alternativa socialista. No Foro de São Paulo o que nos une é muito superior ao que nos divide.²⁷⁹

Assim como o PCdoB, vários outros documentos de partidos do continente comentam a importância de colocar as concordâncias em primeiro plano e as divergências em segundo plano. A postura de vários dos partidos do continente parece mudar substancialmente no início do século XXI. O Fórum Social Mundial²⁸⁰, grande novidade, assume um espaço cada vez maior nos debates partidários, enquanto o Foro perde destaque durante esse período, ainda que aproveitando os encontros do Fórum Social para, ali, também realizar suas reuniões. Um espaço não era antagônico ao outro, já que o Fórum Social Mundial abarcava um leque muito mais amplo de organizações.

Esta observação detalhada da percepção e importância que os demais partidos do continente tinham sobre o FSP se faz necessária para observar que, assim como o PT participava, mas dizia que, no início da década de 90, as entidades partidárias continentais existentes (COPPPAL, CSL, IS) não eram estratégicas para si, a mesma posição parece ter sido inicialmente a dos outros partidos do continente em relação ao Foro. Essa postura mudou com o tempo. No final da década de 1990 quase todos os veículos informativos e documentos partidários do continente davam destaque cada vez maior ao Foro.

Indagado sobre isso, Valter Pomar afirma que esta reticência inicial talvez se deva ao caráter diferenciado do Foro. Os partidos estavam acostumados a dois tipos de encontros internacionais: ou de organizações com as quais havia grande acordo programático, ou encontros muito amplos, nos quais se fazia diplomacia partidária. Pomar citou como exemplo os sandinistas, cuja participação na Internacional Socialista, apesar das grandes diferenças ideológicas, seria importante para sua defesa pelo mundo.²⁸¹

279 SANTOS, Luciana. Atividade internacionalista durante o 13º Congresso do PCdoB. In: MONTEIRO, Adalberto; BERTOLINO, Osvaldo (orgs). *Congresso PCdoB, avançar nas mudanças*. Documentos e Resoluções. São Paulo: Ed. Anita Garibaldi, 2014, p. 269. Disponível em: <http://www.grabois.org.br/portal/noticias/153202/2016-12-01/download-de-livro-conheca-os-documentos-e-resolucoes-do-13o-congresso-do-pcdob>. Acesso em: 29 out. 2020.

280 Criado pelos movimentos sociais, em 2001, para se contrapor ao Fórum Econômico Mundial que se reúne anualmente em Davos (Súíça). O Fórum foi criado em Porto Alegre e já se reuniu em vários países. A última edição ocorreu no Brasil, em janeiro de 2020, contado com a participação de representantes de mais de 120 países.

281 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020] ...

Alguns estudiosos abordaram os objetivos do Foro, como é o caso da pesquisadora Anna Novichkova ao comentar sobre Lula nas reuniões do FSP ela afirma que “suas habilidades de liderança e o desejo de liderar a revolução socialista na América Latina levaram a iniciativas de política externa mais ambiciosas que ressoaram com a percepção pública da grandeza do Brasil”. (tradução nossa).²⁸²

Que a política externa brasileira nos governos petistas tenha sido influenciada pelas formulações do Foro é uma conclusão a que vários outros pesquisadores chegaram. No entanto, analisando tanto as declarações quanto as ações de Lula, desde o início do Foro, podemos chegar à conclusão de que o tipo de análise feita por Novichkova enxerga a revolução socialista em todas as esquerdas, de forma indistinta, sem aprofundar o que seria, afinal, a concepção de revolução socialista para Lula e o FSP.

Como é de praxe, no FSP e outros encontros desta natureza, nem todo o acúmulo político é expresso somente nas resoluções publicadas. As relações e diálogos interpessoais, chamadas de “bilaterais” no jargão político, possuem destacada importância. Segundo Regalado, mesmo quando não se chegava a um consenso entre divergentes, o Foro permitia o diálogo e intercâmbio entre aqueles que concordavam entre si.

Dentro da entidade, foram criados espaços de debates específicos, para discutir temas como relações com o parlamento, governos locais, gênero, juventude, empresariado, raça, questões indígenas e várias outras pautas. Cada um desses espaços poderia ser alvo de pesquisas específicas sobre as redes ali construídas e fortalecidas.

Em termos organizativos o Foro de São Paulo possui um tipo de coordenação, o chamado Grupo de Trabalho, formado por alguns partidos eleitos em plenária para gerenciar as atividades dos encontros e entre estes. O Grupo de Trabalho possui uma dinâmica própria e se reúne com mais periodicidade (segundo Regalado, em média quatro vezes por ano), mantendo a incumbência de se posicionar entre um encontro e outro e de trabalhar para que as decisões sejam aplicadas.

282 No original: “His leadership skills and the desire to lead the socialist revolution in Latin America led to the more ambitious foreign policy initiatives that resonated with the public perception of Brazil’s grandness”. NOVICHKOVA, Anna. op. cit., 2018, p. 42.

Esta pesquisa não tem por objetivo o aprofundamento nem sobre espaços de debate específicos e tampouco sobre as atividades do Grupo de Trabalho, seja por isso demandar um tempo maior e elaborações mais profundas, seja pela dificuldade de acesso às fontes. As resoluções finais são públicas, mas o “pré-texto” das comunicações entre os representantes dos partidos e os debates internos do Grupo de Trabalho ainda não. Portanto, podemos trabalhar sobre o produto de longos debates, mas ainda desconhecemos muitas das polêmicas prévias, das teses e antíteses que geraram tais sínteses.

Em relação à delimitação geográfica, tanto Genoíno, na sua entrevista para a pesquisa, quanto Pomar e Regalado, em seus livros, concordam que não havia acúmulo de capital teórico e político para fundar um organismo mundial com programa e estratégia bem orientados. Se as divergências interamericanas em si já eram motivo de grandes embates, adicionar as diferenças a respeito de acontecimentos extracontinentais acrescentaria ainda mais riscos e divisões.

Com a autoridade de quem já foi secretário de relações internacionais do PT, secretário executivo do Foro (2005 a 2009) e historiador/docente da Universidade Federal do ABC (UFABC), Valter Pomar explica o papel plural e específico Foro no cenário mundial:

Um espaço plural do ponto de vista político-ideológico. Portanto, soluções que poderiam ser cabíveis numa Internacional centralizada não são exequíveis num espaço com as características do Foro de São Paulo, que funciona na base do consenso, do respeito e da tolerância.²⁸³

O cenário europeu também não se mostrava propício a uma movimentação nesse sentido. Na Europa Ocidental, a social-democracia se encontrava em crise, adotando posições cada vez mais ao centro, renunciando ao seu programa tradicional de bem-estar social com forte presença do Estado, o que a fazia perder suas bases sociais tradicionais. Os partidos comunistas europeus se encontravam em crises ainda mais profundas do que os seus congêneres latino-americanos, perdendo cada vez mais terreno social e eleitoral.

283 POMAR, Valter. op. cit., 2012, p. 268.

A articulação do Foro com partidos de outros continentes era muito frágil. Tanto na análise das atas quanto da entrevista com Genoíno observa-se que, no continente africano, o contato era muito mais com figuras públicas, como Mandela e Samora Machel, do que com partidos estruturados, à exceção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Isso se deve também à própria organização partidária, ainda incipiente, no continente. Muitos países africanos eram nações jovens que há pouco tempo haviam se libertado do domínio colonial.

Nos Estados Unidos se dava o mesmo diálogo com personalidades, pela debilidade da esquerda organizada em torno do Partido Democrata. A falta de articulação da esquerda americana dificultava bastante a identificação de interlocutores, pelo fato da inexistência de tendências programáticas formalizadas, como no PT ou na Frente Ampla²⁸⁴. Apesar do intercâmbio entre sindicalistas da CUT e a Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais (AFL-CIO), estes eram, em geral, democratas com diferentes níveis de organicidade, o que inviabilizava um diálogo partidário direto entre o PT e o Partido Democrata.

Dentro do PT, segundo Genoíno, o debate reforma *versus* revolução, de forma programática, existiu até 1994, com a elaboração do Programa Democrático e Popular. A partir de 1995, houve uma inflexão tática no sentido de moderar o programa, ampliar alianças e promover uma aproximação do partido com os setores médios.²⁸⁵

Se analisados isoladamente, os documentos dos encontros e congressos do PT da primeira metade da década de 1990, assim como as entrevistas de Lula por veículos de imprensa, passam a impressão de uma relevância continental muito maior do que aquela verificada em outras fontes. Muito importante para o PT desde o início, a análise dos documentos dos demais partidos, assim como os relatos dos entrevistados pelo pesquisador, contradizem essa percepção.

Luiz Dulci informa que os primeiros anos do FSP não foram fáceis do ponto de vista de expansão. Nenhum dos campos constituídos da esquerda latino-americana,

284 Havia parlamentares mais radicais no Partido Democrata, mas estes não chegavam a conformar um grupo, um campo ou tendência permanente, era algo pulverizado. Somente nos últimos anos o DSA (Socialistas Democráticos da América na sigla em inglês) passou a conformar uma espécie de tendência interna permanente. Ver: <https://www.dsaua.org/>. Acesso em 13 nov. 2020.

285 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019] ...

seja o comunista, socialista, a esquerda católica ou o minoritário campo trotskista, se sentia muito à vontade no Foro. A tradição era que cada partido fizesse sua articulação e construísse espaços por afinidade ideológica estrita. Dulci, Genoíno e Dirceu concordam que o crescimento do PT, que sempre foi um partido internamente muito plural, teve um peso importante para o crescimento do FSP.

Para Dirceu, “o Foro de São Paulo nos primeiros 10 anos, até a vitória do PT em 2002, é um, depois da vitória do PT é outro”.²⁸⁶

2.3-As subsecretarias e o Grupo de Trabalho

A coordenação do Foro de São Paulo fica a encargo de uma Secretaria-Executiva, criada durante o V Encontro, em 1995. Ela é responsável pelo funcionamento da entidade entre os encontros, mas não tem plena autonomia para tomar decisões sozinha, buscando sempre consultar o Grupo de Trabalho. Administrada pelo PT, a Secretaria tinha um funcionamento tão irregular que o partido colocou essa função à disposição do Grupo de Trabalho, em 1998. O ápice da divergência a respeito da Secretaria-Executiva foi a aprovação da retirada do PT desta função no IX Encontro, em 2000. No encontro seguinte foi aprovado o retorno do PT à função. Esse caso, assim como a reprovação do projeto de declaração de Porto Alegre, em 1997, demonstra que, mesmo com toda a confiança de seus pares, a liderança do PT no âmbito do Foro não é absoluta, sendo passível de questionamentos políticos e organizativos.

Valter Pomar alerta que a proposta da Declaração de Porto Alegre feita pelo GT, em 1997, foi recusada, em grande medida, por não haver consenso em torno de uma plataforma programática, apesar do consenso quanto ao diagnóstico da conjuntura, “sendo nomeado um pequeno grupo de redação para elaborar um documento emergencial”²⁸⁷ que substituiu a proposição inicial.

Ainda que recusado pelo plenário, o que demonstra a ausência de consensos programáticos e estratégicos, a mera indicação de um documento desse teor pelo

286 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

287 POMAR, Valter; REGALADO, Roberto. op. cit., 2013, p. 93.

Grupo de Trabalho já era indício de um posicionamento mais efetivo por parte dos principais partidos do Foro.

O insucesso em documentar uma determinada linha política consensual parece ter apenas atrasado a sua adoção na prática. Mesmo que o GT não tenha insistido na elaboração de um documento tão detalhado e aprofundado, as linhas gerais de atuação interna e externa dos principais partidos do Foro não mudaram substancialmente. Afinal, a política vai além do que está nos documentos.

Em alguns momentos, o Foro conformou subsecretarias regionais: Caribe, Mesoamérica, Andina e Cone Sul. Há poucas referências nas atas sobre reuniões e relatos de atividades realizadas por estas. Seu funcionamento parece ter sido marcado pela falta de regularidade.

Cabe ao Grupo de Trabalho receber os pedidos de ingresso e realizar consultas aos partidos que já fossem membros naquele país. Ele também realiza outras consultas que considere pertinente para elaborar uma recomendação ao pleno do Foro. Mesmo que determinada solicitação de ingresso seja polêmica, não parece que a prática fosse dar-lhe uma negativa formal, sendo mais comum a postergação da decisão, enquanto o partido solicitante seguia na condição de observador. Um exemplo pode ser visto no ano de 1998, quando foram feitas oito solicitações de ingresso, dentre as quais uma foi aceita prontamente e as outras sete foram submetidas a análise, sendo as respectivas entidades acolhidas como observadoras do Foro até a decisão final, postergada para o próximo encontro.

Não parece que o recorte fosse de caráter teórico. Havia um esforço para abarcar um amplo leque de forças progressistas, mas especialmente de partidos e movimentos que tivessem maior peso político em seus respectivos países, tanto nas lutas sociais quanto eleitorais. O Foro não desejava ser repositório de analistas que meramente emitissem opiniões acerca da conjuntura política, mas sim de atores sociais que possuíssem efetiva capacidade de modificação da realidade. Se uma forte presença social era desejável, uma presença eleitoral destacada era ainda mais. Em discurso realizado em 2005, Lula confirmava a importância central dos processos eleitorais:

E eu quero dizer para vocês que muito mais feliz eu fico quando tomo a informação, pelo Marco Aurélio ou pela imprensa, de que um companheiro do Foro de São Paulo foi eleito presidente da Assembleia, foi eleito prefeito de

uma cidade, foi eleito deputado federal, senador, porque significa a aposta decisiva na consolidação da democracia no nosso país.²⁸⁸

Após esse trecho, Lula elenca uma série de mudanças ocorridas em países do continente após crises sociais, políticas e após derrotas eleitorais da esquerda ao longo dos anos 1990. Ainda que vivenciando situações de instabilidade, as esquerdas da América Latina majoritariamente decidiram, durante esse período, disputar nas urnas e não nas insurreições. No início do século XXI, logo começaram a colher os frutos dessa estratégia.

288 Discurso de Luís Inácio Lula da Silva no ato político de celebração dos 15 anos do Foro de São Paulo. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/discursos/1o-mandato/2005/02-07-2005-discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-reuniao-do-conselho-de-cupula-do-mercosul/view>. Acesso em 17 jun. 2020.

CAPÍTULO III

Os partidos e o Foro: influências recíprocas

A análise das fontes abarca desde os documentos partidários anteriores à criação do Foro até documentos do período compreendido entre 1990 e 2002. A partir daí foi possível observar a frequência e a forma como a política continental e a política de cada país é apresentada e debatida.

Na década de 80, o PT afirmava que o objetivo estratégico do partido era o socialismo:

É impossível supor alianças estratégicas com a burguesia e com as forças políticas que sustentam a dominação e a hegemonia da classe burguesa e a perpetuação do sistema capitalista. Certamente, em determinadas conjunturas, pode-se tornar imprescindível fazer acordos restritos e limitados em torno de pontos definidos, concretos e objetivos, com forças que não lutam pelo socialismo, mas é necessário abandonar de vez a ilusão de que seja possível manter uma tática antagônica à estratégia, ou de que, com palavras e discursos hábeis, seja viável enganar momentaneamente as forças sociais e políticas contrárias ao socialismo.²⁸⁹

Ao mesmo tempo, o partido admitia que encontrava dificuldades para definir uma estratégia de luta, ou pelo menos para teorizá-la:

Para definir uma estratégia de luta pelo socialismo, não basta definir a via principal de luta, nem as táticas para a conquista do poder. É preciso, em especial, ter clareza sobre o inimigo ou inimigos principais contra quem nossa luta se dirige, as alianças de classe (estratégicas) para derrotar tais inimigos e o programa de transformações a ser implantado (que serve de base à mobilização popular e às alianças).²⁹⁰

Mais adiante, no entanto, o PT reconhece que “Esse conhecimento insuficiente é uma das razões principais que explicam por que o PT, como um todo, ainda não avançou suficientemente nas definições estratégicas”.²⁹¹

289 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. O Caminho para o Socialismo. Plano de Ação Política e Organizativa do PT para o período 1986/1987/1988 aprovado no IV Encontro Nacional do PT, São Paulo, 1986. In: CSBH. *O socialismo nas resoluções...*, 2018, p. 82. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020. Acesso em: 30 out. 2020.

290 Ibid, p. 86.

291 Ibid, p. 87.

As indefinições teóricas permitem agregar em um mesmo partido várias correntes. Uma formulação aberta concede também uma maior liberdade às direções na condução da política cotidiana do partido entre os congressos e encontros. Mesmo decisões congressuais objetivas são passíveis de reinterpretações, por parte dos dirigentes, ao sabor das mudanças de conjunturas.

Em 2007, no III Congresso Nacional, o PT anuncia que “deve elaborar uma estratégia adequada ao atual período histórico”, e reafirma o socialismo como objetivo estratégico. Alerta ainda para a necessidade de “dar continuidade à elaboração estratégica dos anos 80, adequando a estratégia do PT a este novo período histórico”²⁹². Percebe-se que, oficialmente, o partido não mudou sua estratégia por completo.

Em 1986 o PT reconhece o direito de tendência, que são grupos internos organizados de forma permanente, diferentemente dos partidos comunistas e trotskistas, adeptos do centralismo. Seus debates e polêmicas internas eram geralmente públicos e extrapolavam as instâncias diretivas partidárias, envolvendo a academia, os movimentos sociais e mesmo intelectuais e partidos políticos internacionais.

Em um processo dialético, próprio da globalização, os partidos se influenciaram mutuamente neste processo de disputa e construção de consensos, observando o sucesso e fracasso de determinadas táticas e estratégias em cada país e aprendendo uns com os outros, novas formas mais efetivas de disputar eleições.

Mesmo sendo o principal fundador e responsável pela coordenação do Foro de São Paulo, por meio da secretaria executiva, o PT também foi influenciado pelo Foro e sofreu transformações internas durante esse processo. Cabe lembrar que as relações políticas construídas com outras lideranças do continente não deixaram de existir quando estas chegaram ao poder em seus respectivos países.

Apesar das influências externas serem inevitáveis, Valter Pomar lembra que não se pode subestimar o papel das especificidades internas nas escolhas feitas pelo PT ao longo de sua história:

É importante lembrar que o caminho seguido pelo PT foi resultado de disputas concretas, cujo desfecho decorreu de opções feitas por

292 Ibid, p. 172.

indivíduos, grupos e classes sociais, em condições muito específicas, não podendo ser simplesmente deduzido de supostas ou reais tendências internacionais.²⁹³

O pesquisador Lincoln Secco vislumbra uma grande influência da conjuntura mundial nas disputas internas do partido quando afirma que “a crise do socialismo se dava em escala internacional e cortava o PT ao meio”, em uma divisão que ficou conhecida como esquerda do PT *versus* direita do PT²⁹⁴. A chamada esquerda do PT comandou o partido, entre 1993 e 1995, após um racha na Articulação 113²⁹⁵, que deu origem à Articulação Unidade na Luta, de um lado, e aos signatários do manifesto Hora da Verdade, de outro, que deu origem à tendência Articulação de Esquerda. Uma outra parte dos signatários do manifesto posteriormente criou a tendência Movimento PT, que ocuparia o espaço denominado como centro do PT.

Neste período Lula esteve mais envolvido com a criação do Instituto Cidadania durante o período em que sua tendência, a Articulação Unidade na Luta, era minoria na direção do partido (1993-1995). O Instituto é fruto das Caravanas da Cidadania, que reuniu lideranças políticas, técnicos e especialistas, promovendo uma série de reuniões e estudos sobre a realidade nacional em todo o país. Junto ao seu grupo político mais próximo, Lula passou a atuar de forma mais autônoma em relação às instituições partidárias. Na campanha presidencial de 1994, o que se viu foi uma coordenação de campanha mais ligada às políticas da Articulação Unidade na Luta, em detrimento das posições da maioria partidária, comandada pelas tendências mais à esquerda do partido. Após a derrota eleitoral de Lula, a disputa interna do partido acirrou-se, culminando com a vitória da Articulação Unidade na Luta, consolidada como corrente de maioria numérica e política na direção do partido.

O PT surgiu como uma confluência de diversos grupos: líderes do chamado novo sindicalismo, movimentos oriundos das pastorais católicas ligadas à teologia da libertação e remanescentes da luta armada, assim como grupos trotskistas. A esses

293 POMAR, Valter. op. cit., 2016b, p. 69.

294 SECCO, Lincoln. op. cit., 2011, p. 150.

295 Tendência majoritária dentro do PT, lançada no III Encontro Nacional (1983) a partir do Manifesto dos 113 que reuniu militantes independentes atuantes em sindicatos (como o próprio Lula) e Comunidades Eclesiais de Base, além de ex-integrantes de organizações de esquerda, como a Ação Libertadora Nacional (ALN). A Articulação 113 assumiu uma postura crítica em relação à maioria das organizações de esquerda que aderiram ao partido e o viam, apenas, como uma frente legal para reaglutinar a esquerda clandestina. Para a 113, o PT tinha um propósito maior a partir do qual se poderia operar transformações profundas na sociedade brasileira.

se somaram intelectuais, artistas e outros setores, criando o que alguns denominariam partido-lago, “para o qual convergem todas as águas sociais”, em contraposição ao que seria um “partido-fonte”²⁹⁶. Durante sua entrevista para esta pesquisa, Luiz Dulci comentou que os intelectuais do PT, em geral, não se constituíam como um grupo específico nem buscavam poder dentro do partido, chegando muitas vezes a recusar cargos de direção quando convidados.

Diferentes estratégias políticas conviviam dentro do partido: desde as mais radicais que pregavam uma transição de caráter socialista imediata até os defensores do etapismo, que propugnava a necessidade de uma revolução em duas etapas, sendo uma primeira de caráter liberal nacionalista e uma segunda de caráter socialista. A mera rejeição do etapismo não afasta a possibilidade de alianças táticas ou mesmo estratégicas com setores da burguesia, o que se pode chamar de estratégia de conciliação de classes, em oposição à luta de classes²⁹⁷. Parece que havia certo consenso, no PT e em outros partidos de esquerda do continente que estavam em ascensão, sobre a avaliação de que não caberia à classe trabalhadora o papel de aliada menor em uma grande frente com setores das burguesias nacionais. A chamada Nova Esquerda buscava ter protagonismo e liderar planos rumo a governos locais e com perspectivas de ocupar os governos nacionais.

No entanto, a mera declaração de que este ou aquele setor político da burguesia se trata de aliado tático, e não estratégico, e de que tais alianças não teriam grande influência no programa, não basta para afastar a possibilidade de gestação de um arranjo conciliatório nos marcos de um taticismo, desprovido de uma estratégia clara.

A ausência de uma estratégia bem definida em documentos pode servir para disfarçar uma estratégia oculta, a qual não se quer declarar para evitar atritos e rupturas, mas que vai sendo implementada na prática. Seria um equívoco acreditar

296 ALTMAN, Breno. *Teoria e Debate*. Edição 23, nov. 1993.

297 Uma estratégia de conciliação de classes pressupõe a manutenção do *status quo*, do capitalismo e das elites dominantes, buscando alianças com setores desta para realizar mudanças superficiais no sistema e conquistar melhorias pontuais para a maioria da população. Para muitos teóricos e setores políticos, o PT teria governado de 2003 a 2016 sob esta estratégia. O mero fato de um partido de esquerda ser o eixo central de uma frente e os partidos de centro e centro-direita serem seus aliados não afasta *per se* a possibilidade de uma política de conciliação de classes. Uma compilação da reflexão de vários autores que pensam nesta linha pode ser vista em MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano (orgs.). *Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

que, somente a partir de um referencial teórico bem elaborado sobre o conceito de estratégia e após uma formulação aprofundada e pública, os líderes políticos poderiam atuar.

Segundo Pomar, uma estratégia aparentada do “etapismo” predominou no partido a partir do X Encontro Nacional do PT, em 1995²⁹⁸. Em sua coluna publicada na *Folha de São Paulo*, Florestan Fernandes aponta que a mudança já havia ocorrido em 1994, durante o IX Encontro Nacional:

Apesar de intenso deslocamento para o centro, o PT reafirmou sua identidade operária e socialista. Mantém-se fiel à luta de classes, à auto-emancipação coletiva dos de baixo e ao socialismo (reformista e revolucionário).²⁹⁹

Outros autores, como Lincoln Secco, afirmam que a adesão majoritária do partido ao reformismo ocorreu somente no século XXI: “o ano de 2002 coincide com o *aggiornamento* completo do PT”³⁰⁰. Segundo o pesquisador de relações internacionais, Paulo Roberto de Almeida:

O PT parecia assim ter iniciado, ainda que de maneira hesitante, o caminho em direção ao reformismo moderado. (...) Em suma, o candidato do PT realizou, no espaço de poucos meses em 2002, um notável percurso em direção a uma postura mais realista no campo da política externa, assim como no terreno mais geral das políticas econômicas, notadamente no que se refere ao relacionamento com o capital e os investidores estrangeiros e com as instituições financeiras internacionais.³⁰¹

Franck Gaudichaud descreve o longo processo de transformação das esquerdas continentais apresentando o Foro de São Paulo como um símbolo dessa mudança:

Inquestionavelmente, os principais partidos institucionais de esquerda são, na atualidade, majoritariamente centristas e abandonaram suas referências revolucionárias ou marxistas. Desde 1990, várias organizações entraram em um claro processo de liberalização social,

298 POMAR, Valter. *A metamorfose*. São Paulo: Editora Página 13, 2016, p. 247.

299 O IX Encontro do PT. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/5/16/opiniaao/2.html>. Acesso em: 17 set. 2019.

300 SECCO, Lincoln. op. cit., 2011, p. 25.

301 ALMEIDA, Paulo Roberto de. A Política Internacional do PT: da fundação à Diplomacia do Governo Lula. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, n. 20, jun., 2003, p. 94-95.

que alguns consideraram como uma demonstração de maturidade (...). Esse novo caminho encontrou sua tradução lógica no "Foro de São Paulo", que reúne as partes que se reconhecem nessa estratégia. (tradução nossa).³⁰²

Gaudichaud também aponta paralelos entre o processo de moderação da esquerda no Brasil, Uruguai, Nicarágua, Chile e demais países da região em geral:

Indiscutivelmente, os principais partidos institucionais de esquerda são, atualmente, majoritariamente centristas e abandonaram suas referências revolucionárias ou marxistas. Desde 1990, várias organizações entraram em um claro processo de liberalização social, que alguns considerarão como uma demonstração de maturidade (...). Esse novo caminho encontrou sua tradução lógica no "Foro de São Paulo", que reúne as partes que se reconhecem nessa estratégia.³⁰³

Para Valério Arcary a mudança se iniciou ainda na década de 80, com o posicionamento do partido durante o mandato de Luiza Erundina na Prefeitura de São Paulo e a assinatura da Constituição Federal de 1988. Arcary explica que o ponto de virada definitivo foi marcado pela expulsão, em 1992, da tendência interna Convergência Socialista (CS), que deu origem ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Segundo Arcary, "esta crise não teve repercussão eleitoral, mas deixou uma ferida incurável: a ala revolucionária tinha sido eliminada, e as reações defensivas foram declaratórias"³⁰⁴. Antes disso, a tendência Causa Operária já havia sido expulsa do PT, em 1991, dando origem ao Partido da Causa Operária (PCO).

Em sua entrevista para esta pesquisa Dirceu destaca que:

302 No original: "Indiscutiblemente, los principales partidos institucionales de izquierda son, en la actualidad, mayoritariamente centristas y han abandonado sus referencias revolucionarias o marxistas. Desde 1990, varias organizaciones entraron en un claro proceso de social-liberalización, lo que algunos considerarán como una demostración de madurez (...). Esta nueva vía ha encontrado su traducción lógica en el "Foro de Sao Paulo", que reagrupa a los partidos que se reconocen en esta estrategia". GAUDICHAUD, Frank. *Una América Latina en movimiento*. In: GAUDICHAUD, F. *El Volcán latinoamericano. Izquierdas, movimientos sociales y neoliberalismo en América Latina*. Paris: Textuel, 2008, p. 6-7.

303 No original: "Incontestablemente, esta deriva es producto de una lenta transformación del PT, que se ha extendido por más de 20 años, y si en este país continente, novena economía planetaria, la izquierda se muestra incapaz de poner en marcha alternativas, no es demasiado sorprendente apreciar que se repite el mismo escenario en otros pequeños países". Ibid, p. 6

304 ARCARY, Valério, *Cinco grandes crises da história do PT*. 2013. <https://www.correiocidadania.com.br/politica/9510-11-04-2014-cinco-grandes-crieses-da-historia-do-pt>. Acesso em: 28 nov. 2019. 2013, p. 2.

A Articulação, que governou o PT desde o começo, perdeu em 1993 para a esquerda do PT e a gestão deles se auto-inviabilizou. O PT fez o chamado giro estratégico quando ele foi criado, quando ele nasceu (...). Quando o PT chegou em 90 já estava decidido que o PT era um partido com as características que ele adquiriu em 2002 (...). Ele já nasceu com vocação de governo, de reformas, eleitoral. ³⁰⁵

Segundo ele, as disputas sobre a identidade do partido foram sendo feitas e definidas, entre o I e o V Encontro Nacional (1981 a 1987), com o avanço da visão gramsciana.

Tanto nos textos de Marco Aurélio Garcia, que em 1983 abordava a questão da “volta às origens” do PT³⁰⁶, quanto em diversos panfletos, documentos partidários e declarações de lideranças e tendências, encontramos uma série de críticas aos desvios, à burocratização e ao desmonte dos núcleos de base do partido.

Para dar conta de sua pluralidade interna, em 1986 o partido reconhece e em 1987 o partido regulamenta algo que acontecia na prática desde a sua fundação: o direito de tendência³⁰⁷, diferenciando-se dos partidos tanto comunistas quanto trotskistas que o precederam, que prezavam pelo centralismo e criticavam o que denominavam de frações. Seria demasiado longo, e tampouco é o objetivo deste estudo, o aprofundamento na história de cada um destes grupos: fundação, fusões, rachas e polêmicas, já abordadas por tantos outros pesquisadores.

Os remanescentes da luta armada criaram tendências como o Partido Revolucionário Comunista (PRC) e o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Nas palavras de Lincoln Secco, eles “garantiam certa aceitação dos ‘avanços do socialismo real’ e se dirigiam, ao lado de sindicalistas, para fazer cursos na Alemanha Oriental”³⁰⁸.

Os grupos trotskistas, como Democracia Socialista, Causa Operária, O Trabalho e Convergência Socialista possuíam, cada qual, a “sua” própria IV Internacional, por assim dizer, onde se agrupavam com outros partidos trotskistas do mundo. Trotsky havia proposto uma abrangência mundial para o conceito de revolução permanente, divergindo do regime bolchevique durante seu exílio³⁰⁹. Desde

305 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

306 GARCIA, Marco Aurélio. Op. cit., 2019, p. 28.

307 ALVES, Sarkis. As tendências internas do Partido dos Trabalhadores: pluralidade e democracia. *Revista Perseu*, n. 16, 2018.

308 SECCO, Lincoln. op. cit., 2011, p. 29.

309 TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. Delhi: Aakar Books, 2005.

então, todas as correntes trotskistas dão especial atenção ao desenrolar das movimentações políticas pelo mundo. Dentro do partido, esses grupos costumavam apresentar formulações e moções de apoio e repúdio a acontecimentos em outros países. No campo internacional, os trotskistas apoiavam o Solidariedade na Polônia e alguns enxergavam de forma entusiasmada a debacle dos regimes do Leste Europeu como revoluções anti-burocráticas que fariam parte de uma revolução democrática internacional³¹⁰. Parte dessas formulações eram compartilhadas por outros setores do partido.

No caso da Articulação dos 113 - grupo formado por Lula, José Dirceu e Marco Aurélio Garcia, entre outros - não havia afiliação internacional coletiva, mas muitas lideranças dessa tendência possuíam suas redes de contatos em outros países.

Cada um desses grupos disputava para imprimir no PT seus modelos teóricos e organizativos próprios. Havia, inclusive, discussões sobre a classificação do PT como uma frente, um partido ou uma entidade tática ou estratégica. Segundo Genoíno, nesse processo:

Nós queríamos enquadrar o PT dentro de uma formulação teórica e, depois, percebemos que o PT não era enquadrável. Nós é que fomos sendo enquadrados. Por isso, foi um grande avanço o PT regulamentar o direito de tendências. Caso não tivesse regulamentado, talvez ele tivesse rachado.³¹¹

Genoíno também afirma que “a consequência da falta de um debate mais profundo foi que fomos caminhando para uma espécie de pragmatismo teórico e ajustando a política do partido à onda, ao clima político, porque quase ganhamos em 1989”³¹². Esse pragmatismo teórico se reflete na atuação cotidiana do partido. O socialismo já não ocupava o centro das preocupações do partido após o 1º Congresso em 1991. Segundo Genoíno, “um dos motivos pelos quais o socialismo saiu da pauta

310 CRUZ, Diego. A queda do muro de Berlim, vinte e cinco anos depois. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/a-queda-do-muro-de-berlim-vinte-e-cinco-anos-depois/>. Acesso em 5 set. de 2019.

311 GENOÏNO, José. Entrevista concedida a Luana Soncini, Gustavo Codas, Rogério Chaves e Sérgio Honório [17 out. 2017]. In: CSBH. *O socialismo nas resoluções...*, p. 51. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

312 Ibid, p. 48.

do PT foi por medo do isolamento, a ideia de que não podíamos navegar contra a maré, de que era preciso fazer uma avaliação das tendências do momento”.³¹³

As organizações internacionais podem não render votos na política interna. No entanto, segundo estudo realizado por Fernando Pedrosa, podem ser importantes nas disputas internas dos partidos³¹⁴. Uma liderança ou grupo político, questionados internamente, se fortalecem ao ser reconhecidos e referendados por outras lideranças globais. Sobre o PT, a bibliografia não demonstra a liderança de Lula sendo questionada em 1990, tendo em vista o recente resultado eleitoral de 1989. Lula, Fidel e outras lideranças do continente não necessitavam de chancela externa para consolidar sua liderança intrapartidária.

Podemos vislumbrar o uso dos modelos, lideranças e polêmicas internacionais tanto como legitimadores de lideranças dentro do próprio partido, frente a questionamentos internos, quanto de um partido frente aos demais de seu próprio país. Ainda sobre o uso interno de polêmicas internacionais, Daniel Aarão Reis comenta, no final da década de 80:

A procura de um modelo internacional – o cubano, ou o chinês, não importa – é uma operação posterior, para legitimar a opção já tomada. Isto não quer dizer que os modelos internacionais devam ser subestimados. Ao contrário, são cruciais, o papel legitimador que desempenham é crucial na manutenção dos laços de coesão internos às organizações comunistas.³¹⁵

Sobre a utilização de debates externos para justificações internas, Valter Pomar afirmou, em entrevista à pesquisadora Rita Matos Coitinho, que “para alguns setores do PT que estavam reduzindo seu teor de socialismo, o latino americanismo e a integração apareciam como um sucedâneo que parecia menos problemático, mais palatável”.³¹⁶

Apesar da ligação histórica com sindicalistas da AFL-CIO, que possuíam declarada ligação com o Partido Democrata, o PT não logrou consolidar relações

313 Ibid, p. 51.

314 PEDROSA, Fernando. *Op. Cit.*, p. 8.

315 REIS, Daniel Aarão. Exposição. In.: GARCIA, M. A. (Org.) *As Esquerdas e a Democracia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: CEDEC, 1986, p. 48.

316 POMAR, Valter, entrevista concedida para Maria Rita Coitinho. *Entre duas américas: geografia política da inserção do Brasil na América Latina*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2018, p. 294.

estratégicas e atrair este partido para uma organização continental. Para Dirceu, “O PT é eurocentrista. A relação da esquerda brasileira sempre foi mais europeia”³¹⁷. O Partido Democrata tampouco possui um histórico de se esforçar para participar e construir organizações partidárias internacionais.

Quando pesquisamos o final da década de 80, é preciso compreender que as aproximações feitas à época não necessariamente perduraram ao longo do tempo. Modelos que posteriormente apresentaram uma série de contradições, na época recebiam entusiasmado apoio. Quanto à avaliação dos modelos externos que inspiraram o partido, Emir Sader afirma que o PT encontrou grandes afinidades ideológicas com os sandinistas:

Foi no modelo desenhado inicialmente pelos sandinistas que o PT encontrou maiores afinidades ideológicas. O pluralismo político, a diversidade nos meios de comunicação, a presença do humanismo cristão da teologia da libertação – entre outros elementos, favoreceram essa identificação, em contraposição a traços do sistema cubano.³¹⁸

Quando o Foro ainda dava seus primeiros passos, Marco Aurélio Garcia reclamava da falta de centralidade no PT para os debates internacionais:

Durante muito tempo, a direção partidária subestimou a análise da situação internacional e a necessidade de definições mais abrangentes de política externa. Apesar dos esforços da Secretaria de Relações Internacionais (SRI) e de seus sucessivos responsáveis, as questões relacionadas com a situação mundial e com a necessidade de uma política externa mais consistente sempre ocuparam um lugar secundário nos debates do Partido dos Trabalhadores. Como consequência, houve uma condução empírica das relações internacionais. Na prática, deixava-se frequentemente que tendências ou grupos do PT implementassem uma política externa própria, conforme afinidades internacionais.³¹⁹

Sobre o impacto que lideranças estrangeiras na política interna do PT, é possível considerar que a chancela de Fidel Castro, cuja ampla esfera de influência em 1990 abrangia setores para além dos comunistas, era um ativo valioso para um

317 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

318 SADER, Emir. Cuba no Brasil: influências da Revolução Cubana na esquerda brasileira. In: REIS, Daniel Aarão [et.al]. *História do Marxismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991, p. 180.

319 GARCIA, Marco Aurélio. *op. cit.*, 2019, p. 149-150.

partido que ainda lutava para se consolidar como principal expoente da esquerda brasileira. Não que o apoio de Fidel ou outras lideranças do continente pudessem ter grandes influências eleitorais internas, mas ajudava na agregação de altos e médios dirigentes das esquerdas.

É ponto pacífico entre a maioria dos autores que estudaram a trajetória do PT que as transformações sofridas pelo partido, ao longo de sua história, foram em direção a uma moderação cada vez maior. Para Emir Sader, tais transformações, não eram resultado de uma reflexão teórica, mas sim de uma percepção muito mais ligada ao sentimento da conjuntura política:

O PT não criou a sua teoria, sua intelectualidade, os marxistas abandonaram tudo na mão da Cepal, que desertou. Tudo aquilo que o PT analisava como positivo era na intuição. E na prática foi guinando, guinando, guinando sem ter consciência do que estava fazendo. No começo, o PT pedia desculpas por participar das eleições, depois passou a disputar mesmo sem saber o que queria. E o calendário passou a ser o calendário eleitoral. E os núcleos passaram a ser os gabinetes de deputados. Não decifrar teoricamente a realidade passou a ser fatal a partir de 1994.³²⁰

Ainda sobre a indefinição teórica do partido e as mudanças antes da campanha de 1994, Lincoln Secco classifica o período como uma totalização em curso em que o partido fez “opções sem definições programáticas. Era a forma encontrada para a contradição entre impulsos sociais que ainda o animavam e a integração à ordem que o seduzia”.³²¹

Apesar de fazer um recorte equivocado ao dizer que o Foro já promovia ações na década de 1980, o sociólogo James Petras assinala que:

Em sua busca pela inclusão, o Foro incluiu diferenças fundamentais no estilo e no conteúdo da política em relação ao estado, à estrutura de classes e à economia. Documentos de trabalho que promoveram perspectivas radicais e resoluções que denunciaram o neoliberalismo foram acompanhados por práticas políticas que gradualmente se aproximaram das políticas e regimes neoliberais. Embora o Foro inicialmente tenha servido como um ponto útil de troca de opiniões sobre a política do final dos anos 1980, em meados dos anos 1990 ele havia perdido sua relevância. A assimilação das doutrinas neoliberais, os profundos compromissos com a política puramente eleitoral e as

320 Revista Fórum, ano 4, n. 32, nov. 2005.

321 SECCO, Lincoln. op. cit., 2011, p. 166.

alianças de fato com os regimes neoliberais por parte dos principais pragmatistas do Foro minaram sua natureza prática e subversiva. Tornou-se um evento cada vez mais ritualístico, divorciado dos movimentos sociais radicais que confrontaram os regimes neoliberais e seus parceiros do Foro. (tradução nossa).³²²

Diferente dos críticos direitistas, que enxergam o FSP como uma organização revolucionária desde sua fundação, Petras, como expoente crítico situado à esquerda do Foro, classifica a entidade em duas fases: social-democrata e social-liberal pragmática. A partir desse recorte, o autor deixa a entender que o Foro vai perdendo sua radicalidade já na metade da década de 1990.

Sobre as concepções teóricas que poderiam ter influenciado as esquerdas da América Latina, o sociólogo argentino Atilio Borón tece a seguinte observação:

Sem a intenção de decepcionar nossos autores, deve-se reconhecer, no entanto, que em relação aos debates políticos e práticos dos partidos e movimentos sociais que compõem o Foro de São Paulo, ou do governo de Nelson Mandela na África do Sul - para usar alguns dos os exemplos mencionados na obra de Laclau e Mouffe - a incidência prática das propostas do "pós-marxismo" dificilmente foi mais perceptível do que aquelas que se encaixam nas teses de Wittgenstein, Derrida ou Lacan: isto é, nenhuma. (tradução nossa).³²³

322 No original: "In its search for inclusiveness, the Foro subsumed fundamental differences in style and content of politics toward the state, the class structure, and the economy. Working papers that promoted radical perspectives and resolutions that denounced neoliberalism were accompanied by political practices that gradually approached neoliberal policies and regimes. While the Foro initially served as a useful point of exchange of views on the politics of the late 1980s, by the mid-1990s it had lost its relevance. The assimilation of neoliberal doctrines, the deep commitments to purely electoral politics, and the de facto alliances with neoliberal regimes on the part of leading pragmatists in the Foro had undermined its practical and subversive nature. It had become an increasingly ritualistic event divorced from the radical social movements that confronted the neoliberal regimes and their Foro partners". PETRAS, James. Alternatives to neoliberalism. *Latin American Perspectives*. v. 24. n. 1. p. 80-91, jan. 1997, p. 85.

323 No original: "Sin el ánimo de desilusionar a nuestros autores, hay que reconocer no obstante que en relación a los debates políticos y prácticos de los partidos y movimientos sociales que integran el Foro de São Paulo, o el gobierno de Nelson Mandela en Sudáfrica – para usar algunos de los ejemplos mencionados en la obra de Laclau y Mouffe – la incidencia práctica de las propuestas del "postmarxismo" ha sido apenas más perceptible que las que les cupo a las tesis de Wittgenstein, Derrida o Lacan: es decir, ninguna". BORÓN, Atilio A. Postmarxismo? Crisis, recomposición o liquidación del marxismo em la obra de Ernesto Laclau. *Revista Mexicana de Sociología*, Cidade do México, UNAM, v. 58, n. 1, p. 17-42, jan-mar. 1996, p. 18.

Crítico do pós-marxismo Borón³²⁴ não enquadra o Foro e seus membros na referida corrente que privilegia concepções mais teóricas em detrimento de um materialismo histórico rígido. O autor faz essa afirmação no início de seu texto, mas não desenvolve o argumento sobre os atores políticos citados anteriormente, utilizando o restante da argumentação para discutir conceitos como democracia e socialismo, ficando indeterminado o enquadramento teórico e político do Foro e de seus partidos.

Às vésperas da eleição de 1994, Marco Aurélio Garcia, na condição de coordenador do programa do governo Lula, concedeu uma entrevista para *Folha de São Paulo* na qual expôs sua visão de revolução democrática a ser implementada pelo PT caso vencesse o pleito. Sua explanação foca muito mais na chamada questão nacional³²⁵, sem mencionar a dimensão internacional do programa. Na primeira metade da década de 90, Garcia e Lula dialogavam, simultaneamente, com partidos da esquerda latino-americana, muitos deles radicais, e com a social-democracia europeia.³²⁶

Não somente o PT influenciou e foi influenciado pelo FSP. Segundo o uruguaio Carlos Baraibar, que esteve presente em sua fundação em 1990, juntamente com outros representantes da Frente Ampla:

Nos documentos aprovados no FSP, se expressou claramente a influencia do Partido dos Trabalhadores do Brasil, organização convocatória, e da FA, assim como do Partido Comunista de Cuba (PCC) e do Partido da Revolução Democrática do México, hoje afundado em uma gravíssima crise. Debe-se assinalar que o PCC nao promoveu no FSP um modelo semelhante ao socialismo cubano, e os participantes optaram por uma via plural, sem um projeto vinculante, mas con princípios e grandes objetivos comuns que resumimos com a expressão "modelo alternativo ao neoliberalismo". (tradução nossa).³²⁷

324 Ao estudar o conceito de hegemonia de Gramsci Borón reforça que ele é inerentemente marxista e com um inseparável recorte classista, ao contrário do conceito de hegemonia pós-marxista.

325 O texto do Programa da revolução democrática traz dados interessantes sobre a proposta revolucionária do governo Lula para a eleição de 1994. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/25/caderno_especial/30.html. Acesso em 17 set. 2019.

326 Lula promete a empresários mudar a Carta. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/25/brasil/8.htm>. Acesso em 17 set. 2019.

327 No original: "En los documentos aprobados en el FSP se expresó claramente la influencia del Partido de los Trabajadores de Brasil, organización convocante, y del FA, así como también del Partido Comunista de Cuba (PCC) y del Partido de la Revolución Democrática, de México, hoy sumido en una gravísima crisis. Debe señalarse que el PCC no promovió en el FSP un modelo semejante al socialismo cubano, y los partidos participantes optamos por un camino plural, sin un proyecto vinculante, pero con principios y grandes objetivos comunes que resumimos con la expresión "modelo alternativo al

Com a autoridade de quem havia realizado a principal revolução no continente e ainda estava no poder, o Partido Comunista de Cuba se encontrava em uma posição privilegiada para dialogar e convencer setores mais radicais e reticentes da importância de uma mudança de estratégia e de rumos no novo mundo que surgia. Isso obviamente não se aplica a todos, já que ainda havia alguns setores do trotskismo mais radical e remanescentes do maoísmo que criticavam os comunistas cubanos, ainda que com pouca inserção social.

Valter Pomar chama atenção para o perigo de se considerar uma estratégia única para toda a esquerda do continente:

A superação do neoliberalismo e também do capitalismo exigirá diferentes estratégias de resistência, de conquista do poder e de construção do socialismo. Não significa dizer que todas as estratégias são válidas, mas significa que o movimento socialista deve recusar a ideia de que exista uma única estratégia válida para todos os locais e tempos. Mas, ao mesmo tempo, os processos nacionais terão fôlego curto, se não estiverem articulados numa estratégia continental.³²⁸

O pesquisador John D. French também alerta para as dificuldades de se analisar as esquerdas plurais do continente sob uma ótica dicotômica. Se durante a década de 1990 a divisão mais comentada era entre reformistas e revolucionários, posteriormente essa divisão migrou para as disputas entre social-democratas e populistas. Segundo French é preciso compreender que a política ultrapassa as delimitações feitas pela academia:

A essência da arte da política não reside nos esquemas conceituais, categorias analíticas e grades abstratas, derivadas da teoria social e da economia; deve ser encontrada nas relações vividas entre os humanos, entendidos como indivíduos de carne e osso, amigos e inimigos, e grupos em formação (ou decadência). Como um trabalho feito com palavras, a política é necessariamente discursiva e ganha força com sua inserção dinâmica no universo cultural e simbólico que caracteriza uma América Latina profundamente dividida em múltiplas linhas de raça, classe e capital cultural.(tradução nossa).³²⁹

neoliberalismo". BARAIBAR, Carlos. El compromiso del FA con la democracia. Disponível em: <https://www.republica.com.uy/fa-con-la-democracia/>. 2014. Acesso em: 12 nov. 2019.

328 POMAR, Valter. op. cit., 2012, p. 15-16.

329 No original: "The essence of the art of politics does not lie in the conceptual schemes, analytical categories and abstract grids derived from social theory and economics; it is to be found in the lived relations between humans, understood as flesh-and-blood individuals, friends and foes, and groups-information (or decay). As work done with words, politics is necessarily discursive and gains strength from its dynamic insertion into the cultural and symbolic universe that characterises a Latin America

Regalado comenta que “algumas forças, como o Partido Socialista do Chile, falavam de um neoliberalismo de esquerda”³³⁰, os mesmos que Valter Pomar caracteriza como social-liberais.

Regalado chega a propor um novo recorte histórico:

A queda do Muro de Berlim marca o fim da etapa da história da América Latina aberta, em janeiro de 1959, pelo triunfo da Revolução Cubana, cuja principal característica foi o embate entre a insurgência revolucionária e a contra-insurgência reacionária.³³¹

Já Emir Sader aponta um ponto de mudança diferente e anterior:

As perspectivas revolucionárias abertas no transcurso da década em vários países do continente – incluído o Brasil – parecem esgotar-se com a morte de Che Guevara na Bolívia, em 1967, como momento determinante na virada de período para as lutas políticas no continente.³³²

Ao analisar o contexto global, o historiador Eric Hobsbawm apresenta periodização semelhante quando afirma que “a revolta estudantil de fins da década de 1960 foi a última arremetida da velha revolução mundial”³³³. Hobsbawm destaca, no entanto, que a revolução teria sobrevivido de forma atenuada em movimentos regionais como o pan-africano, o pan-árabe e, especialmente, o pan-latino-americano, sem esclarecer até quando essa sobrevivida teria durado.

Os debates sobre a periodização possuem um caráter relevante, pois impactam a avaliação sobre a relevância que o Foro tinha para cada um dos partidos fundadores. Analisando o contexto geral do continente, vemos que a maioria dos movimentos guerrilheiros já se encontravam ou derrotados ou na defensiva pela maior parte do

profoundly divided along multiple lines of race, class and cultural capital”. FRENCH, John D. op. cit., 2009, p. 350.

330 No original: “no obstante, algunas fuerzas, como el Partido Socialista de Chile, hablaban de un neoliberalismo de izquierda”. REGALADO, Roberto REGALADO, Roberto. La teoría de la revolución y la izquierda latinoamericana en el siglo XXI: exámenes desde la filosofía política. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Filosóficas) - Instituto de Filosofia, Universidade de Havana, Havana, 2007, p. 06.

331 No original: “La caída del Muro de Berlín marca el fin de la etapa de la historia de América Latina abierta, en enero de 1959, por el triunfo de la Revolución Cubana, cuya característica principal fue el choque entre la insurgencia revolucionaria y la contrainsurgencia reaccionaria”. REGALADO, Roberto. 2015, p. 410.

332 SADER, Emir. op. cit., p.176.

333 HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, 433.

continente, antes mesmo da Queda do Muro de Berlim, com a exceção dos vitoriosos sandinistas. Se levarmos em consideração o recorte de Sader, os revolucionários do continente se encontravam em uma situação de isolamento. Para eles, o Foro se apresentava, portanto, como possibilidade de romper esse cerco.

Utilizando a conceituação de Gramsci e de outros estudiosos vinculados a essa corrente teórica, Ricardo Abreu de Melo concebe o FSP como um *intelectual orgânico coletivo* internacional, uma vez que o Foro “logrou aprovar resoluções consensuais, densas e importantes”³³⁴. Ao analisar as fontes e as narrativas dos envolvidos no Foro, pode-se inferir que as resoluções aprovadas foram consensuais e importantes. No entanto, é preciso considerar os que relatos não se aprofundam nos conceitos, destacando apenas os esforços conjuntos das forças em disputa, com o intuito de generalizar afirmações e táticas muitas vezes contraditórias.

Em nome da unidade, muitas vezes são redigidos documentos de caráter propositadamente genérico. Não que inexistam no Foro elaborações políticas e teóricas sobre os mais variados temas, desde a avaliação de experiências históricas às análises das conjunturas e propostas de ação. Cada partido possui suas escolas de formação política, assim como o próprio Foro realizou encontros formativos mais aprofundados. O fato é que essas formulações são frequentemente tão díspares e conflitantes, desde os fundamentos até as conclusões, que se torna exagerado imputar ao Foro, em si, um papel de intelectual orgânico coletivo. Valter Pomar registrou que os membros do Foro também reconheciam “a existência de um déficit teórico”³³⁵ e que a maioria dos partidos do continente não possuíam uma doutrina teórica, com a exceção do Partido Comunista de Cuba.³³⁶

Grande estudioso de Gramsci, Aldo Fornazieri reforça que para enfrentar desafios conceituais os partidos socialistas precisam manter a racionalidade e objetividade de seus planos de ação, evitando posicionamentos ingênuos e românticos:

334 MELO, Ricardo Abreu de. O Foro de São Paulo: uma experiência internacionalista de partidos de esquerda latino-americanos (1990-2015). Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 18.

335 POMAR, Valter. *A estrela na janela: ensaios sobre o PT e a situação internacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014, p. 201.

336 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020].

Os partidos do socialismo devem reestruturar a sua racionalidade política com base numa reestruturação teórica dos pressupostos filosóficos, históricos, econômicos, científicos e morais para pôr-se em condições de enfrentar os artifícios da manipulação e da alienação capitalistas. Somente uma *razão* comprometida com a *busca da verdade*, onde o princípio e a finalidade sejam os sujeitos humanos produtores de sua história, pode exigir e produzir um compromisso conscientemente apaixonado. O socialismo deve despir-se das visões mecanicistas neopositivísticas e das visões românticas e ingênuas para adotar cada vez mais posturas teóricas capazes de tirá-lo dos impasses atuais.³³⁷

É preciso reforçar que a classificação do Foro como intelectual orgânico é complexa, uma vez que este não é um partido mas sim uma organização suprapartidária, e não possui ligação com uma classe social específica, já que cada país do continente possui uma composição social distinta. Isso tem impactos nos partidos de esquerda em cada país, pois, os partidos que se pretendam representantes das maiorias precisam ter seu núcleo ora no proletariado urbano, ora nas comunidades indígenas e ora nas zonas rurais, junto a pequenos camponeses. Segundo Gramsci, as estruturas determinam como os grupos sociais irão criar seus intelectuais³³⁸. A partir de então se constitui uma hegemonia junto às possíveis classes aliadas e junto a parcelas mais amplas da sociedade.

Também nos documentos do PT os conceitos são utilizados de uma forma por vezes heterodoxa e inovadora, como no I Congresso, quando é apresentada uma formulação que prevê a possibilidade de uma hegemonia política em âmbito municipal:

A ação de governo que o PT exerce hoje tem que ser vista como elemento decisivo na consolidação de nossa hegemonia, já que se trata de governar, executar políticas e democratizar o Estado, acionar a participação e o controle popular, conviver e interagir com outros setores, segmentos e classes sociais, exercer, de fato e de direito, a hegemonia legitimada pelas urnas, ainda que no nível municipal.³³⁹

337 FORNAZIERI, Aldo. op. cit., 1988, p. 44.

338 GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979, p. 10.

339 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Resolução sobre Socialismo. *In: O socialismo nas resoluções...* op. cit, p. 142. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020.

Os mandatos executivos municipais petistas eram atacados tanto pelos grupos políticos aliados das prefeituras quanto por boa parte da imprensa da época. Inexistia o consentimento dos demais grupos sociais, conforme previsto no conceito de hegemonia de Gramsci. Tampouco a classe trabalhadora havia se tornado dominante localmente.³⁴⁰

Apesar de tal adaptação do conceito de hegemonia aparecer de forma recorrente nos documentos do PT, Valter Pomar destaca que uma hegemonia política nacional não significa a soma de hegemonias locais, e tampouco a hegemonia nacional se reverte automaticamente em hegemonia em todos os territórios locais.

As eventuais maiorias eleitorais não chegavam a configurar uma adesão popular à ideologia do partido, em sua formulação intelectual e moral, mas sim ao programa eleitoral. Em uma situação como essa, o conceito mais apropriado a ser utilizado seria o de hegemonia alternativa ou de contra hegemonia, como apresentado por Raymond Williams³⁴¹, na década de 70, e na proposta de documento central do Foro, em 1997.³⁴²

Sobre a construção da ideia de hegemonia apresentada na resolução sobre o Socialismo do I Congresso do PT, pode-se verificar um foco maior nas disputas institucionais. Não somente no trecho a seguir, mas em todo o documento, fica nítido que o papel das lutas sociais era servir de base para uma “atuação mais ampla, que envolva a negociação e a ação na frente institucional”:

Até 1987, a disputa pela hegemonia era colocada, basicamente, como uma política de acúmulo de forças, a partir da avaliação de que não estava na ordem do dia a tomada do poder ou uma crise revolucionária. Depois de 1989, a disputa pela hegemonia passa, necessariamente, a incluir a disputa pelo governo federal em 1994, a gestão das administrações municipais, a luta pela democratização do Estado e por reformas sociais, assim como a organização e o crescimento dos movimentos sociais.³⁴³

340 Tal formulação pode ser considerada uma grande inovação no conceito de hegemonia.

341 WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

342 Documento Central, Porto Alegre, 1997, p. 127.

343 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Resolução sobre Socialismo. In: CSBH. *O socialismo nas resoluções...* op. cit., p. 108-147. Disponível em: https://fpabramo.org.br/cs_bh/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf. Acesso em: 30 out. 2020.

Ainda sobre a organicidade do Foro, em 1992, no II Encontro, “foi desestimulada a proposta de aprovar um Manifesto e uma Plataforma Programática, porque era contraditório com a definição de não construir uma Internacional”³⁴⁴. Com tantas contradições e aspectos diversos, conceituar o Foro era uma tarefa demasiado complexa que não cabia em teorias rígidas. Quando interpelado quanto ao uso de conceitos gramscianos para definir o Foro, Valter Pomar alertou que havia muitos usos possíveis para tais conceitos, mas que era um equívoco imputar ao Foro o papel de partido da revolução latino-americana. Ele também afirmou que o debate teórico dentro do Foro era superficial.³⁴⁵

Segundo Celso Amorim, ex-ministro das Relações Exteriores do governo Lula, o Foro teve uma influência positiva sobre o direcionamento das ações da esquerda rumo ao processo eleitoral democrático, um movimento que “já estava ocorrendo, independentemente do Lula no poder, mas acho que a presença do Lula fortaleceu isso”.³⁴⁶

Em sua entrevista para este trabalho José Genoíno relata houve um progressivo fortalecimento do caminho da luta democrática popular como “uma alternativa ao que representou o fracasso da luta armada”³⁴⁷. Quanto à inflexão ao centro como uma estratégia que privilegiava a moderação programática e alianças eleitorais mais amplas, Genoíno avalia que as mudanças ocorreram de forma concomitante em vários partidos latino-americanos³⁴⁸. O início do século XXI era uma fase de descenso das grandes mobilizações populares em diversos lugares do mundo, apesar de vitórias eleitorais, o que favorecia as tendências mais pragmáticas e eleitorais dentro dos partidos. O Foro teve algo a ver com isso. Tornou-se um espaço que logrou validar, em um contexto internacional mais amplo, opiniões que já eram recorrentes internamente.

Sobre essa atitude “frentista”, de unidade na diversidade, que foi sendo assumida por muitos partidos progressistas do continente, Luiz Dulci, que foi um dos redatores do Manifesto de Fundação do PT, afirma que a experiência da Frente Ampla

344 REGALADO, Roberto. op. cit, 2008, p. 59.

345 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020].

346 AMORIM, Celso. Entrevista para monografia. In: CALIMAN, Daniel Wanderley. op. cit., 2019, p. 155.

347 GENOÍNO, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [20 nov. 2019]..

348 Ibid.

do Uruguai chamava a atenção das esquerdas. E isso tanto em termos organizativos — a pluralidade interna — quanto programáticos: o Estado laico, a escola pública universal, os direitos das mulheres, o divórcio e outras pautas.³⁴⁹

A FA do Uruguai também experimentava uma ascensão das lutas sociais e das votações eleitorais, ao mesmo tempo em que ampliava as alianças e moderava seu programa. No entanto, o fato de o Uruguai ser um país muito pequeno do ponto de vista continental limitava sua influência internacional. Quando o PT adota estratégia parecida, isso tem um impacto continental muito maior.

Na mesma linha, a esquerda de alguns outros países da América Latina tinha um certo acúmulo programático a respeito das pequenas e médias propriedades rurais e das pequenas e médias empresas urbanas. Inicialmente o PT não dava tanta importância a esses setores e tratava quase que exclusivamente as questões da classe trabalhadora propriamente dita. Aos poucos, a experiência prática da luta social e política no Brasil e também o contato com o pensamento de Antônio Gramsci sobre a necessidade de um bloco histórico, social e político, para transformar os países, levou o PT a repensar certas categorias, incluindo também os assalariados de classe média e os micro, pequenos e médios proprietários da cidade e do campo.³⁵⁰

Outras duas organizações, já aqui mencionadas, haviam passado por processos difíceis de unificação, por isso, inclusive, eram chamadas de frentes: a Frente Sandinista de Libertação Nacional (Nicarágua) e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (El Salvador).

Para José Dirceu a política desenvolvida entre 1995 e 2002 que levou diversos partidos do continente a ganhar eleições em seus países não foi um modelo exportado pelo PT, tampouco algo que PT copiou, mas sim o resultado das decisões mais adequadas para se disputar governos. Dirceu afirma que houve “uma mudança entre revolução e reforma”³⁵¹ evidente nesse movimento.

Dirceu alega ainda que,

O Foro de São Paulo expressou essa direção. Você pode ter todas as condições para fazer uma mudança no momento, mas errar na política e não fazê-la (...). Naquele momento o PT, de certa maneira, era o partido que apresentava para todos os países uma estratégia política

349 DULCI, Luiz. Entrevista concedida para esta pesquisa [13 mai. 2020]...

350 Ibid.

351 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

de que era possível chegar ao governo (...). A estratégia política, o programa, as formas de luta que o PT simbolizou, representou e praticou de certa maneira eram adequadas para aquele momento histórico.³⁵²

Em balanço realizado às vésperas do X Encontro do FSP, o *Partido del Trabajo do México* avaliou os avanços e insuficiências do que havia sido feito até ali, alertando para a necessidade de se alcançar maiores resultados práticos:

Em seus quase onze anos de existência, e ao longo dos últimos nove encontros, o Foro de São Paulo realizou tarefas e ações muito importantes e valiosas. No entanto, ao olhar para os avanços alcançados, percebemos que os efeitos de seu trabalho na luta política e social da esquerda latino-americana e caribenha e de nossos povos em geral podem atingir um nível quantitativo e qualitativamente superior. (tradução nossa).³⁵³

Os mexicanos defendiam então que eram poucos os setores nacionais favorecidos pela globalização, e que seria importante construir pontes com setores produtivos que tivessem sido afetados pelos problemas da desindustrialização e descapitalização do setor agrícola. Também defendiam que haveria um espectro múltiplo e diverso de opositores potenciais, e que era trabalho das esquerdas atingir os mais amplos setores sociais. Essa estratégia, que já vinha sendo adotada por diversos partidos do continente, significava um crescimento dos partidos nos parlamentos, municípios e estados. Posteriormente ela foi eleitoralmente vitoriosa em diversos países, incluindo os exemplos mais recentes do México, onde o Partido del Trabajo chegou ao governo em 2018, apoiando López Obrador e seu partido Movimento Regeneración Nacional (Morena) e na Bolívia, onde Luis Arce levou o Movimento ao Socialismo (MAS) novamente ao governo em 2020.

Sabe-se que a influência do Foro chegou a se estender para além do continente. Em 1994, era editado um boletim *Ecos do Foro de São Paulo* em Madrid³⁵⁴. No Oriente Médio, em 2010, foi criado o *Arab Left Forum* (ALF) que teria se inspirado

352 Ibid.

353 No original: “En sus casi once años de existencia, y a lo largo de los pasados nueve encuentros, el Foro de São Paulo ha llevado a cabo tareas y acciones muy importantes y meritorias. No obstante, al mirar en retrospectiva los avances alcanzados, nos damos cuenta de que los efectos de sus trabajos sobre la lucha política y social de la Izquierda latinoamericana y caribeña y de nuestros pueblos en general podría acceder a un nivel cuantitativa y cualitativamente superior”. Revista *Revueltas* N. 14, 2000, p. 3.

354 Ver Anexo D.9.

na experiência do FSP, dentre outras organizações. Em entrevista ao pesquisador Ricardo Abreu de Melo para sua dissertação de mestrado, a dirigente do Partido Comunista Libanês, Marie Nassif-Debbs, confirmou a influência do FSP na formação do ALF:

Nós pensamos que só um movimento de esquerda com um programa claro pode unificar o movimento e liderá-lo contra o projeto imperialista do “Novo Oriente Médio” e pelas mudanças políticas [...]em todos os países árabes (...). [Para isso] nós estudamos as diferentes experiências no mundo, antes de começar a nossa experiência do ALF, inclusive as experiências do Movimento dos Não-Alinhados e da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Nós também estudamos a experiência do Foro de São Paulo, e tomamos para nós o que seria bom para o ALF (...). Nós pensamos que o Foro de São Paulo é uma boa experiência por causa de seu estatuto democrático e de sua governança democrática. Qualquer força política que é membro do ALF em um país, é livre para tomar as suas decisões políticas, e nós juntos temos um programa para a região.³⁵⁵

Ao prestar depoimento para a mesma dissertação, Chris Matlako, do Partido Comunista Sul-Africano e um dos coordenadores do Fórum da Rede de Esquerda da África (ALNEF), admitiu a importância do FSP como inspiração para a criação da ALNEF em 2010:

O ALNEF foi inspirado pelo Foro de São Paulo, pela simples razão de que se encontram no Foro de São Paulo as experiências de pluralismo político de esquerda e progressista, que promovem o projeto de mudança à esquerda na América Latina. O Foro de São Paulo é uma experiência importante para a criação de uma coordenação de formações de esquerda e progressista, no período pós-Guerra Fria e pós-Comintern.³⁵⁶

Setores da esquerda europeia também se viram influenciados pela experiência latino-americana ao lançar, em 2017, o *European Forum* (EF), também conhecido como Foro de Marselha, primeira cidade que o sediou. Esse espaço segue ativo e, em 2019, realizou seu terceiro encontro em Bruxelas³⁵⁷. Assim:

355 NASSIF-DEBS, Marie. Entrevista sobre a ALF concedida a Ricardo Abreu de Melo em 17 de maio de 2016 para sua dissertação de mestrado *apud* MELO, Ricardo Abreu de. op. cit., 2016, p. 131.

356 MATLHAKO, Chris. Entrevista sobre a ALNEF concedida a Ricardo Abreu de Melo em 07 de junho de 2016 para sua dissertação de mestrado *apud* MELO, Ricardo Abreu de. op. cit., 2016, p. 131.

357 Cf. site do EF. Disponível em: <https://europeanforum.eu/>. Acesso em: 31 out. 2020.

Um passo foi dado com o Fórum de Marselha para alimentar uma cultura de reflexões e estimular a coordenação essencial entre os progressistas europeus. Marselha tem sido muito inspirada no Foro de São Paulo, que desde 1990 permite que os progressistas latino-americanos trabalhem juntos e ajam juntos, sem quaisquer exclusivismos ou preconceitos, às vezes apesar de diferenças sensíveis. Uma segunda reunião da esquerda europeia será agendada para 2018 em outra grande cidade do continente. (tradução nossa).³⁵⁸

Iole Ilíada comentou em sua entrevista que, durante sua gestão à frente da Secretaria de Relações Internacionais do PT, havia uma forte pressão para expandir o espaço geográfico do Foro. Afinal, se sua estratégia havia sido tão exitosa, com o mundo olhando para as esquerdas da América Latina, não haveria motivos para não tentar transformá-lo em uma organização internacional.

Para Iole, uma das razões para a durabilidade e estabilidade do Foro era justamente seu caráter regional. Como a consigna era unidade na diversidade, isso só seria possível porque havia uma história comum na América Latina, apesar da pluralidade de ideias. Guardadas as diferenças, os ciclos históricos e um passado comum construíram uma identidade continental. Iole diz que a proposta mais factível e aceita na época foi justamente a criação de foros regionais em cada continente. A partir daí, seria possível criar uma rede de baixo para cima, fundamentada em processos concretos.³⁵⁹

Ao discorrer sobre formulação teórica do PT, Genoíno expressa claramente a intenção do partido de fazer conexões ideológicas com outras organizações do continente e lamenta a dificuldade de estabelecer um relacionamento efetivo com os únicos três governos sob comando partidos de esquerda no final da década de 2010.

Esse documento do socialismo petista foi um elemento importante, uma referência importante na nossa relação com as forças de esquerda. Para se relacionar com a Frente Sandinista, com a Frente

358 No original: “Une étape a été franchie avec le forum de Marseille pour alimenter un bouillon de culture de réflexions et impulser d’indispensables coordinations entre progressistes européens. Marseille s’est beaucoup inspirée du forum de Sao Paulo, qui, depuis 1990, permet aux progressistes latino-américains de se concerter et d’agir ensemble, sans exclusives ni a priori, en dépit parfois de sensibles divergences. Une seconde rencontre des gauches européennes sera programmée pour 2018 dans une autre grande cité du continent.”. Forum Européen de Marseille. Les progressistes du continent font le plein D’énergie. Disponível em: <https://www.humanite.fr/forum-europeen-de-marseille-les-progressistes-du-continent-font-le-plein-denergie-645386>. Acesso em: 19 ago. 2020.

359 ILÍADA, Iole. Entrevista concedida para esta pesquisa [15 jul. 2020]. Entrevistador: Yuri Franco. Brasília, 2020. 1 arquivo de vídeo (1:38 min.).

Ampla do Uruguai, com a experiência chilena. É incrível que essa elaboração não tenha sido tão efetiva para nos relacionarmos com as três experiências de esquerda que estão sobrevivendo na América Latina – Venezuela, Equador e Bolívia. Que dilema, hein?! São as experiências que estão de pé.³⁶⁰

Os partidos que comandam os três países citados por Genoíno têm uma trajetória mais recente, posterior a fundação do PT e do próprio Foro de São Paulo, do qual fazem parte. O Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) foi criado em 2008, o Alianza País do Equador³⁶¹ em 2006, e o Movimento ao Socialismo (MAS) da Bolívia foi refundado em 1997³⁶². Com histórias e formulações próprias e independentes, cada uma destas experiências chegou à liderança de seus respectivos países.

A primeira menção a Evo Morales nas atas do Foro ocorre em 2001, quando Morales era parlamentar. Hugo Chávez, como já citado anteriormente, só irá participar pela primeira vez do Foro em 1996. Rafael Correa e o partido *Alianza País* somente aparecem nas atas do Foro no contexto das eleições presidenciais equatorianas de 2006.

A análise das fontes, não somente do PT, mas do próprio Foro e dos demais partidos de esquerda do continente, indica que o processo de moderação das esquerdas da América Latina não ocorreu de forma abrupta. Essa mudança não foi fruto da decisão de uma ou outra liderança política, tampouco de influências de um partido sobre o outro ou de grupos de partidos, mas um processo gradual de adaptação ao contexto histórico de transformações impostas pela inevitável globalização.

Em 1995, antes mesmo de seu X Encontro Nacional, considerado por muitos como o marco da virada rumo à moderação, o PT ousou ao lançar um cartão de

360 GENOÏNO, José. Entrevista concedida a Luana Soncini, Gustavo Codas, Rogério Chaves e Sérgio Honório [17 out. 2017]. In: CSBH. *O. socialismo nas resoluções....*, 2018, p. 50. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

361 Apesar do *Alianza País* ter apoiado a eleição de Lenín Moreno, este se desligou do Foro e fez um giro político mudando de posicionamento e se afastando também de Rafael Correa. Já o MAS da Bolívia deixou o governo boliviano, retornando nas eleições de 2020. O PSUV segue comandando o governo da Venezuela.

362 O partido foi fundado em 1987 e em 1997 ocorre a fusão com outras duas organizações: o Instrumento de Soberania Popular e a Confederação de Trabalhadores do Trópico Cochabambino. A partir dessa fusão, Evo Morales passou a ser seu principal líder.

crédito, fruto de uma parceria com o Banco Bradesco. A ação indicava uma possibilidade de pontes com o mercado financeiro. Na época, o vice-presidente executivo do banco, Armando Fernandes Júnior, explicou que “somos o maior empregador privado do país e estamos acostumados a negociar com o PT”, enquanto Lula assegurou que “o PT vai ganhar dinheiro como capitalista e gastar como socialista”.³⁶³

No caso do PT, não parece adequado estabelecer uma suposta virada do partido, seja após a derrota eleitoral de 1989, seja após a vitória de José Dirceu para presidente do partido, em 1995, ou nas resoluções deste ou daquele encontro ou Congresso partidário. As sementes de um partido voltado para a disputa de hegemonia com foco especial nas eleições, parecem estar plantadas desde o seu início. As eventuais vitórias dos setores radicais do PT não conseguiram sair dos documentos, congressos e direções e se enraizar na vida cotidiana da instituição e, muito menos, nos movimentos sindical e social para efetiva mudança de estratégia do partido. Não que os setores moderados estivessem destinados a vencer a disputa interna ou que isso fosse inevitável por causa de determinadas estruturas ou contextos. O fato é que os setores mais moderados, a começar pela própria Articulação Unidade na Luta, possuíam ativos políticos muito consideráveis, a começar por Lula, líder operário cuja autoridade interna, ainda que não inquestionável, era considerada determinante.

A ala moderada também possuía uma presença significativa no movimento sindical, muito mais do que todas as outras forças petistas. Outro fator importante é que a ala moderada era mais coesa em relação a esquerda partidária fragmentada em várias tendências. A esquerda partidária era carente de estrutura em vários aspectos. Não possuía uma grande liderança que a unificasse, uma tendência principal que dirigisse as demais, uma estratégia política elaborada que fosse além da oposição à Articulação Unidade na Luta, nem um forte movimento sindical a lhe dar sustentação.

Quanto aos demais países do continente, cada um com suas especificidades quanto à formação econômica, social e cultural, as esquerdas parecem apresentar

363 “PT lança cartão de crédito em São Paulo”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/3/10/brasil/21.html>. Acesso em 9 mar. 2020. Ver Anexo D.13.

uma descontinuidade histórica, que pode ser explicada pela série de golpes e ditaduras no continente.

Na Nicarágua, a FSLN possuía um longo histórico de heterodoxia política. Fruto da unificação de diversos grupos, sua ideologia era uma mescla inovadora das das correntes que a compunham: marxistas, social-democratas e cristãos. Na década de 1970, a Frente formou uma aliança com setores da burguesia para derrubar Somoza. Durante a década de 80, passaram a integrar a Internacional Socialista, da qual foram expulsos em 2019. Se no século XXI Daniel Ortega realizou alianças com o centro e moderações programáticas para chegar novamente ao governo, essa não foi a primeira vez que tal movimentação ocorreu. Nas duas ocasiões, a conjuntura internacional parece ter tido um papel menor nesses giros, influenciados, preponderantemente, pelo contexto nacional.

A TI procurou ir além da esquerda para gerar o máximo de apoio interno e internacional para o FSLN. Os grupos-alvo eram a comunidade empresarial economicamente importante e a influente Igreja Católica. Para cooptar essas pessoas, Humberto Ortega disse que a vanguarda deve “ter um programa que responda aos problemas reais do país, que proponha soluções que todos considerem corretas”. O FSLN teve que se concentrar nos objetivos de curto prazo de substituir Somoza por um governo de unidade nacional e reconstruir o país de acordo com o que poderia parecer aos ultra-esquerdistas como princípios economicistas. Mais importante ainda, a retórica divisiva marxista-leninista teve de ser arquivada. (tradução nossa).³⁶⁴

Os motivos para a saída dos setores empresariais do governo revolucionário sandinista foram alvo de diversos estudos, cujo tema não é objeto desta pesquisa. O importante é perceber como o FSLN se apoiou nestes setores no passado para construir um objetivo e programa mínimo comum.

No caso de El Salvador a FMLN foi formada, em 1980, a partir da fusão de diversos grupos guerrilheiros. Essa confluência foi possível graças à intervenção de

364 No original: “The TI sought to reach beyond the left wing to generate the maximum amount of internal and international support for the FSLN. The target groups were the economically important business community and the influential Catholic Church. In order to co-opt these people, Humberto Ortega said that the vanguard must “have a program which responds to the country’s real problems, that propose solutions that everyone will consider correct”. The FSLN had to concentrate on the short term goals of replacing Somoza with a national unity government and reconstructing the country according to what might seem to ultra-leftists as economic principles. Most importantly, divisive Marxist-Leninist rhetoric had to be shelved”. NOLAN, David. *The Ideology of the Sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Miami: Institute of Interamerican Studies, University of Miami, 1984, p. 71.

Fidel Castro³⁶⁵. O líder cubano também teria pressionado pela alteração da estratégia dos guerrilheiros, estimulados a forçar uma negociação.

Se no século XXI Lula desempenhou um papel importante para diminuir atritos entre a FMLN e o presidente Mauricio Funes, isso não significava que a própria Frente não tivesse passado por um processo anterior de moderação política. Segundo Luis Armando González, a opção pela negociação, feita na década de 80, foi uma resposta ao contexto internacional e nacional e aos clamores oriundos das bases sociais que davam sustentação aos guerrilheiros, ameaçados de isolamento político caso não atendessem aos apelos. De acordo com González:

Em suma, não apenas a FMLN cedeu ao realismo. O governo do presidente Funes também. Nesse sentido, o papel do ex-presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, tem sido fundamental, já que sua proximidade com o governo e com a FMLN lhe permitiu dar conselhos oportunos para moderar os respectivos cargos. (tradução nossa).³⁶⁶

A pesquisa de Alberto Martín Álvarez sobre o FMLN também apontou uma mudança de estratégia e de programa ainda na década de 1980. Desde 1983 e 1984 já havia discussão dentro da Frente sobre a necessidade de abandonar a defesa da ditadura do proletariado, estabelecer alianças com setores da burguesia e realizar mudanças políticas e sociais dentro dos marcos do capitalismo, a partir de uma democracia representativa.

No entanto, a repressão ao movimento no início dos anos 1980, a intervenção dos Estados Unidos e a subsequente liberalização do regime bloquearam o crescimento da coalizão revolucionária, impedindo o triunfo militar da guerrilha. Por sua vez, o prolongamento da guerra estimulou uma mudança gradual na estratégia, programa político e ideologia do movimento revolucionário que foi quase completamente concluída antes da grande ofensiva de 1989. (tradução nossa).³⁶⁷

365 ÁLVAREZ, Alberto Martín. De guerrilla a partido político: el Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN). *Historia y política*, n. 25, Madrid, jan-jun. 2011, p. 214.

366 No original: "En fin, no solo el FMLN ha cedido al realismo. También lo ha hecho el gobierno del presidente Funes. En esto, el papel del ex-presidente brasileño, Luiz Inácio Lula da Silva ha sido clave, pues su cercanía con el gobierno y con el FMLN le permitió dar consejos oportunos conducentes a moderar las respectivas posturas". GONZÁLEZ, Luis Armando. El FMLN salvadoreño: de la guerrilla al gobierno. *Revista Nueva Sociedad*, n. 234, 2011, p. 158.

367 No original: "Sin embargo, la represión del movimiento en los primeros años ochenta, la intervención de Estados Unidos, y la liberalización posterior del régimen, bloquearon el crecimiento de la coalición revolucionaria evitando un triunfo militar de la guerrilla. Por su parte, la prolongación de la guerra estimuló un cambio paulatino en la estrategia, en el programa político y en la ideología del

A experiência uruguaia foi um pouco diferente pois a Frente Ampla jamais se professou marxista ou revolucionária; ainda que alguns dos seus setores internos minoritários fossem mais radicalizados. Criada em 1971, a FA derivou da confluência de diversos agrupamentos: o Partido Comunista, o Partido Socialista, o Partido Democrata Cristão e setores dissidentes do Partido Colorado e do Partido Nacional (também conhecido como Partido Branco), além de alguns líderes independentes.

Sobre as mudanças internas na Frente Ampla, Gadea aponta que:

Consequentemente, não é convincente deduzir que a Frente Ampla deve seu crescimento eleitoral à sua “abertura ao centro político”, reduzindo possíveis temores da população do que seria um governo de esquerda. O argumento da suposta moderação discursiva que a Frente Ampla teria assumido, abandonando as implicações do que seria uma identidade de esquerda, não convence quando se tenta compreender e inserir esse setor político na história política do país. O que se afirma aqui é que não é possível constatar qualquer contradição evidente entre uma Frente Ampla anterior aos anos 2000 com aquela que se vislumbra no presente, a ponto de uma posição política que não se manifestaria de forma verdadeiramente clara denotam liderar uma transformação da matriz econômica (liberalismo), política (o ‘estatacentrismo’) e social (a ‘batlistização’). (tradução nossa).³⁶⁸

O PRD do México, fundado em 1989, também não se autodenominava marxista, assim como outros partidos que surgiam no período. O partido nasceu a partir da mescla de diversos grupos de esquerda, progressistas e nacionalistas: dissidentes do PRI, comunistas do Partido Mexicano Socialista (que por sua vez já era uma fusão de diversos agrupamentos anteriores) e uma parte dos trotskistas do

movimiento revolucionario que se completó casi en su totalidad con anterioridad a la gran ofensiva de 1989”. Ibid., p. 229.

368 No original: “Consiguientemente, resulta poco convincente deducir que el Frente Amplio deba su crecimiento electoral a su “apertura al centro” político, reduciendo eventuales temores de la población de lo que sería un gobierno de izquierda. El argumento de la supuesta moderación discursiva que el Frente Amplio habría asumido, abandonando las implicaciones de lo que sería una identidad de izquierda, no resulta convincente cuando a este sector político se lo intenta comprender e insertar en la historia política del país. Lo que se afirma aquí es que no es posible constatar ninguna contradicción evidente entre un Frente Amplio anterior a los años 2000 con el que se vislumbra en el presente, en la medida que no se habría manifestado, de manera verdaderamente clara, un posicionamiento político que denotase conducir una transformación de la matriz económica (liberalismo), política (el ‘estadocentrismo’) y social (la ‘batlistización’). GADEA, Carlos A. El Estado y la izquierda política em el Uruguay. La recuperación de la “matriz institucional”. Revista brasileira de ciências sociais. Vol. 33, N. 96, 2018, p. 12-13.

Partido Revolucionário dos Trabalhadores, assim como outros grupos sem registro eleitoral. A revolução que o PRD reivindicava historicamente não era a russa ou a cubana, mas a própria Revolução Mexicana de 1910, da qual se consideram herdeiros. Segundo Modonesi:

O novo partido surgiu da fusão entre diferentes culturas políticas, de pai nacional-popular e mãe socialista, embora o sobrenome materno não constasse na certidão de nascimento e ficasse apenas na memória de um setor de seus dirigentes e militantes. A colocação à esquerda do espectro político, a ambigüidade ideológica típica da época e a oportunidade política, deslocaram a necessidade de definir claramente o novo partido, no qual, de acordo com o ângulo e as circunstâncias e não sem contradições e tensões, apresenta-se nacional-popular, progressistas, social-democratas, plebeus, classe média, democratas e populistas. (tradução nossa).³⁶⁹

Voltando ao Foro de São Paulo, Valter Pomar minimiza a ideia de que seu crescimento tenha se dado tão somente por reflexo da ascensão do PT no Brasil. Ele relata que o Foro quase rachou, entre 2002 e 2005, no auge da estratégia que levou o PT ao governo federal. A crise teria ocorrido justamente pelo fato do PT, após a eleição de Lula, ter mudado sua postura nos encontros e reuniões, confundindo as relações internacionais do partido com as relações internacionais do Estado brasileiro. Pomar relata que representantes petistas chegaram a tentar barrar resoluções do Foro críticas aos Estados Unidos, em 2003, por causa da proximidade de uma reunião já marcada entre Lula e George Bush. Tais representantes acreditavam que a resolução poderia criar problemas políticos para o governo.³⁷⁰

Apesar deste incidente, Pomar afirma que os partidos do Foro tinham pouca influência efetiva na deliberação das relações exteriores de seus países. A elaboração e aplicação de políticas públicas também não seguia à risca as deliberações partidárias. Um exemplo mencionado por Pomar foi a decisão da Missão das Nações

369 No original: “El nuevo partido surgió de la fusión entre culturas políticas distintas, de padre nacional-popular y de madre socialista, aunque el apellido materno no figuró en el acta de nacimiento y quedó solamente en la memoria de un sector de sus dirigentes y militantes. La colocación a la izquierda del espectro político, la ambigüedad ideológica típica de la época y la oportunidad política desplazaron la necesidad de adjetivar con claridad el nuevo partido, en el cual aparecían, según el ángulo y las circunstancias y no sin contradicciones y tensiones, rasgos nacional-populares, progresistas, socialdemócratas, plebeyos, clasemedieros, demócratas y populistas”. MODONESI, Massimo, México: el crepúsculo del PRD. *Revista Nueva Sociedad*. NUSO, N. 234, jul-ago 2011. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/mexico-el-crepusculo-del-prd/>. Acesso em 13 nov. 2020.

370 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020]...

Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH), cuja criação só foi discutida, no âmbito do Foro de São Paulo, quando a missão já havia sido acordada pelos governos da região.³⁷¹

Pomar fez questão de destacar que o Foro não era o único espaço de encontro dos governantes do continente. Encontros da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC)³⁷² e da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL)³⁷³ serviam para estreitar o diálogo entre as lideranças políticas da região. Documentos encontrados na Fundação Perseu Abramo³⁷⁴ mostram que encontros para intercâmbio de políticas públicas entre prefeituras governadas por partidos de esquerda eram realizados desde o início da década de 1980. Também eram realizados encontros pontuais de líderes partidários, como exemplificado nos anexos E.2 e E.3. Esses encontros seguiram sendo realizados dentro do Foro, mas não somente nele, até os dias atuais. Os canais de diálogo são muitos, seja por meio de instituições governamentais, partidárias ou mesmo contatos pontuais, as chamadas conversas bilaterais.³⁷⁵

Sobre as narrativas em torno da fundação do Foro, destaca-se a história de uma conversa entre Lula e Fidel. Segundo Iole Ilíada essa história passou a ser mais difundida no auge do chamado ciclo dos governos de esquerda da América Latina e do Caribe, no final da primeira década dos anos 2000. Para Ilíada tal apogeu se confunde com o processo de queda, uma vez que em 2009 houve a deposição do Presidente hondurenho Manuel Zelaya, considerado o primeiro golpe de novo tipo no continente³⁷⁶. Esse acontecimento acendeu um sinal de alerta no Foro.³⁷⁷

371 Ibid.

372 Em 2008, foi realizado na Costa do Sauípe, Brasil, a I Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento (CALC). Em 2010, em Cancún ocorreu a II CALC e a XXI Cúpula do Grupo do Rio, onde foi aprovada a fusão das duas cúpulas. Em 2011 foi organizada, em Caracas, a I Cúpula da CELAC. Tanto a CALC quanto a CELAC contaram com a participação de Cuba como uma demanda histórica das esquerdas do continente.

373 Em 2000, Brasília sediou a I Cúpula Sul-Americana de Nações. Em 2004, na terceira edição da cúpula ocorrida em Cusco, foi anunciada a criação da UNASUL.

374 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Coleção Organizações Político-Partidárias. Disponível em: <https://acervo.fpabramo.org.br/index.php/organizacoes-politico-partidarias>. Acesso em: 09 fev. 2020.

375 Jargão político para contatos informais não registrados nas agendas oficiais.

376 Apesar de ter sido eleito pelo Partido Liberal de Honruras (PLH), Zelaya desenvolveu um diálogo cada vez mais próximo com o chavismo venezuelano.

377 ILÍADA, Iole. Entrevista concedida para esta pesquisa [15 jul. 2020]...

Iole também comentou, durante a entrevista, que houve uma cooperação internacional da Fundação Perseu Abramo com outras instituições e fundações partidárias do continente, com a promoção de diversos debates sobre teoria política, ainda que o modelo brasileiro de fundações partidárias não fosse comum na maioria dos países. Um segundo programa foi organizado a partir do Seminário dos Governos Progressistas e de Esquerda da América Latina e Caribe³⁷⁸. No entanto, na opinião da entrevistada, a postura laudatória e defensiva dos responsáveis pelas políticas públicas dos governos acabava por tornar esses espaços menos efetivos do que o inicialmente proposto³⁷⁹. Os encontros sobre políticas públicas terminavam por ser uma espécie de exposição positiva do que cada partido estava fazendo, com pouca abertura de cada parte para críticas, autocríticas e reflexões. Segundo Iole, o objetivo de debater os limites e possibilidades dos governos e de superar os seus problemas não foi alcançado.

Outra questão trazida por Iole é que o próprio Foro reconhecia sua dificuldade de elaborar um planejamento eficaz para o futuro: “nós fazemos bons diagnósticos, mas nos falta ainda capacidade de prognosticar, de analisar o futuro e pensar medidas que nós poderíamos tomar. Nisso o Foro foi tímido, não chegou a atingir esse patamar”³⁸⁰. Vale lembrar que as esquerdas que chegaram aos governos, no início do século XXI, o fizeram a partir de uma série de alianças com outros partidos e setores. Isso ocorreu somado às pressões advindas das oposições, das questões trazidas pelo Estado, das resistências oriundas da burocracia da máquina pública e da tendência dos governantes se conformarem em núcleos politicamente autônomos em relação aos seus próprios partidos.

Ainda que fosse tentador creditar o processo de moderação e o foco eleitoral das esquerdas latino-americanas ao fim da Guerra Fria e ao contexto de defensiva do socialismo no mundo, esses são apenas alguns dos fatores que explicam o fenômeno. Não se pode deixar de observar as especificidades da história do próprio continente. Em uma região marcada por décadas de instabilidade política, golpes e ditaduras, os partidos de esquerda, em raros momentos, tiveram a oportunidade de

378 A notícia e a programação do encontro de 2011 pode ser vista em: <http://forodesaopaulo.org/seminario-%E2%80%9Cgovernos-de-esquerda-e-progressistas-na-america-latina-e-no-caribe-balanco-e-perspectivas%E2%80%9D/>. Acesso em 19 ago. 2020.

379 Entrevista para esta pesquisa. Ver Referências.

380 Ibid.

experimentar a participação em processos eleitorais, com seus próprios partidos e lideranças. Mesmo entre os partidos comunistas e trabalhistas, que conseguiram se destacar nas décadas de 1940, 1950 e 1960, houve a necessidade de se valer de uma série de artifícios ao apoiar setores da própria burguesia dado que ou seus partidos se encontravam na ilegalidade ou na semi-legalidade ou, quando na legalidade, costumavam ser muito pequenos para sequer ter a ambição de liderar projetos eleitorais.

3.1-As tentativas posteriores de criação de novos fóruns e encontros

Em sua entrevista para esta pesquisa, José Dirceu citou o chamado “Grupo de Marbella”, articulação mencionada por ele também em outras entrevistas, cujo nome deriva do hotel chileno onde os encontros foram realizados. Era uma articulação mais ampla, que incluía setores de centro-direita, não sendo um contraponto ao Foro. Dirceu afirmou que o Grupo era apoiado inclusive pelo PNUD³⁸¹. Mais recentemente, tivemos outras duas tentativas de agrupar as esquerdas do continente e do mundo, sobre as quais discorro a seguir.

Fundado em julho de 2019, na cidade mexicana de mesmo nome, o Grupo de Puebla³⁸², é um foro político e acadêmico cuja lista de fundadores consta com nomes como Lula, Dilma Rousseff, Celso Amorim, José Mujica, Alberto Fernández, Evo Morales, Rafael Correa, José Luis Rodríguez Zapatero e outras lideranças. Por ser criado no México, conta com a participação de membros do PRD. Chama atenção a ausência do atual presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, bem como de seu partido MORENA, além do Partido del Trabajo, sendo que ambos os partidos integram o Foro de São Paulo. Também não participam o PCC de Cuba e o PSUV da Venezuela.

Com o lema “Um novo impulso progressista” o Grupo de Puebla apresenta um caráter mais de centro-esquerda, sem a presença dos setores mais radicais do FSP. A divulgação, por parte da imprensa, de que o Grupo seria uma espécie de sucessor

381 DIRCEU, José. Entrevista concedida para esta pesquisa [11 mai. 2020]...

382 Cf, Site Oficial. Disponível em: <https://www.grupodepuebla.org/>. Acesso em 26 mai. 2020. Acesso em: 08 set. 2020.

do Foro de São Paulo³⁸³ foi prontamente rechaçada por Iole Ilíada em sua entrevista, a começar pelo fato dos membros serem personalidades e não formado por partidos, cuja coordenação política atual está a encargo do brasileiro Aloizio Mercadante e do chileno Marco Enríquez-Ominami.

Segundo declaração inaugural do Grupo de Puebla em 2019:

Enviamos à Secretaria Permanente deste Grupo Progressista Latino-Americano para coordenar encontros dinâmicos a cada 3-6 meses que reúnam personalidades do campo nacional e popular de várias esferas, para responder a problemas específicos e continuar a contribuir para um novo compromisso progressista. (tradução nossa).³⁸⁴

A Internacional Progressista (IP) nasceu em 2018, a partir da iniciativa do Movimento Democracia na Europa (DiEM25), fundado pelo ex-ministro grego Yánis Varoufákis, e o Instituto Sanders, criado pelo homônimo senador norte-americano. Em seu site oficial, constam como integrantes do conselho Rafael Correa, Fernando Haddad, Celso Amorim, Áurea Carolina (deputada federal pelo PSOL-MG), Noam Chomsky, Naomi Klein, e outras lideranças de vários países, incluindo atores, escritores e jornalistas. Sua videoconferência, realizada em 18 de maio de 2020, contou com a participação do Nobel de economia Joseph Stiglitz³⁸⁵ e de vários líderes como Alberto Fernández, Dilma Rousseff, Pepe Mujica, Lula da Silva, Evo Morales e Fernando Lugo, além de membros ligados ao Grupo de Puebla

Segundo os moldes do Grupo, a IP também é formada por personalidades e não por partidos políticos. Apesar de oficialmente integrar essa articulação, as grandes lideranças político-partidárias da Europa e dos Estados Unidos da América não parecem estar publicamente engajadas na sua construção e divulgação. Segundo

383 Foro de São Paulo é coisa do passado? Conheça o “Grupo de Puebla”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/foro-de-sao-paulo-e-coisa-do-passado-conheca-o-grupo-de-puebla> Acesso em: 10 set. 2020.

384 No original: “Mandatamos a la Secretaría Permanente de este Grupo Progresista Latinoamericano a coordinar encuentros dinámicos cada 3-6 meses que reúnan personalidades del campo nacional y popular de diversos ámbitos, para dar respuesta a problemas concretos y seguir contribuyendo a un nuevo compromiso progresista”. Declaración de Puebla. Disponível em: <https://www.grupodepuebla.org/declaracion-de-puebla/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

385 Lula, Dilma, Mujica e outras figuras globais constroem primeira Internacional Progressista. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/lula-dilma-mujica-e-outras-figuras-globais-constroem-primeira-internacional-progressista/>. Acesso em 26 mai. 2020.

notícia veiculada após sua fundação, “qualquer pessoa ou organização poderá se cadastrar para ser membro da Internacional Progressista”.³⁸⁶

Há uma crise de representatividade e questionamentos da forma organizativa em partidos políticos por todo o mundo. Não é o objeto desta pesquisa aprofundar nas peculiaridades de cada uma das formas de organização de fóruns internacionais. Analisando a história do Foro e de outras organizações percebe-se que o que se ganha em densidade, enraizamento e força em organismos formados por partidos, perde-se em velocidade e liberdade. Movimentar um partido político inteiro é uma tarefa mais complicada do que dialogar diretamente com alguns líderes específicos. E quanto às organizações formadas por personalidades, o que se ganha em velocidade, “leveza” (ao não ter de arcar com o “peso” dos setores mais radicais) e liberdade para opinar, perde-se na capacidade de se enraizar junto à militância dos partidos políticos, formadas por multidões. Esta militância muitas vezes é aquela capaz de realizar maiores ações de solidariedade internacional, como campanhas de ruas e mesmo de redes sociais.

Valter Pomar afirmou que, desde seu mandato na Secretaria Executiva do FSP, havia pressão pela criação de novos fóruns que congregassem os governantes de esquerda e progressistas do continente³⁸⁷. Pomar explica, ainda, que ele e outros integrantes do Foro resistiram a criar hierarquias entre os participantes, de acordo com sua presença ou não nos governos de seus respectivos países. Sobre esse assunto, Iole Ilíada lembrou que nem todos os presidentes eram afiliados a partidos do Foro, como era o caso da Argentina.

Ainda que não seja o escopo desta pesquisa, é importante analisar as dificuldades encontradas pelas articulações posteriores, pois estas ajudam a compreender o esforço dos partidos que integram o FSP em prol de seu funcionamento e manutenção. Com todas as suas peculiaridades, bem como os ônus e bônus associados a cada um de seus participantes, o Foro de São Paulo continuou e continua sendo o espaço mais amplo da esquerda latino-americana. As tentativas dos setores moderados de construir fóruns mais amplos até o presente momento não

386 Personalidades lançam a Internacional Progressista para combater autoritarismo no planeta. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/personalidades-lancam-a-internacional-progressista-para-combater-autoritarismo-no-planeta/>. Acesso em 24 jul. 2020.

387 POMAR, Valter. Entrevista concedida para esta pesquisa [17 ago. 2020]...

obteve grandes resultados. A simples ausência de setores mais radicais não parece ser o suficiente para atrair a participação e fomentar o engajamento de grandes lideranças, fora do espectro político das esquerdas ou de outros continentes.

3.2-Atas do Foro de São Paulo

Sobre as atas do Foro de São Paulo investigadas, foram encontradas duas compilações. Uma corresponde ao período de 1990 a 2007, sobre a qual cabem algumas considerações prévias. Sobre a autenticidade das mesmas, Valter Pomar alegou que elas parecem ser transcrições fidedignas, mas declarou que só poderia confirmar após uma análise mais criteriosa dos documentos. Encontram-se disponíveis nesta compilação arquivada na Câmara dos Deputados do Brasil as declarações finais, as resoluções de grupos temáticos (parlamentares, autoridades locais, jovens, mulheres, ecologia, cristãos, cultura, indígenas, movimentos sociais, empresários etc.) e algumas atas de reuniões do Grupo de Trabalho. Estas atas foram utilizadas eventualmente para análise qualitativa de conteúdos que não estejam nas resoluções finais dos encontros, como foi o caso da proposta de resolução de Porto Alegre abordada anteriormente (que foi rejeitada).

Para a análise quantitativa de termos, foram consideradas somente as atas finais dos encontros, armazenadas no site oficial do Foro, entre 1990 e 2019. Deve-se considerar que a leitura de atas de grupos específicos de discussão temática ou de documentos rejeitados pelo plenário poderia não representar um acúmulo coletivo a respeito daquela pauta em particular.

Uma primeira análise foi realizada através da produção de nuvens de palavras a partir da compilação das atas. Utilizando-se o site *WordClouds*³⁸⁸, montaram-se nuvens contendo as principais palavras presentes nos documentos do Foro e do PT. Essa metodologia, comum em estudos de comunicação, hoje é utilizada em diversas áreas. Coppersmith e Kelly abordam este assunto ao definir que qualquer nuvem de palavras estática é “um único ponto em uma distribuição de possíveis nuvens de palavras - uma maneira de calcular estatísticas a partir do idioma subjacente e mapear

388 Cf. site: <https://www.wordclouds.com/>.

esses cálculos para a representação visual”³⁸⁹. As nuvens de palavras podem ser utilizadas em análises exploratórias dos mais variados documentos, como Huiqin e Weiguo utilizaram para observar *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu.³⁹⁰

A pesquisa de nuvens de palavras a partir da ferramenta *WordClouds* não é automática, sendo necessário um trabalho de limpeza das citações de números, artigos definidos e indefinidos, conjunções adverbiais e outros termos recorrentes que não acrescentam ao trabalho e gerariam distorções.

Ainda que fosse possível seguir elaborando outras nuvens de palavras com recortes temporais específicos, já que as duas nuvens representadas no Anexo B são compilações de todo o recorte temporal do trabalho, optou-se por mudar o enfoque. Foram criadas as tabelas listadas no Anexo C para separar termos e conceitos que retratassem os mesmos assuntos. As tabelas também tiveram como fonte os documentos reunidos de acordo com os recortes temporais.

Na análise das atas do Foro foi feito um recorte temporal de três períodos: o primeiro vai de sua fundação, em 1990, até 2001. O segundo se inicia em 2002 e vai até 2015. O terceiro vai de 2016 até 2019. Compreende-se que esse recorte, baseado em mudanças políticas no Brasil, no geral englobe as principais viradas ou “ondas” políticas do continente. Claro que cada um desses períodos possui suas exceções, como a atual presença de partidos do Foro nos governos de Cuba, Venezuela, México, Bolívia, Nicarágua, Panamá e República Dominicana ou, ainda, como participantes minoritários no governo, como no caso da Argentina.

Essa divisão se fez necessária para captar oscilações entre os períodos, a partir da construção de tabelas dos termos mais citados. Destarte pôde-se perceber, por exemplo, que a *China*³⁹¹ nem sequer fora citada nas atas durante toda a década de 1990, assim como vários dos territórios do continente governados por países europeus e pelos EUA. Essa análise permitiu perceber a diminuição e o desaparecimento de termos, como ocorreu com *dívida*, assunto muito debatido na

389 No original: “a single point in a distribution of possible wordclouds – one way of calculating statistics from the underlying language and mapping those calculations to the visual representation”. COPPERSMITH, Glen; KELLY, Erin. *Dynamic Wordclouds and Vennclouds for Exploratory Data Analysis: Proceedings of the Workshop on Interactive Language Learning, Visualization, and Interfaces*. Baltimore, Maryland, EUA, jun 2014, p. 23.

390 HUIQIN, Wang; WEIGUO, Lin. *Analysis of the Art of War of Sun Tzu by Text Mining Technology*. Singapura: International Conference on Computer and Information Science (ACIS), 2018.

391 Os nomes dos termos buscados, incluso países e continentes, será destacado em itálico neste tópico para facilitar o entendimento da análise. Todas as tabelas elaboradas se encontram nos Anexos.

década de 1990, pouco comentado na década seguinte e que desapareceu por completo nos documentos mais recentes. Fatores conjunturais objetivos influenciam essas mudanças, mas também são frutos de decisões políticas.

Além do recorte temporal, foi feito um recorte conceitual. Cada período possui 4 tabelas: a primeira com as citações referentes aos países e regiões, a segunda, aos termos políticos, a terceira, aos assuntos e a quarta, aos grupos sociais, temas específicos ou locais de atuação.

Um registro que se faz necessário é que, durante a pesquisa, tanto nas atas do Foro quanto do PT, foram feitas buscas por termos correlatos. Exemplos: quando buscando por *assuntos raciais*, também buscou-se por *raça*, *racismo* e *racista*, assim como plurais, como é o caso de *classe trabalhadora*, que, por vezes, aparece como *classes trabalhadoras*. Isso vale para quase todos os termos, buscando-se captar as diversas formas de expressão de um assunto nas atas, como *juventude*, que pode aparecer como *movimentos juvenis* ou *jovens*.

Foi feito um esforço para captar a evolução lexical sobre determinada área. Um exemplo são as pautas referentes ao *meio ambiente*. Enquanto, na década de 1980, a forma de nomear essa área incluía termos como *ecologia*, no século XXI passou-se a utilizar cada vez mais termos como *sustentabilidade* e *desenvolvimento sustentável*. Obviamente que essa mudança trouxe consigo também uma série de novos questionamentos e afirmações relativas a cada área. É o caso dos indígenas, que passaram a se autodenominar povos originários, questionando a nomenclatura anterior, tida como colonialista. O presente estudo não busca aprofundar essas discussões linguísticas, mas registrar e analisar o quão central ou periférico determinado assunto, termo, grupo social, país ou continente era nas discussões das esquerdas do continente, dentro dos recortes temporais propostos.

A metodologia quantitativa auxilia a perceber se determinado assunto, mesmo que constando nos documentos, possui uma relevância central ou marginal naquele agrupamento político. Ela evita que uma breve menção protocolar, uma exceção, seja tomada como regra. Metodologia parecida poderia ser aplicada comparando-se, quantitativamente, os conteúdos de programas partidários de governo apresentados nas eleições com o conteúdo dos discursos apresentados por candidatos em programas eleitorais, comícios, entrevistas e debates.

Analisando-se as críticas que os setores conservadores fazem ao FSP, percebeu-se que há um *modus operandi* recorrente: citar trechos de falas de determinadas lideranças e apresentá-las como uma visão representativa de todo o Foro. O mesmo vale para uma confusão entre as relações internacionais de um país e as relações internacionais de todo o Foro. Como se a relação entre o governo venezuelano com a China e o Irã, por exemplo, fosse igual à relação de todos os partidos de esquerda do continente com o Partido Comunista da China ou os aiatolás iranianos. A análise das fontes permite afirmar que não é correto confundir as relações internacionais de Estado com as relações internacionais dos partidos, ainda que em determinada situação existam pontos de convergências entre ambas.

É importante ressaltar que a análise quantitativa não pressupõe inicialmente uma análise qualitativa a respeito do assunto abordado, ainda que isso tenha sido feito pontualmente, em determinadas situações. A *Europa* é citada em diversos momentos, tanto negativamente, por conta de sua presença colonial em territórios latino-americanos, quanto positivamente, quando se menciona as lutas sociais e os intercâmbios com partidos de esquerda europeus. Ainda assim percebe-se, tanto nas atas do Foro quanto do PT, um certo eurocentrismo, enquanto os debates relacionados à *África* e à *Ásia* são menos recorrentes.

Há vasta bibliografia sobre as possibilidades abertas pelas ferramentas digitais para o uso de metodologias quantitativas em arquivos digitalizados. Em uma delas, Rik Hoekstra e Marijn Koolen fazem um levantamento das discussões nesta área, assim como analisam as dificuldades e propõem algumas soluções:

Os historiadores concebem seus dados como uma reação às suas perguntas de pesquisa. Eles também interagem com seus conjuntos de dados e os enriquecem e ampliam de forma interativa conforme o progresso da pesquisa. Cada etapa de seleção, enriquecimento e classificação representa uma escolha baseada em explorações e interpretações dos dados. Essas interações alteram os dados e são essenciais para a compreensão de qualquer análise subsequente, o que as torna parte da metodologia de pesquisa, mas há pouco consenso sobre como essas etapas podem ou devem ser realizadas. Além disso, eles raramente são relatados e discutidos. (tradução nossa).³⁹²

392 No original: "Historians conceive their data as a reaction to their research questions. They also interact with their datasets and interactively enrich and enlarge them as research progresses. Each step of selection, enrichment, and classification represents a choice that is based on explorations and interpretations of the data. These interactions change the data and are essential in understanding any

Hoekstra e Koolen apontam que é fácil selecionar todos os materiais contendo as mesmas palavras, mas nem sempre está claro se todos se referem ao mesmo assunto ou são usados em contextos semelhantes.³⁹³

Ainda que existam programas específicos para análises quantitativas, não foi possível encontrar um programa cuja licença tivesse um preço acessível a esta pesquisa. Tampouco foi possível programar um a partir de códigos de *software livre* disponíveis na internet, pela ausência de conhecimentos em programação por parte deste autor. Por fim, optou-se por utilizar ferramentas como o Word e Excel para o tabelamento dos termos, além do já citado *WordCloud*.

Ao analisar a quantidade de vezes que cada país é citado, vemos nas primeiras posições países cujos partidos são muitas vezes mencionados como principais lideranças do Foro (*El Salvador, Brasil, México, Cuba e Nicarágua*). As exceções são a presença, nas primeiras posições, da *Colômbia*, muito comentada em vários momentos pela preocupação em relação ao conflito envolvendo as FARC, assim como o *Uruguai*, menos citado do que o esperado inicialmente pelo pesquisador, já que muitas lideranças comentaram, em suas entrevistas, a influência da Frente Ampla no Foro.

Há subidas e descidas de acordo com a conjuntura política. Um país como *El Salvador* era mais citado quando a FMLN estava em processo de negociação e implementação dos processos de paz, ou quando vencida as eleições nacionais. Ao perder as eleições, passou a ser menos comentado. O mesmo vale para a *Venezuela*, que, pouco comentada nos documentos da década de 1990, passou a ser mais citada com a vitória de Hugo Chávez e sua integração ao organismo regional.

As pesquisas, nestes termos, demonstram que o FSP apresenta uma grande preocupação tanto com a consolidação dos acordos de paz da *Guatemala* e *El Salvador* quanto pela necessidade de abertura de processos de paz na *Colômbia*. Delegações foram enviadas, em diversos momentos, para esses países, não somente

subsequent analysis, which makes them part of research methodology, but there is little consensus on how these steps can or should be performed. Moreover, they are rarely reported and discussed". HOEKSTRA, Rik; KOOLEN, Marijn. *Data Scopes: towards transparent data research in Digital Humanities*. Cidade do México: 28 jun. 2018, p. 01.

³⁹³ Ibid, p. 6.

para buscar informações e subsidiar posicionamentos, mas também como forma de pressão aos governos pelo cumprimento de promessas.

Em geral os países e territórios do *Caribe*, com exceção de *Cuba*, são pouco citados. Segundo Regalado, uma série de motivos convergem para a pouca participação dos partidos caribenhos no Foro. Um dos principais motivos é a falta de recursos financeiros, uma vez que a presença em reuniões no continente se torna cara para partidos que, em geral, não possuem muita estrutura, assim como o histórico de distanciamento político e cultural dos países dessa região com o continente³⁹⁴. No geral, esses partidos costumam participar mais quando as reuniões são realizadas em Havana.

Uma leitura mais aprofundada das Atas mostrou que a relação entre o FSP e os partidos membros nem sempre foi tranquila e linear. Em 1991, o Foro declarava apoio aos “significativos avanços democráticos do povo haitiano, encarnados no Governo do padre Aristide”³⁹⁵. Anos depois criticava seu governo em virtude das denúncias de corrupção e autoritarismo. Em 2001, o Foro aprovou uma resolução contra as irregularidades do governo Jean Bertrand Aristide:

O X Encontro do Foro de São Paulo, reunido de 4 a 7 de dezembro de 2001, em Havana, Cuba, chama a atenção sobre as consequências das eleições fraudulentas de ano de 2000 no Haiti, que exasperaram uma prolongada crise institucional, evidenciando a incapacidade do governo populista e corrupto de Aristide em encarar os graves problemas da nação. Crescem a miséria e o descontentamento, enquanto a repressão e as violações dos direitos humanos nutrem uma crescente instabilidade e polarização política. As repetidas missões de conciliação empreendidas pela OEA e o CARICOM não puderam ainda facilitar uma saída negociada entre o poder Lavalas e a Convergência Democrática, a qual, com o apoio de amplos setores da população se mostra como a alternativa a este regime personalista que frustrou as esperanças populares.³⁹⁶

O Movimento Bolívia Livre apoiou, em 1993, a eleição de Gonzalo Sánchez de Lozada, não sem polêmicas sobre sua participação como membro do Grupo de

394 REGALADO, Roberto. op. cit., 2008, 176.

395 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração Final do II Encontro do FSP, Cidade do México, 1991. In: Compilação das Atas do FSP, p. 76. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 30 mar 2020.

396 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução sobre Haiti. X Encontro do FSP, Havana, 2001. In: Compilação das Atas do FSP, p. 508. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 30 mar 2020.

Trabalho do FSP enquanto permanecia na coligação governamental “no momento em que ele reprimia uma greve de professores”³⁹⁷. Regalado comenta que “o MBL foi separado do Grupo de Trabalho do Fórum, mas não deste último”.³⁹⁸

Em 2002, o Foro celebrou a vitória de Lúcio Gutiérrez à presidência do Equador, com o apoio do Movimento Pachakutik e de outras forças de esquerda. Chegou-se a deliberar pela realização do XII Encontro do Foro em Quito, no ano de 2003, o que não ocorreu (o encontro terminou por ser realizado em São Paulo, em 2005). O Foro rompeu com Gutiérrez após “a crescente evidência do caráter neoliberal e repressivo do governo (...) que provocou um colapso gradual das forças de esquerda que o compunham”³⁹⁹. Não foi o último caso de rompimento do Foro com um presidente que apoiara inicialmente. Em 2017, também houve um rompimento entre o Foro e o presidente equatoriano Lenín Moreno, posteriormente acusado de traidor na reunião do XXV Encontro de Caracas em 2019:

Denunciamos a situação no Equador, onde a desavergonhada traição de Lenin Moreno vai destruindo passo a passo o que foi feito pela Revolução Cidadã e praticando a judicialização da política contra Rafael Correa, Jorge Glas, Ricardo Patiño e tantos outros e outras com o inestimável apoio dos meios de comunicação de massa. (tradução nossa).⁴⁰⁰

É preciso ter cautela e não analisar as declarações do Foro como uma ligação direta entre este e os atores políticos e acontecimentos. Um exemplo é o Levante de 1994 em Chiapas, no México, promovido pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que contou com diversas declarações de apoio e solidariedade por parte do Foro. No entanto, o EZLN não possuía nenhuma ligação com os partidos mexicanos, ainda que tenham participado como convidados de alguns espaços do

397 POMAR, Valter; REGALADO, Roberto. op. cit., 2013, p. 68.

398 No original: “el MBL fue separado del Grupo de Trabajo del Foro, pero no de este último”. REGALADO, Roberto. op. cit., 2008, p. 141.

399 No original: “La creciente evidencia del carácter neoliberal y represivo del gobierno (...), provocó un desgajamiento paulatino de las fuerzas de izquierda que lo integraban”. Ibid., p. 217.

400 No original: “Denunciamos la situación de Ecuador, donde la traición descarada de Lenin Moreno está destruyendo paso a paso lo realizado por la Revolución Ciudadana y practicando la judicialización de la política contra Rafael Correa, Jorge Glas, Ricardo Patiño y tantos otros y otras con el inestimable apoyo de los grandes medios de Comunicación”. Declaração conjunta com o Partido da Esquerda Européia. XXV Encontro do FSP, Caracas, 2019. Disponível em: <https://forodesaopaulo.org/memoria-del-xxv-encuentro-del-foro-de-sao-paulo-25-al-28-de-julio-de-2019-caracas-venezuela/>. Acesso em: 01 nov 2020.

Foro. Os zapatistas advogavam uma estratégia insurgente de caráter autonomista, libertário e anticapitalista. Criticavam a institucionalidade como um todo e se negaram a dar apoio eleitoral aos candidatos das esquerdas mexicanas.

Em 2005, o Foro havia chegado à sua maioria. Não somente por estar presente na maioria dos governos do continente, mas por ter conseguido superar diversos momentos tensos e a possibilidade de rupturas em grande escala ou de sua própria dissolução. Alguns partidos deixaram de acompanhar seus encontros ao longo da história, mas nada que chegasse a conformar um movimento de saída mais amplo. Em seu 15º aniversário o Foro celebrou sua diversidade e suas conquistas no processo de combate à agenda neoliberal:

Em 1990, quando o Foro foi criado, a maioria das organizações fundadoras tinha no socialismo o horizonte estratégico a partir do qual pensava sua alternativa ao neoliberalismo. Hoje, quando a hegemonia neoliberal está sendo superada pela esquerda e atuamos em uma correlação de forças melhor do que a que prevalecia nos anos 1990, há uma variante mais ampla de respostas. Muitas das organizações que compõem o Foro de São Paulo continuam tendo como “objetivo final” a construção de uma sociedade alternativa superior ao capitalismo. Outras organizações trabalham pela constituição de sociedades com altas doses de bem-estar social, democracia política e soberania popular, no marco do capitalismo. Além dessa diferença programática, diferentes estratégias políticas também coexistem no Fórum de São Paulo, no que diz respeito às formas de luta, sua participação nos processos eleitorais, o papel das forças de esquerda nos governos eleitos e a relação com a classes dominantes locais e com os Estados Unidos.⁴⁰¹

A hegemonia de uma estratégia que privilegiava as disputas eleitorais estava agora explícita nas atas, especialmente após a eleição de Lula em 2002. “A conquista

401 No original: “En 1990, cuando se creó el Foro, la mayor parte de las organizaciones fundadoras tenía en el socialismo el horizonte estratégico a partir de cual pensaban su alternativa al neoliberalismo. Hoy, cuando la hegemonía neoliberal está siendo rebasada por la izquierda y actuamos en una correlación de fuerza mejor que en aquella que predominó en los años 90, hay una variante más amplia de respuestas. Muchas de las organizaciones que integran el Foro de São Paulo siguen teniendo como “objetivo final” la construcción de una sociedad alternativa y superior al capitalismo. Otras organizaciones trabajan por la constitución de sociedades con altas dosis de bienestar social, democracia política y soberanía popular, en los marcos del capitalismo. Además de esta diferencia programática, conviven también al interior del Foro de São Paulo distintas estrategias políticas, con respecto a las formas de lucha, su participación en procesos electorales, el papel de las fuerzas de izquierda en gobiernos electos, y la relación con las clases dominantes locales y con los Estados Unidos”. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Documento Base Propuestas alternativas al neoliberalismo en el ambito político, social y económico. XIII Encontro do FSP, El Salvador, 2007. *In*: Compilação das Atas do FSP, p. 648. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

do governo no maior país do continente reafirma a validade de uma política de alianças de máxima amplitude e profundidade, formada em torno do Partido dos Trabalhadores com seu programa de transformações sociais”⁴⁰². A vitória de Lula e a expansão da “maré rosa” foi a confirmação de que estava consolidado o giro estratégico, teórico e programático da maior parte das esquerdas da América Latina. Ainda que subsistissem partidos e organizações que atuassem em defesa de uma ruptura brusca com o capitalismo, eles formavam uma minoria no Foro. Alguns desses setores deixaram de acompanhar os encontros, outros continuaram presentes, mas não o colocavam como espaço preferencial de articulação internacional, preferindo privilegiar outros espaços.

Diversos estudos específicos foram elaborados sobre a influência do Foro na agenda política dos governos de esquerda do continente. Uma influência que não se originava de comandos oriundos de um fictício “comitê central latino-americano”, como aventam muitos de seus críticos, mas advinha do intercâmbio de práticas pensadas e executadas a partir de cada país.

Em 2020, o Foro segue sendo criticado pela direita, e mesmo setores da esquerda e centro-esquerda do continente não o consideram como central em seus debates e atuação internacional. Desde a sua fundação e ao longo de sua história, são muitos os setores que não se sentem totalmente confortáveis com o Foro e com seus participantes. Ainda assim, o PT, seu principal articulador, segue considerando-o como espaço estratégico importante, a julgar pelas seguidas declarações de solidariedade internacional ao Foro e seus integrantes.⁴⁰³

Sobre a lista de termos mais recorrentes na pesquisa das atas, *democracia* e *esquerda* estão sempre no topo. A palavra *neoliberal*, é muito usada em tom crítico, na década de 1990, mas depois aparece cada vez menos. Termos como *rebelião*, *insurreição*, *luta de classes* e *marxistas* são citados pouquíssimas vezes em todos os recortes temporais.

402 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do XI Encontro do FSP, Antigua, 2002. In: Compilação das Atas do FSP, p. 629. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

403 Em encontro exibido pelo PT, Maduro chama Bolsonaro de “tremenda desgraça”. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/em-encontro-exibido-pelo-pt-maduro-chama-bolsonaro-de-tremenda-desgraca/>. Acesso em: 10 set. 2020.

Lembrando sempre que cada um desses conceitos costuma ter significados diferentes para cada pensador e liderança. No decorrer dos Encontros realizados no século XXI, percebe-se que cada vez mais que os termos e conceitos se tornam menos precisos. Essas indefinições são propositais, para evitar divisões. Se o Foro decidisse debater e conceitualizar, de forma mais precisa, sobre o que é uma *revolução* e o que definiria o *socialismo*, isso tenderia a gerar uma série de rachas.

Alguns documentos ainda referem-se a termos de conceituação complexa e polêmica, porém de forma fluida, sem focar na questão teórica:

Sem tentar listar aqui todas as iniciativas que devem ser incluídas em um programa alternativo ou fazer um desenvolvimento exaustivo delas, convém rever alguns dos elementos essenciais a levar em conta para estruturar nossas propostas nacionais, populares, **democráticas e revolucionárias**, cuja aplicação deve se ajustar às peculiaridades de cada realidade nacional e às correlações de forças em cada lugar e época, tendo em vista o desenvolvimento integral da pessoa. (tradução e grifos nossos).⁴⁰⁴

Em um mesmo discurso, a mesma pessoa pode tecer falas contraditórias a respeito de um termo. Exemplo disso é o discurso de Lula, em São Bernardo, antes de ser preso em 2018, ao afirmar que: “se eu não acreditasse na Justiça, eu não tinha feito partido político. Eu tinha proposto uma revolução nesse país. Mas eu acredito na Justiça”, para pouco depois alegar que “eles têm de saber que a morte de um combatente não para uma revolução”.⁴⁰⁵

Alguns termos aparecem basicamente para citar períodos anteriores, sendo o caso de *comunismo*, utilizado para se referir ao passado da Guerra Fria. *Comunista*, por outro lado, na grande maioria das vezes, aparece quando são citadas as

404 No original: “Sin pretender enumerar aqui todas las iniciativas que han de ser incluidas en un programa alternativo ni hacer un desarrollo exhaustivo de ellas, es oportuno reseñar algunos de los elementos esenciales a tener en cuenta para estructurar nuestras propuestas nacionales, populares, democráticas y revolucionarias, cuya aplicación deberá ajustarse a las peculiaridades de cada realidad nacional y a las correlaciones de fuerzas en cada lugar y momento, teniendo presente el desarrollo integral de la persona”. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do VIII Encontro do FSP, Cidade do México, 1998. In: Compilação das Atas do FSP, p. 377. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

405 Íntegra do discurso de Lula proferido no dia 07 de abril de 2018, em São Bernardo do Campo-SP, pouco antes de se apresentar à Polícia Federal para cumprir mandato de prisão. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

presenças e falas dos partidos ligados a essa vertente política, poucas vezes aparecendo na narrativa textual.

Não somente os setores políticos próximos passam a dialogar mais com a criação do Foro, eles também passam por um processo de profundas transformações. Talvez não tanto por influência deste ou daquele partido, mas por necessidade própria de romper com o isolamento em seus próprios países. O fato de outros grupos e lideranças, em outros países, estarem passando pelas mesmas mutações pode ter sido um fator muito mais a dar coragem para estes continuarem trilhando o mesmo caminho de mudanças nas estratégias e nos programas e alianças.

As formulações mais recentes mostram um aumento do fenômeno da paradiplomacia, ou seja, do diálogo de entes subnacionais atuando nas relações internacionais. Esse não é um fenômeno novo, mas tem sido cada vez mais relevante com o processo de globalização⁴⁰⁶. Ainda que os pesquisadores costumem utilizar tal conceito para analisar a atuação internacional de entidades como governos estaduais, municipais e mesmo parlamentares, ou então de empresários, podemos estendê-lo também aos partidos políticos e suas redes internacionais. Exemplo disso é o fato do FSP e de outras organizações internacionais partidárias realizarem o intercâmbio de parlamentares, prefeitos e governadores, assim como de movimentos sociais.

3.2.1-Novas pautas, novos atores

Sobre os grupos sociais, movimentos e locais de atuação mais citados destacam-se os *indígenas* e *povos originários*, seguido de *mulher*. Os *movimentos sociais*, de forma geral, também são muito debatidos. O termo *trabalhadores* possui um razoável número de aparições, bem mais do que *sindicatos*. Isso talvez se deva à percepção de que o continente não possuía uma classe trabalhadora nos moldes europeus. Os processos de industrialização de alguns países apresentavam características próprias, largamente analisadas por teóricos que cunharam o conceito de desenvolvimento dependente. Isso gerou uma classe operária urbana pouco numerosa e restrita a algumas cidades. Sobre a especificidade demográfica e política

406 ISER, Guilherme de Cruzeiro. *Os entes subnacionais nas relações internacionais: o fenômeno da paradiplomacia*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013, p. 25.

do Peru, posteriormente ampliada para outros países do continente, Mariátegui afirmou, ainda no início do século XX:

Por minha conta, o que afirmo é que, em relação à convergência ou articulação de “indigenismo” e socialismo, ninguém que considere o conteúdo e a essência das coisas pode surpreender-se. O socialismo ordena e define as reivindicações das massas, da classe trabalhadora. E, no Peru, as massas – a classe trabalhadora – são indígenas na proporção de quatro quintos. Nosso socialismo, pois, não seria peruano – sequer seria socialismo- se não se solidarizasse, primeiramente, com as reivindicações indígenas. Nessa atitude, não se esconde nenhum oportunismo. Não se descobre nenhum artifício, se se pensa por dois minutos no que é socialismo. Esta atitude não é postiça, fingida ou astuta. É apenas socialista.⁴⁰⁷

Sobre a questão dos *povos originários*, as orientações do Foro versavam sobre garantir sua autonomia e autodeterminação:

Na América Latina e Caribe, a autonomia dos povos indígenas e dos grupos étnicos, social e culturalmente estruturados, exige bases econômicas próprias e formas de representação políticas idôneas, como parte indispensável de todo projeto de participação democrática. A luta pela democracia em nosso continente também deve expressar o anúncio do fim do colonialismo na América Latina e Caribe e o respaldo ao direito destes povos a sua autodeterminação e plena independência.⁴⁰⁸

Os *parlamentares* foram concebidos não como grupo social propriamente dito, mas como uma das frentes políticas consideradas relevantes enquanto espaço de articulação. Fruto dessa avaliação foram realizados uma série de encontros parlamentares. Nas últimas atas esta área de atuação tem aparecido proporcionalmente mais nos documentos. *Universidade* também foi agrupada aqui não como um grupo, mas um local de atuação, assim como a expressão *diversidade sexual*, que configura uma pauta específica e abarca diversos grupos internos.

Optei por separar os termos *mulher* e *feminista* para ter um detalhamento do tipo de debate de tal pauta dentro do Foro. Nessa área, a utilização do termo *feminista*

407 MARIÁTEGUI, José Carlos. *Por um socialismo indo-americano*. Seleção e introdução: Michael Löwy. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p. 110

408 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do III Encontro do FSP, Manágua, 1992. In: Compilação das Atas do FSP, p. 95. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 17 jun. 2020.

pode ser mais polêmica, muitas vezes sendo substituída pelo termo *movimento de mulheres* para evitar maiores atritos. Há um longo debate sobre o feminismo ser uma parte de um movimento mais amplo, o movimento de mulheres⁴⁰⁹. As mulheres muitas vezes fizeram registrar nos documentos as suas insatisfações com o Foro e com seus próprios partidos, exigindo mais espaço nos processos decisórios e nas direções partidárias.

As pautas de *movimentos sociais* específicos eram geralmente debatidas em encontros e oficinas temáticas, aparecendo nas primeiras declarações e resoluções de uma forma mais geral, incluída no rol dos grupos discriminados pela sociedade, como se pode constatar no documento final do II Encontro em 1991:

Para que esta democracia possa se constituir e desenvolver, é de fundamental importância que os trabalhadores e os setores populares tenham neste processo um papel protagônico decisivo. Uma democracia, como processo aberto de criação de novos direitos incorpora necessariamente reivindicações e alternativas que são apresentadas pelo movimento de mulheres, pelos que lutam pela preservação do meio ambiente, pelos jovens, pelas nacionalidades e etnias – minorias ou não – que sofrem a opressão e discriminação em nossas sociedades.⁴¹⁰

Entretanto havia cada vez mais uma interseccionalidade⁴¹¹ entre as militâncias, que foi se articulando ao longo dos anos. Os partidos começaram a se abrir para os debates oriundos dos movimentos das mais diversas áreas:

A maioria das mulheres insistiu que a diversificação das arenas da luta feminista representou um avanço para o movimento. Eles pareciam estar desenvolvendo uma concepção revisada de militância dupla: em vez de levar sua linha partidária para uma organização feminista, uma mulher levaria sua linha feminista para seu partido, seu sindicato, sua organização de bairro ou seu trabalho. Essa reformulação da prática feminista, argumentaram, seria mais apropriada em uma era de

409 SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. In: BORBA, Ângela [et. al.] (org.). *Mulher e Política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 38.

410 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Declaração final do II Encontro do FSP, Cidade do México, 1991 In: *Compilação das Atas do FSP*, p. 91. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

411 Termo oriundo da sociologia estadunidense. Patrícia Hill Collins, a partir da obra *Black Feminist Thought (1990)*, afirma a necessidade de abordar as intersecções entre gênero, raça e classe na estruturação da posição das mulheres negras nos Estados Unidos da América.

regimes democratizantes e ampla mobilização política popular. (tradução nossa).⁴¹²

Essas áreas de atuação cresceram em importância e deixaram de ser vistas apenas como paralelas ou marginais, mas como estruturantes para o debate da formação social das populações e da organização econômica dos países e do mundo.

Que as definições do 7º Fórum de São Paulo considerem a impossibilidade absoluta de transformações estruturais de nossos países sem a devida consideração do problema racial e do caráter estratégico do combate ao racismo na disputa por uma nova sociedade e na construção de um projeto alternativo ao neoliberalismo. Propondo para o novo milênio que se aproxima um horizonte mais justo, sem discriminação de raça, classe e sexo e outras formas de dominação. (tradução nossa).⁴¹³

A discussão de gênero avançou, no âmbito do Foro, com novas propostas para inclusão das mulheres e igualdade de gênero nos partidos, movimentos e na sociedade:

A importância das cotas como mecanismo transitório foi confirmada enquanto as iniquidades são corrigidas. Ao mesmo tempo, constatou-se que se trata de uma medida insuficiente e que é necessária a implementação de políticas abrangentes e mecanismos de democratização interna que permitam garantir a progressiva presença e permanência das mulheres nos cargos de decisão. (tradução nossa).⁴¹⁴

412 No original: "Most women insisted that the diversification of arenas of feminist struggle represented an advance for the movement. They seemed to be developing a revised conception of double militancy: instead of carrying her party line into a feminist organization, a woman would carry her feminist line into her party, her union, her neighborhood organization, or her job. This reformulation of feminist practice, they argued, would be more appropriate in an era of democratizing regimes and extensive popular political mobilization". STERNBACH, Nancy Saporta [et. al.]. *Feminisms in Latin America: From Bogotá to San Bernardo*. Signs, Vol. 17, No. 2, 1992, p. 426.

413 No original: "Que las definiciones del 7º Foro de São Paulo consideren la absoluta imposibilidad de transformaciones estructurales de nuestros países sin la debida consideración de la problemática racial y del carácter estratégico del combate al racismo en la disputa por una sociedad nueva y en la construcción de un proyecto alternativo al neoliberalismo. Proponiendo para el nuevo milenio que se aproxima un horizonte más justo, sin discriminación de raza, clase y sexo y otras formas de dominación". CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução da oficina de movimentos sociais—o problema racial negro, 1997. In: *Compilação das Atas do FSP*, p. 303. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 13 set. 2020.

414 No original: "Se constató la importancia de las cuotas como mecanismo transitorio mientras se corrigen las iniquidades. Al mismo tiempo, se evidenció que es una medida insuficiente y que es necesario implementar políticas integrales y mecanismos de democratización interna que permitan garantizar una progresiva presencia y permanencia de mujeres en los puestos de decisión". CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução da Oficina de mulheres, 2000. In: *Compilação das Atas do FSP*, p. 729. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 15 set. 2020.

Em relação aos *jovens*, o PT e o Foro possuem um histórico irregular de intercâmbios. Em 1997, no VII Encontro, foi realizada uma oficina de jovens, com protagonismo do PT e da Frente Ampla do Uruguai. No VIII Encontro, em 1998, a oficina já contou com 10 organizações de 6 países. Durante o IX Encontro de 2000, não havia lista de presença. Aparentemente não houve oficina nem resolução de jovens no X e XI Encontro, organizados respectivamente em 2001 e 2002. Finalmente em 2005, no XII Encontro em São Paulo, foi novamente realizada uma oficina de *juventudes*, com o apoio Secretaria Nacional de Juventude do PT (SNJPT), conforme relatam Bruno Elias e Rodrigo Cesar:

No correr dos acontecimentos no PT, debatemos a fundo a JPT e a juventude em geral. No curso da gestão 2005-2008 da SNJPT, foram organizadas rodas de debates sobre juventude na fundação Perseu Abramo, as quais visavam aprofundar nossa análise sobre a realidade de juventude. Outra frente importante aberta foi na fronteira das relações internacionais. O grupo de trabalho de juventude em RI construía coletivamente nossa intervenção nesse cenário, no qual organizamos o maior encontro das Juventudes Políticas do Mercosul e se desenhou o embrião do encontro das juventudes das organizações do Foro de São Paulo.⁴¹⁵

De uma forma geral, percebe-se uma certa diferença entre os posicionamentos apresentados nos grupos temáticos e os debates centrais do Foro. As oficinas dos movimentos sindical, de mulheres, de juventudes, de indígenas e de negros possuem, aparentemente, posições mais radicalizadas, com muitos questionamentos e críticas colocadas ao funcionamento dos próprios partidos, ainda que não necessariamente questionando a estratégia destes. Por outro lado, as oficinas de empresários, parlamentares, e municipalidades/autoridades locais costumam ser mais moderadas, em geral com avaliações positivas, tanto das táticas quanto das estratégias e mesmo do funcionamento dos partidos. Esse descompasso provavelmente se deve ao espaço efetivo que parlamentares e lideranças institucionais ocupavam cada vez mais nos partidos, em detrimento das lideranças diretamente oriundas de movimentos sociais.

415 ELIAS, Bruno; CESAR, Rodrigo. *O PT e a juventude. A esperança em construção*. São Paulo: Editora Página 13, 2015, p. 19.

As oficinas de cristãos possuem um caráter de discussão de valores morais e religiosos, sendo de difícil categorização no espectro político.

O posicionamento final geral do Foro não era apenas a média entre essas posições. Havia uma orientação para uma estratégia comum de articulação entre todas essas frentes, centrando-se na institucionalidade enquanto foco de atuação principal, inclusive dos movimentos. A tais grupos, caberia sim fazer a luta social, mas visando acumular forças para ganhar espaços institucionais. Uma vez ocupados esses espaços, os movimentos deveriam manter sua luta também fora da institucionalidade, estabelecendo canais de diálogo com os gabinetes dos parlamentos e do Poder Executivo governados por aliados.

Em relação ao contexto político, a resolução da oficina de movimentos sociais realizada em 1998 chega a afirmar que: “estamos, neste momento histórico, testemunhando o declínio internacional da doutrina neoliberal imposta às nossas nações pelo grande capital financeiro internacional e suas organizações por meio das facções dominantes locais”.⁴¹⁶

Essa não era uma opinião consensual entre os próprios representantes do Foro pois, apesar dos governos neoliberais do continente estarem perdendo apoio e as oposições de esquerda crescendo, tal fato não pode ser visto como um movimento global. O neoliberalismo seguia hegemônico nos Estados Unidos, Europa Ocidental e outros países ao redor do mundo. Mesmo o crescimento das esquerdas do continente vinha ocorrendo às expensas de uma moderação nos programas e posições públicas, normalmente ainda mais moderadas do que os documentos oficiais deliberados em encontros.

Na mesma oficina de movimentos sociais de 1998, chega-se a aprovar uma resolução proposta pela *Coordinadora Centroamericana de Trabajadores* (COCENTRA) e pela *Iniciativa Civil para la Integración Centroamericana* (ICIC), que defende:

1. A necessidade da integração de um Fórum do Trabalho nos mecanismos de negociação da ALCA, onde participem as expressões organizadas dos trabalhadores do continente.

416 No original: “Estamos, asistiendo en este momento histórico al declive internacional de la doctrina neoliberal impuesta a nuestras naciones por el gran capital financiero internacional y sus organismos a través de las camarillas gobernantes locales”. CÁMARA DOS DEPUTADOS. Resolução da oficina de movimentos sociais, 1998. *In*: Compilação das Atas do FSP, p. 141. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 15 set. 2020.

2. A urgência de que o tratado da ALCA incorpore uma cláusula social que contenha a obrigação de respeitar e cumprir os compromissos dos Estados com as convenções e recomendações da OIT, a melhoria do nível de saúde, previdência social e do salário mínimo. (tradução nossa).⁴¹⁷

Essas afirmações demonstram que, mesmo entre os movimentos sociais, havia posições conciliatórias. Outros setores defendem uma oposição frontal de denúncia para buscar barrar o projeto da ALCA. Ambas as posições aparecem nas atas até que a posição mais radicalizada foi efetivada como oficial pelo Foro. Ainda assim, esta postura serve para derrubar o senso comum que costuma simplificar a questão vendo apenas a oposição entre movimentos sociais radicais *versus* setores institucionais burocráticos e moderados. Até porque estes não se sustentariam politicamente sem o apoio daqueles.

Em muitas situações, as críticas se dão sob o prisma da disputa por espaços e estruturas partidárias e nos espaços institucionais conquistados pelos partidos nos aparatos estatais (mandatos parlamentares, prefeituras). A preocupação para que essa relação não se tornasse um viés de burocratização e desmoralização desses movimentos se faz presente, em diversos momentos, nas atas do Foro.

Universidade, intelectuais e artistas são termos pouco comentados. Apesar de a palavra *cultura* ser muito citada (será analisada mais adiante), os artistas, que seriam os prováveis operadores de uma mudança nessa área não foram figuras tão centrais na estruturação das estratégias políticas das esquerdas latino-americanas.

Empresários aparece no meio da tabela, sendo que, sobre esse termo, há dois tipos de abordagens. A primeira trata-se da crítica aos empresários, especialmente os grandes, que apoiam os governos neoliberais. A segunda ocorre pela realização de oficinas de empresários. Discute-se a necessidade de buscar alianças com os empresários nacionalistas ou com a burguesia nacional, assim como com a pequena burguesia ou classe média.

Sobre os assuntos de maior relevância, *economia* aparece como o tema mais comentado em todos os períodos. Faz-se necessário registrar que os temas

417 No original: "1. La necesidad que en los mecanismos de negociación del ALCA se integre un Foro Laboral, donde participen las expresiones organizadas de los y las trabajadoras del continente. 2. La urgencia que en el tratado del ALCA se incorpore una cláusula social que contenga la obligatoriedad al respeto y cumplimiento de los compromisos de los estados con los convenios y recomendaciones de la OIT, el mejoramiento del nivel de salud, seguridad social y del salario mínimo". Ibid, p.134.

econômicos não são restritos apenas aos termos *economia* ou *econômico*. Para uma análise mais totalizante seria necessário somá-los com *mercado*, *produção* e muitos outros que, se adicionados, colocariam o tema ainda em maior evidência. De uma forma geral, as grandes mudanças percebidas foram a diminuição das citações à *dívida* e *fome*. Também chamou a atenção as poucas menções à *saúde*.

Integração sempre aparece em destaque em todas as atas, para criticar o modelo realizado pelos governos com base no comércio, e para estabelecer uma nova proposta de integração regional. Nesse modelo alternativo, o trânsito de pessoas, o intercâmbio científico e cultural e mesmo a integração econômica seriam mais profundos, respeitando as diferenças de cada país.

O tema das *drogas* aparece no contexto de crítica à controversa política antidrogas norte-americana, em parceria com os governos locais, o que terminava por gerar uma série de violências contra as populações camponesas das regiões afetadas pela cadeia produtiva e distributiva de narcóticos, geralmente encurralada entre militares, paramilitares e narcotraficantes. Também assustava o contexto do crescente abuso e vício de drogas nas regiões urbanas empobrecidas do continente.

Optou-se por não quantificar termos como *Estado*, *poder*, *governo*, *partido*, e *política*, entre outros, em nenhuma tabela, por compreender que eles são estruturas que perpassam todas as áreas de forma estratégica.

Cultura também é um assunto sempre relevante nos documentos. A formulação de uma herança cultural latino-americana comum, a valorização da diversidade cultural e histórica dos países, assim como suas tradições e a pressão advinda da indústria cultural dos Estados Unidos, são questões abordadas. A cultura é vista como estratégica na disputa política e mecanismos de integração nessa área são construídos, desde a realização de encontros específicos até a realização de festivais culturais e artísticos. Em 1997, a declaração sobre cultura afirma que “É importante diferenciar o produto cultural de bens culturais. Devemos contrapor ao neoliberalismo uma cultura que significa valores universais, diversidade cultural e liberdade crítica em oposição ao obscurantismo do pensamento único”⁴¹⁸. A cultura é vista como um meio de resgatar a identidade dos povos.

418 CÂMARA DOS DEPUTADOS. Resolução aprovada no Seminário Política Cultural Latino-americana frente ao Neoliberalismo. VII Encontro do FSP, Porto Alegre, 1997. In: Compilação das Atas do FSP, p. 136. Disponível em: <http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/>. Acesso em: 17 out. 2020.

Os assuntos relacionados a *salário e renda* aparecem pouco, assim como há uma queda dos debates sobre *emprego e desemprego* no século XXI. Durante esses períodos as esquerdas passaram a dar mais centralidade às políticas sociais compensatórias.⁴¹⁹

O tema *segurança* é utilizado tanto para criticar as políticas dessa área, aplicada pelos Estados Unidos e seus parceiros na região, quanto para defender novas políticas de segurança nacional. Dentro dessa pauta há um destaque especial para a preocupação com as bases militares americanas no continente e com o Plano Colômbia, um acordo bilateral entre o governo local e o americano para o combate ao narcotráfico na região. Já o termo *Globalização* é utilizado tanto para criticar as consequências negativas de tal processo quanto para propor um outro modelo de integração.

Sem análises de mérito, o que implicaria um estudo muito mais aprofundado sobre a forma de utilização de cada termo específico, o importante aqui é a percepção de que este ou aquele determinado assunto ocupava mais ou menos espaço no debate e agenda dos partidos integrantes do Foro. Claro que há exceções, como *droga, tráfico, terrorismo e privatizações*, que são termos que sempre aparecem com conotação negativa nas atas.

3.3-Atas do Partido dos Trabalhadores

Nas atas do PT a metodologia utilizada foi a mesma citada anteriormente em relação às atas do Foro. Foi realizada uma pesquisa exploratória com nuvens de palavras gerada pelo WordClouds e posterior montagem de tabelas com recortes temporais específicos e de temas correlatos. Foi feito um recorte temporal em três períodos:

1) Desde antes de sua fundação até 1990: compreende os primeiros documentos pré-PT (Tese de Santo André-Lins, Carta de Princípios, Declaração Política e Plataforma Política), os documentos de fundação do partido (Manifesto de Lançamento e Programa) e as resoluções de oito encontros nacionais (I, II, III, Extraordinário de 1985, IV, V, VI e VII).

419 Cf. tabelas no Anexo C.

2) Entre 1991 e 2002: compreende os documentos relativos a seis encontros nacionais (VIII, IX, X, XI, Extraordinário de 1998 e dois congressos nacionais do partido (I e II).

3) Entre 2003 e 2017: compreende o XII Encontro Nacional (2006) e o III, IV, V e VI Congressos.

Foram analisados principalmente documentos finais e moções, descartando documentos como listas de direções eleitas, regimentos internos, estatuto e recursos eleitorais, entre outros de caráter burocrático.

Quanto aos países e regiões mais citados nas atas do PT, houve um aumento acentuado do debate internacional a partir da década de 1990, em relação à década anterior, efeito provável do maior intercâmbio proporcionado pelo Foro. Na década de 1980, a *Nicarágua* ocupava boa parte dessas discussões. A *China* foi citada em várias ocasiões com fortes críticas à repressão dos protestos na Praça da Paz Celestial.

Na década de 1990, houve um aumento considerável nas menções à *América Latina*. Os *Estados Unidos* também passaram a ocupar cada vez mais espaço nas atas do partido. *Cuba* saltou do final da tabela, na década de 1980, para um dos países mais citados em 1990. A *Nicarágua* passou a ocupar um espaço menor nos documentos petistas, provavelmente como fruto da derrota sandinista nas eleições de 1990.

Apesar do Foro parecer ter influenciado no aumento dos debates petistas relativos ao continente latino-americano, isso não se aplica ao debate a respeito de todos os países da região. Os conflitos na *Colômbia* e as disputas no *Uruguai* continuaram ocupando pouco espaço nos debates internos petistas. Mesmo a *Guatemala*, cuja guerra civil só se encerrou em 1996, só foi citada 3 vezes ao longo de toda a década.

No terceiro período analisado, a principal mudança perceptível foi o aumento considerável do uso do termo *América do Sul*, um giro conceitual e político já abordado anteriormente. A *China* passa a ser retratada nos documentos de forma positiva, assim como há um aumento das citações à *África*.

Mesmo na oposição, os partidos possuem grande capacidade de influenciar a opinião pública e o rumo das relações internacionais de forma mais ampla. Ana Maria Stuart, que foi assessora da Secretaria de Relações Internacionais do PT e do Foro, afirmou, em um trabalho baseado em sua tese de doutorado, que “atualmente, os

Estados tendem a ficar sujeitos à necessidade de consenso entre vários âmbitos ou níveis (nacional, subnacional e supranacional) e aumentam as pressões normativas da sociedade civil⁴²⁰. A pressão pública pode ocorrer tanto por meio de manifestações de ruas, atividades acadêmicas ou mesmo da denúncia junto a organismos multilaterais, uma vez que os sindicatos possuem assentos em organismos da Organização das Nações Unidas (ONU), como é o caso da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ou então de fóruns e encontros dos mais variados tipos.⁴²¹.

Os representantes dos partidos decidem participar de espaços internacionais nos quais precisam de certa forma, relatar como tem sido o seu progresso. Esses relatos ocorrem tanto em relação aos prognósticos das ações propostas por eles mesmos, em anos anteriores, quanto no comparativo dos sucessos e fracassos dos seus congêneres. Um partido que esteja vivenciando um crescimento tende a atrair mais atenção e servir de exemplo aos demais do que aqueles que não conseguem crescer, sejam quais forem suas fundamentações teóricas.

Quanto aos termos, nos três períodos, *democracia* e *eleições* são os mais aparentes. Há alguns alertas para se evitar o *eleitoralismo*, mas, no geral, a preocupação maior é em promover um crescimento eleitoral em todas as disputas enfrentadas, ainda que com uma preocupação maior com as alianças e os programas.

A palavra *Socialismo* está muito presente em todos os períodos. Lembro novamente o que Genoíno, Pomar e vários outros dirigentes e estudiosos já apontaram: que tal conceito está em constante transformação.

Greves foram cada vez menos comentadas, assim como *classe* e *luta de classes*. O PT dos anos 1990 e 2000 discutia cada vez menos a organização das lutas sindicais, deixando o tema a cargo da CUT.

Revolução manteve certa estabilidade. Assim como *socialismo*, o termo fora ressignificado, passando a nomear quaisquer mudanças mais profundas, desembocando, por fim, no conceito de *revolução democrática*.

420 STUART, Ana Maria. O papel dos valores e das idéias nas Relações Internacionais: a contribuição do enfoque construtivista. In: TOLENTINO, Célia; POSSAS, Lídia M. Vianna; CORREIA, Rodrigo Alves (orgs). *Ideias e cultura nas relações internacionais*. Marília: Editora Oficina Universitária, 2007, p. 47.

421 Em Conferência Regional da OIT, CUT denuncia consequências do golpe de 2016. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/cut-questiona-diretor-geral-da-oit-e-rebate-governo-brasileiro-no-panama-7606>. Acesso em 23 jul. 2020.

Dentre as medidas necessárias para construir o que o partido compreendia como sendo uma revolução democrática, destaca-se:

A implantação do estado de direito deve estar acompanhada de mudanças ainda mais profundas, que assegurem mecanismos de participação direta da população nas decisões, como plebiscitos e referendos, e a constituição de novas esferas públicas não estatais, que permitam os mais diversificados mecanismos de controle da sociedade sobre o Estado.⁴²²

Termos como *comunismo*, *marxista*, *insurreição* e *rebelião* foram pouco utilizados em todos os períodos. Isso não surpreende, já que o partido jamais advogou diretamente em favor dessas formas de atuação, ainda que algumas correntes minoritárias do partido as defendessem.

Reforma é um termo ambíguo nesta abordagem, assim como tantos outros. Surge tanto para críticas às reformas neoliberais realizadas pelos partidos de direita quanto para a defesa de reformas progressistas a serem realizadas quando o partido chegasse ao governo.

A *Estratégia* que o partido deveria seguir foi um assunto discutido ao longo da década de 1980 e 1990. Em 1987, no V Encontro Nacional o tema é abordado tendo em vista esclarecer as contradições internas da classe burguesa:

Ao tomar a classe burguesa como inimiga principal, estratégica, muitos militantes são levados a se oporem a que se aproveitem as contradições momentâneas entre os diversos setores da burguesia. Colocam-se contra qualquer aliança política, tática ou pontual, com alguns desses setores. Mas o que importa aqui é que tais posturas são reflexos também de um conhecimento insuficiente ou mesmo de um desconhecimento das contradições internas que movem as classes em sua luta, e que muitas vezes podem colocar em oposição diferentes setores da própria burguesia. Esse conhecimento insuficiente é uma das razões principais que explicam por que o PT, como um todo, ainda não avançou suficientemente nas definições estratégicas.⁴²³

Em 2017, no seu VI Congresso, o partido registra que:

422 CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. A Conquista do Socialismo. V Encontro Nacional do PT, Brasília, 1987. *In*: O socialismo nas resoluções..., p. 90. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2018/11/Caderno-Perseu-3-web.pdf>. Acesso em: 20 out, 2020.

423 Ibid.

As medidas adotadas pelo governo usurpador, de ruptura da ordem democrática e das garantias constitucionais, colocam sob risco a estratégia proposta por nosso partido desde 1987, particularmente se vier a bloquear, mesmo momentaneamente, o caminho eleitoral ao comando do Estado. Somente poderemos enfrentar cenário com essas características se fortalecermos nossas relações com movimentos, frentes e partidos que tenham seu centro de gravidade na organização e mobilização popular, para defendermos o processo democrático a partir da vigilância e da fiscalização das instituições, recorrendo a métodos de intensa participação social. Para tanto, o Partido dos Trabalhadores deve recombinar atuação nos parlamentos e executivos com a intensificação da atuação de seus filiados nos núcleos, diretórios zonais, municipais e estaduais, nos setoriais, de modo a fortalecer a participação nos sindicatos, organizações estudantis, culturais e populares, nas entidades de bairro e movimentos reivindicatórios, ajudando na revitalização da política e da confiança na participação popular, como instrumento de libertação econômica, social e política das classes trabalhadoras.⁴²⁴

Sobre os assuntos, *economia* aparece como o mais comentado em todos os períodos. *Salário e renda, educação e cultura* também apresentam grande interesse. Isso demonstra que as preocupações macroeconômicas e relativas à situação financeira da classe trabalhadora seguiram sendo relevantes para o partido.

Assim como nas atas do Foro de São Paulo, *dívida* foi um assunto menos comentado no século XXI. Em contrapartida as questões relacionadas à *violência e segurança* passaram a ser cada vez mais debatidas.

Diferentemente dos assuntos discutidos no Foro, problemas graves de outros países têm sido pouco discutidos nos documentos do PT, especialmente *terrorismo e migração*. Mesmo que não sejam grandes questões nacionais internas, os temas por vezes se destacam como preocupações regionais tal como o caso da migração significativa de venezuelanos para Roraima.

Os assuntos relacionados à *integração regional* apareceram de forma mais recorrente nas atas partidárias, desde a década de 1990. No entanto, o tema se restringiu à pasta de relações internacionais e aos debates macroeconômicos ou mesmo culturais, ainda pouco integrados, de forma transversal, aos demais assuntos e pautas.

424 PARTIDO DOS TRABALHADORES. Resolução sobre Estratégia e Programa. Caderno de Resoluções do VI Encontro Nacional do PT, Brasília, 2017, p. 39. Disponível em: <https://pt.org.br/wp-content/uploads/2017/07/caderno-de-resolucoes-do-6-congresso-nacional-do-pt.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.

Nos grupos sociais e temas específicos, há algumas diferenças entre os períodos. *Trabalhadores* e *trabalhadoras* são o grupo mais citado, ainda que com uma diminuição das menções. Por integrar o nome do partido, uso do termo pode causar distorção nas análises, ainda que tenha se buscado minimizar essa confusão durante a pesquisa. O termo *Sindicato* sofreu uma queda tanto numérica quanto proporcional, caindo do topo para o meio da tabela no último período, o que está em consonância com a queda também das menções a palavra *classe*, de forma geral, ou a *classe trabalhadora*, de maneira específica.

Os *movimentos sociais* foram cada vez mais citados, normalmente apontando para uma necessidade de atuação mais consistente nessa frente. É constante a defesa de um diálogo e aliança com tais grupos.

Apesar das menções a *juventude* terem aumentado consideravelmente com o passar do tempo, o mesmo não ocorreu com *estudantes*. Desde a década de 1990, é notório o protagonismo do PCdoB e de seu braço juvenil, a União da Juventude Socialista, na direção da União Nacional dos Estudantes (UNE) e na União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). A escassez de debates sobre o movimento estudantil no partido indica que o PT não buscava se organizar para disputar a hegemonia nessa área.

As pautas de *diversidade sexual* aumentaram muito sua presença nos documentos. Esse é um dos vários setores⁴²⁵ que ganharam cada vez mais importância no debate partidário. Parlamentares e administrações municipais governadas pelo partido criaram projetos de lei e pastas específicas para ampliar os direitos da população LGBTQI+⁴²⁶:

Diante disso, o XII Encontro Nacional do Partido dos Trabalhadores manifesta seu apoio às iniciativas e projetos das nossas administrações e de nossos parlamentares, que busquem a afirmação da cidadania homossexual e o combate à discriminação por orientação sexual, e conclama todos os nossos filiados a trabalharem por sua aprovação nas respectivas instâncias, propondo ainda que todos os demais parlamentares e integrantes de governos, seja em que nível

425 O partido formou setoriais para cada uma dessas áreas de atuação, destacando-se a criação da Secretaria Nacional LGBT em 2017.

426 Usado nas atas mais antigas do PT, o termo GLBT se tornou oficial após a I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (Brasília, 2008). Atualmente a sigla continua em construção devido a ação inclusiva dos militantes da comunidade LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Intersex, Agêneros, Assexuados e mais).

for, sigam esses exemplos e apresentem propostas desse tipo, colocando o combate à discriminação por orientação sexual e a afirmação da cidadania homossexual como uma das marcas do modo petista de governar e de legislar.⁴²⁷

Essa não era uma pauta simples e consensual no âmbito do Foro. Na década de 1990 ainda haviam setores das esquerdas do continente que utilizavam a formulação das assim chamadas “contradições secundárias” (de gênero, sexualidade), em contraposição ao que seriam as contradições estruturais e centrais (de classe, de propriedade da terra, da divisão internacional do trabalho). Tal posição foi mudando, com o tempo, em várias organizações.

Assim como nas atas do Foro de São Paulo, nos documentos do PT termos como o *feminismo* aparecem pouquíssimas vezes. Movimento de *mulheres* ou questões de *gênero* surgem mais vezes.

Os partidos de esquerda avançavam também criando espaços de debate, secretarias e setoriais para congregar e elencar as pautas desses setores. A formulação era de que elas não estavam separadas das questões de classe:

Então, quando formos discutir a reforma agrária, vamos discutir as terras dos negros, rediscutir os remanescentes dos quilombos nesse contexto. Quando formos discutir a questão de salário, vamos discutir a diferença existente entre o salário que se paga para um branco e o salário que se paga para um negro na mesma função. Quer dizer, essas questões vão sendo introduzidas no debate da sociedade na medida em que essa referência seja uma referência racial.⁴²⁸

Nesse aspecto, o Brasil surgia como epicentro dessa mudança de paradigma, especialmente no movimento feminista:

As brasileiras criaram o que foi talvez o maior, mais radical, mais diverso e mais politicamente influente dos movimentos feministas da América Latina. Seus encontros nacionais e regionais, sua experiência com eleições e partidos políticos e sua visibilidade na política nacional fizeram do movimento brasileiro inveja e, em certa medida, modelo

427 Moções do XII Encontro Nacional do PT, Olinda, 2011. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/CSBH/encontros-nacionais-do-pt-resolucoes/>. Acesso em 14 nov. 2020.

428 IANNI, Octavio; SILVA, Benedita [et. al.]. *O Negro e o socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 17-18.

para os movimentos feministas latino-americanos. (tradução nossa).⁴²⁹

Vera Soares aponta o mérito do movimento feminista em inserir pautas transversais no debate político:

Trouxe para as agendas dos movimentos as questões da igualdade na educação, dos direitos reprodutivos e da saúde, da participação política das mulheres, da discriminação no trabalho e das políticas de emprego, do cuidado com as crianças, da pobreza e do bem-estar, da violência contra a mulher. Mais recentemente, colocou em debate as ações afirmativas e as propostas de cotas mínimas de participação nos lugares de decisão.⁴³⁰

No I Congresso do PT, em 1991, foi aprovado que 30% da direção deveria ser composta por mulheres. A CUT aprovou, em 1993, cota de mesma proporção na sua direção. Isso é um demonstrativo do quanto as discussões políticas transitam entre as organizações da sociedade civil.

Apesar da *cultura* ser sempre muito comentada, conforme a tabela de assuntos, os *artistas e trabalhadores da cultura* são pouco citados. Há um hiato entre o que se espera que seja feito na cultura e os agentes que, em tese, seriam os principais responsáveis por atuar nessa área. Fala-se muito em políticas culturais e artísticas, mas pouco em como organizar os artistas, produtores culturais ou mesmo gestores de políticas públicas dessa área, para elaborar e executar uma arte que resgate tradições e as articule com inovações.

429 No original: “The Brazilians had created what was perhaps the largest, most radical, most diverse, and most politically influential of Latin America’s feminist movements. Their national and regional Encuentros, their experience with elections and political parties, and their visibility in national politics had made the Brazilian movement both the envy of and, to some extent, the model for Latin American feminist movements”. ESCOBAR, Arturo; ALVAREZ, Sonia. *The Making of Social Movements in Latin America: Identity, Strategy and Democracy*. New York, Routledge, 2018, p.221.

430 SOARES, Vera. op. cit., 1998, p. 48.

CONCLUSÃO

A partir da análise das fontes percebe-se que as principais organizações e partidos da América Latina buscaram construir ou se agregar a um fórum supranacional no qual tivessem mais influência (PT, FSP; PRI, COPPPAL, PS do Uruguai e CSL). O tamanho do organismo é proporcional tanto ao tamanho do partido que o convoca quanto da avaliação e confiança que seus pares nele depositam, guardadas as devidas exceções. Os partidos costumam participar de mais de uma organização internacional e/ou regional, para influenciar e fazer valer suas opiniões, inclusive para exercer poder de veto e evitar críticas internacionais às suas posições e ações. A solidariedade internacional possui mais peso quando é realizada por vários organismos.

O Foro de São Paulo pode congrega mais de um partido do mesmo país, o que significa, em algumas situações, ter partidos no governo e na oposição ao mesmo tempo⁴³¹. O Foro não centraliza nem se propõe a centralizar o posicionamento interno dos partidos.

Portanto, conclui-se que é exagerada a imputação ao Foro das mudanças realizadas nos partidos de esquerda do continente. As raízes dos processos de mudança destes muitas vezes deitam raízes ainda na década de 1980, com fundamento, principalmente, na conjuntura internacional. O Foro é criado a partir de um processo de reavaliação das esquerdas do continente, e não o inverso. Partidos de esquerda da Europa Ocidental e da África também passaram por profundas mudanças no mesmo período. O que se viu, nos anos 1990 e 2000, foi a acentuação de um processo estratégico focado nas eleições e na moderação programática. O sucesso de cada partido, em seu processo de crescimento interno, teve mais relevância na influência sobre os demais partidos do continente do que alguma resolução dos encontros do Foro.

Os líderes políticos se veem como atores principais na construção do rumo de suas organizações. Tendem a minimizar processos de mudança que, de certa forma, independem de suas decisões e ações pessoais. As mudanças normalmente são vistas como fruto de decisões estratégicas tomadas de forma racional, não como

431 Um exemplo é o México, onde o PRD se encontra na oposição, enquanto o MORENA e o PT estão no governo. Os três partidos pertencem ao Foro.

reflexo de transformações conjunturais profundas sobre as quais não tinham muito controle.⁴³²

Também pode haver críticas dos partidos do Foro sobre a eventual participação em governos, como visto nos posicionamentos críticos a respeito de Aristide, no Haiti, e Lozada, na Bolívia, ou a determinada posição tomada.

Ainda que não seja uma novidade as esquerdas trabalharem pautas de gênero, de raça e outras, verificou-se uma mudança na forma como esses grupos sociais e suas reivindicações foram trabalhados pelo Foro e seus partidos. A antiga formulação das contradições secundárias perdeu espaço para as novas formulações que tornaram esses temas centrais, estruturantes e transversais.

O Foro acompanhou a implementação dos acordos de paz em El Salvador (1992), ainda que não tenha participado de forma decisiva das negociações que já vinham ocorrendo, desde o final da década de 1980. Também acompanhou a implementação dos acordos de paz da Guatemala (1996). Em ambos os processos, não foi o principal ator, tendo em vista dois fatores: o Foro ainda estava em seu início, em vias de consolidação, e a forte influência, na América Central, da já consolidada COPPPAL. Ao longo de toda a sua história, o Foro realizou uma série de pressões internacionais, cobrando uma solução negociada para o conflito colombiano.

A história do Foro foi marcada por três momentos: um primeiro, que vai desde a sua fundação até o ciclo de vitórias eleitorais do início do século XXI; um segundo, que se inicia com as vitórias de seus partidos no início do século XXI; um terceiro, em que novamente a maioria dos seus partidos integrantes estão na oposição. Cada um desses períodos possui suas exceções.

Esta mudança conjuntural da nova onda conservadora não parece ter mudado substancialmente o Foro e seus partidos. Estes continuam adotando as mesmas estratégias, aproximadamente os mesmos programas e as mesmas alianças decididas nos anos 1990 e aprofundados nos anos 2000. A via eleitoral, a defesa da democracia sem adjetivos, as alianças com setores de centro ou mesmo de centro-direita e a união de propostas econômicas com as chamadas pautas identitárias continuam sendo as apostas da maioria dos partidos do Foro para retornar aos governos em seus respectivos países.

432 *Non ducor, duco* (não sou conduzido, conduzo). A expressão em latim presente no brasão da cidade de São Paulo resume bem este sentimento.

Outros estudos foram feitos sobre a influência do Foro nos governos de esquerda do século XXI. As fontes aqui pesquisadas indicam que essa influência se deu de forma indireta. O Foro não era o único espaço de troca de opiniões em que as estratégias eram discutidas, tampouco o único lugar no qual as políticas públicas de maior sucesso eram divulgadas. As formulações nestas áreas eram oriundas de cada país, e mesmo quando havia influências externas, ocorria uma adaptação às realidades nacionais antes de sua implementação.⁴³³

Ainda que haja uma influência entre a política internacional dos partidos de esquerda e as relações exteriores de Estado durante os governos destes partidos, a análise das fontes demonstrou que esta não ocorre de forma automática. Isto se deve ao fato destes governos serem normalmente formados por frentes, com a participação de outros partidos, e pelo peso da tradição de diplomacias centenárias dos países. Não se muda o rumo da política internacional de um país com facilidade.

A análise das fontes indica que varia o posicionamento de cada partido do Foro em relação a este quando estão dirigindo governos. Partidos mais radicais e que sofrem mais pressão internacional dos Estados Unidos e União Europeia tendem a continuar tratando o Foro como um espaço importante para romper este cerco e evitar o isolamento internacional. Os partidos mais moderados, que possuem diálogo com mais setores, tendem a colocar o Foro como mais secundário ao assumir governos. Isto ocorre inclusive pelo fato de os presidentes passarem a participar de fóruns internacionais de governantes.

Nos documentos do PT percebeu-se um grande aumento dos debates internacionais a partir da década de 1990. A análise das fontes indica que este aumento se deveu em boa medida pela participação do partido no Foro.

Alguns artigos têm sido publicados sobre o papel do Foro de São Paulo no novo contexto regional e mundial, em que novamente a maioria de seus partidos voltaram ao papel de oposição. Há polêmicas, dentro dos partidos e nos encontros do Foro, sobre os motivos para terem perdido os governos, abrindo um novo debate sobre estratégias, táticas e programas. Aprofundar os estudos sobre a história do Foro e de

433 Três exemplos de políticas públicas semelhantes em vários países: políticas de distribuição de renda semelhantes ao Bolsa Família; de saúde semelhantes ao Mais Médicos, com médicos cubanos nas periferias; e de moradias populares semelhantes ao Minha Casa Minha Vida. Em vários países muda-se o nome, adapta-se o programa à realidade nacional, mas permanece o núcleo central da proposta de política social.

seus integrantes se faz importante para compreender as raízes dos debates realizados hoje pelas esquerdas latino-americanas.

As novas articulações internacionais de partidos, notadamente a Internacional Progressista e o Grupo de Puebla, não parecem representar uma substituição ou sucessão do Foro de São Paulo. Enquanto o Foro é uma articulação de partidos e organizações, essas outras duas articulações se caracterizam pela participação de personalidades.

Neste início da 2ª década do milênio há em curso uma crise mundial dos partidos políticos e de sua capacidade de aglutinação e síntese, mas, enquanto esse processo não der origem a novos partidos ou à mudança dos atuais ou mesmo da forma de se organizá-los, torna-se difícil imaginar uma articulação permanente e duradoura de figuras públicas sem instituições coletivas a sustentá-la. Isto cria dificuldades de enraizamento das discussões e propostas junto aos militantes de bases não só de partidos, mas de outras organizações sociais. A história do Foro demonstra que, tão importante quanto os discursos e diálogos entre os presidentes dos partidos e de seus intelectuais mais próximos, é a operacionalização cotidiana das parcerias realizadas. Não basta a melhor decisão sem muitas mãos a colocarem-na em prática.

O fenômeno da paradiplomacia e da criação de fóruns políticos globais está em ascensão, sejam eles organizações partidárias internacionais ou grupos formados por personalidades. Em um mundo cada vez mais conectado a política globaliza-se cada vez mais, e isto vale para todo o espectro político. Compreender acontecimentos, processos e tendências de vários países é a chave para a análise de processos continentais e mundiais.

REFERÊNCIAS

Fontes

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Compilação das Atas do Foro de São Paulo. Disponível em: http://arquivo.edemocracia.camara.leg.br/da/web/reforma-politica-forum?p_auth=e2q4CITs&p_p_id=19&p_p_lifecycle=1&p_p_state=exclusive&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_pos=1&p_p_col_count=2&_19_struts_action=%2Fmessage_boards%2Fget_message_attachment&_19_messageId=2029622&_19_attachment=007_atas_fo_ro_sao_paulo.pdf. Acesso em 30 out. 2019.

CENTRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA. Coleção Organizações Político-Partidárias.

FORO DE SÃO PAULO. Declarações finais dos encontros. Disponível em: https://forodesaopaulo.org/declaraciones_finales/. Acesso em 20 set. 2020.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. Resoluções de encontros e congressos: 1979-2002. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2006/05/23/partido-dos-trabalhadores-resolucoes-de-encontros-e-congressos/>. Acesso em 20 out. 2020.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A Política Internacional do PT: da fundação à Diplomacia do Governo Lula. *Revista de Sociología e Política*. Curitiba, n. 20, p. 87-102, jun., 2003.

ÁLVAREZ, Alberto Martín. De guerrilla a partido político: el Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional (FMLN). *Historia y política*, n. 25, Madrid, jan-jun., p. 207-233, 2011.

ALVES, Sarkis. As tendências internas do Partido dos Trabalhadores: pluralidade e democracia. *Revista Perseu*, n. 16, 2018.

AMADO, Janaína. FERREIRA, *Marieta de Moraes*. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANDERSON, Perry. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. *London Review of Books*, vol. 33, n. 7, mar. 2011.

ANDERSON, Perry. *O fim da história: de Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

- ANSALDI, Waldo (org.). *La democracia em América Latina*, un barco a la deriva. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- ARCARY, Valério. Cinco grandes crises da história do PT. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/12335958/Cinco_grandes_crisis_da_hist%C3%B3ria_do_PT. Acesso em: 28 nov. 2019.
- ARCARY, Valério. Do petismo ao lulismo. 2014. Disponível em: <https://blog.esquerdaonline.com/?p=2037>. Acesso em: 28 nov. 2019.
- BARAIBAR, Carlos. El compromiso del FA con la democracia. Disponível em: <https://www.republica.com.uy/fa-con-la-democracia/>. 2014. Acesso em: 12 nov. 2019.
- BARAIBAR, Carlos; BAYARDI, José (comp.). *Foro de São Paulo: construyendo la esperanza*. Montevideo: Iepala, 1996.
- BETHELL, Leslie (org.) *História de América Latina: Economía y sociedad desde 1930*. Barcelona: Crítica, 1997.
- BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BORÓN, Atilio A. Postmarxismo? Crisis, recomposición o liquidación del marxismo em la obra de Ernesto Laclau. *Revista Mexicana de Sociología*. Cidade do México, UNAM, v. 58, n. 1, p. 17-42, jan.-mar. 1996.
- CALIMAN, Daniel Wanderley. *O Partido dos Trabalhadores e o Foro de São Paulo: “laboratório” de hegemonia política partidária na América Latina*. Monografia (Graduação em Relações Internacionais), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada: Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERVO, Amado Luiz. O final do século XX e o início do XXI: dificuldades para construção de uma ordem global. In: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). *História das relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. *História da política exterior do Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COLONOMOS, Ariel. O ator em rede colocado à prova do internacional. In: SMOUTS, Marie-Claude (org.). *As novas relações internacionais – práticas e teorias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- COPPERSMITH, Glen; KELLY, Erin. Dynamic Wordclouds and Vennclouds for Exploratory Data Analysis: Proceedings of the Workshop on Interactive Language Learning, Visualization, and Interfaces, p. 22–29. Baltimore, Maryland, EUA, jun. 2014.
- COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Alessio (orgs.). *Contar história, fazer História – história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- COSTA, Hermes Augusto. *O sindicalismo, a política internacional e a CUT*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n.64, p. 129-152, 2005.

- COX, Robert W. Rumo a uma conceituação pós-hegemônica da ordem mundial: reflexões sobre a relevância de Ibn Kaldun. *In: ROSENAU, James N.; CZEMPIEL, Ernst-Otto (orgs.). Governança sem governo: ordem e transformação na política mundial.* Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- DEUTSCHMANN, Emanuel; MINKUS, Lara. *Swinging Leftwards: Public Opinion on Economic and Political Integration in Latin America, 1997-2010.* Bremen: Jacobs University. 2017.
- DROSSE, François. História do tempo presente e historiografia. *Revista Tempo e Argumento.* Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan/jun, 2012.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- ELIAS, Bruno; RODRIGO, Cesar. *O PT e a juventude. A esperança em construção.* São Paulo: Editora Página 13, 2015.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016 (1985-2016).* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FERREIRA, Marieta de M; DELGADO, Lucilia de A. N. (orgs.). *História do Tempo Presente.* Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014.
- FORNAZIERI, Aldo. Considerações sobre a sociedade civil, o Estado e a Estratégia. *Teoria & Política,* São Paulo, n.9, Editora Brasil Debates, 1988.
- FRASER, Márcia T. Dantas; GONDIM, Sônia M. Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia,* 2004, vol.14, n.28, p. 139-152.
- FREIRE, Alipio. Foro de São Paulo – A dissidência argentina e Análises de Montevideu. *Revista Teoria & Debate,* ed. 29, jul. 1995.
- FRENCH, John D., Understanding the Politics of Latin America's Plural Lefts (Chávez/Lula): social democracy, populism and convergence on the path to a post-neoliberal world. *Revista Third World Quarterly,* vol. 30, n. 2, p. 349-370, 2009.
- FUKUYAMA, Francis. The end of history? *The National Interest,* n.16, p. 3-18. 1989.
- GADEA, Carlos A. El Estado y la izquierda política em el Uruguay. La recuperación de la “matriz institucional”. *Revista brasileira de ciências sociais.* vol. 33, n. 96, 2018.
- GARCIA, Marco Aurélio. (org.). *As esquerdas e a democracia.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; Cedec, 1986.
- GARCIA, Marco Aurélio. *A opção sul-americana: reflexões sobre política externa (2003-2016).* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.
- GARCIA, Marco Aurélio. A social-democracia e o PT. *Revista Teoria e Debate,* n. 12, out/dez 1990.
- GARCIA, Marco Aurélio. *Construir o amanhã: reflexões sobre a esquerda (1983-2017).* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2019.

- GARCIA, Marco Aurélio. O formulador emotivo. Entrevista a Consuelo Dieguez na Revista Piauí. Edição 30, mar. 2009. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/marco-aurelio-garcia/>. Acesso em 3 nov. 2019.
- GAUDICHAUD, Franck. *El volcán latino-americano*. Izquierdas, movimientos sociales, y neoliberalismo al sur del Río Bravo. Paris: Edición Textuel, 2008.
- GENOÍNO, José. Entrevista concedida a Luana Soncini, Gustavo Cotas, Rogério Chaves e Sérgio Honório. In: Centro Sérgio Buarque de Holanda. *O socialismo nas resoluções de encontros e congressos do Partido dos Trabalhadores*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.
- GONZÁLEZ, Luis Armando. El FMLN salvadoreño: de la guerrilla al gobierno. *Revista Nueva Sociedad*, n. 234, 2011, p. 143-158.
- GRABENDORFF, Wolf. International Support for Democracy in Contemporary Latin America: The Role of the Party Internationals. In: WHITEHEAD, Laurence. *The International Dimensions of Democratization*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 201-226.
- GRACIA, Gerardo Necochea. Historia del presente, historia oral y memoria de la izquierda en México. In: GONÇALVES, Janice (org.). *História do Tempo Presente: oralidade – memória – mídia*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.
- GRELE, Ronald J. Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOBSBAWM, Eric J. *O presente como história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOEKSTRA, Rik; KOOLEN, Marijn. Data scopes for digital history research, *Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History*. 52:2, 79-94, DOI: 10.1080/01615440.2018.1484676, 2018.
- HOEKSTRA, Rik; KOOLEN, Marijn. Data Scopes: towards transparent data research in Digital Humanities. Conferência na Cidade do México: 28 jun. 2018.
- IANNI, Octavio; SILVA, Benedita [et. al.]. *O Negro e o socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- IEGELSKI, Francine; MÜLLER, Angélica. O Brasil e o Tempo presente. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília. *O Brasil Republicano. O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016 (1985-2016)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- ISER, Guilherme de Cruzeiro. Os entes subnacionais nas relações internacionais: o fenômeno da paradiplomacia. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais).

- Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.
- JAKOBSEN, Kjeld. *A Internacional Socialista, suas origens e atuação contemporânea*. Brasília: Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores – PT, 2009.
- LEFEBVRE, Georges. *O Grande Medo de 1789*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- LINZ, Juan J; Stepan, Alfred. *A transição e consolidação da democracia – a experiência do sul da Europa e da América do Sul*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.
- LÖWY, Michael. Por um novo internacionalismo. *Revista Lutas Sociais*, n.5, PUC-SP2º semestre 1998.
- LÖWY, Michael. Toward an International of Resistance Against Capitalist Globalization. *Latin American Perspectives*, vol. 29, n. 6, nov. 2002.
- LULA, Luis Inácio. Entrevista ao site Opera Mundi. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=apGYUx0_cJg. Acesso em 30 nov. 2019.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Por um socialismo indo-americano*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- MARX, Karl. *O 18 brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MELO, Ricardo Abreu de. *O Foro de São Paulo: uma experiência internacionalista de partidos de esquerda latino-americanos (1990-2015)*. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, 2016.
- MODONESI, Massimo. México: el crepúsculo del PRD. *Revista Nueva Sociedad*. NUSO N. 234, jul-ago 2011.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O mito da conspiração judaico-comunista. *Revista de História* 138. 1998, p. 93-105.
- NAPOLITANO, Marcos. Golpe de Estado: entre o nome e a coisa. *Estudos Avançados*, vol. 33, n. 96, São Paulo, Mai-Ago, 2019.
- NOLAN, David. *The Ideology of the Sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Miami: Institute of Interamerican Studies-University of Miami, 1984.
- NOVICHKOVA, Anna. Assessing the role of the São Paulo Forum in Brazilian foreign policy. A neoclassical realist perspective. Tesis (Master's degree in Social Sciences). Charles University. Praga, 2018.
- PASSERINI, Luísa. A “lacuna” do presente. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- PAULINO, Marcos Gomes. *O Foro de São Paulo e as suas influências no Brasil*. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2018.
- PEDROSA, Fernando. Los partidos políticos y sus relaciones internacionales. ¿Internacionalismo o sólo un asunto más de política interna?. Disponível em:

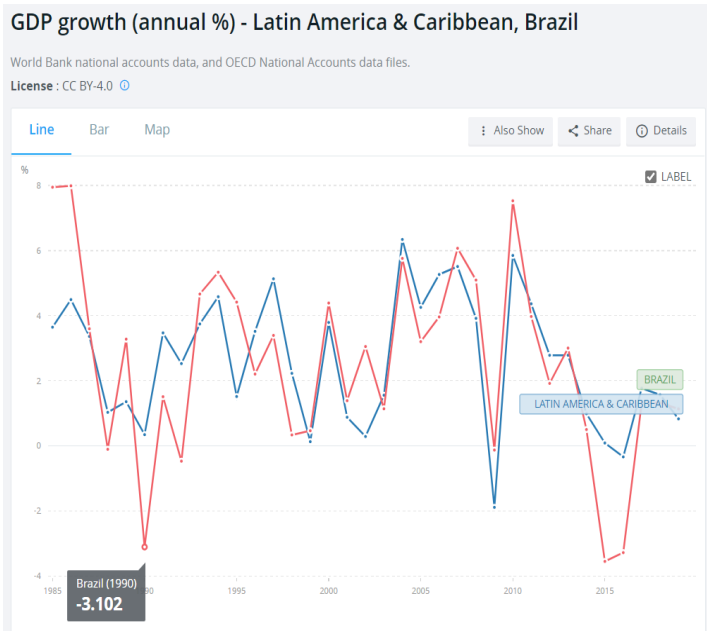
<http://blog.pucp.edu.pe/blog/wp-content/uploads/sites/262/2010/03/PARTIDOS-POLITICOS-Y-SUS-RRII-2010.pdf>. Acesso em 24 out. 2019.

- PEREIRA, Mauricio Broinzi (Cord.). *A CUT e o movimento sindical internacional*. São Paulo: CEDI, 1991.
- PETRAS, James. Alternatives to neoliberalism. *Latin American Perspectives*. v. 24. n. 1. p. 80-91, jan. 1997.
- POMAR, V. V. R.; REGALADO, R. *Foro de São Paulo*. Construindo a integração latino-americana e caribenha. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2013.
- POMAR, Valter. *A estrela na janela: ensaios sobre o PT e a situação internacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014a.
- POMAR, Valter. *A metamorfose*. São Paulo: Editora Página 13, 2014b.
- POMAR, Valter. Entrevista concedida à pesquisadora Rita Matos Coitinho em sua tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- POMAR, Valter. *Notas sobre a política internacional do PT*. São Paulo: Secretaria de Relações Internacionais do PT, 2012.
- POMAR, Wladimir. *Estratégia e Tática*. Cajamar: Instituto Cajamar. 1990.
- RABASA, Angel et. al. Antiglobalizations Movements. *In: Beyond al-Qaeda*. Part. 2. The outer rings of the terrorist universe. Santa Monica, CA: RAND Corporation, 2006.
- REGALADO, Roberto. El Foro de São Paulo: reacción de la izquierda latinoamericana frente a la caída del Muro de Berlín. *In: Kersfeld, Daniel (ed.). Desde sus cenizas: Las izquierdas en América Latina a 25 años de la caída del Muro de Berlín*. Quito: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015.
- REGALADO, Roberto. *Encuentros y desencuentros de la izquierda latino-americana*. Uma mirada desde el Foro de São Paulo. Cidade do México: Ocean Sur, 2008.
- REGALADO, Roberto. La teoría de la revolución y la izquierda latinoamericana en el siglo XXI: exámenes desde la filosofía política. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Filosóficas) - Instituto de Filosofia, Universidade de Havana, Havana, 2007.
- REIS, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROBINSON, William I. The São Paulo Forum: is there a new Latin American Left?. *Monthly Review*, vol. 44, n. 7, dez. 1992.
- RUIVO, Mariana Maia. ALMEIDA, Giordano Sousa. TOLEDO, Sara. O Foro de São Paulo e a Política Externa do Partido dos Trabalhadores: convergências ou divergências nos governos Lula da Silva e Dilma Rousseff. Disponível em: <https://www.rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/263>. Acesso em 07 de junho de 2019.
- RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

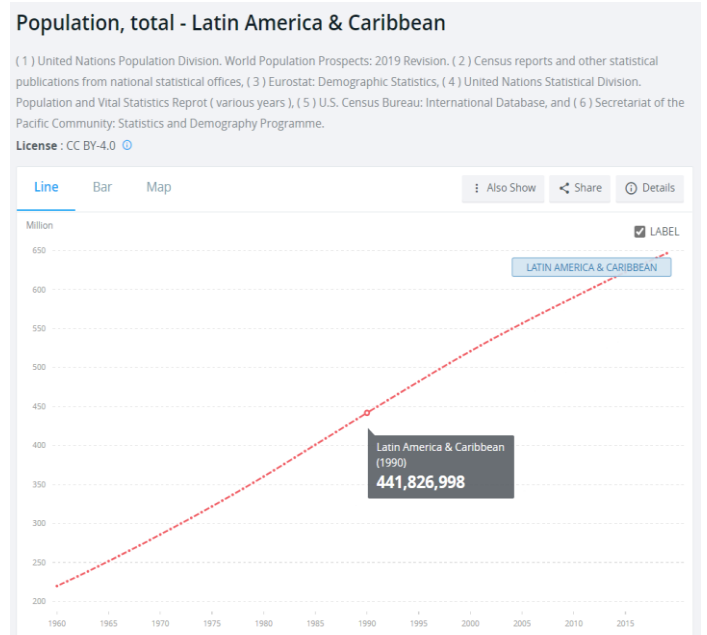
- SADER, Emir. Cuba no Brasil: influências da Revolução Cubana na esquerda brasileira. *In: REIS, Daniel Aarão [et.ai]. História do Marxismo no Brasil.* São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991
- SADER, Emir. O Fórum de São Paulo e a esquerda latino-americana. Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/O-Forum-de-Sao-Paulo-e-a-esquerda-latinoamericana-hoje/2/27129>. Acesso em 30 out. 2019.
- SANTISO, Javier. Circulação das idéias e relações internacionais. *In: SMOUTS, Marie-Claude (org). As novas relações internacionais – práticas e teorias.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). *História das relações internacionais contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização.* São Paulo: Saraiva, 2008.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.* São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SECCO, Lincoln. *História do PT.* Cotia: Ateliê, 2011.
- SILVA, Fabricio Pereira. O fim da Onda Rosa e o Neogolpismo na América Latina. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 4, n. 2, 2018.
- SMOUTS, Marie-Claude. *As novas relações internacionais – práticas e teorias.* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- SOARES, Vera. Muitas faces do feminismo no Brasil. *In: BORBA, Ângela [et. al.] (org.). Mulher e Política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 33-54.
- STERNBACH, Nancy Saporta [et. al.]. Feminisms in Latin America: From Bogotá to San Bernardo. *Signs*, Vol. 17, No. 2, 1992, p. 393-434.
- STUART, Ana Maria. O papel dos valores e das ideias nas Relações Internacionais: a contribuição do enfoque construtivista. *In: TOLENTINO, Célia; POSSAS, Lídia M. Vianna; CORREIA, Rodrigo Alves (orgs). Ideias e cultura nas relações internacionais.* Marília: Editora Oficina Universitária, 2007, p. 41-53.
- TOLEDO, Sara Basilio de. A pauta da política externa brasileira para a América Latina no Foro de São Paulo durante os governos Lula (2003-2010), e sua influência sobre os processos decisórios em política externa no Brasil. I Encontro Internacional de Política Externa Latino-Americana: Mapeando a Política Externa do Cone Sul. Foz do Iguaçu, 14-16 set. 2015.
- VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. *In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos & abusos da história oral.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANEXOS

ANEXO - A



A.1- Gráfico do crescimento do Produto Interno Bruto da América Latina e do Caribe entre 1985 a 2019, com destaque para o desempenho do Brasil em 1990. Crédito: Banco Mundial

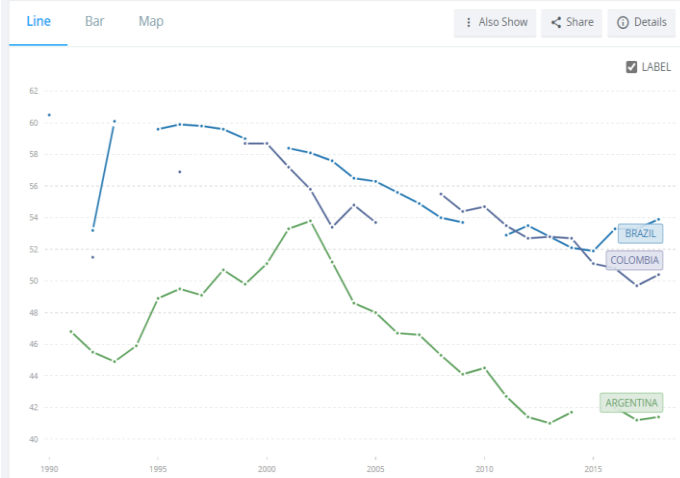


A.2-Gráfico do crescimento populacional da América Latina, com destaque para 1990. Crédito: Banco Mundial

Gini index (World Bank estimate) - Brazil, Argentina, Colombia

World Bank, Development Research Group. Data are based on primary household survey data obtained from government statistical agencies and World Bank country departments. For more information and methodology, please see PovcalNet (research.worldbank.org/PovcalNet/index.htm).

License: CC BY-4.0



A.3 - Índice de Gini, que mede a desigualdade de renda. Quanto mais alto o índice, maior a desigualdade, quanto menor, maior a desigualdade. O Banco Mundial não possui dados de todo continente então optou-se por selecionar três países com grandes populações. Crédito: Banco Mundial

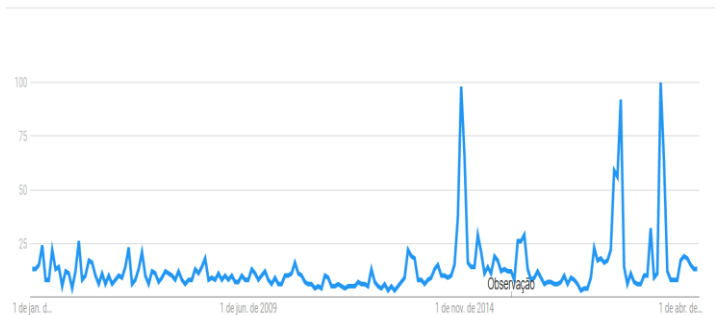
Foro de São Paulo

Assunto

+ Comparar

Todo o mundo 2004-presente Todas as categorias Pesquisa na Web

Interesse ao longo do tempo



A.4 - Gráfico de interesse de pesquisas no Google em todo o mundo a respeito do Foro de São Paulo. Os três picos ocorreram nas eleições do Brasil de 2014 e 2018 e em outubro de 2019, quando Bolsonaro acusou o Foro de ser o responsável pelos protestos no Chile. Crédito: Reprodução/Google Trends.

Interesse por região

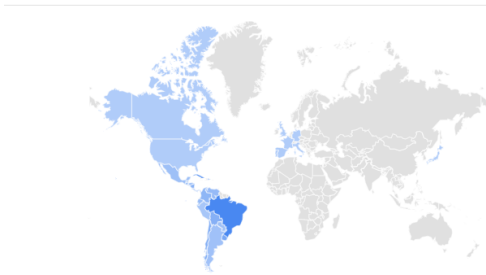


Veja em que local seu termo foi mais famoso durante um período específico. Os valores são calculados em uma escala de 0 a 100, em que 100 é o local com a maior popularidade como uma fração do total de pesquisas naquele local; 50 indica um local que tem metade da popularidade; e 0 indica um local em que não houve dados suficientes para o termo.

Observação: um valor maior significa uma proporção maior de consultas, não uma contagem absoluta maior. Um pequeno país em que 80% das consultas são sobre "bananas" terá duas vezes a pontuação de um grande país em que somente 40% das consultas são sobre esse termo.

Interesse por região ?

Região



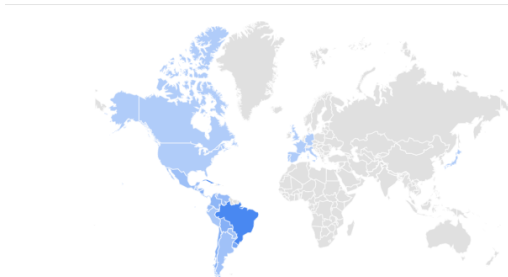
1	Cuba	100	<div style="width: 100%;"><div style="width: 100%;"></div></div>
2	Brasil	59	<div style="width: 59%;"><div style="width: 59%;"></div></div>
3	Uruguai	32	<div style="width: 32%;"><div style="width: 32%;"></div></div>
4	Chile	26	<div style="width: 26%;"><div style="width: 26%;"></div></div>
5	Bolívia	25	<div style="width: 25%;"><div style="width: 25%;"></div></div>

Incluir regiões com baixo volume de pesquisa

< Mostrando 1 a 5 de 28 regiões >

Interesse por região ?

Região



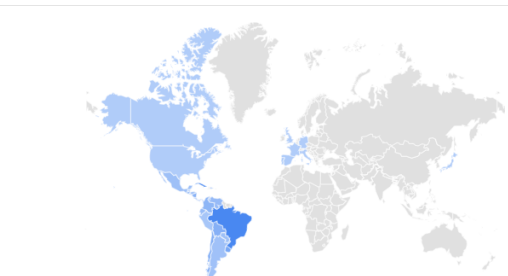
6	Nicarágua	23	<div style="width: 23%;"><div style="width: 23%;"></div></div>
7	Colômbia	20	<div style="width: 20%;"><div style="width: 20%;"></div></div>
8	Venezuela	16	<div style="width: 16%;"><div style="width: 16%;"></div></div>
9	Equador	14	<div style="width: 14%;"><div style="width: 14%;"></div></div>
10	El Salvador	14	<div style="width: 14%;"><div style="width: 14%;"></div></div>

Incluir regiões com baixo volume de pesquisa

< Mostrando 6 a 10 de 28 regiões >

Interesse por região ?

Região



11	Honduras	11	<div style="width: 11%;"><div style="width: 11%;"></div></div>
12	Paraguai	11	<div style="width: 11%;"><div style="width: 11%;"></div></div>
13	México	11	<div style="width: 11%;"><div style="width: 11%;"></div></div>
14	Argentina	10	<div style="width: 10%;"><div style="width: 10%;"></div></div>
15	Panamá	9	<div style="width: 9%;"><div style="width: 9%;"></div></div>

Incluir regiões com baixo volume de pesquisa

< Mostrando 11 a 15 de 28 regiões >

A.5 - Gráficos de interesse de pesquisas no Google por país a respeito do Foro de São Paulo. Crédito: Reprodução/Google Trends

ANEXO – C

C.1- Número de vezes que cada país ou região foi citado nas Atas do PT					
1979-1989		1990-2001		2002-2017	
Nicarágua	23	Estados Unidos	52	América Latina	75
América Latina	15	América Latina	36	Estados Unidos	59
China	10	Europa	33	Europa	42
América Central	7	Cuba	30	Cuba	32
África do Sul	5	México	14	América do Sul	32
Haiti	5	Argentina	13	Caribe	31
Europa	4	África do Sul	9	Nicarágua	26
Paraguai	4	China	8	China	21
Estados Unidos	3	Paraguai	8	África	20
Argentina	3	Haiti	8	Argentina	17
África	3	África	7	Uruguai	16
Alemanha	3	Venezuela	7	Venezuela	15
Chile	3	Ásia	7	México	14
El Salvador	3	Nicarágua	5	Colômbia	13
Cuba	2	Alemanha	5	Bolívia	12
Venezuela	1	Japão	5	El Salvador	12
Bolívia	1	Colômbia	4	Paraguai	11
França	1	Bolívia	4	Chile	10
Caribe	1	Chile	4	Haiti	9
Peru	1	França	4	Peru	9
Equador	1	Uruguai	3	Alemanha	8
		Guatemala	3	América Central	7
		Caribe	2	Equador	7
		El Salvador	2	África do Sul	6
		Peru	2	Japão	6
		América do Sul	1	França	6
		América Central	1	Ásia	6
		Equador	1	Guatemala	2

C.2 - Número de vezes que cada país ou região foi citado nas Atas do FSP:					
1990-2001		2002-2015		2016-2019	
América Latina	126	América Latina	160	Caribe	64
Caribe	71	Caribe	130	América Latina	58
Estados Unidos	51	Estados Unidos	71	Estados Unidos	44
Cuba	39	Venezuela	51	Brasil	15
Nicarágua	23	Cuba	48	Colômbia	14
El Salvador	16	México	47	Cuba	13
México	15	Colômbia	46	Bolívia	11
Colômbia	15	Bolívia	39	Argentina	10
Europa	13	Brasil	34	El Salvador	10
Panamá	13	Argentina	31	Venezuela	9
Brasil	10	Equador	27	Europa	8
Guatemala	9	El Salvador	26	Nicarágua	8
Peru	8	Nicarágua	25	Ásia	8
Porto Rico	8	Honduras	22	Paraguai	7
África	6	Chile	21	México	6
Uruguai	6	Guatemala	20	Honduras	6
Argentina	5	Europa	19	Chile	5
Haiti	5	Uruguai	17	Porto Rico	5
Ásia	5	Paraguai	16	Haiti	4
Guiana Francesa	5	Peru	16	África	4
Ilhas Malvinas	5	Porto Rico	14	Ilhas Malvinas	4
Equador	5	China	9	América do Sul	3
Venezuela	4	Haiti	9	China	2
América Central	4	Ilhas Malvinas	7	Uruguai	2
Bolívia	2	África	5	Guatemala	2
Chile	2	República Dominicana	5	Equador	2
Rep. Dominicana	2	Panamá	5	América Central	1
Antilhas Holandesas	2	Aruba	5		
Japão	1	Guiana Francesa	4		
América do Sul	1	África do Sul	3		
Costa Rica	1	Japão	3		
Honduras	1	América Central	3		
Ilhas Virgens	1	Costa Rica	3		
		Ásia	2		
		Guiana	2		
		Alemanha	1		
		França	1		
		América do Sul	1		
		Antigua e Barbuda	1		
		Bermudas Antilhas Holandesas	1 cada		
		Ilhas Turcas e Caicos	1 cada		
		Ilhas Cayman e Ilhas Virgens	1 cada		
		Anguilar e Montserrat	1 cada		

		São Vicente, Granadinas e			
C.3 - Número de vezes que cada termo é utilizado nas Atas do PT					
1979-1989		1990-2001		2002-2017	
Democracia	412	Democracia	724	Democracia	515
Eleições	307	Eleições	326	Eleições	345
Classe	303	Socialismo	295	Reforma	221
Socialismo	297	Reforma	274	Socialismo	188
Constituição	188	Neoliberal	171	Esquerda	144
Capitalismo	163	Estratégia	165	Estratégia	127
Greve	127	Capitalismo	136	Capitalismo	116
Reforma	114	Classe	120	Neoliberal	113
Estratégia	61	Esquerda	98	Classe	109
Tática	53	Revolução	88	Progressismo	67
Revolução	51	Tática	36	Revolução	38
Luta de classes	30	Greve	31	Tática	26
Esquerda	30	Imperialismo	26	Imperialismo	24
Imperialismo	28	Progressismo	24	Internacionalismo	18
Progressismo	10	Internacionalismo	9	Greve	17
Comunismo	8	Comunismo	7	Comunismo	17
Anti-imperialista	8	Luta de classes	6	Luta de classes	8
Neoliberal	5	Marxista	3	Anti-imperialismo	6
		Rebelião	2	Democracia	515
		Insurreição	1	Eleições	345

C.4 - Número de vezes que cada termo é utilizado nas Atas do FSP					
1990-2001		2002-2015		2016-2019	
Democracia	152	Esquerda	118	Esquerda	33
Neoliberal	94	Democracia	79	Imperialismo	28
Esquerda	63	Eleições	79	Democracia	21
Capitalismo	50	Imperialismo	60	Progressismo	21
Imperialismo	44	Progressismo	58	Revolução	20
Revolução	36	Revolução	49	Eleições	16
Estratégia	30	Neoliberal	47	Capitalismo	14
Progressismo	27	Estratégia	35	Neoliberal	12
Eleições	25	Capitalismo	27	Estratégia	11
Socialismo	21	Socialismo	24	Socialismo	6
Reforma	14	Reforma	7	Reforma	4
Anti-imperialista	11	Comunismo	4	Rebelião	2
Insurreição	6	Tática	1	Greve	1
Rebelião	3	Luta de classes	1	Luta de classes	1
Greve	2	Rebelião	1		
Comunismo	2	Insurreição	1		
Luta de classes	2				

C.5- Número de vezes que cada assunto é abordado nas Atas do PT

1979-1989		1990-2001		2002-2017	
Economia	325	Economia	556	Economia	343
Salário + renda	151	Salário + renda	285	Cultura	291
Educação	98	Cultura	151	Educação	248
Desemprego + Emprego	96	Desemprego + Emprego	135	Salário + renda	179
Cultura*	77	Educação	126	Violência + Segurança	120
Saúde	76	Mercado	115	Saúde	101
Reforma Agrária	63	Meio ambiente	100	Desemprego + Emprego	95
Dívida	58	Dívida	99	Mercado	91
Violência + Segurança	55	Violência + Segurança	95	Meio ambiente	90
Indústria	54	Ciência e Tecnologia	92	Pobreza	85
Meio ambiente	54	Privatizações	89	Direitos Humanos	83
Transporte	53	Indústria	64	Ciência e tecnologia	66
Moradia	48	Saúde	60	Corrupção	55
Mercado	38	Corrupção	60	Comércio	54
Agricultura	32	Pobreza	55	Privatizações	53
Corrupção	22	Reforma Agrária	52	Reforma Agrária	51
Ciência e tecnologia	20	Miséria	49	Dívida	44
Religião	18	Direitos Humanos	41	Indústria	41
Saneamento	16	Moradia	37	Moradia	39
Miséria	15	Droga + Tráfico	32	Agricultura	35
Comércio	13	Transporte	32	Fome	32
Fome	12	Fome	31	Droga + Tráfico	24
Privatizações	9	Agricultura	31	Integração regional	23
Pobreza	8	Globalização	30	Transporte	18
Terrorismo	7	Religião	29	Religião	16
Direitos Humanos	6	Comércio	26	Globalização	15
Migração	4	Integração regional	20	Migração	14
Droga + Tráfico	2	Saneamento	19	Saneamento	12
Integração regional	1	Terrorismo	14	Miséria	11
		Desindustrialização	7	Terrorismo	10
		Migração	5	Desindustrialização	4

C.6-Número de vezes que cada assunto é abordado nas Atas do FSP

1990-2001		2002-2015		2016-2019	
Economia	191	Economia	108	Economia	34
Integração	62	Integração	101	Defesa da paz	30
Cultura	47	Defesa da paz	60	Cultura	17
Fome	31	Violência + Segurança	42	Migração	12
Dívida	26	Terrorismo	29	Integração	11
Comércio	23	Cultura	28	Violência + Segurança	9
Mercado	22	Comércio	25	Direitos Humanos	9
Meio ambiente	20	Meio ambiente	23	Terrorismo	9
Pobreza	20	Direitos Humanos	19	Educação	5
Desemprego + Emprego	18	Migração	19	Meio ambiente	5
Corrupção	18	Pobreza	15	Pobreza	5
Defesa da paz	18	Droga + Tráfico	9	Privatizações	4
Globalização	15	Mercado	8	Corrupção	3
Terrorismo	15	Corrupção	8	Droga + Tráfico	3
Violência + Segurança	14	Ciência e Tecnologia	7	Comércio	3
Direitos Humanos	13	Descolonização	7	Mercado	2
Droga + Tráfico	13	Fome	6	Saúde	2
Educação	12	Indústria	6	Desemprego + Emprego	1
Indústria	12	Educação	5	Fome	1
Migração	11	Globalização	5		
Salário + renda	10	Salário + renda	4		
Miséria	10	Dívida	4		
Privatizações	9	Privatizações	4		
Saúde	5	Saúde	4		
Moradia	3	Agricultura	4		
Religião	3	Desemprego + Emprego	3		
Desindustrialização	3	Miséria	2		
Ciência e Tecnologia	2	Religião	2		
Reforma Agrária	2	Moradia	1		
Transporte	1	Reforma Agrária	1		

C.7 - Número de vezes que cada grupo social ou tema específico nas Atas do PT					
1979-1989		1990-2001		2002-2017	
Trabalhadores(as)	1062	Trabalhadores(as)	327	Trabalhadores(as)	340
Sindicato	619	Sindicato	222	Movimentos sociais	167
Classe	303	Parlamentar	152	Juventude	144
CUT	112	Classe	120	Mulher	134
Parlamentar	104	Movimentos sociais	120	Classe	109
Mulher	72	Mulher	92	Parlamentar	106
Classe trabalhadora	60	CUT	70	Sindicato	97
Movimentos sociais	56	Negro(a)	66	Negro(a)	96
Negro(a)	52	Juventude	49	Indígena	47
Empresários	30	Empresários	48	Universidade	39
Indígena	28	Indígena	45	Intelectuais	37
Estudantes	25	Pessoa com deficiência	45	Empresários	34
Camponês(a)	25	Intelectuais	31	Classe trabalhadora	31
Intelectuais	19	Diversidade sexual	31	CUT	30
Sem-terra	11	Classe trabalhadora	29	Diversidade sexual	20
Juventude	7	Universidade	17	Estudantes	15
Universidade	7	Estudantes	14	Artistas	13
Artistas	6	Camponês(a)	14	Pessoas com deficiência	12
Diversidade sexual	6	Sem-terra	14	Sem-terra	9
Feminista	2	Trabalhadores(as)	327	Camponês(a)	5

C. 8 - Número de vezes que cada grupo social ou tema específico nas Atas do FSP					
1990-2001		2002-2015		2016-2019	
Indígena	33	Indígenas e povos originários	41	Parlamentar	10
Mulher	26	Movimentos sociais	32	Movimentos sociais	10
Trabalhadores(as)	19	Mulher	31	Classe	6
Parlamentar	13	Parlamentar	14	Negro(a)	5
Movimentos sociais	13	Camponês(a)	9	Indígenas e povos originários	5
Empresários	12	Trabalhadores(as)	8	Mulher	4
Sindicato	11	Juventude	8	Trabalhadores(as)	3
Classe	11	Empresários	4	Intelectuais	1
Camponês(a)	6	Negro(a)	3	Universidade	2
Negro(a)	5	Diversidade sexual	2	Juventude	1
Juventude	3	Sem-terra	2	Diversidade sexual	1
Sem-terra	2	Sindicato	1		
Universidade	2	Classe	1		
Intelectuais	1	Estudantes	1		
Diversidade sexual	1	Artistas	1		
		Feminista	1		

ANEXO - D

I Encontro Latino-Americano realiza-se no início de julho

Realiza-se nos dias 2, 3 e 4 de julho, no Instituto Cajamar, em São Paulo, o I Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e Caribe, promovido pelo Partido dos Trabalhadores. Do evento devem participar delegações de 40 partidos latino-americanos representando pelo menos 16 países do continente.

A idéia é caminhar na direção de construir uma estratégia comum de luta pelo socialismo e contra a ofensiva neo-liberal do imperialismo na América Latina. É a seguinte a pauta do Encontro:

- I. As alterações na ordem internacional e seu significado para a América Latina e o Caribe:
 - a) As novas formas do capitalismo; As estratégias capitalistas e a ofensiva neo-liberal; Perspectivas econômicas e políticas do desenvolvimento capitalista na A.L. e no Caribe.
 - b) A crise do socialismo real.
2. Balanço das lutas pela democracia e pelo socialismo na América Latina e no Caribe:
 - a) Cuba: revolução e construção do socialismo;
 - b) Uruguai e Peru: experiência de construção de frentes e processos eleitorais;
 - c) Brasil: a experiência do PT e da FBP;
 - d) Nicarágua;
 - e) El Salvador.
3. Problemas estratégicos da luta pelo socialismo na América Latina e no Caribe.
 - a) Socialismo e democracia - lutas institucionais; movimentos sociais; política de alianças; eleições; governo e poder.
 - b) Características do socialismo na América Latina; integração continental e especificidades nacionais. O socialismo e as massas: culturas e linguagens.

D.1 - Boletim Nacional do PT N. 51, jun. 1990, p. 15, anuncia a futura realização do Encontro, inicialmente previsto para o Instituto Cajamar, terminou por realizar-se no Hotel Danúbio. Crédito: Acervo CSBH/FPA.

● *Socialistas de 14 países se reúnem em São Paulo*

Representantes de 45 organizações socialistas de 14 países abriram ontem, em São Paulo, o Encontro de Partidos de Esquerda da América Latina e do Caribe, organizado pelo PT. Os participantes da primeira mesa-redonda do evento condenaram a proposta de integração econômica da região com os Estados Unidos, defendida pelo presidente americano George Bush.

D.2 - Matéria do jornal O Estado de São Paulo. 3 de julho de 1990, caderno de Política, p. 5.

Dificuldade da esquerda para agir em conjunto

Esta é a visão da GM sobre o Encontro de Partidos e Organizações de Esquerda da América Latina e Caribe. Na próxima edição publicaremos o documento intitulado "Declaração de São Paulo", aprovado no encontro, e a visão da esquerda brasileira sobre o evento.

Célia Roseblum

Três horas de polêmica em torno de uma declaração conjunta encerraram ontem o encontro de partidos e organizações de esquerda da América Latina e Caribe. Durante três dias, 80 representantes de 48 organizações de 14 países debateram as perspectivas do socialismo frente às alterações da ordem econômica e às mudanças no Leste Europeu.

A reunião, organizada pelo PT, foi unanimemente elogiada pelos participantes como o mais amplo encontro da esquerda da América Latina. Mas a amplitude da representação acabou travando a aprovação de uma declaração conjunta, que coloca "a esquerda e o socialismo" como "alternativas emergentes".

O senador Javier Diez Canseco, do Partido Unificado Mariateguista (PUM), do Peru, foi bastante aplaudido quando terminou de ler um documento identificando "a vontade comum de renovar o socialismo, corrigir concepções errôneas e superar a expressão do burocratismo".

O texto colocava também a necessidade de estabelecer "um novo con-

ceito de integração", para a América Latina, rejeitando a proposta do presidente dos Estados Unidos, George Bush, para criar uma zona de livre comércio.

Mal se encerraram as palmas, Pablo Bergel, do Partido Democrático Popular da Argentina, levantou-se para contestar os termos usados em relação ao Plano Bush. "Isto não parece eficaz. Não podemos responder em termos genéricos sobre a integração. Isto não ajuda a credibilidade da esquerda", afirmou ao defender um texto com apresentação de alternativas concretas que pudesse se contrapor ao encontro dos presidentes Fernando Collor, do Brasil, e Carlos Menem, da Argentina, que poderá antecipar acordos, identificados com a proposta Bush entre os dois países.

A partir daí surgiram várias emendas e discussões sobre a forma de compatibilizá-las ao texto, já que algumas delegações tinham passagem marcada para ontem à noite e havia pouco tempo para votações.

O Movimento ao Socialismo (MAS) - correspondente na Argentina ao grupo trotskista Convergência Socialista no Brasil - reivindicava um

lugar na comissão que daria a forma final ao texto.

Surpreso com a polêmica, onde vários grupos começaram a fazer reivindicações Bergel retirou seu pedido: "Nunca conseguiremos contemplar a todos".

O texto, segundo ele, poderia ser detalhado em novos encontros. Está prevista para o ano que vem uma nova reunião destas organizações no México e a Frente Ampla do Uruguai propôs sediar um encontro para discutir a economia latino-americana.

O impasse foi resolvido com a formação de um grupo que irá aprimorar o texto lido, incorporando supressões e acréscimos de emendas. O Partido Comunista Brasileiro (PCB) avisou que teria que submeter à direção a redação final. "Sempre esteve presente a possibilidade de que algumas organizações não assinassem", disse Marco Aurélio Garcia, do PT.

"Não há saída para os países da América Latina se não houver uma política de coesão da esquerda para uma ação comum", disse o deputado Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do PT. Segundo ele, "a esquerda deve evoluir em sua iniciativa política e partir para a ofensiva em todos os campos, principalmente na política internacional". E o encontro já definiu um dos pontos desta ofensiva: a proposta de Bush, "um remédio que aguça a doença".

D.3 - Jornal Gazeta Mercantil. 05 de julho de 1990. Não foi possível verificar qual a página específica pois se tratava de um clipping de notícias, encontrado no arquivo da Fundação Perseu Abramo.

SETEMBRO Nº 52 Cr\$ 60,00

EXECUTIVA NACIONAL PT

Especial
O Projeto de Educação do GP Encarte

Jornada de luta no campo continua
pág. 8

DN REGISTRA TENDÊNCIAS INTERNAS
Cumprindo resoluções tiradas de Encontros e culminando um debate de vários anos sobre o funcionamento da democracia interna no Partido, o Diretório Nacional registrou a existência oficial dentro do PT de dez tendências políticas. A Causa Operária foi o único agrupamento político que militava no PT que não teve seu pedido de registro aceito pelo DN. páginas 6 e 7.

BOLETIM NACIONAL MUDOU
O PT precisa estruturar todo um trabalho de comunicação interna. A nova Executiva Nacional está disposta a enfrentar esse desafio. E o trabalho já começou a partir da reestruturação do Boletim Nacional, que você está recebendo hoje. E esse o assunto do Editorial desta edição. página 2.

PT DEFINE POSIÇÃO SOBRE O IRAQUE
Repunha a violência de Saddam Hussein e recuperar a dignidade de algumas potências que se avocam o direito de exercer o papel de polícia internacional, é a opinião defendida pela CEN sobre a crise no Iraque. página 11

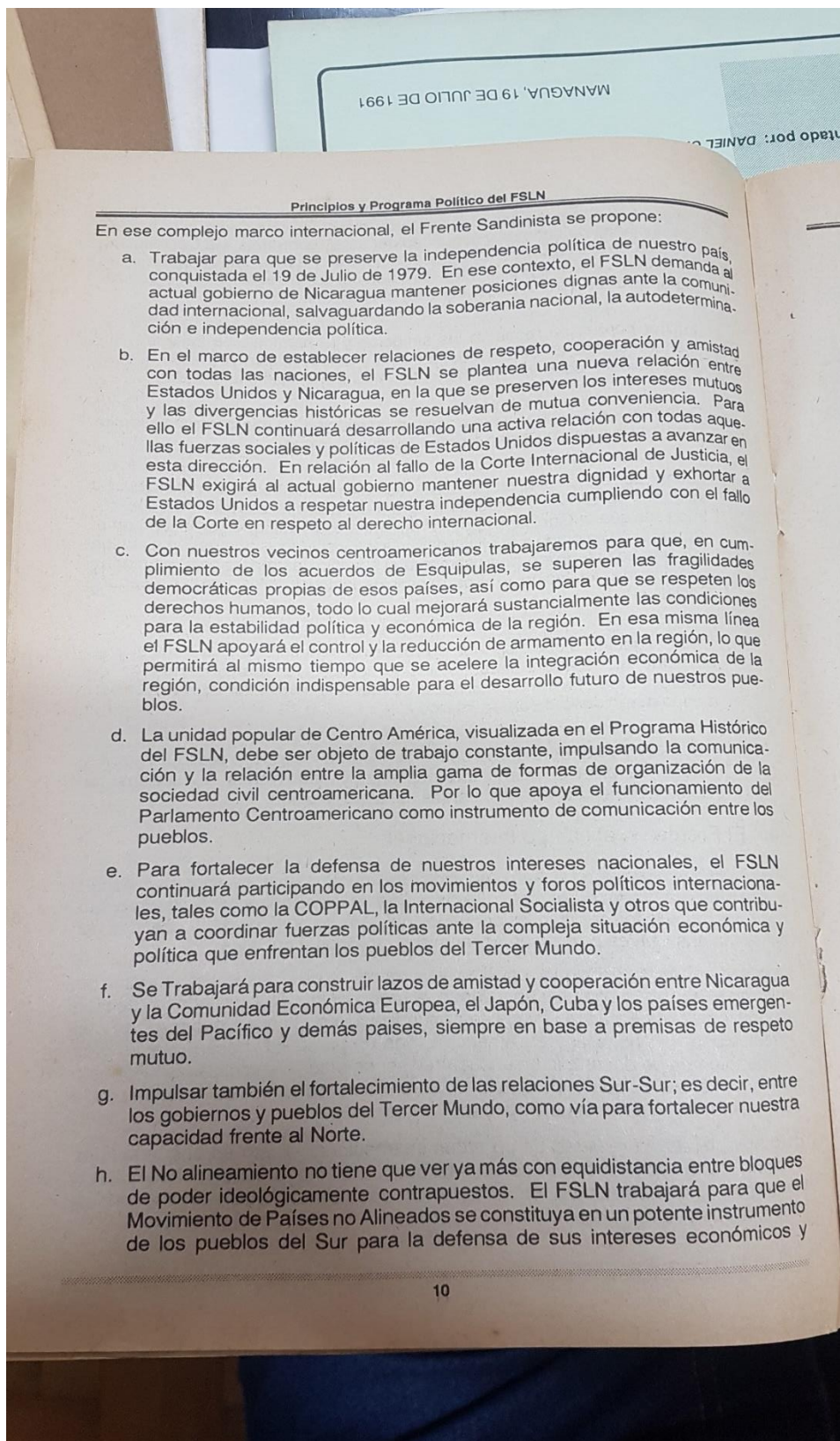
ELEIÇÕES

CEN convoca OFENSIVA DOS 30 DIAS
Realizada em São Paulo, um mês antes das eleições de 3 de outubro, a Comissão Executiva Nacional (CEN) do Partido dos Trabalhadores fez um balanço dos trabalhos realizados a nível nacional e decidiu convocar uma ofensiva geral em todo o país com vistas às próximas eleições. Segundo a Executiva, nossa propaganda precisa ganhar mais em pontos fundamentais como as campanhas para o círculo do arrocho e da recessão impostas ao país por Collor, traduzindo-as para a realidade de cada Estado. E, por fim, também, reafirma a Executiva defender as realizações do PT em suas prefeituras, mostrando que nosso Partido é realmente diferente de todos os demais. Veja as orientações da CEN nas páginas 3 e 4.

ENCONTRO DE PARTIDOS E ORGANIZAÇÕES LATINO AMERICANOS
Com a presença de 53 partidos e frentes de esquerda de 14 países Latino-americanos realizou-se no início de julho em São Paulo, patrocinado pelo PT, um encontro inédito na história dos movimentos políticos do continente. página 10

SETEMBRO É MÊS DA PRIMAVERA
Se as greves que estão sendo deflagradas jogarem o país num clima de terrorismo, num verdadeiro "setembro negro", a responsabilidade é do governo, com sua atitude de provocação contra os trabalhadores através da recessão, e do desemprego que está gerando com sua política econômica. O alerta é do secretário de política sindical da CUT, José Otávio Miranda de Oliveira, que em entrevista ao BN inia o mês de setembro como mês da primavera, mês em que a natureza renasce. Última página.

Plenária de Movimentos Populares
pág. 9



D.5- Programa político do I Congresso da Frente Sandinista de Libertação Nacional, realizado em julho de 1991.

dimiento fue transparente y

inir las alianzas electo-
mo vamos a ir, solos o
s serán los candidatos;
s menos divisible que
sobre la naturaleza y el

de 1995 tenemos que
ndidatos para las elec-
o significa escoger a
datos a concejales, a
nte y vice presidente.

egir autoridades inter-
departamental hasta el
es meses. Según el
primero hay un pro-
para los afiliados y
marca, pueblo o ciu-
e hará para actualizar
osotros tenemos un
miembros, pero no
a fuerza es realmente
e alguien vaya a ins-
e hay un mínimo de
r.

ipal es estar claro en
o estamos luchando
stamos luchando por
ión militar externa.
mantener y por de-
alternativa de orga-
social que no es fácil
cional que tenemos,
económicas propias
el país, pero el FSLN
sibilidad de aplicar
elo que no sea sim-

apoyar y fortalecer a todos los nuevos su-
jetos económicos, las cooperativas, asocia-
ciones, y pequeña y mediana industria.

La solidaridad que está apoyando tam-
bién a esos sectores está apuntalando al
desarrollo de ese modelo y obviamente hay
que pensar en términos de apoyar —aparte
de la democratización económica y a los
sectores— al esfuerzo orgánico partidario
para impulsar todo eso y reconstruir sus
lazos con el FSLN.

En términos de sus relaciones interna-
cionales, el FSLN ha tenido tres priorida-
des: América Latina, Europa y Estados
Unidos, con quienes vamos a reanudar la
comunicación; el problema es que por
nuestras limitaciones económicas hasta la
comunicación se había perdido y no era por
falta de voluntad, sino porque no habían
recursos para pagar el teléfono o el fax.

En 1994 nuestras prioridades son las
mismas. América Latina por ser nuestro
entorno inmediato, el Estado Español por
razones históricas y culturales, Alemania
por su alto relieve en el espectro europeo y
en el marco de la Internacional Socialista.

En el reciente viaje que hice a Chicago,
Estados Unidos, me reuní con representantes
de la solidaridad de 15 estados de ese país, a
quienes expliqué la situación interna de Ni-
caragua. Yo siento que el congreso extraor-
dinario, recién concluido, ha estimulado las
intenciones y actitud para desarrollar la soli-
daridad con Nicaragua y vi a esos compa-
ñeros entusiasmados, demandando lo bási-
co: comunicación, información. ■

D.6 - Trecho de entrevista de Victor Hugo Tinoco, então secretário de relações internacionais da FSLN. Revista Barricada Internacional, ano XIV, edição 375, jul. 1994.

neoliberalismo no son la solución para los pobres, que la única opción que siempre han tenido los pobres en Nicaragua se llama Frente Sandinista de Liberación Nacional”.

“Hemos hablado -informó- con las delegaciones de hermanos del Foro de Sao Paulo de las situaciones de luchas en sus respectivos países, de las diferentes modalidades que desarrollan y está claro que mientras exista la explotación, la opresión, ninguna forma de lucha queda invalidada, todas las formas de lucha son válidas de acuerdo a las circunstancias, de acuerdo a las condiciones de cada país”.

“Cuando los enemigos de los pueblos han querido matar las esperanzas de los pueblos afirmando y repitiendo que se acabaron las revoluciones, que se acabaron las luchas populares, estamos viendo que se está iniciando un incremento de las luchas populares en América Latina, manifestándose este

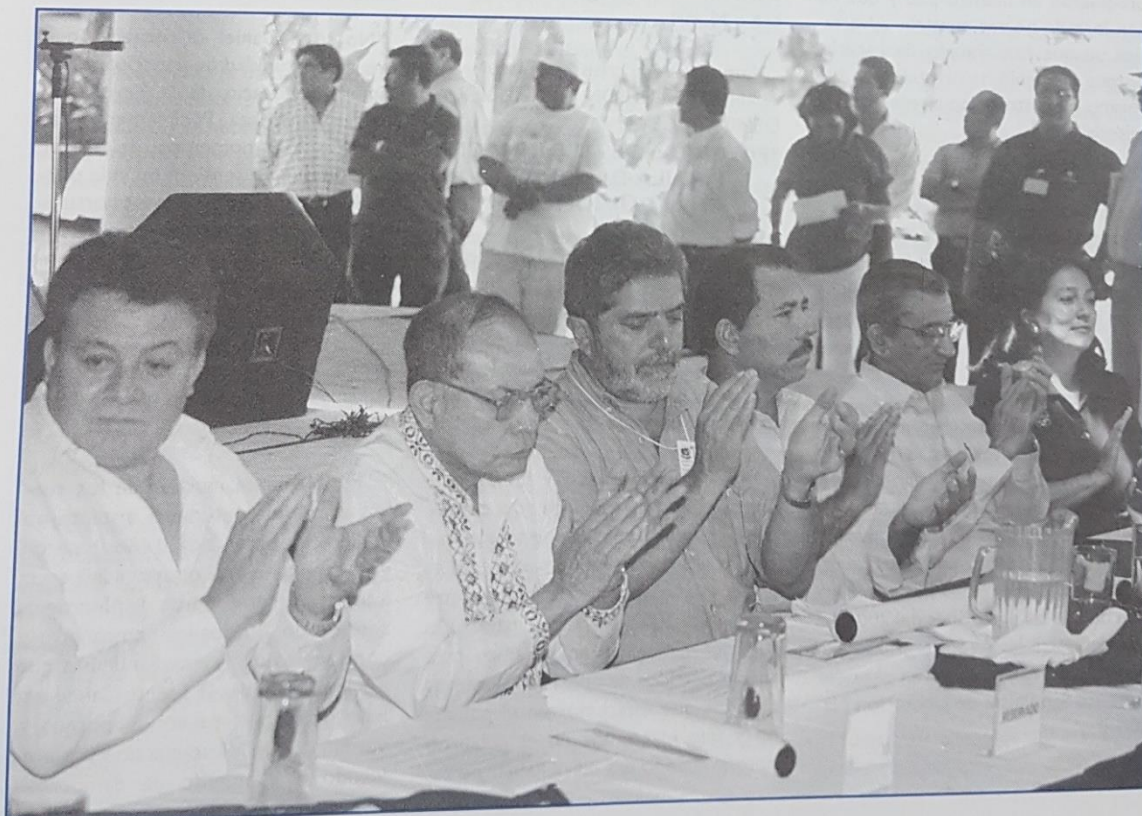
incremento de las más variadas formas, desde lo que son las luchas electorales, donde nuestros hermanos del Frente Amplio de Uruguay han logrado importantes victorias, donde nuestros hermanos del Partido de los Trabajadores con nuestro hermano Lula a la cabeza han defendido la trinchera del pueblo latinoamericano en Brasil, donde nuestros hermanos del FMLN, de la URNG, del PRD han venido avanzando en las luchas electorales en sus respectivos países”.

LAS LUCHAS DE LOS PUEBLOS LATINOAMERICANOS

“También a la par de estas luchas están las luchas sociales, las luchas populares, la rebelión indígena y popular como la que se produjo recientemente en Ecuador y que provocó determinados cambios de gobierno aunque todavía no se produjo la transformación deseada. Tampoco podemos ignorar la resistencia indígena de nuestros

hermanos en Chiapas y la lucha armada del heroico pueblo colombiano que hoy domina más del 40% del territorio nacional, donde nuestros hermanos de las FARC y del ELN están luchando con las armas pero también negociando, están enfrentándose al sistema para transformarlo, para democratizarlo, pero también están dialogando, están negociando”.

“Hoy la lucha latinoamericana cobra más fuerza, más empuje. Hoy, esa Cuba heroica que resiste el bloqueo, el embargo, las agresiones criminales del gobierno yanqui, ha venido venciendo el bloqueo, porque hace unos cuantos años todos los países latinoamericanos, con la excepción de México, habían roto relaciones con Cuba, porque así lo habían exigido los Estados Unidos, hoy la gran mayoría de países latinoamericanos tienen relaciones con Cuba, ya no pueden aislar a Cuba de la realidad latinoamericana por la defensa que han hecho los pueblos del pue-



D.7 - Trecho da revista Visión Sandinista. Edição completamente dedicada ao IX Encontro do Foro de São Paulo, realizado na Nicarágua, mar. 2000.



sable y que en este sentido todo lo que se hace para la cooperación, integración de movimientos progresistas de los partidos, hay que verla en ese contexto. Veo en particular que la COPPPAL tiene un papel que jugar importante. El hecho de que enfrentamos un momento crítico para el pensamiento tradicional de la Izquierda no es fatal sino que, al contrario, me parece que abre la posibilidad de que el pensamiento se divorcie de los dogmas, sigo creyendo que la izquierda latinoamericana es la que puede dar alternativas para América Latina.

-¿El FMLN pretende ingresar a la COPPPAL?

-Sí. En ese sentido, hablamos con su presidente, el senador Luis Donaldo Colosio, y le dijimos que queremos ingresar a la COPPPAL. Nos respondió que apoya esa idea...

-¿Intentarán ingresar como miembros plenos a la Internacional Socialista?

-Eso todavía no lo hemos discutido. Con la Internacional Socialista hemos mantenido una buena relación permanente.

-Los acuerdos del FMLN con el gobierno de El Salvador, ¿qué perspectivas abren a la URNG?

-Sin duda, significan un impulso para la solución negociada en Guatemala. La URNG está luchando por esa solución hace rato, pero encuentra dificultades. Así nos pasaba al principio a nosotros en El Salvador, la simple palabra "diálogo" era considerada demoníaca. Es curioso que haya sido el gobierno del partido Arena, cuya consigna principal en sus comienzos era "negociación es traición", el que le haya correspondido negociar... No había otro camino. Ese partido está integrado

por uno de los sectores más influyentes, por el corazón digamos del empresariado salvadoreño. El empresariado salvadoreño que, alentado por la comisión Kissinger, se formó en tiempos de Reagan para dar diagnósticos y recomendaciones sobre Centroamérica. Según ellos, había que caminar con tres pies: uno, la guerra; otro, la reactivación de la economía -para lo cual, Estados Unidos también dio grandes cantidades hasta 700 millones en un año, mayores que cualquier otra ayuda a países latinoamericanos. Había que, al mismo tiempo, impulsar la lucha militar contra el FMLN y la reactivación de la economía, como instrumento también para derrotarnos. Y el tercer pie eran las elecciones, hacerlas cada vez que llegara el momento, porque decían que con esto también se nos aislaría. A su juicio, nos derrotarían en el esfuerzo militar, aislándonos políticamente y reactivando la economía. Esto fracasó. Nosotros tuvimos que readequar nuestra estrategia varias veces para enfrentarnos a este diseño. Cuando llega Arena al gobierno; es decir, cuando llega por fin el empresariado a tener las riendas del gobierno, que las había perdido durante bastante tiempo bajo las dictaduras militares, pues el ejército terminó imponiendo condiciones a la oligarquía, entonces cuando por fin retoman el timón que estaba saliéndose de sus manos, encabezados por uno de sus empresarios más jóvenes y dinámicos, Alfredo Cristiani, entonces resulta que las cosas habían llegado al punto que ya aquellas tesis había fracasado. Ni éramos derrotables militando ni la economía podía reactivarse... Nosotros bloqueamos a fondo la reactivación de la economía, esa es una de las razones estratégicas del sabotaje como línea cotidiana que nosotros im-

pulsábamos. Y con las elecciones tampoco nos habían aislado. Por eso este partido tuvo que negociar...

Ahora se le hacen muchos reconocimientos a Cristiani, que él en su discurso de toma de posición del 1º de junio de 1989 dijo que había que negociar, y evidentemente tiene el mérito de haber entendido eso y de no haber sido terco. Pero sobre todo vió el curso de los acontecimientos y que ya objetivamente aquella estrategia había fracasado.

-¿Qué es para usted hoy, el antiimperialismo?

-Ante todo, el aseguramiento de la autodeterminación y el esfuerzo por avanzar hacia el socialismo. Es también la solidaridad entre los pueblos del Tercer Mundo. El tercermundismo también es antiimperialismo. Debemos hacer un esfuerzo por definir este concepto, más que en términos de anti en términos de en favor. Las expresiones dogmáticas y mecanicistas del antiimperialismo, que llevaron en su tiempo al antinorteamericanismo, deben dejar su lugar a un enfoque mucho más duro, rico y profundo. Saber qué queremos y hacia dónde vamos, y defendemos de lo que imperialismo hace en contra de ello, en la búsqueda de nuestro propio camino.

-¿El antiimperialismo incluye la búsqueda de relaciones dignas con Estados Unidos?

-No puede ser de otra manera. El mundo se hace cada vez más interdependiente, esa es una realidad que debemos enfrentar; lo contrario sería tratar de parar el río Amazonas con un dedo. Creo que el antiimperialismo presupone la lucha por establecer una relación digna con Estados Unidos. Y en el caso de América Latina, forma parte del antiimperialismo la lu-



Ecós del Foro de Sao Paulo

Encuentro de partidos, movimientos y organizaciones de Izquierda de América Latina y el Caribe

Madrid, Diciembre, 1994.

Nº 1

A modo de presentación

Cuando en julio de 1990, se reunió en Sao Paulo (Brasil), por primera vez, lo que hoy conocemos, como *Foro de Sao Paulo*; todos los participantes, a los que se han ido sumando hasta la fecha la práctica totalidad de partidos, movimientos y organizaciones de izquierda de América Latina y El Caribe, tenían, y con mayor fuerza hoy, siguen teniendo la clara convicción de trabajar por la dinamización y paulatina consolidación del proyecto de *unidad de acción de la izquierda de América Latina y el Caribe* en que ha devenido el Foro.

Con esta publicación tratamos de ir más allá del *Eco* necesario para la izquierda de otros continentes:

- Ser un punto de encuentro, donde, compartiendo experiencias, reflexionando serena y seriamente y por sobre todo, aunando voluntades: encontrar derroteros comunes hacia una alternativa que preservando las particulares circunstancias de cada pueblo, país y/o conjunto de los mismos; sea capaz de demostrar la verdadera dimensión transformadora de la izquierda, más aún, si la misma tiene tanta historia en común.
- Reflexionar sobre nuestro futuro en general desde la propia visión, socializando pensamiento y acción sin interferirnos, sino, todo lo contrario, impulsándonos bajo el principio tan irrenunciable como vigente, del internacionalismo solidario; además de ser objetivo inicial del Foro que difundimos es una obligación ineludible si queremos seguir siendo portavoces de las mayorías desfavorecidas y cínicamente silenciadas, en América Latina y resto del Tercer Mundo, por la voz de la unipolaridad mundial tan injusta en este último tramo del siglo XX.
- Respalda la soberanía, el derecho a la autodeterminación, la no injerencia de ningún país en los asuntos internos de otro.
- Denunciar la realidad de las democracias emergentes en

tanto en cuanto sean objeto de condiciones tan intolerables como insostenibles, por ejemplo: "La deuda eterna", más que externa de los países subdesarrollados.

- Identificar vías de cooperación al desarrollo más eficaces proporcionales y desprovistas de paternalismo, que, en la mayoría de lo hasta hoy actuado en dicho campo, guardan grandes dosis de viejos colonialismos, claros síntomas de imperios fenecidos e imperios desfasados.

Lo hacemos desde Europa, en particular desde España, porque creemos urgente para ella y América Latina y el Caribe reactivar la agenda de los intereses comunes pero sobre la base de las reivindicaciones más sentidas por nuestros pueblos (los del Estado español, los latinoamericanos y caribeños) trascendiendo la grandilocuencia de las cumbres para expresarnos con la voz de la tierra, determinante de la historia que hoy tratan de hacer los ciudadanos de uno y otro lado del Atlántico.

Asumir la complementariedad de América Latina y el Caribe con Europa de cara al futuro, es un reto que aceptamos gustosos desde la representatividad que ejercemos.

Sin la participación decidida de la Izquierda Europea, particularmente de Izquierda Unida, que nos anima en este esfuerzo, difícilmente podemos entendernos con una Europa, hoy en crisis de crecimiento como Unión Europea.

Sin la participación decidida de la Izquierda de América Latina y el Caribe nucleada en el Foro de Sao Paulo, pocos intentos de la Izquierda Europea por encontrarnos realmente, podrán llegar a buen puerto.

Fraternalmente, representantes de la Izquierda de América Latina y el Caribe, acreditadas en Madrid:

PT - Brasil.
AD-M-19/UP-PCC - Colombia.
PCC - Cuba.
PCCH - Chile.
FMLN - El Salvador.
URNG - Guatemala.

LAVALAS - Haití.
PRD - México.
FSLN - Nicaragua.
IU-PUM - Perú.
UCR-PLD-PRD - República Dominicana.
FA-26-M - Uruguay.

Lula já defende socialismo com mercado

Presidente do PT apóia a perestroika na URSS e, com reservas, aconselha Fidel Castro a democratizar Cuba

JOSÉ ANIBAL

De Washington

"O socialismo não resolve nada... a questão de mercado, a questão de gestão..."

Em explícito paralelo... Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Qual minha crítica ao socialismo? Não basta pão, escola e saúde

De Washington

Em seu discurso... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...



O presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, fala com o jornalista durante a entrevista

Dirigente do PT declara guerra aos "burocratas" do seu partido

Lula quer revitalizar bases, "a coisa mais sagrada" que o PT esqueceu

De Washington

No primeiro Congresso do PT... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

em um discurso... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

alguma vez... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel, Lula acredita... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula não quer ser confundido com o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

esperança que eles elaboraram... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você acredita em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Lula - Não acredito em eleições... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - É a questão de mercado... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você é um atalho... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - O regime cubano não é... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Fidel - Você não quer o socialismo... Lula não quer ser confundido com o socialismo...

Folha - Você não vê uma 5ª Internacional?

Lula - Acho difícil, mas há dez anos, nenhum analista político previa o que aconteceu no Leste, ou que o Gorbachev iria de chapéu na mão pedir dinheiro aos países ricos ou comida aos alemães. É possível que você possa criar outra Internacional. Afinal, hoje você constata que no Brasil, na Nicarágua, na Guatemala, em El Salvador, no Chile, na Argentina os movimentos operários começam a se organizar em partidos. Só acho que a Internacional não está colocada agora na ordem-do-dia. Nós estamos fazendo uma coisa inovadora, por exemplo, já fizemos o 2º Encontro da Esquerda Latino-Americana. Estamos num momento muito rico da participação democrática da esquerda. Por exemplo, o M-19 na Colômbia. Grupos que passaram dez, 15 ou 20 anos na luta armada, optaram pela luta democrática.

D.10 - Folha de São Paulo. 20 de julho de 1991. Caderno Brasil, p. 10.

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

PT lança cartão de crédito em São Paulo

Iniciativa prova 'modernidade', diz Lula

GUSTAVO KRIEGER
DA REPORTAGEM LOCAL

O lançamento do cartão de crédito PT/Bradesco Visa ontem em São Paulo foi palco para uma troca explícita de carinhos entre o grande capital financeiro e militantes do PT convertidos à defesa da "modernidade".

Na entrevista em que o cartão foi lançado, o presidente nacional do PT, Luís Inácio Lula da Silva, dividiu a mesa com o vice-presidente executivo do banco, Armando Fernandes Júnior.

Fernandes Júnior disse que o cartão de crédito do PT "é um produto que vai unir emoção, paixão e razão".

"A adoção do cartão de crédito mostra que o PT é o partido da modernidade", afirmou o presidente do PT.

Lula disse que "o militante moderno não precisa mais andar com um monte de dinheiro no bolso. É só levar o cartãozinho".

O petista e o banqueiro não escaparam de alguns contrangimentos. Quando um reporter perguntou qual era a afinidade entre o banco e o partido, Fernandes Júnior disse que os dois "têm logotipos em vermelho e branco". Depois falou sobre a "política social" do Bradesco.

"Somos o maior empregador privado do país e estamos acostumados a negociar com o PT", disse o diretor, em referência à participação de militantes do partido em greves de bancários.

Fernandes Júnior também deixou Lula constrangido ao dizer que o líder petista anunciara que usaria o cartão para "tirar o dinheiro dos capitalistas e dar para os socialistas". Lula disse que o correto era que "o PT vai ganhar dinheiro como capitalista e gastar como socialista".

O petista que quiser o cartão com terá que pagar uma anuidade mais cara que os usuários do cartão Bradesco Visa comum.

Enquanto o usuário normal paga R\$ 39 para ter o cartão nacional e R\$ 65 pelo internacional, o cartão do PT vai custar R\$ 45 e R\$ 75, respectivamente.

O PT recebe do Bradesco R\$ 17,70 para cada cartão nacional e R\$ 33 por cartão internacional assinado por seus militantes. No primeiro ano os petistas esperam vender 100 mil cartões, arrecadando US\$ 1,8 milhão.

Texto Anterior: [Leda Collor privilegia filhas no testamento](#)

Próximo Texto: [CCJ veta método do governo para reforma](#)

[Índice](#)

ambiente, exploração de estoques pesqueiros já semi-exauridos, enquanto outros, ainda abundantes são impunemente saqueados por embarcações estrangeiras. Em suma, valiosos recursos naturais do País são desperdiçados, enquanto os pescadores vivem na miséria.

Apresento dois quadros demonstrativos. O primeiro sobre as centenas de embarcações que pescam ilegalmente em nosso mar territorial. Pouquíssimas foram apreendidas.

Trata-se de um quadro final mostrando que o pescado apreendido equivale, aproximadamente, a 2.500 bois e 18 arrobas, que utilizariam 7.250 hectares de pasto por quatro anos para atingir o ponto de abate. Daria para 1,5 milhão de refeições, contendo 200 gramas de pescado cada. É um quadro que mostra o nosso pescado sendo levado para outros países, e às vezes, industrializados e depois vendidos ao nosso próprio povo.

Em seguida, o quadro demonstrativo sobre o que significa a pesca no mundo. Apenas um dado para que possamos ilustrar esse quadro: São 500 mil pescadores empregados na pesca industrial no mundo e 12 milhões que trabalham na pesca artesanal, mostrando, exatamente, a importância que devemos dar a esse setor.

Ao final, o projeto de lei que apresentamos à consideração dos nobres colegas parlamentares vem, justamente, no sentido de estabelecer o mecanismo institucional adequado ao apertado dos recursos indispensáveis ao financiamento das atividades produtivas dos pescadores artesanais, mediante a instituição do Fundo Nacional de Apoio à Pesca Artesanal.

Propõe, ainda, a concessão de subsídios nas tarifas de energia elétrica utilizada na atividade pesqueira, por constituir a energia, pesado custo operacional para os pescadores artesanais.

Era o que tinha a dizer.

Durante o discurso do Sr. Inácio Arruda, o Sr. Paulo Paim, § 2º do artigo 18 do Regimento Interno deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Adylson Motta, § 2º do artigo 18 do Regimento Interno.

O SR. PRESIDENTE (Adylson Motta) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Matheus Schmidt, que utilizará o tempo destinado ao seu partido, o PDT.

O SR. MATHEUS SCHMIDT (PDT - RS. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, representando a Câmara dos Deputados compareci, na semana passada, a Montevideu, onde participei de dois eventos que lá ocorreram, do dia 24 ao dia 28 do mês passado.

Trata-se de reunião da Coordenação Socialista Latino-Americana, que congrega partidos progressistas da América Latina, e do Foro de São Paulo, que se realizou do dia 26 ao dia 28 naquela cidade. Na próxima segunda-feira pretendo apresentar um relatório circunstanciado do que constituíram esses dois importantes eventos latino-americanos.

Hoje, Sr. Presidente, desejo tratar, embora rapidamente, da política agrícola brasileira.

A política desastrosa do Governo Federal está destruindo a economia do meu Estado. O Rio Grande do Sul, ao longo de sua história, foi aos poucos estruturando um sistema de produção agrícola de alta eficiência, que tem servido de modelo a outros Estados Federados. Graças ao trabalho exaustivo e persistente dos seus agricultores, os avanços em tecnologia e produtividade alcançados na agricultura gaúcha têm-se igualado aos níveis mais elevados do mundo. Culturas importantes da produção brasileira, como arroz irrigado e trigo, devem ao pioneirismo dos rio-grandenses as milhões de toneladas desses produtos que anualmente abarrotam os armazéns do País.

Pois bem, isto tudo está sendo destruído, graças a decisões inconseqüentes do Governo. O trigo gaúcho está com seus dias

contados. O intercâmbio comercial desfavorável à Argentina, em nossas contas externas com esta Nação, é enfrentado pelas autoridades federais de modo simplista, sem nenhuma criatividade, resultando na importação massiva de trigo argentino, a preços reduzidos.

Desta forma, a Argentina vai gerando divisas para diminuir o volume de seu déficit comercial com o Brasil, para poder continuar importando manufaturados brasileiros, produzidos em São Paulo.

Resultado: ganha São Paulo, perde o Rio Grande.

Mais particularmente, perde a economia rio-grandense e brasileira, com a destruição da lavoura de trigo gaúcha, incapaz de produzir aos custos de produção da Argentina, que é beneficiada pela alta fertilidade de suas excelentes terras.

E o arroz? A orizicultura do Rio Grande do Sul, praticamente toda ela irrigada, emprega tecnologia de ponta, gerada nas estações experimentais do Instituto Rio-Grandense de Arroz - IRGA, autarquia do Governo do Estado, que, por sinal, querem extinguir. Os níveis de produtividade que alcança são comparáveis apenas aos atingidos em algumas regiões excepcionais dos Estados Unidos da América do Norte.

A política do Governo Federal de garantia dos preços mínimos, na verdade, não garante coisa alguma. Este ano, então, foi uma catástrofe! Embora o preço mínimo estabelecido fosse de R\$10,02 pela saca de 50 quilos, a falta de sustentação do Governo propiciou preços de mercado em torno de R\$7,00.

Somente agora, depois de os produtores terem sido forçados a vender seu arroz a R\$7,00 abaixo do custo de produção, é que o Governo vai entrar no mercado comprando ao preço mínimo. Para favorecer a quem? Aos arrozeiros, certamente não.

Mas parece que é sobre a soja, diretamente, que se vai desferir o golpe fatal, na economia do Rio Grande.

Pelos entendimentos que vem se desenvolvendo entre os ruralistas e a área monetária do Governo, observa-se a intenção das autoridades federais de não mais financiar a produção de soja. Sim, a soja não vai ser financiada nesta futura safra de 1995/96 pelos organismos oficiais.

Nem financiamento de custeio nem de nada! É o fim.

Perde o Rio Grande do Sul, novamente, e perde o Brasil para não fazerem concorrência com os Estados Unidos da América do Norte que estão aumentando as áreas de cultivo do produto.

O importante é ter presente que a destruição da cultura da soja poderá desestruturar a economia agrária rio-grandense, que ficará sem alternativa em culturas de verão para aproveitamento das terras de coxilha do Estado. Com a produção de trigo em declínio acentuado, já sem alternativa válida para os cultivos de inverno, com a perda da soja com cultura de verão, é possível que isso traga dificuldade insuperável para a existência de uma sistema produtivo estruturado, moderno e eficiente, ao menos igual ao que o Estado do Rio Grande do Sul possui.

O Rio Grande do Sul é um Estado federado. Como membro da Federação, tem direito ao respeito que a todos os Estados é devido. A União não pode, na prática de suas políticas monetárias, atingir a sua economia, ao golpear fundo a área agrícola, como vem fazendo, sem falar na política de juros altos, insuportáveis, que vem arrasando as finanças do Estado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Adylson Motta) – Concedo a palavra ao Deputado Chico Vigilante, que disporá de 5 minutos e 38 segundos, tempo restante do destinado ao Partido dos Trabalhadores.

O SR. CHICO VIGILANTE (PT - DF. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, agradeço a V. Ex^a a precisão do tempo. Essa é uma demonstração do cuidado com que V. Ex^a sempre conduziu os trabalhos.

D.12 - Deputado Matheus Schmidt (PDT-RS). Primeiro discurso parlamentar encontrado a respeito do Foro de São Paulo.

pios federalistas e municipalistas que defendemos.

O SR. MATEUS SCHMIDT (PDT - RS. Pronuncia o seguinte discurso.) - Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, tive a honra de representar a Câmara dos Deputados, por designação de seu ilustre Presidente, Deputado Luís Eduardo, na V Conferência da Coordenação Socialista Latino-Americana e no V Encontro do Foro de São Paulo, que se realizaram em Montevidéu, Uruguai, no período de 24 a 28 de maio de 1995.

A representação da Câmara deu-se sem ônus para a Casa, e o afastamento do Parlamentar foi considerado como missão oficial.

A V Conferência da Coordenação Socialista Latino-Americana teve a participação de vários partidos políticos latino-americanos, representando o Brasil, a Argentina, o México, a Venezuela, o Uruguai, o Equador, a Bolívia e o Chile. O Brasil esteve representado pelo Partido Democrático Trabalhista - PDT, e pelo Partido dos Trabalhadores - PT.

Durante dois dias de trabalho, 24 e 25, os delegados presentes ao evento elaboraram documento de análise da conjuntura internacional e regional, que conclui pela necessidade da construção de modelo econômico alternativo a ser adotado pelos países da América Latina.

O documento, que foi oferecido ao V Encontro do Foro de São Paulo, para discussão, começa afirmando o seguinte:

"O modelo neoliberal e neoconservador que se aplica em nossos países busca manter a estabilidade macroeconômica e o controle da inflação, à custa do debilitamento do aparato produtivo; a abertura indiscriminada de nossas economias; a privatização do patrimônio público em benefício das empresas transnacionais e nacionais sem assegurar inversões reais, nem a necessária transferência tecnológica, produzindo ademais uma enorme concentração de poder que desequilibra o sistema democrático; a destruição irracional de seus recursos naturais; o aprofundamento das discriminações, a pobreza, o desemprego, a marginalidade e a corrupção; a eliminação das conquistas trabalhistas e da seguridade social e o pagamento da dívida externa empobrecendo a maioria da população. Este modelo conduz à construção de uma sociedade privilegiada e a exclusão das grandes maiorias."

Mais adiante, propõe:

"... consideramos urgente a aplicação de políticas sociais eficazes para assegurar a participação popular; que mude a arbitrária e regressiva distribuição de renda; que enfrente os problemas de emprego, salários injustos, educação, saúde, seguridade social, serviços públicos deficientes e de má qualidade e a erradicação da corrupção."

"O modelo alternativo deve priorizar o desenvolvimento das atividades produtivas frente às atividades especulativas, buscando atender o mercado interno e regional, que deve ser ampliado para satisfazer as necessidades básicas da população; a instrumentação de uma nova ordem financeira e econômica internacional que termina com os condicionamentos aos países subdesenvolvidos; a exigência da eliminação do intercâmbio comercial desigual; a transformação da educação e a transferência tecnológica a serviço da sociedade; políticas de autêntica inversão e colaboração para o desenvolvimento e a preservação do meio ambiente e de nossos valores éticos e culturais."

O V Encontro do Foro de São Paulo instalou-se na noite de 25 de maio e prolongou-se até 28 de maio, com a presença de 250 delegados de todos os países latino-americanos e observadores de partidos políticos e organizações políticas da Europa e de outros continentes. O debate central deu-se, igualmente, no exame conjuntural do modelo econômico que vem sendo imposto aos países periféricos, na busca de alternativas válidas para a região.

Além do documento oferecido pela Coordenação Socialista Latino-Americana, o V Encontro do Foro de São Paulo examinou o trabalho apresentado pela delegação do Partido da Revolução Democrática, do México, o qual analisa os seguintes itens: "Crítica ao modelo neoliberal. Por uma nova política econômica. Democracia, desenvolvimento sustentado e bem-estar social."

Os documentos que mencionei contêm matéria de grande relevância para a compreensão dos problemas que afligem os povos latino-americanos e as eventuais alternativas válidas para o continente.

Era o que tinha a dizer.

O SR. ÁLVARO GAUDÊNCIO NETO (Bloco-PFL-PB. Pronuncia o seguinte discurso.) - Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, temos hoje a missão de dar conhecimento a esta Casa de uma reivindicação das Prefeituras do nosso Estado, no tocante aos débitos acumulados para com a Seguridade Social, no sentido de serem encontradas soluções para um melhor equacionamento do problema, sem prejudicar em demasia os cofres municipais.

É evidente a situação de penúria por que vem passando a grande maioria dos Municípios brasileiros, sem condições de cumprimento dos mais elementares compromissos para com a coletividade, em virtude dos escassos orçamentos e do peso que representa para suas receitas o pagamento dos encargos previdenciários.

Em sua quase totalidade, as Prefeituras Municipais têm como principal fonte de receitas a quota do Fundo de Participação dos Municípios, em decorrência da baixa arrecadação própria e do pequeno valor dos repasses de outros tributos.

Somando-se a isso a significativa queda que tem ocorrido ultimamente no repasse nas quotas daquele Fundo de Participação, a consequência inevitável tem sido a diminuição das receitas no caixa municipal, gerando o impasse de como dar andamento aos compromissos mínimos e inadiáveis.

Tudo isso, aliado à obrigatoriedade de comprometimento de parte dos recursos oriundos do FPM para pagamento dos encargos previdenciários, tem relegado os Municípios a uma situação próxima à insolvência.

A condição adversa dos entes públicos em relação à Previdência Social já foi reconhecida em passado recente, quando, por iniciativa do Governo Federal, promulgou-se a Lei nº 8.620, de 5 de janeiro de 1993, que permitiu o parcelamento dos débitos previdenciários em até 240 meses.

Essa norma, de caráter emergencial e transitório, veio atender aos reclamos gerais, tanto das empresas quanto dos órgãos públicos, em decorrência de um montante acumulado, à época, de difícil liquidação.

Foi então permitindo o parcelamento dos débitos registrados até dezembro de 1992, em até 96 meses para o setor privado e em até 240 meses para as entidades públicas, com o aval do Tesouro Nacional ou a vinculação das quotas dos Fundos de Participação.

Em com a edição da Lei Complementar nº 77, de 13 de julho de 1993, que limitou o comprometimento da quota do FPM de cada Município em 9% para pagamento de débitos previdenciários, e em 3% para o FGTS, pareceu terem sido criadas as condições para a regularização da situação frente à Previdência Social.

D.13 - Relato detalhado apresentado pelo deputado Mateus Schmidt (PDT-RS).

As estatísticas minerais são falhas? Sim, é verdade. O País é enorme e o contingente encarregado do setor é pequeno, mal pago e mal-assistido.

Areia, argilas, saibros e cascalhos, para ficar só num exemplo, que nós mesmos utilizamos em nossas atividades de engenheiro civil, são, via de regra, muito pouco registrados quando do seu emprego imediato na construção de barragens e estradas, com quando utilizados na edificação de obras civis. Eis por que o valor da produção mineral é baixo.

Os incentivos, universalmente ministrados ao setor, foram paulatinamente retirados da mineração brasileira.

Os recursos necessários à gestão do setor mineral para fiscalização, para o preparo de estatística e para a prática da política mineral foram diminuídos.

Os recursos financeiros destinados a mapeamento geológico e à pesquisa mineral também forma diminuídos.

Tudo isso, Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, não impede que asseveremos que o potencial mineral brasileiros é amplo e invejável.

Tudo isso não impede que o País detenha 2 bilhões, 800 milhões de toneladas, ou 12%, das reservas mundiais de fluorita; 39 milhões de toneladas, ou 10,3%, das reservas mundiais em grafita; 180 milhões de toneladas, ou 5,1%, das reservas mundiais de magnesita; 17 milhões de toneladas, ou 8,5%, das reservas mundiais de vermiculita e 4 milhões de toneladas, ou 88,3%, das reservas mundiais de nióbio.

Se nossa produção, se nossa estatística e se a avaliação de nossos recursos não traduzem com melhor ênfase nosso potencial mineral é porque os recursos destinados ao seu dimensionamento são poucos e nada nos permite chegar à conclusão diferente.

Aliás, o fato de nossas minas serem predominantemente a céu aberto não indica atraso da mineração, e, sim, abundância dos recursos minerais e mais fácil acesso às riquezas naturais de que o País dispõe.

Era o que tinha a dizer.

O SR. VALDECI OLIVEIRA (Bloco/Pt – RS. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sr^s e Srs. Deputados, nos dias 31 de julho a 3 de agosto, foi realizado com sucesso o 7º Foro de São Paulo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O Foro aglutina a maior parte dos partidos e organizações democráticas e progressistas da esquerda da América Latina e do Caribe. É realizado anualmente para discutir as formas de encaminhar as lutas contra os diversos níveis de opressão e espolia-

ção vivenciados pela absoluta maioria dos povos do continente, em particular neste final de século, onde a praga neoliberal determina a exclusão das populações desses países dos direitos mínimos que requer a dignidade humana.

Essa edição do Foro de São Paulo foi dedicada à memória de Ernesto Che Guevara, cujo 30º aniversário de seu assassinato, ocorrido em 9 de outubro de 1967 na Bolívia, transcorre este ano.

Objetiva o Foro encontrar alternativas comuns, bem como compartilhar experiências bem-sucedidas dos diversos Governos de importantes cidades latino americanas, hoje administradas pelos partidos de esquerda, como é o caso de Porto Alegre, administrada a três Legislaturas pelo PT, e agora, também, a Cidade do México, onde o Partido Revolucionário Democrático conseguiu desferir importante golpe contra os defensores do neoliberalismo, que, a exemplo do que já está ocorrendo no Brasil, produziu o caos para o conjunto maior da população mexicana, praticamente inviabilizando aquele país.

Sem dúvidas, o imperialismo, direta ou indiretamente, através dos seus mandantes – representados no Brasil pelos Governos Fernando Henrique e Antônio Brito –, desencadeia em sua fase neoliberal ofensiva cada vez mais lesiva contra o continente. Porém, para o qual temos a obrigação de chamar a atenção, foram as gravíssimas denúncias de violações dos direitos humanos, de genocídios praticados em diversos países da América Latina, em particular contra os trabalhadores e contra os militantes que heroicamente resistem, com os meios disponíveis, aos diversos regimes ditatoriais que ainda infelicitam nosso continente.

Sr. Presidente, colegas Deputados e Deputadas, lembramos o verdadeiro terrorismo oficial existente hoje na Colômbia, onde comunidades inteiras são dizimadas por forças paramilitares, respaldadas pelo Exército, pelo simples fato de não se alinharem ao governo daquele país.

São de pasmar também os crimes verificados no Peru, onde o ditador Fujimori, devidamente respaldado pelos militares, não se contenta em pisotear as liberdades democráticas, os direitos mais elementares do povo peruano. Fujimori vem mostrando sistematicamente sua face autoritária e assassina, como foi em relação às atrocidades verificadas no trágico desfecho da ocupação da residência do embaixador japonês, no início deste ano, por um comando do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA), que acabou com a execução sumária e co-

ANEXO - E



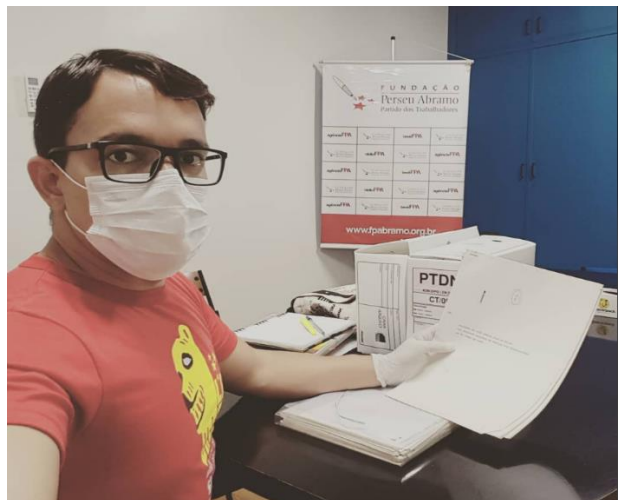
E.1 - Lula visita Fidel Castro. Havana – Cuba, 1980. Crédito: Delfim Martins/Agência F4/Pulsar Imagens. Acervo: CSBH/FPA.



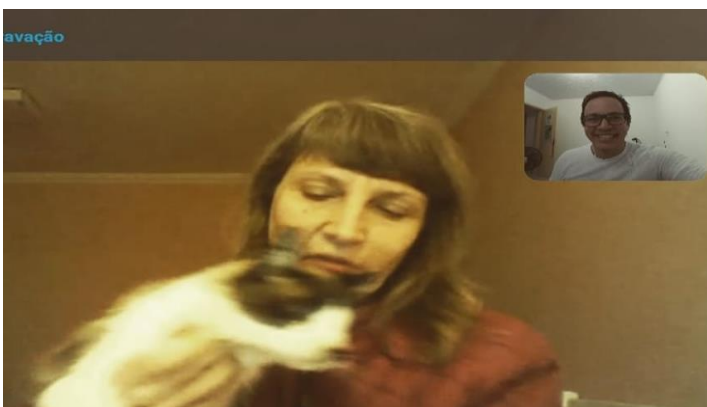
E.2 - Visita de Daniel Ortega ao Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Na foto: Lula, Daniel Ortega, Jair Meneguelli, Dom Cláudio Hummes, Frei Betto. São Bernardo do Campo-SP, 22 mar. 1985. Crédito: Vera Jursys. Acervo: CSBH/FPA.



E.3 - Seminário internacional organizado pelo PT em 1990 que deu origem ao FSP. Da esq. para a dir.: Lula, Marco Aurélio Garcia, João Machado e José Dirceu. Crédito: Acervo Foro de São Paulo.



E.4 - Pesquisa no acervo do CSBH/FPA. Crédito: Yuri Soares.



E. 5 - Em entrevistas virtuais podem ocorrer incidentes, como a interrupção por animais domésticos, como esta ocorrida na entrevista com Iole Ilíada. Crédito: Reprodução/Skype.

ANEXO – F
Roteiros das entrevistas

Nome: José Genoíno Neto
Resumo biográfico: Foi líder estudantil. Em 1968 ingressou no PCdoB. Em 1970 foi para o interior do Pará com o objetivo de lutar na Guerrilha do Araguaia. Em 1972 foi capturado e passou cinco anos preso. Solto em 1977, passou a lecionar História em um cursinho em São Paulo. Foi anistiado em 1979 e participou da fundação do PT. Pelo PT, foi eleito deputado federal por São Paulo em 1982, sendo reeleito sucessivamente em 1986, 1990, 1994 e 1998.
Cargos ocupados no PT: Em 1984 foi eleito para o Diretório Nacional. Em 1988 passou a integrar a executiva nacional do partido. Em 1992 passou a ocupar a 2ª vice-presidência. Entre 2002 e 2005 foi presidente do partido
Data da entrevista: 20 de novembro de 2019.
Modalidade de realização da entrevista: presencial. Local: escritório de Genoíno em sua casa.
Questões gerais
<ul style="list-style-type: none">- Confluência de vários grupos com várias ideologias na fundação do PT.- Contatos internacionais de cada um desses grupos.- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1980.- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1990.- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente nos anos 2000 até a atualidade.- Convergências e divergências com as entidades partidárias continentais e mundiais existentes antes da fundação do Foro.- Motivos para a criação do Foro.- Recorte geográfico do Foro.- Debates estratégicos no PT, no Foro e nas esquerdas do mundo.
Questões específicas
<ul style="list-style-type: none">- Semelhanças e diferenças entre as relações internacionais do PT e da CUT, e as influências recíprocas.- Relações internacionais do PRC.- As FARC.- Guerrilhas e processos de paz.- Polêmica sobre o socialismo no PT.- Carta aos Brasileiros (2002).

F.1 – Roteiro de entrevista de José Genoíno

Nome: José Dirceu de Oliveira e Silva
Resumo biográfico: Foi líder estudantil entre 1965 e 1968. Preso em 1968, foi libertado em 1969, com mais quatorze presos políticos, em troca da libertação do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, tendo sido deportado para o México. Posteriormente exilou-se em Cuba. Fez plásticas e mudou de nome para viver clandestinamente novamente no Brasil. Fixou-se em 1975 na cidade de Cruzeiro do Oeste (PR). Após a anistia de 1979 retornou a Cuba para desfazer a cirurgia plástica e retornou ao Brasil para atuar politicamente na legalidade. É um dos fundadores do PT. Em 1986 foi eleito deputado estadual constituinte em São Paulo. Em 1990 foi eleito deputado federal por São Paulo.

Cargos ocupados no PT: Em 1984 foi eleito para o Diretório Nacional. Em 1988 para a executiva nacional do partido na função de secretário geral, cargo para o qual foi reconduzido em 1990. Em 1989 foi um dos coordenadores da campanha de Lula. Em 1995 foi eleito presidente do partido, ficando no cargo até 2002, quando foi indicado para ser ministro-chefe da Casa Civil do governo Lula, que se iniciou em 2002, cargo que ocupou de 2003 a 2005. José Dirceu esteve presente na fundação do Foro de São Paulo em 1990.

Data da entrevista: 11 de maio de 2020.

Modalidade de realização da entrevista: virtual (Skype).

Questões gerais

- Confluência de vários grupos com várias ideologias na fundação do PT.
- Contatos internacionais de cada um desses grupos.
- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1980.
- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1990.
- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente nos anos 2000 até a atualidade.
- Convergências e divergências com as entidades partidárias continentais e mundiais existentes antes da fundação do Foro.
- Motivos para a criação do Foro.
- Recorte geográfico do Foro.
- Debates estratégicos no PT, no Foro e nas esquerdas do mundo.

Questões específicas

- Semelhanças e diferenças entre as relações internacionais do PT e da CUT, e as influências recíprocas.
- Eurocentrismo do PT.
- Grupo de Marbela.
- As FARC.
- Guerrilhas e processos de paz.
- Polêmica sobre o socialismo no PT.
- Diferenças entre os conceitos de América Latina e de América do Sul dentro do PT.
- Carta aos Brasileiros (2002).

F.2 – roteiro da entrevista de José Dirceu.

Nome: Luiz Soares Dulci

Resumo biográfico: Formado em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1974 começou a lecionar literatura e português, com ênfase em educação de adultos. Militou no movimento sindical dos professores de Minas Gerais. É um dos fundadores da CUT. Dulci foi deputado federal na primeira bancada do partido na Câmara dos Deputados, a partir de 1982.

Cargos ocupados no PT: Dulci integrou a executiva nacional do PT desde a fundação até assumir a Secretaria Geral da Presidência da República, no governo Lula. Atualmente é vice-presidente do partido. Também integra a direção do Instituto Lula, assim como a diretoria do Instituto Futuro/Marco Aurélio Garcia.

Data da entrevista: 13 de maio de 2020.

Modalidade de realização da entrevista: virtual (telefone).

Questões gerais

- Confluência de vários grupos com várias ideologias na fundação do PT.
- Contatos internacionais de cada um desses grupos.

- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1980.
- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente na década de 1990.
- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente nos anos 2000 até a atualidade.
- Convergências e divergências com as entidades partidárias continentais e mundiais existentes antes da fundação do Foro.
- Motivos para a criação do Foro.
- Recorte geográfico do Foro.
- Debates estratégicos no PT, no Foro e nas esquerdas do mundo.

Questões específicas

- Semelhanças e diferenças entre as relações internacionais do PT e da CUT, e as influências recíprocas.
- Eurocentrismo do PT.
- A proximidade pessoal e política com Marco Aurélio Garcia.
- Polêmica sobre o socialismo no PT.
- Diferenças entre os conceitos de América Latina e de América do Sul dentro do PT.
- Agendas internacionais com Lula antes e durante o governo.
- Crescimento das pautas dos movimentos negro, feminista e LGBT no PT e no Foro.
- Iniciativa América Latina, do Instituto Lula.

F.3 – roteiro da entrevista de Luiz Dulci.

Nome: Iole Ilíada Lopes
Resumo biográfico: Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo (2004).
Cargos ocupados no PT: Diretora da Fundação Perseu Abramo entre 2009 e 2012, sendo responsável pela cooperação internacional e pelo núcleo de pesquisas. Secretária de Relações Internacionais do PT entre 2011 e 2012. Atualmente integra o Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo.
Data da entrevista: 15 de julho de 2020.
Modalidade de realização da entrevista: Virtual (Skype).
Questões gerais
<ul style="list-style-type: none"> - Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente nos anos 2000 até a atualidade. - Convergências e divergências com as entidades partidárias continentais e mundiais existentes antes da fundação do Foro. - Recorte geográfico do Foro. - Debates estratégicos no PT, no Foro e nas esquerdas do mundo.
Questões específicas
<ul style="list-style-type: none"> - O papel da Fundação Perseu Abramo nos debates internacionais do PT, e do Foro. - Como foi ser secretária de relações internacionais do PT sem acumular a secretaria-executiva do Foro, algo que era uma tradição do partido. - O crescimento das pautas do movimento feminista, negro, LGBT e indígena no PT e no Foro: sintonias e atritos. - Eurocentrismo do PT. - Propostas recentes de ampliação do recorte geográfico do Foro. - Campos moderado e radical do PT. Reforma e revolução. - Influência do Foro na formulação de políticas públicas. - Influências do Foro para além do continente. - Diferenças do Foro em relação a novas articulações (Grupo de Puebla, Internacional Progressista).

F.4 – roteiro da entrevista de Iole Ilíada.

Nome: Valter Ventura da Rocha Pomar
Resumo biográfico: Doutor em História pela Universidade de São Paulo (2000). Iniciou sua militância política no final da década de 1970, participando do movimento estudantil secundarista e integrando o PCdoB. Atualmente é professor da UFABC.
Cargos ocupados no PT e no Foro de São Paulo: De 1997 até 2005, foi terceiro vice-presidente nacional do PT. Entre 2005 e 2010 foi secretário de Relações Internacionais do PT. Entre 2005 e 2013 foi secretário executivo do Foro de São Paulo. Foi vice-presidente da COPPPAL. Foi editor da revista Teoria & Debate. Também integra a diretoria da Fundação Perseu Abramo.
Data da entrevista: 17 de agosto de 2020.
Modalidade de realização da entrevista: virtual (Zoom).
Questões gerais
<ul style="list-style-type: none">- Confluência de vários grupos com várias ideologias na fundação do PT.- Contatos internacionais de cada um desses grupos.- Conjuntura econômica e política do Brasil e do continente nos anos 2000 até a atualidade.- Convergências e divergências com as entidades partidárias continentais e mundiais existentes antes da fundação do Foro.- Motivos para a criação do Foro.- Recorte geográfico do Foro.- Debates estratégicos no PT, no Foro e nas esquerdas do mundo.
Questões específicas
<ul style="list-style-type: none">- Reticência inicial das esquerdas do continente com o Foro.- O PT e o Foro nos processos de paz do continente (América Central e Colômbia).- Aproximações entre as fundações partidárias do continente via Foro.- Aproximações entre os governantes do continente via Foro.- Influências do Foro sobre a formulação de políticas públicas. E sobre a diplomacia estatal. E dos governos sobre o Foro e seus partidos.- Questões teóricas sobre o Foro ser ou não um intelectual orgânico coletivo.- Possibilidade ou não de hegemonias políticas em âmbito municipal.- A crise do Foro em 2002.

F5. Roteiro da entrevista de Valter Pomar.